

DEUSES & MONSTROS



SAFFRON A. KENT

Autora best-seller do *USA Today*





DEUSES & MONSTROS

SAFFRON A. KENT

Autora best-seller do USA Today

TRADUÇÃO
LORRANE RODRIGUES DO COUTO

1ª EDIÇÃO – 2024

ALLBOOK
EDITORA

Copyright © 2018. GODS & MONSTERS by Saffron A. Kent.
Copyright © 2024. AllBook Editora.

Diretora Editorial: Beatriz Soares.

Tradução: Lorrane Rodrigues.

Preparação e Revisão: Ana Paula Dias.

Projeto de capa: Rebecca Barbosa.

Projeto gráfico e Diagramação: AllBook Editora.

*Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora,
poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados:
eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.*

Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

2024

PRODUZIDO NO BRASIL.

CONTATO@ALLBOOKEDITORA.COM

*Para o meu marido; eu não estaria
escrevendo sem ele.*

*E para aqueles que amaram
imprudentemente, loucamente,
insanamente...*

NOTA: Este NÃO é um romance paranormal ou de padre.

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Extras](#)

PARTE I - O PECADO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

PARTE II - A QUEDA

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

PARTE III - A LENDA

[Dia 1](#)

[Dia 2](#)

[Dia 3](#)

[Dia 5](#)

[Dia 8](#)

[Dia 10](#)

[Dia 20](#)

[Dia 27](#)

[Dia 40](#)

[Dia 48](#)

[Dia 50](#)

[Dia 68](#)

[Dia 70](#)

[Dia 71](#)

[Uma nota aos leitores](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a editora](#)

SINOPSE

Ele era um artista. Ela era a musa dele.

Para todos na cidade, Abel Adams era a cria do diabo, um menino que nunca deveria ter nascido. Um monstro.

Para Evie Hart, de doze anos, ele era apenas um menino com cabelos dourados, camisetas macias e uma câmera. Um garoto que adorava tirar foto dela e lhe dar chocolates escondido antes do jantar. Um menino que a fez sentir especial.

Apesar dos avisos de sua família, ela o amou em segredo por seis anos. Eles se encontraram em salas de aula vazias e se beijaram em armários escuros da igreja. Até não conseguirem mais.

Até que chegou a hora de escolher entre amor e família, e Evie escolheu Abel.

Porque o amor deles valia o risco. O amor deles era uma coisa de lenda.

Mas a questão das lendas é que elas são contos de advertência. São feitas de escolhas e erros. E para Abel e Evie, o artista e a musa, esses erros vêm na forma de luzes, câmera, sexo.

EXTRAS

Música-tema: "My name is human" de Highly Suspect

Playlist no Spotify: <http://bit.ly/GodsAndMonstersPlaylist>

Imagens no Pinterest: <https://br.pinterest.com/SaffronKent/gods-monsters>



PARTE II O PECADO



Não tenho medo de monstros.

Nunca tive. Nem quando eu era pequena e minha mãe dizia que se eu comesse chocolate antes do jantar, o monstro embaixo da minha cama viria me buscar.

Bem, eu sempre pensei, por que ele viria me buscar se eu comesse chocolate? Por que ele se importaria com o que eu como? Ele queria meu chocolate para ele? Ele estava com fome? Porque se ele estivesse eu tranquilamente poderia dividir.

Então, quando eu tinha cinco anos, decidi que, se alguma vez eu encontrasse um monstro, eu daria a ele um pedaço do meu chocolate e diria para ele parar de tentar ser assustador.

Não vai funcionar comigo, eu diria.

Não acho que monstros sejam todos maus, na verdade. O que eu acho é que eles têm uma história, e eu gosto mais de histórias do que de qualquer outra coisa no mundo. Acho que gosto mais de histórias do que de chocolates, Toblerone, especificamente.

Enfim, agora tenho doze anos. Eu ainda defendo isso e como chocolate antes do jantar, não importa o que aconteça. Na verdade, eu tenho um esconderijo secreto bem aqui. Minha casa na árvore.

É o meu lugar favorito no mundo. É pequena e aconchegante, com almofadas no chão, é numa dessas que eu estou sentada agora, e um tapete multicolorido. Mas a parte mais impressionante é a cor das paredes. É ensolarada, toda pintada de amarelo. Meu pai pintou sozinho para o meu aniversário no verão passado. Combina com a cor do sol, e com o meu cabelo. Meu bem mais precioso é um baú velho que está bem ao meu lado. Ele carrega todos os meus segredos: meu estoque de Toblerone, muitos e muitos livros e meus diários.

Escrevo em diários desde que me lembro. Acho que um dia serei escritora um dia. Mas não sei sobre o que vou escrever. Por enquanto, escrevo sobre a minha vida, sobre o que faço todos os dias. E um dia, quando eu for adulta, vou voltar e fazer uma história a partir disso.

Um dia as pessoas vão ler o que escrevi sentada dentro da minha ensolarada casa na árvore, comendo meu Toblerone e brincando com os fios soltos do meu cabelo amarelo. Elas vão ler minhas histórias, relê-las. Talvez elas as amem, as odeiem ou talvez não sintam nada. Mas elas vão se lembrar de mim, e talvez até falem de mim por anos.

Não seria demais? Viver para todo o sempre.

Normalmente, consigo ficar muito tempo sentada, mas hoje não consigo ficar confortável. Meu bumbum ficou dormente e estou tendo que mudar e ajustar minha posição a cada cinco segundos.

Ugh.

Eu odeio isso. Eu odeio que eu sou uma mulher agora. Foi assim que minha mãe chamou quando entrou no meu quarto para me acordar hoje e viu meus lençóis floridos manchados de sangue.

Estava pegajoso e fedorento e, ainda meio grogue, pensei que ia morrer. Que alguém tinha vindo durante a noite, quando eu estava dormindo e cortando minhas entranhas, e eu estava sangrando. Lágrimas correram pelas minhas bochechas enquanto eu pensava em todas as coisas divertidas e maravilhosas que eu não conseguiria fazer nesse verão. Eu ia morrer sem escrever a minha história. Eu precisava escrevê-la. Essa era a única coisa que eu sempre quis.

— Mamãe, eu vou morrer, né? — eu sussurrei.

Minha mãe me lançou um olhar severo e me disse para enxugar minhas lágrimas:

— Você não é mais um bebê, Evie. Não seja tão dramática. É só menstruação.

Menstruação.

Ah, tudo bem. As coisas fizeram sentido depois disso. Claro, eu sabia disso.

Eu sei sobre menstruações. Quem não sabe? Mas o sangue pode te deixar estúpido e te fazer pensar em coisas horríveis. Embora eu desejasse saber o quão desconfortável seria usar um absorvente. É como andar com um cuecão constante. Eu odeio ficar menstruada. Detesto. Repudio. Abomino. Desprezo.

Ok, é isso. Essas são todas as palavras que conheço que descrevem o ódio. Adoro sinônimos. Tenho até um dicionário grosso dentro do baú que leio todos os verões só por diversão.

— Você pode parar de se mexer por um segundo? — Sky, minha melhor amiga, reclama. — Preciso me concentrar.

Levanto o olhar de onde estou sentada e fixo os olhos nela. O nome dela é Skylar, mas todos a chamam de Sky. Assim como meu nome é Evangeline, mas todo mundo me chama de Evie. Ela é minha amiga mais próxima no mundo inteiro.

No momento, ela está ocupada amarrando a mangueira em torno do seu galho de árvore em forma de garfo. Ela está fazendo um estilingue. Sua arma preferida, ela diz.

Sim, Sky é o tipo de garota que precisa de armas em sua vida. Eu teria medo dela se não fosse amiga dela. Porque ela é sanguinária e odeia quase todo mundo, e ela tem uma longa lista de pessoas que quer matar. Seu rosto está abaixado e eu só consigo ver seu cabelo preto e bagunçado enquanto os fios na altura do queixo deslizam por seu rosto.

— Não estou conseguindo ficar confortável — resmungo.

Ela abaixa seu estilingue meio feito e olha para cima, seus olhos acinzentados são grandes e tempestuosos.

— É *aquilo*?

— Sim.

Ela faz careta.

— Então, tipo... você sente alguma coisa?

— Tipo o quê?

— Não sei, quando sai.

— Eca. Que nojo. Não.

— Sério? Nada? Quer dizer, isso *está* saindo de você.

— Você é a pessoa mais grosseira que eu já conheci. — eu aperto os olhos e tento me movimentar um pouco. Sinto algo, uma sensação estranha como se uma bolha estivesse saindo de mim. — Ugh. Eu acabei de sentir.

A cara de Sky está tão horrorizada que eu quero rir. Mas estou muito ocupada sentindo o mesmo horror.

— Oh meu Deus — ela respira.

— Mal posso esperar que você fique também, para que nós fiquemos miseráveis juntas.

Ela recua como se eu tivesse dado um tapa nela.

— Não acredito que você acabou de dizer isso. Eu sou sua melhor amiga. Por que você desejaria isso para mim?

— Porque acontece com todo mundo. Quer dizer, com todas as meninas.

Ela estreita os olhos, brincando com sua arma, como se estivesse planejando um assassinato.

— Eu odeio isso. Eu absolutamente odeio isso. Tipo, a gente tem que pagar o preço por ser menina — ela olha para cima, como se estivesse falando com Deus — Ei, eu nunca pedi para ser menina, ok? — olhando para baixo, ela balança a cabeça. — É uma droga e por causa disso eu vou ter peitos. Não quero peitos. Eu odeio peitos. Sabe de uma coisa? Tem que ter uma maneira de parar isso.

Essa é a Sky. Ela é uma espécie de justiceira. Se alguém pode mudar o mundo, será ela. Eu? Estou feliz com como as coisas estão. Estou bem em ter peitos. Na verdade, estou meio ansiosa por isso. Sei que vou ter peitos grandes. É de família. Minha mãe e todas as minhas tias têm peitos grandes. É assim que as mulheres da nossa família são feitas: curvilíneas e baixas, e eu estou bem com isso.

Não quero mudar o mundo. Eu só quero ficar nessa casa na árvore para todo o sempre, pendurada entre o céu e a terra, escrever no meu diário e comer o meu chocolate.

Mas não é possível.

Olho para cima e, através do vão das ripas, percebo que o céu ficou alaranjado. O sol está se pondo e vai escurecer em breve.

— Temos que ir. Minha mãe vai ficar brava.

Fecho meu diário, como o último pedaço de Toblerone derretido antes de enfiar tudo no baú.

— Cara, quando sua mãe não está brava? — Sky resmunga, mas arruma suas coisas.

Nós duas nos levantamos e o chão pintado de amarelo range. A Sky é a primeira a descer. Ela não consegue sair daqui rápido o suficiente; ela odeia essa casa na árvore porque tem medo de altura. Mas ela negará até o fim. Ela é muito durona para ter medo.

Vou admitir, peitos à parte, eu realmente não entendo qual o ponto de sangrar todos os meses, e esse negócio de absorventes é nojento. Ajusto discretamente a calcinha e desço a escada.

Nós duas chegamos ao chão e, em seu jeito habitual, Sky começa a correr, suas botas de combate batendo no chão. Não consigo acreditar que ela não está absorvendo as coisas. Ela não está absorvendo os últimos raios do sol ou sentindo a maciez da grama, ou tocando a casca áspera das árvores, ou mesmo sentindo o cheiro doce do milho.

Eu poderia passar toda a minha vida na floresta ou na fazenda. Na verdade, meu pai diz que quando eu era pequena eu tinha cabelos escuros e olhos escuros como ele e minha mãe, e eu tinha o hábito devagar pelos campos de milho atrás da nossa casa. Eu costumava ficar fora por horas antes que alguém conseguisse me encontrar. Isso costumava deixar minha mãe super brava, e então um dia eles me encontraram nos campos com

cabelos amarelos e olhos azuis. Papai diz que eu absorvi a cor do sol e do céu. É uma história fofa, mesmo sabendo que é impossível.

Papai também gosta de histórias. Eu herdei isso dele.

Minha casa na árvore fica no meio da floresta atrás da minha casa. Não é profunda ou densa, ou qualquer coisa como florestas reais onde os animais vivem. É apenas um conjunto de árvores realmente altas que estão agrupadas e formam uma copa acima. O chão tem flores silvestres e a grama mais macia que você já sentiu. É como andar sobre seda. Fica realmente bonito quando chove, todas as cores nítidas e vivas e claras.

Saio da mata fina e entro na fazenda que meu pai possui. Vejo nossa casa ao longe, no caminho de terra que corta os longos e grossos talos de milho. É branca com janelas cinzas fechadas e uma varanda envolvente. Há degraus de madeira que levam até a porta da frente, mas eu não tenho permissão de usá-la se eu passei muito tempo fora. Isso significa que estou sempre usando a porta dos fundos que é na cozinha. Mamãe diz que eu fico muito suja para uma menina de doze anos. Olho para mim e percebo manchas de grama no meu vestido rosa, meus pés e panturrilhas sujos de lama.

Ah, droga.

Perdi os sapatos de novo. Juro que estava com eles quando na casa da árvore. Devo voltar e verificar? Mamãe vai ficar tão, tão brava. Tipo, super brava e beliscar minhas coxas e minha cintura para chamar minha atenção. Eu assobio quando a dor explode no lado direito da minha cintura, onde mamãe foi muito brutal da última vez que perdi meus sapatos na floresta, e apareci com os pés cheios de lama.

Estou pronta para voltar porque não vou arriscar ser beliscada novamente, mas percebo Sky lá na frente, de pé ao lado da caixa de correio, com os olhos em alguma coisa. Não consigo ver o que é, mas isso me deixou curiosa, então continuo caminhando.

Alguns segundos após eu chegar perto dela, consigo ver uma caminhonete branca. É mais enferrujada do que branca, a tinta descascando das laterais e das portas. Ela estremece e grita como se fosse quebrar a qualquer segundo enquanto desce pelo caminho de terra. O caminho de terra que corta a estrada e circunda nossa fazenda, levando à casa do vizinho.

Peter Adams.

Ele é o solitário da cidade. Ele dificilmente sai ou mesmo conversa com as pessoas. Foram poucas às vezes que o vi pela cidade. Ele tem cabelos loiros escuros com um pouco de cinza, e olhos que parecem um pouco perdidos às vezes. Ele é quieto e sempre foi legal comigo.

No ano passado, eu estava com uma enorme torre de livros que eu tinha acabado de pegar na biblioteca da cidade e, enquanto caminhava pela rua até onde minha mãe havia estacionado o carro, tropecei e deixei todos eles caírem. O Sr. Adams veio em meu socorro e me ajudou a juntar todos os livros. Quando eu agradeci, ele não falou nada e foi embora. As pessoas estavam me dando olhares estranhos e a notícia chegou até minha mãe. Claro, ela retaliou — ela retalia contra tudo o que tem a ver com a família Adams. Ela gritou comigo por cerca de uma hora. Os hematomas naquela semana foram mais brutais do que qualquer coisa que eu já tivesse sofrido.

Pois bem. É o que é. Mesmo que eu nunca tenha falado com o Sr. Adams depois disso, ainda acho que minha mãe reagiu de forma intensa demais. Seu ódio por Peter Adams é um pouco exagerado. Ele não é responsável pelo que aconteceu há quinze anos. Ele não é responsável pelo que seu irmão, David, fez. E daí se Peter Adams pertence à mesma família?

A caminhonete para embaixo de uma árvore sem folhas. É verão e há vegetação em todos os lugares, mas nunca vi folhas crescerem nessa árvore. Quão estranho é isso? Sempre foi seca e esquelética. Como se tivesse morrido há muito tempo. Isso me deixa triste. Todo mundo merece um pouco de cor em sua vida.

A porta do lado do motorista se abre e Peter Adams sai. Ele está usando uma camisa xadrez e calças desbotadas. Seu cabelo ficou mais fino no último ano e quase todos os fios são brancos acinzentados. Ele caminha até a parte de trás da caminhonete e abre a tampa com um rangido alto e pega uma pequena bolsa.

Ele tem visitas? Mas nunca vi ninguém visitá-lo antes. Estou para lá de curiosa agora, e parece que a Sky está do mesmo jeito.

Um par de pernas longas balança para fora da cabine e aterrissa no chão. Quem quer que seja, seus sapatos estão sujos: esse é o meu primeiro pensamento. Tênis de lona branca com manchas de lama por toda parte. Ah, eu me identifico totalmente com isso. Eu nunca consigo manter meus sapatos limpos, se eu estiver usando algum. Mexo meus dedos sujos e descalços na lama, odiando que em breve vou ganhar uma boa surra da minha mãe.

Todos os pensamentos de ser punida desaparecem da minha cabeça quando o visitante pula da caminhonete. É um menino.

Um menino alto, com roupas largas e amassadas, e uma mochila pendurada no ombro. Parece mais cheia do que a bolsa que o Sr. Adams está carregando. Há um rasgo na calça jeans do garoto, fios brancos pendurados como um conjunto de dentes.

Seu cabelo está todo bagunçado, tocando suas sobrancelhas. Ele se agita no vento que parece ter repentinamente aumentado. É loiro. Bem, não como o meu loiro. Meu cabelo é amarelo como o sol, enquanto o dele é mais um tipo sujo de loiro. Como se você mergulhasse o sol em um café cremoso, você teria o tom do cabelo dele. Dourado.

O Sr. Adams se aproxima dele e o garoto vira os olhos para encará-lo raivosamente. Uau. Há muita raiva neles. Nunca vi ninguém tão zangado. Nem minha mãe. Se eu fosse o Sr. Adams, estaria tremendo. Poxa, esse menino é alto. Ele é mais alto que o Sr. Adams, inclusive. E seus punhos estão cerrados como se ele quisesse dar um soco no rosto dele.

As narinas do menino se inflamam e sua mandíbula fica dura, como se estivesse rangendo os dentes. Estou fazendo careta, achando que vai acontecer a qualquer segundo. O menino vai dar um soco no Sr. Adams.

Oh meu Deus, devo fazer alguma coisa? Gritar? Pedir ajuda? Por que ele está tão bravo com ele, afinal?

Mas o garoto se vira, mais como um giro, e fecha a porta do caminhão. Ele faz isso tão duro e rápido que toda a cabine treme; juro que vejo a tinta voando. O som é como um trovão. A explosão de uma bomba. Um grande estrondo.

O silêncio que se segue é ainda mais nítido. Consigo ouvir o Sr. Adams dizendo algo para ele — não parece agradável — antes de se dirigir furiosamente para casa, abandonando o menino.

Eu consigo ouvir minhas próprias respirações. Consigo até ouvir as respirações altas do menino. Eu me sinto tremer, como se estivesse com frio, o que é ridículo porque está quente hoje. Estou suando também, mas não consigo parar meu tremor.

Continuo observando o garoto ali sozinho, com os punhos cerrados, olhando para o céu alaranjado, quando um som alto quebra tudo. O silêncio, a paz tensa.

— Evie!

Essa é a minha mãe me chamando com voz estridente.

— Vai, vamos embora, Evie — murmura Sky e se vira.

Mas eu não consigo me mexer. Meus pés estão presos na lama; meus dedos dos pés estão enrolados. Porque naquele exato segundo, quando minha mãe gritou meu nome, o menino fixou seu olhar em mim e nossos olhos se encontraram.

Meu tremor para e sinto uma explosão de calor por toda parte. Ele continua com raiva, a julgar pela grande ruga da testa e seus olhos estreitos. Meu coração começa a bater muito rápido. Eu posso senti-lo em meus dentes e em minha têmpora. Quando seus olhos mergulham em minhas panturrilhas cheias de lama, meu coração palpita, e eu me sinto

constrangida. Agarrando meu vestido, coço minha panturrilha direita com o dedão do pé esquerdo.

Ok, então eu não estou muito apresentável no momento, mas sabe de uma coisa? Ele também não. Seus sapatos estão sujos. Sua camiseta preta tem buracos por todo o pescoço e sua calça jeans está rasgada.

Eu franzi a testa para ele também. Ele está me julgando? Porque se ele está, eu não gosto dele e gosto de todo mundo.

Sob a luz do sol se pondo, não consigo ver os pequenos detalhes de seu rosto, mas juro que o vejo... derreter. Não como sorvete, mas, ele meio que relaxa. A ruga na sua testa desapareceu completamente e seus lábios meio que se movem. Contorcendo-se em um sorriso torto.

— Evangeline Elizabeth Hart, venha aqui agora — minha mãe grita novamente.

— Droga — murmuro sob a respiração. Minha mãe está muito, muito brava. Nome completo é reservado para emergências.

Com um último olhar para o menino novo, que ainda acho que está meio que sorrindo para mim por algum motivo, eu me viro e começo a correr. Sky já está na minha varanda, afastada da minha mãe. Eles não são grandes fãs uma da outra.

Enquanto minha mãe está me arrastando para dentro de casa, eu me viro e o encontro parado no mesmo lugar. Ele é só uma silhueta daqui.

Uma silhueta com cabelos dourados, camiseta preta e uma mochila contra o céu laranja.



Vivemos em um lugar chamado Prophetstown, em Iowa.

É uma cidade pequena onde todos se conhecem, com campos de milho abertos e exuberantes e céu amplo. É o tipo de lugar onde você vai querer andar descalço e fora de casa o tempo todo com o cabelo solto e não penteado. É assim que eu justifico não querer usar sapatos e não querer trançar meu cabelo.

Há duas coisas que definem esta cidade: a nossa igreja, o edifício mais alto e mais antigo, e a lenda. A lenda de David Adams e Delilah Evans. Bem, as pessoas não chamam assim, mas esse é o nome que dei.

Anos atrás, David e Delilah se amavam. Ninguém sabia sobre o caso deles até que Delilah apareceu grávida, e então todo o inferno começou. Eles trancaram Delilah porque ela era uma garota muito ruim. Já ouvi a palavra vagabunda associada a ela. Iam colocar David na cadeia também. Mas, de alguma forma, ambos fugiram antes que isso pudesse acontecer. Não sei como tudo aconteceu, mas desde então as pessoas os odeiam, tipo, muito. Eles são provavelmente as pessoas mais odiadas depois do diabo.

Ouvi minha mãe dizer que, depois que eles fugiram da cidade, o Sr. Adams, o pai de David, meio que definhou e morreu alguns anos depois. Foi um choque para um cidadão íntegro da cidade que criou seus filhos sozinho depois que sua esposa faleceu de câncer. Minha mãe diz que ele era muito querido e olha o que aqueles monstros fizeram com ele. Depois que o Sr. Adams morreu, Peter Adams, irmão de David e outro filho do Sr. Adams, meio que se retraiu e começou a se isolar.

Veja, David e Delilah nunca deveriam ter se apaixonado um pelo outro, muito menos ter tido um bebê juntos. Delilah era prima de David e Peter. Ela veio morar com eles quando era apenas uma criança e seus pais haviam morrido. Basicamente, ela cresceu com David e Peter, e todos os tratavam como irmãos de verdade, ao invés de primos. Todos ficaram horrorizados quando descobriram o caso. Era errado, imoral e doentio. E esse bebê? As pessoas chamavam isso de abominação. A cria do diabo. Eles diziam que apenas monstros poderiam ser criados a partir de um amor como o de David e Delilah.

Alguns dizem que eles foram para Nova York, a cidade grande e ruim. Mas há quem diga que eles deixaram o país. Aposto que minha mãe sabe. Ela sabe tudo, mas obviamente não vai me contar. De acordo com minha mãe, ambos eram monstros e deveriam ter sido internados em um manicômio. Ou talvez um acampamento onde as pessoas recebem choques elétricos para acertar a química do cérebro. Sim, essa é a solução da minha mãe para tudo.

Ouvi inúmeras histórias em que mães mantiveram suas filhas sob vigilância rigorosa após o escândalo. Elas não as deixavam ficar fora até muito tarde. O toque de recolher era insano. Todos os meninos da cidade eram suspeitos de irregularidades. Toda história de amor foi frustrada e pisada. Mrs. Weatherby, fofoqueira da cidade e melhor amiga de minha mãe, chama isso de tempos sombrios, quando o amor havia morrido e a pureza dele estava manchada.

— Tudo por causa daqueles pecadores: David e Delilah — disse ela — Só Deus sabe o que aconteceu com aquele bebê. Não pode ter sobrevivido, você sabe. Não tem jeito. Bebês assim nunca nascem normais. Eles morrem antes que chegue a hora.

Então David e Delilah são nossos próprios Adão e Eva, e quatorze anos atrás, eles deram à luz um menino. O nome dele é Abel.

Ele está muito vivo, no entanto. Ele é o menino de cabelos dourados e camiseta preta. Foi ele que meio que sorriu para meus pés sujos e vestido manchado de grama.

Ele é meu novo vizinho. Abel Adams.

A noite de ontem foi a pior até agora. Nunca vi minha mãe tão brava. Sky também se intimidou e ela nunca teve medo da minha mãe. Esperamos em um silêncio tenso até que a Sra. Davids, mãe de Sky, veio buscá-la. A Sra. Davids é a dama mais doce de todos os tempos, com os mesmos cabelos escuros e olhos acinzentados de Sky. Eu a amo; ela é muito mais divertida do que minha mãe.

Assim que as duas foram embora, com Sky me dando um olhar simpático por cima do ombro, a gritaria começou. Minha mãe gritava sobre o quão suja, selvagem, indecente, incivilizada e sem refinamento eu era. Bem, não em todas essas palavras chiques, mas ainda assim. Então ela me mandou direto para o banheiro, onde jogou água fria em mim enquanto eu ainda estava usando roupas, e esfregou meus pés e pernas por horas. Ainda bem que o chuveiro estava ligado, na verdade. Minha mãe não conseguia ver minhas lágrimas.

— E o que você estava fazendo olhando para aquele garoto novo? — seus olhos escuros eram tão duros que eu realmente tive que dar um passo para trás — Você não deve se associar a ele, você me ouviu, Evie? Aquele menino nem deveria chegar perto de você. Se ele fizer alguma coisa, você me diz, entendeu?

Queria perguntar o porquê, mas só assenti. Na época eu não tinha ideia de quem era aquele menino novo. Mas eu sabia que se minha mãe estava tão louca, então ele deveria estar relacionado com os Adams.

Depois do jantar, ouvi minha mãe e meu pai conversando na sala. A mãe contou sobre a chegada do novo vizinho e perguntou se todos os rumores eram verdadeiros. A voz da minha mãe é estridente e, em contraste com isso, a voz do meu pai é mais baixa e calma. Saí da mesa de jantar onde eu estava lendo um livro e me escondi atrás da parede para ouvir.

Foi quando eu soube que o bebê monstro estava vivo e ele se mudou de Nova York, a cidade grande e ruim, para cá.

— David e Delilah estão mortos. — disse o pai — Eles morreram em um acidente de carro. Peter é o único parente vivo.

— Bem, boa viagem, então. Deus vê tudo. É hora de a justiça ser feita e o mal ser derrotado.

Minha mãe é uma grande crente em Deus e nos monstros. Não sei de onde ela tira essas ideias, porque na igreja a gente não fala do diabo. Padre Knight fala sobre perdão, mas tanto faz. Minha mãe acha que Deus tem um jeito de punir o mal e acabar com os monstros. Deus está sempre observando, diz ela. Meu pai, no entanto, é super calmo. Ele nunca levanta a voz e nunca discute com a mamãe. Tento imitar isso. É o melhor quando a mãe enlouquece. Para que todos possamos ter paz.

Mas, naquele momento, eu estava com raiva e triste. Muito triste. David e Delilah estavam mortos. Sendo sincera: Eu não os odeio, não como as outras pessoas odeiam, não como minha mãe odeia. Não acho que sejam monstros. Embora eu admita que fico curiosa. Ao longo dos anos, me perguntei como tudo aconteceu. Como eles conseguiram ter se apaixonado onde não havia chance de se apaixonar? É como cultivar uma flor em um pântano. *Como* algo assim acontece?

No meu quarto no andar de cima, enquanto me preparava para dormir e fazia uma oração, pensei em Abel Adams. Na minha tristeza, eu tinha esquecido que ele não tinha mais mãe e pai. Eu não consigo imaginar estar sozinha assim no mundo. Mesmo que minha mãe fosse pouco exagerada às vezes, eu ainda a amava. Além disso, meu pai era o cara. Ele era o maior pai de todos os tempos.

Desci da cama e fui até a janela. Envolvendo as mãos nas barras de ferro, olhei noite adentro, em direção à casa do Sr. Adams com a árvore sem folhas e uma varanda caindo aos pedaços, imaginando o que Abel estava fazendo naquele segundo.

Eu esperava que ele estivesse dormindo bem.

Agora é domingo de manhã e estou sentada em um banco duro na igreja, no fundo. Minhas pernas são curtas então não chegam até o chão e eu as balanço para frente e para trás, imaginando que estou do lado de fora, no parque em um balanço de verdade. De preferência sem os sapatos estúpidos e apertados de igreja — sapatilhas pretas de balé — e sem a trança apertada que está fazendo meu couro cabeludo coçar.

Lamento dizer, mas o culto de domingo pode ser um pouco chato. Nenhuma ofensa a Deus ou qualquer coisa. Só que eu prefiro ficar no sol. Que, por falar nele, é sempre lindo às nove da manhã dos domingos. A culpa não é minha.

Enfim, estou sentada no fundo, com Sky, cujos pés tocam o chão. Eu odeio isso. Minha mãe está na frente com a Sra. Weatherby e eles estão

ocupadas conversando sobre algo, provavelmente sobre quanto fermento em pó adicionar em seus biscoitos. Meu pai está sentado com o Sr. Knight, o policial e a pessoa mais importantes da cidade, além de seu irmão, o Padre Knight. Meu pai e o Sr. Knight são grandes amigos, estudaram juntos e tudo mais.

Estamos todos esperando o culto começar quando a Sky se inclina.

— Acho que devíamos fazer uma pausa.

— O quê?

Ela gesticula com o queixo.

— A porta. Vamos fugir.

— De jeito nenhum — meus olhos estão arregalados — Vamos ser pegas.

— Não se fizermos certo.

— Não. Não vamos fazer isso — eu balanço a cabeça. Uma balançada forte.

Ela se senta com um bufão.

— Você é uma estraga prazeres, Evie. Você estraga meus prazeres.

— Eu *não* sou — eu a cutuco com o cotovelo. Um empurrãozinho duro.

— Aí — grita Sky e revida. Obviamente.

Ela crava o cotovelo na lateral do meu corpo e agora sou eu que digo *aí*. Antes que percebamos, estamos batendo uma na outra, sussurrando-gritos e nos jogando olhares de raiva quando alguém limpa a garganta sobre nós. Ruidosamente.

Nós duas congelamos com as mãos no ar, prontas para atacar. Sky que consegue ver quem é; minhas costas estão viradas.

Ela sorri para a pessoa.

— Ei, Sr. B. Como você está?

Eu me desarmo, abaixando os braços. Ah, graças a Deus. É só o Sr. Bernard. Ele é o homem mais simpático de todos os tempos, com um rosto gentil e enrugado e cabelo branco. É ele quem me dá chocolates escondido quando minha mãe não está olhando. Ele é totalmente confiável. Pensei que fosse outra pessoa, alguém como minha mãe ou a Sra. Weatherby ou qualquer outro dedo-duro.

— Bem. Bem — ele ri. — Embora vocês, senhoras, não pareçam estar indo tão bem. Estamos brigando de novo?

Eu me viro para encará-lo, sorrindo.

— Oi, Sr. B. Você sabe o quão violenta a Sky é.

Sky dá um empurrão no meu ombro por trás.

— Evie também não é tão gentil assim.

— Ei! — aponto o dedo para ela. — Eu sou gentil, tá? Eu sou uma dama. — eu viro de novo para encarar o Sr. B. — Diga a ela, Sr. B. Diga a ela... — fico sem palavras quando vejo alguém surgir por trás do Sr. B.

É o menino novo. Abel.

É surpreendente porque Peter Adams, seu tio, nunca vai à missa. Então eu achei que o Abel também não ia. Mas ele está aqui, todo alto e... dourado.

Seus cabelos dourados brilham à luz do sol espreitando pela porta marrom polida da igreja. Ele tem uma cruz prateada ao redor do pescoço, e há um pouco de pelos dourados em seus antebraços bronzeados. Seus dedos são longos e bronzeados também, e estão enrolados na alça de sua mochila. Sua mochila? O que ele está fazendo aqui com isso? Na igreja.

Oh meu Deus, ele já está indo embora?

Levo meu olhar para o rosto dele e percebo que seus olhos estão em mim. Seus *olhos*. Eles são tão calorosos e marrons e xaropes, como mel grosso ou xarope de bordo. Ah, caramba. Preciso de panquecas agora, de preferência com lascas de chocolate.

Pressiono a mão no estômago, sentindo fome, e depois calor por todo meu vestido branco de verão, como se eu estivesse sentada ao ar livre sob o sol por muito tempo.

— Dizer o quê a ela? — pergunta o Sr. B com um sorriso.

Corando, desvio meu olhar de Abel e foco nele.

— Uh, nada.

Legal. Minha voz soa tão insegura. Por algum motivo, eu fiquei muito tímida, e minhas bochechas ficaram coradas.

Sky interrompe, então.

— Você é o cara novo, certo?

Contei a ela sobre o Abel e tudo o que ouvi ontem à noite assim que cheguei à igreja. Agora estou me arrependendo. Sky é muito direta e nem percebe que não tem filtro. Espero que ela não o ofenda.

O Sr. B é quem responde.

— Sim, este jovem rapaz é Abel Adams. Ele acabou de se mudar para a cidade e eu o encontrei vagando pelas ruas, então me ofereci para apontá-lo na direção certa. — ele se volta para Abel. — Não foi isso?

O Sr. Bernard é um rebelde e é simpático com todos, não importa o que aconteça. Sempre gostei dele, mas hoje gosto muito mais dele.

Abel acena uma vez como resposta à pergunta do Sr. B, seu rosto sério e feito de ângulos agudos. Ele está usando uma camiseta preta novamente e a cruz ao redor de seu pescoço parece tão prateada e brilhante, como se tivesse uma luz interior própria.

— Nós sabemos. Ele é de Nova York, né? Eu quero muito ir para lá.
— ela se dirige a Abel, — E aí, lá é tão legal assim? Como eles mostram na TV?

Antes que Abel possa responder, o Sr. B fala:

— Meninas legais como você não estão falando sobre o menino novo pelas costas dele, não é? Vocês nunca fariam isso. — ele nos lança um olhar significativo — Estou certo?

Caramba, acho que minhas bochechas estão pegando fogo. *Fogo*. Arrisco um olhar para Abel e seu olhar está fixo em mim, sua mandíbula que parece tão dura e definida, está cerrada e seus olhos estão mais escuros do que estavam há alguns segundos. Quero pedir desculpas e prometer que nunca mais falarei dele pelas costas.

Mas Sky responde por nós duas, dizendo que não, e então o Sr. B se retira, levando Abel com ele, e eles se sentam do outro lado da igreja. Eu ainda tenho uma visão clara do perfil dele.

— Bebê monstro — Sky respira ao meu lado.

— Ele não é um monstro — retruco com dureza.

Suas sobrançelas negras estão tocando sua linha do cabelo.

— Você está brincando?

— O quê? — olho para ela com irritação.

— Você vai falar com ele, né? Você *gosta* dele.

— Eu não gosto, não — digo e cruço as mãos no colo antes de me voltar para o altar na frente. Quando o Padre Knight chegará?

— Ah, por favor — ela revira os olhos — Você estava encarando e você nunca encarou um menino assim.

— Eu não estava encarando — minto.

— Para com isso. Eu te conheço — ela fica séria e balança meu ombro para chamar minha atenção — Sua mãe vai te matar se você sequer olhar para ele, você sabe disso, né? Mas, o mais importante, eles vão queimá-lo vivo porque você é a princesa da cidade.

— Não sou.

— Oh, meu Deus — ela joga as mãos para cima — Para de mentir e me escuta por um segundo. Você é. Sua mãe está no comitê da igreja. Seu pai é dono da maior e mais lucrativa fazenda das três cidades vizinhas e vocês são amigos da família Knight — seu rosto azeda quando ela menciona os Knight — Sky não gosta dos ricos e bem-sucedidos Knights. — As pessoas gostam de você, Evie. Você vai bem nas aulas e é amigável com todos. Você é bem conhecida, então, sim, sua mãe vai expulsá-lo da cidade se vocês virarem amigos. Então faça um favor a ele e mantenha distância.

Meus olhos ficam ardidos e tensos e há um formigamento no meu nariz. Eu vou chorar e é tudo tão estúpido já que por que diabos eu choraria? Eu nem conheço Abel Adams.

Sky tem razão. Minha mãe me mataria, e depois mataria *e/e* ou, no mínimo, o expulsaria da cidade. Ele já está sob bastante análise. Todos notaram sua chegada e estão olhando para ele, sussurrando sobre ele, dando a ele e ao Sr. B olhares cheios de julgamento. Não consigo imaginar como deve ser isso, ser excluído e analisado.

Então, é, eu não posso ser amiga do filho de David e Delilah, o monstro da cidade.

Mas tudo o que consigo pensar é que ele não se parece *em nada* com um monstro?

Nada. Nada mesmo.

Ele parece solitário, sentado com a mandíbula apertada enquanto as pessoas o olham, e tudo o que eu quero fazer é sentar ao lado dele.



— Você... Sky aponta o dedo, que está tremendo com sua raiva.

Seu alvo é um garoto chamado Duke. Duke Knight. Ele é a razão pela qual Sky odeia a família mais influente da cidade, com gerações de padres e policiais.

Duke e Sky são archi-inimigos. São assim desde que nasceram. Na verdade, a história conta que eles nasceram no mesmo dia e no mesmo hospital. Quando a enfermeira foi verificar Duke alguns dias depois, ela o encontrou olhando para o bebê à sua direita. E adivinha? Aquele bebê era Sky e ela estava gritando com ele. Só Deus sabe o que um Duke de dois dias deve ter feito para irritar minha melhor amiga. Mas ele certamente fez algo e eles são inimigos desde então.

Eu amo essa história. Acho fofa. Mas nunca vou dizer isso para a Sky. Além disso, estou do lado dela e se ela quiser matar o príncipe desta

cidade, filho de um policial e sobrinho de um padre, então estou com ela.

Duke sorri debochadamente enquanto se encosta no armário, encarando-a.

— Eu?

Ele está sempre tão tranquilo e relaxado enquanto minha melhor amiga está atirando fogo. Qualquer outro garoto já teria se derretido, mas não Duke. Ele é arrogante e confiante, e acho que ele secretamente adora irritar Sky. Ele é um idiota, basicamente. Mas eu sempre digo à Sky para não dar o que ele quer. Seja superior.

— Ser superior é o caralho — ela disse uma vez enquanto estávamos em sala de aula, e o Sr. Hanson, nosso professor de inglês, teve que nos mandar ficar quietos.

É, não vou entrar nisso. Mas vou apoiá-la tanto emocionalmente quanto fisicamente. Estou enfiando livros no armário já as aulas acabaram, e de olho nos dois.

— Você fez isso de propósito. Você me empurrou e me fez derramar meu suco, e agora está tudo na minha roupa, seu imbecil do *caralho*.

Sky está de costas para mim enquanto ela enfrenta Duke. Ela é a garota mais alta da escola, mas Duke é ainda mais alto do que ela. Ele é provavelmente o cara mais alto e também é o aluno mais popular da escola. As pessoas o adoram e seu sorriso encantador, seus cabelos escuros em topete com gel e seus supostamente gentis olhos azuis.

Não há nada de gentil nele; eu sei disso. Ele é a desgraça da existência da minha amiga.

Duke levanta o queixo e ri.

— Olha a boca, Skylar. Não queremos que os professores ouçam ou que você vai passar sua primeira semana de volta à escola detida.

Ele tem razão. A Sky tem um pequeno problema com xingamentos. Todo mundo sabe da boca suja dela e ela já foi detida um milhão de vezes por causa disso.

Ela suspira.

— Como se você não xingasse.

Ele balança a cabeça, observando-a com diversão, completamente relaxado.

— Claro que não.

Os punhos de Sky estão cerrados ao seu lado.

— Mentiroso.

Ele está sorrindo agora, o sorriso encantador pelo qual todos se apaixonam, enquanto sussurra alto o suficiente para que nós duas ouçamos:

— Psicopata.

Sky está resmungando e não importa o quão brava ela fique comigo mais tarde, eu decido intervir.

— Duke, chega, tá? Você já se divertiu.

Ele me lança um olhar inocente, erguendo as palmas das mãos para cima.

— Eu nem fiz nada. Sua amiga me atacou.

Os estudantes andando no corredor sorriem enquanto seguem suas vidas. Discussões entre Duke e Sky não são tão incomuns. Ninguém presta atenção neles, mas se você perguntasse, eles diriam que foi a Sky. Ela quem começou. Porque é sempre ela que cria problemas. Duke é o mocinho, o futuro orador da turma.

Sky dá um passo à frente, mas eu enrolo minha mão em seu braço, impedindo-a.

— Todos nós sabemos quem fez o que, ok? Você não é o príncipe que as pessoas pensam que você é. Então pare de assediá-la e colocá-la em encrenca.

Seus lábios se enrolam em um sorriso frio enquanto ele olha para Sky furiosa, ainda falando comigo.

— Sua amiga já é problemática sozinha. Estou apenas ajudando a humanidade trazendo a *melhor merda* que ela tem a oferecer.

Sky fica tensa com seu uso deliberado da palavra com M.

Balanço a cabeça e puxo Sky para longe dele.

— Vamos embora.

— Tão cedo? — Duke cruza os braços sobre o peito — Quem vai limpar essa bagunça? Devemos ligar para sua mãe?

Ele diz isso em voz alta, referindo-se ao fato de que a Sra. Davids, mãe de Sky, é uma doméstica. Ela limpa para muitas famílias, incluindo os Knights.

Ah, e isso fica cada vez melhor. Um professor ouve Duke e se aproxima de nós. Mesmo que eu proteste e insista que a culpa foi de Duke, ele ordena que Sky limpe a bagunça.

Ótimo, e tudo estava indo tão bem no primeiro dia de volta às aulas.

Eu a ajudo a limpar enquanto planejamos maneiras de provocar a queda de Duke. Então, somos as últimas a deixar o prédio da escola. Nos separamos nos portões altos onde o ônibus ainda está esperando. Graças a Deus. Sky mora na cidade, então ela vai a pé para a escola todos os dias, mas como moro na periferia, tenho que pegar o ônibus.

Quando entro, sou imediatamente atingida pelos sussurros baixos e sibilantes. Normalmente, há bolas de papel triturado voando por toda parte. Alguém sempre está chamando alguém de *estúpido* ou tem alguém está rindo como se estivesse prestes a morrer. Mas nada disso está acontecendo

hoje. As pessoas estão trocando olhares furtivos umas com as outras, enquanto olham para algo por cima dos ombros.

Sigo seus olhos e encontro a fonte.

É o Abel.

Ele está sentado nos fundos, onde eu costumo sentar e escrever no meu diário.

É um pouco chocante no início, mas depois, eu percebo que era óbvio. Óbvio que ele estaria aqui. Nossas escolas são diretamente opostas uma à outra. Eu vou para o Fundamental de Prophetstown e ele vai para o Ensino Médio. Estamos separados apenas por um caminho de terra sinuoso, mas todo o resto é igual. Nós até compartilhamos o mesmo campo de esportes. Eu vim correndo atrasada hoje de manhã, então meu pai me deixou e eu não peguei o ônibus com Abel.

No último mês, eu o vi na cidade e ao redor de sua casa. Eu até o vi na floresta uma vez, quando eu estava descendo da minha casa na árvore. Foi meio constrangedor, na verdade. Eu congelei, encarado ele como um idiota. Eu disse a mim mesma para desviar o olhar, mas não. Continuei olhando para ele e olhando para ele, até que seus lábios se contraíram, e um lado de sua boca se contorceu em um sorriso, mais como uma risadinha. Então eu virei e corri. Não sei por que fiz isso, mas algo acontece comigo quando ele está por perto. Fico desajeitada e tímida, e meus lábios se separam porque começo a respirar pela boca. Não é bonito.

O que Sky me disse na igreja semanas atrás ainda é verdade. Não posso nem falar com ele, muito menos ser amiga dele. Eu não deveria querer ser. Minha mãe mataria nós dois.

Mesmo assim, quero perguntar um milhão de coisas sempre que o vejo. Tipo, por que ele sempre está com uma câmera? Ou se preto é sua cor favorita, porque ele não usa nenhuma outra. Ou por que ele me encara e por que eu não consigo desviar o olhar dele? Tem que ter uma explicação para isso.

Respiro fundo e ando pelo corredor. Está acontecendo de novo. Não consigo desviar o olhar, por mais que eu tente. Sua cabeça está inclinada sobre algo que eu não consigo ver, então ele não me notou. Mas eu sei, eu *sei* que ele vai. É uma daquelas coisas. Natural e pré-programada.

Estou tão focada nele e nesse fenômeno estranho que acontece sempre que estamos perto um do outro, que não vejo alguém agarrando meu braço até que eu seja parada. Eu me viro para ver o agarrador de braço e é Jessica Roberts, uma das minhas colegas de classe.

Eu e a Jessica sempre nos demos super bem.

— Desculpa, eu não quis te assustar. Mas eu só... — ela olha para a esquerda, depois para a direita — Você quer sentar aqui? Com a gente?

Eu franzi a testa para ela.

— Ah. Hum, bem, isso é tão doce, mas acho que vou ficar com meu lugar antigo.

— Tem certeza? — ela parece nervosa, mastigando o lábio — Quer dizer, temos lugares aqui na frente.

— Mas... — eu meio que rio, não porque é engraçado, mas porque a oferta dela é estranha. Eu nunca sento na frente. Mas antes que eu possa pensar muito sobre isso, o lado do meu rosto começa a formigar. Meu olhar deixa Jessica e vai para o menino sentado no fundo.

Abel está me observando com seus olhos de xarope de bordo. Me sinto aliviada por ele ter sentido a minha presença, que o fenômeno é real. Não estou inventando. Embora a questão seja: por que diabos isso está acontecendo?

— Evie — Jessica me chama e minha atenção volta para ela — Você é bem-vinda para sentar com a gente. Na verdade, acho que podemos usar esse tempo para talvez discutir... — ela olha para o Abel antes de olhar para mim — O que a Sra. Johnson nos ensinou. Francamente, foi meio confuso para mim, então eu adoraria sua ajuda.

Agora eu entendi o que está acontecendo. Todo mundo sabe que a parte de trás do ônibus é o meu território. Eu sento num canto e ninguém me incomoda. Mas Abel está sentado lá agora e a maioria das pessoas tem medo dele, como Jessica e seu grupo.

Deus, quando as pessoas deixarão de ter medo dele?

Pessoalmente, acho que alguns deles estão sendo maldosos e levando isso longe demais. Ele não é mau. Ele não mostrou sinais de ser nada além de bom. Tipo, outro dia, ele manteve a porta da igreja aberta para a Sra. Weatherby, mas essa *bruxa* se recusou a entrar. Ela torceu o nariz e não se mexeu até que a mandíbula de Abel ficou apertada como no primeiro dia em que ele estava com o Sr. Adams, e ele saiu. Tentei chamar a atenção dele naquele dia, mas ele não olhou para mim. Embora eu soubesse que ele estava ciente de que eu estava ali. Ele está sempre atento.

Ele não é um monstro, eu quero gritar. Em vez disso, eu digo:

— Vou ficar bem. Obrigada.

Jessica abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu levanto a mão e a paro.

— Eu disse que vou ficar bem. Você não precisa se preocupar comigo.

Com isso, volto a caminhar para o fundo. Os ossos do rosto de Abel são tão proeminentes agora, tão altos e definidos. O castanho de seus olhos

parece estar ficando mais escuro quanto mais perto eu chego. Fico diante dele, o mais próximo que já estive dele, e ele engole.

Agora que estou aqui e todas as pessoas no ônibus estão me olhando, não sei o que fazer. Eu sei o que eu gostaria de fazer. Eu gostaria de sentar ao lado dele e dizer *oi*. Gostaria de sorrir para ele e dizer a ele que sinto muito por toda a porcaria que as pessoas têm feito com ele.

Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, o ônibus dá um solavanco para partir, e eu tropeço para frente, ofegante. Então eu sinto um forte aperto em meus ombros – um aperto caloroso – me equilibrando, me colocando de pé. Mas mais do que isso sinto o cheiro de maçãs doces.

Abel Adams cheira a maçãs.

Ele está tão perto de mim que posso contar seus cílios, que são mais escuros que seus cabelos e tem mais volume, provavelmente como uma selva. Vai levar tempo, mas tenho certeza de que posso contá-los.

Abel Adams está me tocando. Em plena luz do dia, diante de toda essa gente, com o sol brilhando em seus cabelos dourados.

Meu Deus!

Isso é exatamente o que não deveria estar acontecendo. Eu não deveria estar tão perto dele e não deveria estar contando seus cílios ou pensando em seus olhos castanhos.

— Obrigada — sussurro por me salvar da queda.

Ele me empurra para longe até que eu esteja de pé sozinha.

— Não precisa agradecer.

Como uma idiota, nunca me perguntei sobre sua voz. Quer dizer, eu já o vi falar com o Sr. B e algumas outras pessoas nas lojas da cidade, mas nunca a escutei antes. A voz dele não é como a voz dos outros meninos que eu conheço. Não de garoto, mas também não é adulta. Eu diria que talvez esteja na iminência de estar amadurecendo.

Abel se afastou e agora está olhando pela janela. Percebo um bloco de desenho em seu colo, fechado com um lápis espreitando a borda. Ele desenha e gosta de fotografia? Outra pergunta adicionada à lista de perguntas que nunca vou conseguir fazer a ele.

— Você vai sentar? — ele pergunta, olhando para a paisagem que passa antes de me olhar — Ou você vai me encarar o caminho todo?

Ele levanta as sobrancelhas e elas batem nos fios bagunçados de seu cabelo. Estou familiarizada com esse olhar. Esse é o olhar que a Sky sempre me dá quando está tentando me fazer algo.

Há um sorriso completo em seus lábios e suas sobrancelhas não descem. Ah, e ele está bloqueando o lugar ao lado dele com suas pernas longas e esticadas. Ele está me desafiando a sentar na frente.

Coloquei a mão no quadril e atirei nele com um olhar arrogante – por cerca de dois segundos antes que o ônibus volte a solavancar e eu tropeço. *De novo*. Ele aperta os lábios, sem dúvida tentando não rir de mim. Acho que não gosto muito dele agora.

— Bem, se você quer saber, eu vou sentar. — Minha voz, em comparação com a dele, é estridente, alta e tão infantil. Eu odeio minha voz por ser tão estúpida e odeio sua voz por ser tão incrível. Não há justiça no mundo.

Tiro minha mochila e levanto minhas próprias sobrancelhas, pedindo para ele abrir espaço para mim, o que ele faz com os lábios contraídos. Me jogo no assento e enfio a mochila entre as pernas.

Algumas pessoas continuam observando, então eu estreito meus olhos para elas. Fungando, deslizo no banco e me recoso. Não vou dizer uma única palavra. Não. Meus lábios estão selados. Eu balanço as pernas. As pontas dos meus sapatos roçam o chão. Olho para o teto de metal branco.

— Eu não tenho medo de você — digo a ele.

Droga. Eu cedi.

Suas roupas fazem barulho contra o assento de couro e eu o sinto se virando em minha direção.

— É? Difícil de acreditar.

Olho para ele pelo canto dos olhos.

— O que isso quer dizer?

Ele dá de ombros como se não se importasse de uma forma ou de outra e se vira para a janela, mantendo seu silêncio.

Eu o encaro.

— Não, me diz. Por que você acha que eu tenho medo de você?

Resmungando de forma sarcástica, ele me sua atenção total novamente.

— Olha, eu não ligo, tá bom? Eu não me importo se você mal consegue olhar para mim ou se você foge quando estou por perto. Não importa. Agora, se você me deixar em paz nessa merda, ficarei grato.

Eu suspiro. Não é como se eu nunca tivesse ouvido um palavrão antes. Quando se é melhor amiga da Sky, você ouve todos. Mas Abel diz isso como se estivesse dizendo desde o dia em que veio a este mundo, como se *merda* fosse sua primeira palavra. Soa forte, confiante e praticado.

— Ei. — enfiei o dedo no bíceps dele; sua pele está quente, mas eu não quero pensar sobre isso agora. — Eu não fujo quando você está por perto — isso não é exatamente verdade, mas ele não precisa saber disso.

Ele resmunga debochadamente de novo.

— Não, sério. Não tenho medo de nada. Muito menos de você —, insisto, revirando os olhos.

Abel encosta à janela, se espalhando no banco e cruzando os braços sobre o peito. Ele está usando uma camiseta preta novamente. Eu queria dizer a ele para usar outra cor. Preto é tão... sem graça.

— Sério? Você não tem medo de nada?

— Não.

— Certo — ele assente, mas não acredita em mim; está no tom dele — E se eu te disser que eu mordo?

— O quê? — eu dou risada.

— Sim. Me chamam de monstro, né? E se eu te dissesse que sou exatamente o que eles falam e, além disso, tenho dentes afiados. E então? Você vai ter pesadelos de noite?

Fico olhando para ele por exatos cinco segundos. Sim, eu os conto. Então eu me inclino e pego meu Toblerone meio comido, e mexo no ar como uma arma.

— Então, eu diria que você não vai me morder.

Ele olha para o chocolate com diversão.

— Por que você acha isso?

— Porque eu não sou comida. E se você realmente quisesse morder alguma coisa, eu te daria isso. Meu chocolate.

Ele ri e eu engoli seco. Sua risada soa como sua voz. Não o som que já ouvi de meninos, e também não como a de um adulto.

Ele está me encarando como sempre faz.

— Aí eu diria que não gosto de chocolate.

Minha mão congela no ar e minha boca se abre.

— Você não gosta de chocolate?

— Não.

— Impossível. — fiz careta, minha mão caindo no meu colo com um baque — Oh meu Deus. — eu não estava preparada para isso. Eu não estava preparada para o monstro dizer que não gosta de chocolate. Só que o Abel não é um monstro e eu não ia *mesmo* dar meu chocolate para ele.

Uma pequena gargalhada irrompe dele enquanto ele me encara.

— Por que eu tenho a sensação de que você está mais preocupada com a minha falta de amor por chocolate do que com o fato de que eu posso ser perigoso de verdade?

— Ah, por favor. — acenei com a mão — Você não é perigoso, mas que tipo de pessoa não gosta de chocolate?

— O tipo que gosta... — ele dá de ombros — Não sei... de frutas?

— Você gosta de frutas? — eu grito, depois olho ao redor para encontrar Jessica e seu grupo observando nossa conversa. Mas assim que

eu olho para eles, todos se viram.

— Isso está piorando a cada minuto, não é?

— Duh. Como você pode gostar de fruta e não de chocolate? —
balanço a cabeça, franzindo a testa — Não consigo entender isso. Isso não é normal.

Rindo, ele dá de ombros

— Talvez nada em mim seja normal, Pixie.

Pixie? Ele acabou de errar meu nome?

— Meu nome não é Pixie — levanto as sobrancelhas para ele, me sentindo estranhamente decepcionada e irritada — É Evie.

— Evangeline Elizabeth Hart. Eu sei.

Oh Deus.

Ele não deveria ter dito meu nome naquela voz incrível dele. Agora, é só isso que estou ouvindo. Meu nome completo em sua voz quase adulta, me fazendo sentir como se *eu* fosse uma quase adulta. Como se eu pudesse sentir coisas — coisas grandes que só as pessoas mais velhas deveriam sentir.

— E-Então, por que você me chamou de Pixie?

— Porque esse é o meu apelido para você.

— Você não pode me dar apelidos. A gente nem se conhece.

Me lançando um sorriso torto, ele lambe o lábio inferior e se inclina para mais perto de mim. O cheiro caloroso de maçãs formiga meu nariz e estou congelada como uma estátua.

— Talvez se você ficar um pouco mais quando eu estiver por perto ao invés de fugir, a gente possa *se conhecer*.

Eu pisco. E aí eu pisco de novo. Percebo que quero dizer sim tão fortemente que não consigo dizer nada. Estou sem palavras. Sem voz, perplexa, com a língua presa e muda. Além disso, sinto que o sol está me assando, mesmo estando sentada dentro do ônibus.

Rindo, ele esfrega a parte de trás de seu pescoço, deslizando para trás e sentado apoiado contra a janela. Eu me mexo também. Abro a embalagem prateada do meu Toblerone e coloco um pedaço quase melado e derretido na boca. Enquanto mastigo, olho para Abel e o encontro olhando para mim.

Eu engulo o chocolate meio mastigado.

— Você me olha muito.

Ele fica em silêncio por alguns segundos antes de sussurrar:

— Você quer que eu pare?

— Não — digo, sinceramente.

Ele me joga meio sorriso.

— Então eu não vou.

Respiro pela boca enquanto minha pele explode em arrepios.

— Eu não posso ser sua amiga.

Ele apoia a cabeça contra a janela de vidro.

— Eu sei.

Meus olhos parecem pesados, sonolentos, quase, mas não de verdade. Eu os baixo e olho para suas mãos em seu colo. A luz do sol está cortando seus dedos longos e pulsos fortes. Há manchas ao redor da almofada de seu polegar. Manchas pretas. São do lápis que ele colocou dentro do bloco de desenho?

— Não vão deixar — confesso.

— Eu sei.

Eu olho para cima, sentindo todo tipo de inquietação. Preciso que ele entenda. Não sou uma pessoa ruim. Não estou fazendo isso para ser maldosa.

— Mas eu quero ser.

Abel está me observando de uma nova maneira. Nunca fui observada assim. Como se ele mexesse os olhos, eu desapareceria e ele nunca mais me veria. Seu olhar me bate no estômago e borboletas explodem em meu corpo. Eu posso ouvi-las batendo as asas. Aposto que ele também pode ouvi-las.

— Mas você sempre segue as regras — comenta.

Eu assinto, mas tenho uma vontade estranha de balançar a cabeça e dizer *não, eu não*.

— As regras são importantes. Elas mantêm a paz.

O hematoma na minha cintura explode, me fazendo querer coçar. Mas sei que não deveria. Não vai ser bonito se eu fizer isso. Vai coçar mais e pode começar a sangrar como daquela vez.

— Paz. Entendi — sua mandíbula está apertada.

Eu agarro meu vestido.

— Sinto muito.

Seu sorriso não está como um sorriso deveria. É frio como o inverno. Está tudo errado na cara dele.

— Não importa.

Importa para mim.

— É nossa parada — diz ele, desviando o olhar e enfiando o caderno de desenho na mochila.

Ele tem razão. O ônibus não está mais se movendo e pela janela vejo quilômetros e quilômetros de campos e duas casas: uma branca e cuidada e a outra caindo aos pedaços e desgastada.

Vou colocar o chocolate restante na mochila quando paro e me dirijo a ele:

— Eu sei que você odeia chocolate m-mas você pode levar esse? — ele franze a testa para mim e eu explico: — Uh, você não... você não precisa comer. Quer dizer, você pode só deixar no seu quarto ou na geladeira. Sabe, para evitar que derreta? Assim você pode...

Ele enrola a mão na minha, me fazendo quase suspirar com o calor. Tenho certeza de que o chocolate vai derreter e escorrer entre as nossas mãos unidas, a pele dele é tão quente.

— Eu posso o quê?

Não quero dizer, mas ele está me olhando com tanta curiosidade.

— Você pode pensar em mim quando olhar para ele.

Oh Deus. Eu quero morrer. Talvez haja uma chance de ele não ter ouvido porque eu disse super baixo e ele não tirou o chocolate da minha mão. Tento puxar a mão, sentindo o chocolate grudado deslizar entre meus dedos. Vou precisar de um lenço de papel para limpar isso antes que a mamãe descubra.

Ele aperta por um segundo, antes de me soltar. Minha oferta ainda está no meio da palma da minha mão.

— Não preciso de um chocolate para pensar em você.



Meu rosto está apoiado em minha mão enquanto ouço o Padre Knight falar sobre a importância de ouvir nossos pais no Estudo da Bíblia.

— A obediência é como você mostra a Deus que O ama — diz ele em sua voz alta e confiante — Você o respeita. Que você reconhece que Ele é o criador de todas as coisas e é por isso... — o padre Knight sorri — Ele tem autoridade sobre todas as coisas. Os filhos de Deus são os cumpridores. Eles são os crentes. Como você pode implementar isso no seu dia a dia? Obedecendo seus pais. Ouvindo seus pais. Porque os pais são a face de Deus. Entenderam? Ouça o que sua mãe diz. Se ela disser para comer todo o jantar, coma. Ela sabe o que é melhor. Se seu pai diz para fazer sua lição

de casa antes de jogar videogame, você faz exatamente o que ele te diz, ok?

Ele sorri e todos sorriem de volta.

Eu geralmente sou um dos sorridentes. Mas esta noite meus lábios parecem pesados demais para curvar. Não sei se ainda gosto dessa lição. Já ouvi isso inúmeras vezes. Os filhos de Deus obedecem aos pais.

Eu obedeco aos meus pais. Eu sigo as regras.

Mas todas as noites, eu agarro as grades da minha janela e olho para a casa com a árvore sem folhas e a varanda caindo. Todas as noites penso no menino que mora lá. O menino que nem é meu amigo. Às vezes me sinto tão mal que tenho vontade de chorar, o que é estúpido; eu nem o conheço.

Abel Adams não é meu amigo e nunca será.

Se eu precisava de um lembrete disso, consegui no dia seguinte que tive aquela conversa com ele no ônibus. Minha mãe e sua amiga Mrs. Weatherby o abordaram enquanto ele estava saindo da loja onde eu pego todos os meus suprimentos para a escola. Minha mãe franzia a testa, ainda mais do que de costume, seu coque de cabelos escuros, fazendo com que ela parecesse severa. Sem contar que Abel também franzia a testa.

Deus, eu odiei ficar ao lado do nosso carro e vendo isso acontecer.

Alguém no ônibus contou aos pais e os pais contaram à minha mãe que conversei com ele. Ela ficou furiosa. Nem a deixar mostrar sua raiva foi eficaz. Ela beliscou e sacudiu e puxou meu cabelo. Ela gritava várias e várias vezes que *não* era para eu me associar a ele. Os hematomas daquela noite foram alguns dos piores.

Eu tinha certeza de que ela estava falando algo desagradável para o Abel. Eu odiava, *detestava* aquilo. Ele nem fez nada; nem foi culpa dele. Fui eu que sentei com ele. *Eu*. Ele nem me convidou. Foi tão injusto. Quando ele saiu e passou por mim, eu implorei e implorei em minha mente para que ele olhasse para mim para que eu pudesse me desculpar, mas ele não fez, embora eu pudesse ver as linhas duras de raiva em seu rosto.

Não o vi desde então. Nem na escola, nem na cidade, nem mesmo na igreja. Minha mãe me proibiu de andar de ônibus. Ela é quem me leva para ir e voltar da escola todos os dias, antes de ir fazer coisas importantes da igreja.

Quando o Estudo Bíblico acaba, Sky e eu saímos da igreja. Ela sabe que algo está acontecendo comigo. Eu disse a ela que é a mamãe.

— Um dia desses, vou colocar sua mãe no lugar dela, juro — resmungo. Eu a amo por se importar tanto comigo.

Voltei com a minha mãe. Em casa, ela declara que estou muito inquieta e agitada, então me deixa ir para a casa da árvore depois do jantar.

Obrigada, Deus. Não vou à casa da árvore há dias. Mamãe me manteve muito ocupada em casa ou na igreja com o próximo churrasco do bairro.

— Mas volte daqui a uma hora. Ou não tem mais casa na árvore nas próximas duas semanas.

Prometo e saio de casa ao ar livre. Enquanto corro pelo caminho de terra, peço a Deus para vê-lo. Talvez ele esteja na floresta como naquela vez. Prometo que vou correr em direção a ele, em vez de correr dele.

Talvez se você ficar um pouco mais quando eu estiver por perto ao invés de fugir, a gente possa se conhecer.

Na escada da casa da árvore, olho em volta, mas não há nenhum sinal dele. É tudo silencioso e quieto, do jeito que costuma ser. A decepção é tão grossa e pesada que me derruba os ombros.

Subo e chego ao piso da casa e, enquanto estou me erguendo, vejo uma forma escura apoiada na parede. Meu grito já está fora da minha boca quando percebo que sei quem é.

É o Abel.

Ele está aqui. Dentro da minha casa na árvore amarela ensolarada.

— Porra, Jesus — Abel xinga e tira seus fones de ouvido brancos no meu grito — Você me assustou.

Olho para ele de onde estou agachada na entrada. Ele está aqui. *Aqui.* Como ele está aqui? Ele parece enorme dentro do meu lugar favorito no mundo. Um gigante. Suas pernas são longas e ele quase toca a parede oposta com seu tênis branco sujo.

— Pixie? — Ele franze a testa para mim com um sorriso curioso — Você vai entrar?

Meus lábios se separam quando perco o fôlego com a menção de seu apelido para mim. Uma explosão de energia me faz pular para dentro e me jogar nele, abraçando-o com força. Enterro meu nariz em sua garganta, sentindo cheiro de maçãs. Deus, eu nunca me senti tão animada por *cheirar maçãs*. E nossa, a camiseta dele. Mesmo sendo preta, é a coisa mais suave que já toquei.

— Você não está brava por eu ter entrado na sua casa na árvore? — pergunta, com um sorriso na voz.

Não sei por que, mas congelo com as suas palavras. Pode ser porque, de repente, eu percebo o braço dele ao meu redor.

Claro, bobinha.

Isso é um abraço. Claro que seus braços estariam ao meu redor. Só que eu fico meio chocada comigo mesma por abraçar um cara, abraçar *ele*. Foi puramente instintivo. Algo que eu não pensei.

Meu Deus.

Estou abraçando o Abel Adams. Isso não pode acontecer, tipo, de jeito nenhum.

Pulo do abraço dele, horrorizada. Abel está me olhando com as sobranceiras franzidas enquanto eu deslizo para trás e apoio minha coluna contra a parede oposta. Mas sua careta se desfaz, e ele sabe por que eu fiz isso.

Observamos um ao outro por alguns segundos silenciosos. Tenho tantas coisas para dizer, pedir desculpa pelo comportamento da minha mãe e perguntar por que é que ele não estava na igreja ou porque é que não o via há tantos dias. Mas eu fico quieta. Minhas palavras não estão cooperando neste momento.

— Eu sei que isso é contra suas regras — sussurra, por fim — Mas eu não podia...

— Não podia o quê? — pergunto, combinando com seu sussurro.

Ele engole, seu pomo de Adão balançando. Percebo que as veias do pescoço dele são grossas e verdes, e estão muito tensas. Em contraste com isso, seus olhos castanhos estão líquidos

— Eu não podia *deixar* de te ver.

Eu fungo.

— Sinto muito pelo que minha mãe disse para você outro dia na cidade. Ela é... — balanço a cabeça, levantando os joelhos e apoiando o queixo neles, mexendo os dedos dos pés. — Ela não é muito legal. Com ninguém, na verdade.

Nisso, sua careta retorna e fica muito feroz, francamente assustadora, ou algo que deveria me assustar. Mas não tenho medo dele. Acho que nunca vou ter medo dele.

— Nem com você? — seus olhos deslizam sobre meu rosto como se ele estivesse procurando uma cicatriz ou um sinal ou algo assim.

Os hematomas na cintura e na coxa pinicam mais do que o normal.

Não vou chorar. Não vou chorar.

— Estou acostumada — sussurro, fungando e balançando a cabeça.

Ele não acredita em mim.

— Pixie, se ela...

Eu o cortei e perguntei:

— O que ela disse para você? Tipo, o que exatamente ela disse para você?

Ele não diz nada por um momento, simplesmente estuda meu rosto. Faço uma expressão doce. Doce e inocente, como se eu não tivesse nenhuma preocupação no mundo, como se meus hematomas não estivessem latejando. Mas não quero falar sobre isso quando podemos falar sobre tantas outras coisas.

Suspirando, ele apoia a cabeça na parede.

— Nada que as pessoas não tenham dito desde que cheguei aqui.

Ah. David e Delilah.

— Você está pensando nisso, não é? — seu rosto está resignado, um pouco magoado e um pouco irritado.

Balanço a cabeça, imediatamente.

— Não.

Ele solta uma pequena gargalhada.

— Porra, Pixie, você mente mal para caralho.

Algo acontece comigo quando ele diz esse nome. Algo caloroso, animado e inquieto.

— Eu, uh, já pensei nisso. Sobre eles — seu rosto fica duro e eu me apresso para explicar: — Quer dizer, tipo, eu não penso o que os outros pensam ou o que minha mãe pensa. Nunca pensei que fossem maus nem nada.

— É? Você não acha que eles eram loucos? Você não acha estranho e nojento para caralho que eles se apaixonaram quando, para todos os efeitos, eles eram irmão e irmã?

Ele cospe as palavras como se fossem veneno. E talvez elas sejam porque não é... certo ou natural que os irmãos se apaixonem um pelo outro e façam um bebê.

Bebê monstro.

Abel Adams está longe de ser um monstro, no entanto. Ele é tranquilo e me faz sentir um quentinho e ele é... fofo. Tipo, muito, muito fofo, com seu sorriso desleixado e cabelo bagunçado, e até mesmo suas camisetas pretas. E ele é tão alto. Nossa, eu nunca pensei que ia gostar de gente alta... ou de um garoto. Nunca pensei que me sentiria por um cara do jeito que me sinto por ele. É estranho, emocionante e inexplicável.

Mas voltando à sua pergunta, respondo, escolhendo cuidadosamente minhas palavras:

— Não é o ideal. Mas talvez eles tivessem um motivo.

— Eles tinham um motivo, tudo bem.

— Qual era? — lancei sem pensar.

Deus, eu preciso *pensar*. Ele está derretendo todo o meu cérebro. Antes que ele possa ficar bravo com isso, eu digo:

— Está tudo bem. Você não precisa me dizer. Na verdade, você não precisa dizer nada. Sinto muito.

Estou olhando para os dedos dos pés, tentando controlar meu constrangimento, quando ele diz:

— Eles estavam solitários, eu acho. Ouvi uma vez, eles falando sobre esta cidade, e insisti para que eles me explicassem. Minha mãe não quis,

mas meu pai finalmente disse. Ele explicou como as coisas estavam ruins para eles em casa. Eles só tinham um ao outro. Como o pai deles, meu avô, era abusivo. Ele... — ele balança a cabeça, fazendo caretas, com o rosto prestes a desmoronar — Ele era um bêbado. Ele batia neles, os deixava com fome, eu acho. Não sei todos os detalhes sórdidos, mas juntei peças. Eles não tiveram escolha a não ser contar um com o outro. Meu pai disse que minha mãe era a única cor na vida sombria dele naquela época. Eu falei que aquela merda era besteira. Falei isso por muito tempo. Eu os odiava, não suportava vê-los. Demorei muito tempo para aceitar que meus pais não eram normais ou o que quer que fosse — ele olha para cima, com os olhos vermelhos, a mandíbula trêmula — Mas eles são meus pais e eu os amo. E agora eles se foram e eu fico lembrando sobre o que meu pai disse sobre a minha mãe.

Mas Abel não cede. Ele não deixa suas lágrimas caírem como eu estou deixando as minhas. Ele é forte. Tão forte, e sua história é verdadeira. Não como as outras histórias e fofocas sobre eles que ouvi ao longo dos anos. Cidadão íntegro, meu pé. Eu posso sentir isso. Meus próprios hematomas me dizem que é verdade.

Isso me afeta muito. Seu choro-sem-choro me afeta tanto que abandono todo o certo e errado, e me arrasto até ele. Desta vez meu abraço foi bem pensado. Estou fazendo isso com todos os meus sentidos. Enrolo meus braços em torno de seu corpo alto e grande e pressiono minha orelha em seu peito.

— Ei — ele sussurra, enxugando as lágrimas do meu rosto — Eu não falei isso para fazer você chorar.

Devo estar uma bagunça, olhos escorrendo e nariz escorrendo, tudo vermelho e manchado. Isso não pode ser uma visão bonita para Abel. Mas ele continua enxugando minhas lágrimas e me acalmando.

Como *não* ser amiga dele? Como não quebrar as regras por esse menino? Ele não é nada parecido com o que as pessoas pensam que ele é, e isso me faz chorar ainda mais.

Abel me abraça em seu peito e eu molho toda a camiseta dele. Ele me balança, murmurando palavras doces e suaves.

— Pare de chorar, ok, Pixie? Volte a falar comigo sobre chocolate e frutas e como você não tem medo de mim, mesmo que eu morda.

Minha risada vira um soluço.

— Os chocolates são muito melhores do que as frutas. Todo mundo sabe disso. E eu sei que você não morde.

Seu peito vibra com sua risada.

— É, isso é muito melhor.

— Eu... — eu soluço e olho para ele — Posso... ser sua amiga?

Ele está surpreso; eu posso ver isso no rosto dele, sentir nos dedos que se contraem no meu cabelo e nas minhas costas

— Você quer quebrar suas regras. Por mim? O monstro da cidade?

Agarro a camisa dele; de alguma forma, minhas mãos encontram o colar de prata e o seguram com o tecido.

— Você *não* é um monstro.

Ele cobre minhas bochechas em suas grandes palmas, quase as engolindo.

— Não é isso que eles pensam.

Eu rosno:

— Eles são estúpidos. Todos eles são estúpidos, ok? E eu os odeio. Os lábios de Abel se contorcem em um sorriso.

— Me lembre de nunca mexer com você.

— Duh, eu sou perigosa.

Balançando a cabeça, ele ri. Então seus olhos ficam escuros e ainda mais líquidos enquanto ele passa o polegar sobre a maçã das minhas bochechas, fazendo cócegas na minha pele.

— Não vai ser fácil, Pixie. Eles vão dificultar muito para nós.

Meu coração está batendo muito rápido e as borboletas estão batendo as asas dentro da minha barriga. Nunca me senti tão animada e assustada em toda a minha vida.

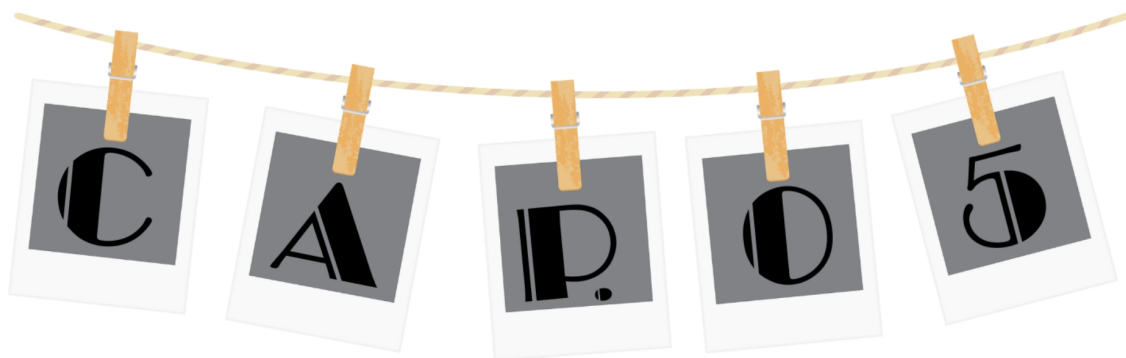
— Não importa. Meu pai diz que todas as coisas boas da vida são difíceis.

— Eu me pergunto o que ele vai dizer sobre isso.

— Talvez um dia possamos dizer a ele. Ele é muito mais legal que a minha mãe. E aí? Posso ser sua amiga?

Seu sorriso faz meu coração bater mais forte. É torto e já posso dizer que é o sorriso característico dele. Ele pressiona nossas testas juntas, nossos narizes quase esbarrando um no outro.

— Sim, porra.



Eu e o Abel somos amigos há cerca de doze meses.

Ele disse que não seria fácil e que eles dificultariam para nós. Dificultam, de certa forma. Não posso falar com ele onde as pessoas podem nos ver. Tipo na escola. Eu o vejo do lado de fora do prédio no almoço, mas não posso ir dizer *oi* para ele.

Ele é facilmente o cara mais alto das duas escolas juntas. Ele sempre se destaca e, na maioria das vezes, está sozinho. Tem algumas pessoas que conversam com ele e às vezes ficam junto durante o almoço, mas, na maior parte das vezes, ele está sozinho. Normalmente, os idiotas falam dele, mas nunca *para* ele. Algumas das gangues populares passam por ele, dando olhares, sendo rudes, e eu quero pular a cerca e socá-los. Nunca percebi que era tão sanguinária quanto Sky até conhecer o Abel.

Mas Abel não se importa. Seus olhos estão sempre em mim. Não importa onde estamos, na igreja, na escola ou na rua. Se eu estou perto, ele está olhando para mim. O fenômeno estranho que acontece quando estamos perto um do outro só cresceu. É como se nossos sentidos estivessem fundidos.

Bem, mesmo sem o fenômeno estranho, seria difícil desviar o olhar dele. Parece que a cada dia ele cresce mais alguns centímetros, para cima e para os lados. Seus olhos ficam mais ricos e mais vivos, e seus sorrisos tortos só servem para enlouquecer as borboletas do meu estômago. Ultimamente, tenho me encontrado estudando o formato de seus lábios. Como eles se esticam quando ele sorri e como eles circulam e se enrolam em torno das palavras. É realmente constrangedor o jeito que eu sou fascinada pela boca dele. Eu sou uma esquisita certificada.

Eu deveria *não* ficar olhando para os lábios do meu amigo assim, né? Não se pensa constantemente no amigo como eu penso. Eu definitivamente não penso tanto assim na Sky.

Mas algo torna Abel Adams diferente. Talvez seja como ele fica *me* olhando a distância. Ninguém existe para ele além de mim.

— Você viu Josh Anderson? Deus, eu o odeio tanto. Ele foi tão rude com você. Tipo, sério? Se você esbarra em alguém, para e pede desculpas. Cadê a educação? — eu resmungo um dia, me referindo a um dos malvados.

— Quem caralhos é Josh Anderson?

— O cara que deliberadamente te empurrou. Hoje? De manhã? Na escola. — quando o Abel ainda me dá um olhar confuso, eu bato no bíceps dele. — Você não se lembra, não é?

Sorrindo, ele balança a cabeça.

— Como você pode não se lembrar?

— Porque eu estava olhando para você — ele diz isso de forma tão simples, como se não me fizesse hiperventilar ou corar.

Eu limpo minha garganta.

— Então talvez você devesse parar de ficar olhando para mim e prestar mais atenção no mundo ao seu redor.

— É. Não acho que isso vai rolar.

— Por que não?

— Você tem esse tipo de rosto.

— Que tipo de rosto?

— O tipo que é difícil de desviar o olhar.

Certo. Começou a hiperventilação.

Então, sim, Abel não é nada parecido com a Sky. Ele está em uma categoria totalmente diferente.

Mesmo que minha mãe me busque todos os dias na escola e ela tenha espiões por toda parte, encontramos maneiras de ser criativos. Nos sentamos distantes no almoço, eu do meu lado da cerca, com Sky e um monte de outras garotas, e ele do outro lado, encostado em uma árvore, mordendo sua fruta favorita, uma maçã. Ainda assim, fingimos estar comendo juntos. Ou faço questão de esperar ele chegar na escola, no início do dia. Olhamos um para o outro do outro lado do caminho de terra e às vezes a sorte está do nosso lado e há apenas algumas pessoas por perto, e eu dou um pequeno aceno e um sorriso. Seu sorriso torto faz meu coração disparar. Eu até fiz uma torta de maçã para ele no seu décimo quinto aniversário. Peguei a receita da minha mãe e tudo, dizendo que eu queria aprender a assar. Ela ficou superfeliz.

Vitória de Abel e Evie!

Não nos vemos muito durante o dia, mas depois da escola, o vejo quase todas as tardes na minha casa na árvore. Graças a Deus, mamãe odeia entrar na mata, então minha casa na árvore é uma área segura. Na verdade, fazemos o dever de casa juntos. Bem, eu faço o meu; Abel desenha.

Um dia descobri que quase todos os desenhos em seu caderno são de mim.

Por um minuto inteiro, eu não me mexo. Eu consigo sentir meu coração batendo e aquelas borboletas malditas se alvoroçando dentro do meu corpo. Eu consigo sentir a correria do meu próprio sangue arrepiando minha pele, correndo ao longo de minhas veias.

— Essa sou eu — sussurro estupidamente depois de um tempo.

— Eu te disse, você tem um desses rostos.

Nossas cabeças estão curvadas sobre seu caderno de rascunho, e juntos vemos cada desenho que ele fez de mim. De mim. Evie Hart. Quer dizer, ninguém nunca me deu muita atenção. Claro que não sou negligenciada, mas também não sou a musa de ninguém. Eu gostaria de poder pensar em sinônimos para isso, mas meu cérebro está derretido.

Deus, ele é tão talentoso. Um artista.

Na maioria dos desenhos, meu cabelo voa ao vento, meus vestidos têm flores bonitas, minhas panturrilhas estão manchadas de lama e estou descalça. Em alguns, estou cercada por campos de milho e, em outros, estou na escola debruçada sobre um livro, ou dentro da casa da árvore, escrevendo em meu diário.

O Abel me conta que para o dos milharais ele se inspirou na primeira vez que me viu. Eu estava nos campos, toda livre e bem-Pixie, com cabelos amarelos voadores.

— Sua pele estava vermelha como maçãs — ele diz e, em seguida, dá uma mordida na maçã em suas mãos, acabando todo o ar e me fazendo engasgar com minhas borboletas.

No meu décimo terceiro aniversário, ele me dá um desenho de mim mesma. Mas o verdadeiro amor dele não é desenhar, não. O verdadeiro amor de Abel Adams é a fotografia. Ele tem centenas de fotos em seu telefone. Ele sempre carrega sua câmera com ele onde quer que vá. Ele tem fotos dos campos, do terreno, da escola, da igreja e de tantos outros lugares que eu nunca visitei, mesmo morando aqui desde sempre.

Eu digo que ele é o fotógrafo mais incrível e está destinado a ser o maior artista de todos os tempos. Mas tudo o que ele faz é rir, infelizmente.

— Acho que me faz sentir invisível. Estar atrás das lentes. Me faz sentir que ninguém consegue me ver. Ninguém pode saber de onde eu vim, como eu vim. Quem eram meus pais e o que eles eram um para o outro — ele balança a cabeça, os olhos quase à beira de vazar, mas,,, de alguma forma, segura a água. — É estúpido.

Eu o abraço. Firmemente. Para que eu possa absorver toda a dor dele. Então eu posso fazê-lo ver o que eu vejo. Um artista e um menino forte.

— Mas Abel, você para o tempo.

— O quê?

Outro dia choveu uma tonelada. O caminho de terra que levava até a floresta parecia um córrego de lama. Nunca fui fã de chuva; gosto mais do sol. Quando acabou, porém, o mundo estava muito mais brilhante. O verde, o marrom, o azul. Eu queria que ficasse assim para sempre — sem a chuva, é claro. E ficou. Porque o Abel capturou tudo através da sua câmara.

— Olha... — eu o puxo para que ele possa ver o que eu vejo — Você para o tempo. Eu acho que você não pode ser invisível. Você é talentoso demais para isso. É como se você congelasse o mundo neste momento e vai ficar assim para todo o sempre.

Sinto ele sorrir, sua bochecha extremamente próxima da minha.

— Sempre e sempre, hein?

Eu concordo com entusiasmo, olhando para a foto, embora eu queira olhar para ele. Quero olhar esses lábios malditos novamente.

Por que continuo pensando neles?

Mas ele está tão perto. Não sei se aguento olhar para ele.

— Talvez eu pare o tempo agora — ele sussurra, sua respiração quente soprando em minha pele e despertando arrepios.

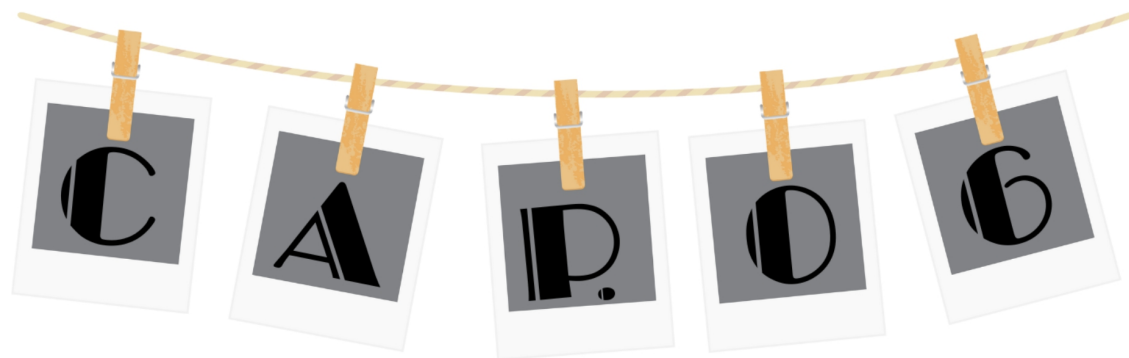
— Por que agora? — eu sussurro de volta, como se estivéssemos na igreja e não pudéssemos falar mais alto do que isso, o que é estúpido porque estamos na casa da árvore.

— Aí você nunca vai me abandonar.

Não digo muito depois disso porque estou inquieta e corando. No entanto, eu percebo algo. Algo bem épico.

Abel Adams é um deus.

Porque só os deuses podem parar o tempo e congelar momentos, se quiserem. Só os deuses podem fazer o que ele faz com uma câmera.



Hoje é um dia triste. Vou abandonar o Abel.

Por um mês inteiro.

Minha nana, mãe da minha mãe, está doente e mamãe quer ir vê-la enquanto a escola ainda está no recesso de verão. Se é para ser sincera, odeio ver minha nana. Ela é como minha mãe, só que pior. Toda vez que a visitamos, ela me fala todas as coisas que têm de errado comigo. Meu cabelo selvagem e indisciplinado; minhas pernas inquietas; meu gosto pelas cores rosa, amarelo e vermelho; meu amor pelo ar livre.

Basicamente, eu sou uma herege e meus pais — minha mãe especialmente — são super azarados de terem uma filha que é tudo menos uma dama. Talvez seja daí que minha mãe tirou todas as suas ideias sobre hereges, demônios e monstros. Da própria mãe. Por mais que eu tente me comportar e ser uma boa menina, nada faz minha nana gostar de mim.

Esse ano nem vou tentar. Estou amargurada demais. Não poderei ver o menino ao lado por um mês inteiro, quando o vi quase todos os dias no ano passado.

Meus passos não estão entusiasmados enquanto subo para a casa da árvore para nosso último fim de tarde juntos por um tempo.

Ele já está lá quando eu subo, desenhando no caderno dele, e eu me acomodo ao lado dele. Estou tão letárgica e deprimida que tudo o que quero fazer é colocar minha cabeça em seu ombro, aninhar meu nariz em sua garganta e brincar com sua cruz de prata. Quero que ele descanse a bochecha no meu cabelo e encaixe os braços na minha cintura.

Ele me faz sentir segura e quentinha. Seu corpo é tão sólido, duro e firme que eu sei que nada pode me tocar enquanto eu estou tocando nele.

Embora eu não saiba exatamente quando começamos a sentar assim — talvez tenha sido na época do Natal, quando o ar costumava ser tão frio que eu precisava de suas blusas macias e peito quente — mas é assim que nos sentamos agora. Muitas vezes me perguntei se amigos se sentam assim. Se amigos falam sussurrando como nós. Outras vezes penso que tudo é tão natural para nós que eu nem deveria me questionar.

Porém, antes que eu possa me aproximar dele, ele pega algo de sua mochila. É um celular. Um pequeno telefone flip que as pessoas usavam anos atrás.

— Não tenho permissão para ter um celular até estar no ensino médio — digo, olhando para ele como se nunca tivesse visto um celular antes. Mas é verdade. Eu não posso ter nenhum aparelho eletrônico até ter quatorze anos e estar no ensino médio. Eu uso o computador do meu pai para fazer a lição de casa, ou faço no estilo antigo: biblioteca.

— Eu sei. — ele começa a apertar botões — Olha, por isso que eu comprei um pequeno, para você conseguir esconder facilmente. Mantenha com você o tempo todo, entendeu? Você não quer que as pessoas acabem acidentalmente o encontrando em algum lugar. E eu já coloquei meu número nele, ok?

— Você quer que eu leve comigo para a casa da minha nana?

Pergunta idiota. Eu sei. Mas não consigo me fazer perguntar as certas. Estou ansiosa demais, enquanto há poucos segundos estava cansada demais para sequer querer respirar.

— Sim — ele diz cautelosamente.

— Por quê?

— Por que você acha? — sua voz é afiada e seus traços ainda mais. Eu engoli.

— E-Eu não...

Seu suspiro é frustrado. Balançando a cabeça, ele joga o celular dentro da mochila.

— Esquece.

Coloquei a mão no ombro dele, meus dedos traçando a maciez da camiseta dele, os músculos firmes. Por alguma razão, quero tocar esses músculos sem o tecido. Isso me deixa desorientada, então eu tiro minha mão e a enrolo no meu colo.

— Abel, não fique bravo. Por favor? — eu sussurro pedindo desculpas — Eu vou embora amanhã. Não quero brigar.

Ele resmunga enquanto fecha sua bolsa, quase rasgando ela no processo.

— Olha, foi idiotice. Pensei que poderíamos manter contato enquanto você estivesse lá. Falar ou mandar mensagem, ou algo assim. Achei que ia facilitar as coisas. Que seria suportável. Mas acho que é meio demais.

Eu me ajoelho até os joelhos e seguro o rosto dele; estou morrendo de vontade de fazer isso. Sua mandíbula está pulsando enquanto ele olha para mim.

— Tornar o que suportável?

— Você não sabe?

Seu pomo de Adão vibra com suas palavras, assim como meu coração.

— Me diz.

Abel aperta meu pulso com força. Esfrego o polegar em sua bochecha, tentando relaxar sua expressão. Está tão feroz e tensa.

— Desde que você me disse que ia ficar fora pela porra de um mês inteiro, eu não consegui dormir. Porque eu sinto que se eu fechar os olhos, você vai ter ido embora. Eu não quero perder um único momento de você ainda estando na casa ao lado, então como a merda de um pervertido, eu fico olhando para sua janela escura, imaginando você dormindo na sua cama, pedindo a Deus que... — seu polegar roça o pulso cintilante em meu pulso — Que, de alguma forma, minha Pixie esteja sonhando comigo.

Minha Pixie. Ele disse... minha Pixie. Eu sou dele, não é?

Meu pulso acelera. Aposto que ele pode sentir em seu polegar, saindo da minha pele, tentando se libertar a cada salto que dá.

Quando olho para ele e sua expressão intensa, percebo que este é o big bang. É assim que meninos com cabelos dourados e expressões

raivosas entram na sua vida. É assim que as estrelas colidem e os mundos são feitos. É assim que todas as histórias de amor começam.

Essa é a nossa?

— N-Não somos só amigos, não é?

Ele balança a cabeça.

— Não.

Todo o último ano passa em flashes diante dos meus olhos. O jeito que eu queria falar com ele, ser amiga dele contra todas as regras. Como eu o abracei sem pensar, apenas por instinto, quando o vi aqui na casa da árvore. Seus comentários brincalhões me fazendo corar. Como ele passa horas fazendo desenhos de mim. O fato de que tudo o que eu faço é pensar nele. Como somos atraídos um para o outro.

— Isso significa que você é meu... namorado?

Mesmo que seus olhos estejam ardendo, seus lábios se contraem.

— Você entendeu, hein?

Eu franzi a testa, de repente me sentindo estúpida.

— Bem, você nunca me pediu para ser sua namorada. Os namorados devem pedir as namoradas.

— É?

— Sim. — eu fungo, tentando me afastar, mas ele me segura mais forte — Me solta.

— Nunca — ele diz como se fosse uma promessa. Eu não deveria me sentir toda derretida e formigada, mas eu sinto: — Você quer ser minha namorada, Pixie?

Ele está olhando fundo nos meus olhos e isso está fazendo algo comigo, além de me fazer sentir toda relaxada por dentro.

— Não — sussurro, tentando evitar que meu sorriso apareça.

Rindo, ele abaixa a cabeça. Meus dedos afundam em seu cabelo e eu arrepio com o quão macio ele é. Tudo dourado e macio e suave. Quero esfregá-lo no rosto e até nos lábios. Isso me dá uma pausa. Mas meu coração não para. Está galopando com o pensamento de colocar meus lábios em qualquer lugar perto de Abel Adams.

Ele levanta os olhos e eu esqueço tudo sobre seu cabelo incrível. Eles são tão marrons e brilhantes e seus cílios são os cílios mais bonitos que eu já vi.

— Você vai me fazer implorar, não vai?

— Talvez — mordendo meu lábio, dou de ombros e o marrom em seu olhar brilha. Brilha, cintila, arde.

— O que eu posso fazer para te fazer mudar de ideia?

Eu finjo pensar nisso.

— Chocolates. Compre toneladas de chocolates.

— Feito.

— E um monte de flores.

— Tudo bem.

Dou risada, mas depois levanto as sobrancelhas, tentando parecer altiva e severa.

— Bem, então volte mais tarde e me pergunte novamente.

Abel ri. — Então é assim, hein?

— Uh-huh.

Ele se endireita, para que estejamos na mesma altura, mesmo com ele sentado e eu de joelhos.

— Que tal eu te convencer de outra forma, aqui mesmo, agora?

Meus olhos vão para seus lábios novamente. Imediatamente, automaticamente, como se algo dentro de mim já soubesse o que ele queria dizer. Como se eu já carregasse esse conhecimento em algum lugar profundo. Meus formigamentos aumentam, quase tirando meu fôlego.

— Não, eu só quero chocolates — minto.

— E flores, né?

— Sim. E aí, hum... — eu me afasto dele, minhas mãos nervosamente agarrando meu vestido — Você volta mais tarde.

— É, isso não vai funcionar para mim — ele desenrola minhas mãos e entrelaça nossos dedos. — Que tal você concordar em ser minha namorada agora e selarmos com um beijo e eu te trago todas as coisas que você tão docemente exigiu na próxima vez que eu estiver aqui?

Ok, então... Não ouvi mais nada a não ser selar com um beijo. E, claro, meu coração gritando *sim, sim, sim*.

— Você quer me beijar?

— Para caralho. Desde que te vi.

— Mas isso foi há um ano.

— Eu sei.

Meus olhos e minha boca arregalam. Ele está pensando em me beijar há doze meses. Todas essas coisas eu tenho pensado enquanto olhava para seus lábios e analisava como seu lábio inferior parece mais macio do que seu lábio superior, e como ele também é mais grosso e vermelho... Ele tem pensado nessas coisas também?

Bem, duh. O que mais seu olhar significaria, certo? Não sei por que estou tão chocada. Eu deveria saber.

Seus olhos caem em meus lábios e ele sussurra:

— Posso te beijar, Pixie?

Ainda bem que ele está segurando minha mão e nossas palmas estão conectadas porque eu teria caído no chão com esse tom. Sua voz é

rouca e grossa. Fico pensando que um dia vou me acostumar com o quão diferente é a voz dele, mas até agora isso não aconteceu.

Eu queria isso há tanto tempo, mas agora estou nervosa. Devo apertar meus lábios no dele ou tipo, morder como faço com chocolate? Parece tão fácil na TV.

— Só um beijo — sussurro, imaginando que seja um bom jeito de começar. Se eu beijar mal, ele não vai saber e eu posso aprender com isso também.

— Você quer que me matar, não é?

— Não, eu...

Ele olha para cima.

— Tá bom. Só um.

— P-Promete?

— Sim.

Ele assente e eu sinto seu cabelo fazendo cócegas na minha testa, me lembrando o quão perto estamos. Nunca estive tão perto de outro ser humano. Eu nem sabia que as pessoas poderiam chegar tão perto umas das outras.

— Ok — sussurro.

Oh Deus. Oh Deus. Abel Adams vai me beijar. Ele vai me beijar nos lábios.

Meu. *Deus.*

Sinto a respiração dele antes de sentir qualquer outra coisa. Nos meus lábios, como uma pena. Como uma *pena quente*. Ele roça a linha da minha boca e traça a forma dela, me fazendo sentir... querida. Como suas respirações tocando minha pele podem me fazer sentir assim? Mas fazem.

Então sinto o calor de seus lábios macios nos meus. Eu não esperava que fosse tão suave. Como um travesseiro ou uma nuvem. É um choque tão grande para o meu sistema que eu tenho que agarrar a mão dele ainda mais forte. Porque se eu não fizer isso, vou cair sob seus beijos suaves e frágeis. Delicados, macios, gostosinhos, mesmo que a última não seja tecnicamente uma palavra apropriada, eu vou usá-la.

Também vou mexer meus lábios. Acho que eles não conseguem ficar parados, mesmo que estejam nervosos e tremendo. Eu os varro sobre seu lábio inferior e quase perco o fôlego com o sabor doce. Acho que são todas as maçãs que ele consome diariamente.

Não consigo parar de prová-lo agora. Nosso beijo é lento, mas tão intenso que meu coração bate mais alto do que nunca.

Todas essas sensações nunca me prepararam para essa próxima. Aquela em que o Abel abre a boca e chupa meu lábio inferior. Está molhado. Deus, tão molhado. Mas também é afiado e me puxa e eu suspiro

com o quão estranho é. Estranho e um pouco doloroso. Não, na verdade, é muito doloroso, mas a dor não está vindo da minha boca. Está vindo dos hematomas na minha cintura.

Abel solta meu lábio com um estalo:

— Pixie? Porra, isso foi... foi demais?

Quando suas mãos foram para minha cintura?

Estou segurando a camisa dele para me equilibrar, mas ele mesmo está instável agora. Olhos selvagens e peito arfante. Ele com as mãos no meu vestido na altura da cintura, pressionando a carne macia. Ele solta quando eu me afasto dele, meus olhos lacrimejando.

— Eu — Caio de volta nos calcanhares e coloco os braços ao meu redor, massageando a área ferida, tentando acalmar a dor.

Os olhos de Abel estão ainda mais frenéticos do que antes.

— O que houve? Eu... Porra, eu te machuquei?

Não aguento a expressão agoniada dele.

— Não. Não... Não foi você.

Ele está no processo de passar os dedos por seus cabelos quando para e faz um punho antes de soltar os fios.

— Então quem foi?

— Ninguém — eu forço uma risada — Não é nada.

— Pixie — repreende.

— Abel — eu dou uma risada quebrada.

— Você mente mal pra caralho, você sabe disso, certo? — então algo lhe ocorre — Foi a porra da sua mãe?

É, ele não é fã da minha mãe.

Estou pronta para negar, mas ele sabe. Droga. Como ele sabe tudo?

— O que ela fez? — ele está tremendo.

Se eu não o conhecesse, estaria com medo dele agora. Um garoto alto que mal consegue caber dentro da minha casa na árvore, vibrando de raiva, suas feições afiadas e raivosas. Sei que não adianta mentir para ele. Poderia muito bem contar e mostrar a ele que não é nada grave.

— É uma coisa que minha mãe faz quando fica com raiva. Eu estava falando ao telefone com a Sky e nem vi que tinha passado muito tempo, e ela ficou brava e meio que me beliscou. Não é nada. Nem dói.

— É por isso que você está prestes a chorar? Por que não dói?

— Abel, não é nada. De verdade.

— Que vadia do caralho — seus punhos estão cerrados em suas coxas. — Eu vou...

Eu cubro suas mãos e o paro.

— Você não vai fazer nada. Me promete, ok?

— Não.

— Por favor. Eu não posso te perder — imploro — Me promete que você não vai fazer nada. Estou bem — eu sei que ele ainda está com raiva, então eu jogo a carta que ele não vai poder recusar — Você pode... Você pode me abraçar?

Ele solta uma respiração profunda, piscando. Ele faz um aceno de cabeça e essa é toda a permissão que eu preciso. Mergulho e me encaixo nas fendas de seu corpo enquanto ele envolve seus braços em torno do meu.

Ficamos assim por um tempo, até que sua raiva se esgote. Ele está me segurando com força como se nunca fosse largar, acariciando meu cabelo, circulando minhas costas, beijando minha testa. Deus, esse menino. Não é à toa que não consigo parar de pensar nele. Ele é incrível. O melhor garoto que eu já conheci.

Estamos relaxados agora, mesmo que ele não tenha me largado. Mas aí eu lembro o que começou tudo isso.

O telefone.

Meu Deus. Ele me comprou um telefone. Como ele comprou? De onde ele tirou o dinheiro? Sei que seu tio, Peter Adams, lhe dá uma quantidade mínima de mesada, que na maioria das vezes é toda gasta com seus almoços e outros suprimentos.

Peter Adams não é um guardião muito presente, pelo que vi. Mal se cruzam durante o dia. Ele deixou o Abel à própria sorte, o que eu odeio totalmente. É por isso que trago biscoitos e sanduíches de geleia com manteiga de amendoim quando a mamãe não está olhando.

— Abel? — sento direito — Como você comprou o telefone?

— Do jeito normal. Fui até a loja e comprei.

— Você sabe o que quero dizer — bati no ombro dele — Como você pagou por ele?

Ele esfrega o local.

— Poxa, você é mandona. Alguém já te disse isso?

Eu bufo.

— Sim. Meu namorado — seus olhos brilham com *namorado* e meu coração gagueja. Mas, foco! — Diz como você pagou por isso.

Nisso, toda brincadeira desaparece de seu rosto e ele suspira.

— Eu não consigo mentir para você, Pixie. Não me faça mentir para você.

Agora, estou muito preocupada. Meu coração está batendo contra meu peito, mas o ritmo das batidas é diferente. Não de emoção, mas pavor.

— O que você fez?

— Não importa.

— Importa sim. — eu agarro o colar de prata em seu peito — Me diz, Abel. Por favor. Me diz o que você fez.

— Vendi minha câmera.

Não respiro por um segundo. É como se algo duro batesse no meu peito e eu ficasse chocada.

A câmera. Vendeu a câmera dele.

A mãe dele deu a ele. Isso e o colar de prata que ele usa. Essas são as únicas coisas que restam de seus pais.

Às vezes eu choro até dormir pensando em como ele é solitário. Eu oro por ele na igreja. Rezo para que ele seja menos solitário. E agora, ele perdeu uma das duas coisas que mais importam para ele.

Por minha causa.

Eu recupero minhas forças porque estou com raiva – dele, de mim? Não sei, mas estou. Todas aquelas orações, todas às vezes que chorei por ele e como uma idiota, ele desperdiçou tudo.

Deus, eu o odeio. Eu odeio.

Eu não odeio.

— Pixie, agora escuta...

— Eu te odeio —, eu minto em um grito — Eu te odeio muito, Abel. Eu odeio você. Eu odeio você. Eu te odeio.

— Não, você não odeia — ele rangeu os dentes, a raiva piscando em seus olhos.

Eu luto contra seus braços com uma força e emoção que nunca senti.

— Estou tão brava com você. Tão brava. Como você pode fazer isso? Como você pode vender a câmera? Era da sua mãe e você amava. Por que você abriria mão dela?

Seu aperto no meu corpo fica mais forte. Ela aperta a ponto de doer, a ponto de eu mal conseguir respirar e ficar ofegante. Mas isso também pode ser porque estou chorando agora. Deus, nunca pensei que meu coração pudesse partir tanto. Por qualquer coisa. Por ele.

Eu deveria consolá-lo, mas, em vez disso, estou chorando como uma criança de cinco anos porque não consigo nem imaginar a dor que ele deve ter sentido ao desistir de algo tão precioso.

— Escuta, Pixie, e escuta com atenção — sua voz cortante me tira da raiva. Me mantendo próxima de seu corpo, ele levanta a mão e enxuga minhas lágrimas suavemente, totalmente o oposto da cadência de sua voz, áspera e crua — Quando eu cheguei aqui, eu odiava esse lugar. Eu estava pronto para fugir no dia seguinte até que o Sr. B me encontrou na rua e me levou à igreja. Disse que queria que eu encontrasse paz em Deus — ele resmungava de forma sarcástica — Foda-se Deus. Foda-se Ele e todo o Seu poder. Ele levou meus pais. Ele me deixou órfão. Ele assumiu meu controle.

Eu não preciso de Deus. Serei meu próprio Deus. Vou fazer minhas próprias regras. Mas aí eu te vi.

Sua voz cai em um sussurro, palavras tão finas como ar que eu tenho que pressionar a palma da minha mão onde seu coração está, para que eu possa sentir que ele é real. Que o que ele está dizendo é real. Que pertence a este mundo e não a uma terra de sonhos.

— Você estava discutindo sobre alguma coisa. Sua voz era doce pra caralho. Eu sabia que você era bonita quando te vi pela primeira vez, mas na igreja, debaixo daqueles vitrais... Jesus Cristo, você parecia uma deusa. O tempo todo que eu estava lá minha mão estava coçando. Tive que ficar arrastando na minha calça jeans. Eu queria tocar em você e depois desenhar seu rosto e depois te tocar de novo — ele lambe os lábios e eu sinto o pulsar nos meus — Foi a primeira vez em dias que não pensei naquela ligação que eu recebi sobre meus pais. Eu estava pensando em outra coisa. Em você.

Sua mão se move e segura meus cabelos soltos, puxando os fios. Dói e eu assobio, mas ele não me dá alívio. Tenho a sensação de que ele não consegue. Não sei como sei disso, mas sei. Ele está sentindo demais e suas emoções estão transbordando em suas ações. Nunca o vi assim, nem ninguém, na verdade. Tão agitado e... e agressivo.

— Eu quero você, Pixie. Eu quero você na minha vida e se eu tiver que vender tudo o que eu tenho, até a minha alma, eu vou vender. Minha mãe dizia que pessoas sem alma são monstros. Eu não me importo de ser um se eu conseguir manter você. E eu vou, Evie — uma corrente passa por mim quando ele diz meu nome verdadeiro — Porra, eu vou. Nem Deus pode te tirar de mim.

Ah.

Ok.

Tantas coisas estão acontecendo agora. Muitas. Coisas.

Não consigo entender todas elas. A dor no meu couro cabeludo. A eletricidade no meu sangue. O bater do meu coração. E há uma emoção. Me assusta o quão emocionante isso soa. É tão confuso. Está mexendo com a minha cabeça. Mas uma coisa tenho certeza. Eu sei que quero que ele me beije, e não vou me importar se ele fizer aquela coisa de chupar os lábios de novo.

Mas primeiro eu preciso dizer uma coisa para ele. Algo que é importante.

— Eu não te odeio.

Nossos peitos estão colidindo como se fôssemos estrelas no céu. Eu estava errada antes. *Esse* é o big bang. Isso é colidir. É assim que nasce a nossa história de amor.

— É — seus dedos se contorcem no meu cabelo.

— Eu acho que eu... te amo,

Desta vez, seu é sai como um sopro de alívio. Doce, doce alívio.

— Mas o amor não é uma... uma coisa de adulto? Quer dizer, não somos... Não somos muito novos para sentir isso?

Não sei se isso é normal. Ele está puxando meu cabelo até doer. Como isso pode ser normal? Como posso querer que ele faça mais isso? Além disso, eu tenho apenas treze anos e ele quinze. O amor não é uma coisa muito grande para as pessoas da nossa idade?

— Quem disse? Deus? — ironiza.

— E as pessoas — eu chio.

— Foda-se Deus, Pixie. Foda-se o mundo. Seremos nossos próprios deuses. Você será a minha e eu serei o seu.

Me sinto tonta. Eu literalmente sinto que posso desmaiar agora. Minha visão está embaçada. Tudo o que vejo é ele. Seus cabelos dourados, seus olhos castanhos mel e aqueles lábios vermelhos como maçãs. Foi isso que Adão e Eva sentiram quando quiseram morder aquele fruto? Foi isso que Delilah sentiu quando David lhe pediu para ser sua, contra todos os homens e a natureza?

Eu gostaria de saber. Eu gostaria de saber se foi isso que todos eles sentiram, porque então, eu seria capaz de dizer não. Eu seria capaz de dizer o que é isso. Acho que isso é um pecado. Quer dizer, ele não falou mal de Deus? Não acredito nisso. Eu não acredito em mandar Deus se ferrar ou falar mal Dele. Eu não acredito, não é?

Mas ainda assim, eu assinto porque parece *tão* certo.

— É.

Seu sorriso está tão perto da minha própria boca que sinto seus lábios se esticando. E aí, eu não me importo com mais nada.

— Você vai me beijar daquele jeito?

— Que jeito?

— Como você fez antes. Com aquela coisinha de chupar os lábios. Ele ri baixinho.

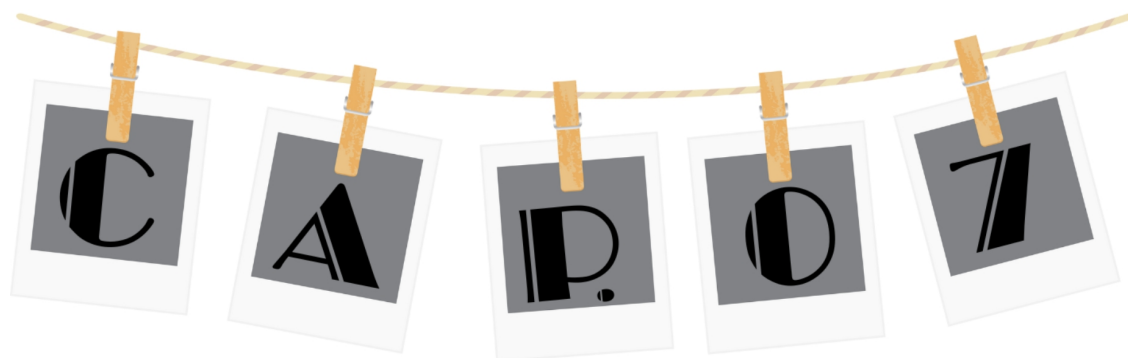
— Eu te amo, Pixie.

Com isso, ele me beija como eu pedi. Está molhado e perfurante. Afiado e macio. Isso inclina meu mundo e faz faíscas correrem sob minha pele, e eu não quero que ele pare nunca.



Mais tarde, em casa, sento à mesa de jantar com meu novo celular no bolso do vestido. Coloco as mãos na minha frente enquanto mamãe faz a reza e penso naquele beijo. Passo os dedos nos lábios formigando e percebo que *agora* eu acredito. *Agora*, com as faíscas ainda correndo sob

minha pele e estrelas disparando em meus lábios, finalmente tenho a prova de Sua existência.



**— Você tem gosto de açúcar — sussurra
Abel contra meus lábios, me fazendo corar.**

— Você tem gosto de maçã — sussurro de volta.

— É? — Ele acaricia com nariz abaixo da minha orelha, me fazendo cócegas.

— Abel, pare — eu digo, rindo — Não podemos fazer barulho.

— Um segundo.

Ele está deixando beijos suaves por todo o comprimento da minha garganta e eu sou muito fraca para resistir a ele. Deixei minha cabeça cair para trás e olhei para o teto escuro do armário da igreja.

O culto está prestes a começar e eu disse à Sky que precisava ir ao banheiro. Só temos uns cinco ou, no máximo, dez minutos, se eu estiver disposta a mentir sobre o meu sistema digestivo.

Não quero pensar nisso quando o Abel está me fazendo sentir tão bem, tanto leve quanto pesada. É como se meus pés não tocassem o chão quando ele está tão perto e me beijando. Tudo o que posso fazer é segurar sua camiseta macia entre meus dedos e me encostar nele.

Seus beijos nem sempre são essa luz plumosa, no entanto. Não. Eles podem estar afiados e molhados com os dentes me mordendo. Uma vez eu disse a ele que beijos não devem doer. Ele sorriu e mordeu meu lábio inferior suavemente, dizendo *não devem? Lembra que eu te disse que eu mordo. Você devia ter me ouvido.*

Além disso, se eu estiver sendo honesta, eu não gostaria de outro jeito. Houve um tempo em que eu era obcecada por seus lábios. Tipo, realmente obcecada. Ainda sou, mas acrescentei algumas coisas na minha lista de obsessões: os dentes e a língua.

Não consigo parar de pensar neles. Sério. Não consigo parar de pensar como seus dentes pegam meu lábio inferior carnudo e beliscam o

suficiente para me fazer querer mais, e como sua língua deixa rastros molhados ao longo da borda da minha boca. Às vezes, nossos dentes se chocam uns contra os outros porque estamos muito desesperados. Mas ele está sempre atento aos meus hematomas.

Abel odeia minha mãe ainda mais agora. Ele olha para ela, deliberadamente cruza seu caminho na igreja. Minha mãe e a Sra. Weatherby *não* estão felizes. Elas se irritam só de vê-lo. Eu fico falando para ele pegar leve, mas é claro que ele não ouve.

— Porra, Pixie, ela te machuca. Não vou recuar. Na verdade, eu devia confrontá-la sobre isso.

— Não, absolutamente não.

Há algumas semanas, minha mãe ficou sem queijo para lasanha e fomos até a loja do Sr. B. Ele tinha contratado Abel há alguns meses para trabalhar para ele. Assim que minha mãe viu Abel estocando o corredor de cereais, ela quis sair de lá. Mas o Sr. B continuou a conversar com ela do caixa. Eu tinha a sensação de que ele sabia do Abel e de mim, e eu nunca ameí tanto o Sr. B. Eu sabia que nosso segredo estava seguro com ele.

Mesmo tendo uma visão livre do Abel, eu só estava jogando olhares laterais para ele, porque minha mãe estava ali. Mas Abel não se importou. No início, ele encarou abertamente minha mãe e, depois, passou a me observar. Eu estava corando, mesmo *sabendo* que isso o faria sorrir, o que me faria corar ainda mais. Eu estava tão nervosa, suada e vermelha. Continuei abaixando a cabeça e escondendo o rosto com os cabelos. Mas caramba, meu cabelo estava trançado porque mamãe não me deixava sair de casa com o cabelo solto e selvagem, então não estava adiantando de nada. Aposto que ele estava achando tudo aquilo muito engraçado.

Quando saímos, mamãe literalmente me arrastou pelo braço. Engolindo, lancei um último olhar para ele por cima do meu ombro e ele piscou para mim. Babaca.

Naquela noite, quando fui dormir, digitei uma mensagem com os dedos trêmulos.

E: Por que você estava me olhando daquele jeito na loja?

A: Porque eu não posso não olhar para você quando você está por perto.

E: E se tivéssemos sido pegos? Minha mãe teria matado você.

A: Não tenho medo da sua mãe. Mas teria valido a pena.

E: Você é louco.

A: Só por você.

E eu sou louca por ele.

Mas nosso tempo no armário acabou e eu preciso voltar ao culto. Eu relutantemente empurro ele e seus lábios curiosos para longe e digo que eu preciso ir. Ele não está feliz com isso. Ele franze a testa e planta um beijo duro na minha boca, amassando nossas bocas juntas.

Dói toda vez que tenho que ir embora, mas é necessário. Às vezes eu penso, e se eu não tivesse que ir? E se eu ficasse com ele o tempo todo?



Estamos na casa da árvore, como de costume.

Estou escrevendo no meu diário, que ainda não mostrei ao meu namorado. Embora ele seja intrometido. Eu continuo dizendo a ele que é privado e ele continua me dizendo que não há nada privado entre duas pessoas apaixonadas. Bem, eu não acho que isso seja verdade. Então, eu estou mantendo isso longe dele.

Mas agora, não estou interessada em escrever.

Olho para o Abel. Ele está meio que esparramado com uma perna esticada e meio agachado, também, com a outra perna dobrada no joelho e o caderno de desenho na coxa. Sua camisa amarela me faz sorrir.

Ele comprou para mim. Eu disse a ele que ele precisa de mais cor em sua vida; ele está sempre vestindo preto, e ele perguntou sobre as minhas favoritas.

— Amarelo — eu disse, sorrindo mal.

— Legal.

— Você vai comprar uma camisa amarela? Porque é a minha cor favorita.

— Com certeza. Por que não?

Eu não acreditei nele até que ele realmente usou um dia, e eu não conseguia respirar. Ainda não consigo.

— Pare de me encarar, Pixie. — Ele sorri e eu quero muito beijá-lo. *Muito. Mesmo.*

Eu sei que se eu começar, eu não vou conseguir parar e a gente vai passar o tempo todo dando amassos. Não que seja ruim; nós já fizemos isso. Mas estou com vontade de outra coisa.

Deixo meu diário de lado e rastejo até ele, encaixando-me contra seu corpo. Como uma pervertida, sinto o cheiro de sua garganta. Tenho criado coragem para tocar a pele nua de seu tronco com os dedos. Até agora, eu tenho sido muito medrosa. Porém, algum dia, em breve.

— Me conte uma história.

Ele sorri e beija minha testa, tirando o celular do bolso.

Abel me conta histórias sobre sua mãe e seu pai. David e Delilah. Ele me conta como o pai costumava fazer a mãe rir. O pai dele fazia algo pateta e ela fingia estar brava com ele, mas depois acabava sempre rindo.

Deslizando a tela do celular, Abel solta uma risada nostálgica.

— Então, dessa vez ele se atrasou. Ele deveria estar em casa às cinco, mas não conseguiu. E minha mãe ficou muito brava porque eles iam sair em um encontro. Meu pai levou flores para ela e ele não entrou em casa até que ela o perdoasse. Ele estava literalmente de joelhos, cantando músicas idiotas. — ele ri. — Foi muito constrangedor. Eu falei para ele, *pai, levanta, porra*. E ele estava tipo, *não*. *Não até que sua mãe me ame de novo*. Ele costumava dizer: *nunca aceite um não como resposta da mulher que você ama, Abel. Continue. Ela vai ceder em algum momento. Ela vai ver o quanto você a ama*.

No telefone, vejo duas pessoas, um homem de cabelos dourados e uma mulher de cabelos escuros com um enorme sorriso. Eles parecem jovens e tão felizes contra toda a paisagem da cidade de Nova York e o sol poente. Abel me diz que eles estão em cima do Empire State Building. Eles parecem tão apaixonados.

Eu já sabia que nunca conseguiria odiá-los. Eu nunca odiei. Mas agora acho que estou me apaixonando um pouco pela história de amor deles.

Isso me faz nojenta ou esquisita?

Talvez.

Eu o abraço. Meu Abel.

Se isso me faz estranha, que assim seja.

Ao meu lado tem um menino que veio deles e que sente falta deles, e eu o amo. Não há escolha a não ser amar seus pais e o amor deles.

Seu corpo está apertado e parece tão frágil, como se ele fosse quebrar a qualquer segundo. No sol poente, seu cabelo parece exatamente o do pai.

— O que você acha que acontece com as pessoas quando elas morrem? — ele pergunta, com uma voz dolorida e solitária. De alguma forma, ainda consegue ecoar dentro da casa da árvore.

Eu me aproximo ainda mais dele, encostando a lateral do meu corpo na do dele. — Talvez elas virem estrelas.

Nós dois olhamos para cima e vemos a pequena faixa de céu laranja através do vão no telhado.

— É? Você não acha que elas só... desaparecerem? Viram comida de minhoca?

— Não. — Afasto os olhos do céu e olho para ele. — Eu sei que você não acredita em Deus ou algo assim, mas e se existir um? E se como nos conhecemos, como nos apaixonamos... Foi tudo por causa Dele e dos seus pais. Talvez eles estejam nos observando agora, esperando que descubramos tudo. Eles podem estar torcendo por nós, sabe.

— Ou talvez as estrelas sejam só estrelas e Deus está morto. E eu tenho que descobrir por conta própria como ficar com minha deusa para sempre.

— Você é um idiota — Reviro os olhos, enquanto beijo seu peito. Deus, é muito firme, duro e caloroso. Quando vou ter coragem de beijá-lo sem a camisa?

Bem, agora não é o momento. Eu continuo:

— Se eu sou sua deusa, então eu lhe concedo seu desejo. Você pode me ter para sempre.

— É? Você não está brincando?

— Não. — Balanço a mão sobre a cabeça dele e mexo os dedos. — Desejo realizado.

— Bem. Agora só preciso encontrar um anel.

— O quê?

— Bem, você vai precisar de um anel agora que estamos noivos.

Levo alguns segundos para *realmente* entender o que ele quer dizer. E então, estou pulando de seu colo e olhando para ele com os olhos arregalados. — Noivos?

— Sim. Não é isso que significa para sempre? Noivos para casar.

— O quê? — Eu grito. — Não estamos noivos!

— Bem, o que você acha que para sempre significa então?

— E-Eu quis dizer... — Estou resmungando, olhando para o espaço. É um caso de hiperventilação novamente. Como ele pode dizer isso? Ele nunca nem me pediu em casamento. Além disso, um... Não somos um pouco novos demais para pensar nisso? Quer dizer, tenho quase quatorze e ele não é muito melhor com dezesseis.

Como sempre, ele usa seu tamanho para me intimidar. Ele se senta reto, elevando-se sobre mim, e enrosca os dedos no meu cabelo. Ele tem um fascínio estranho por isso. Ele está sempre brincando com os fios, bagunçando-os, mesmo que eu diga não a ele todas às vezes. Bem, eu secretamente quero que ele o faça, então não me importo tanto.

— O que você quis dizer, Pixie?

Levantei meu pescoço para encontrar seus olhos.

— Eu quis dizer... Você nunca me pediu. Você tem que pedir. É a coisa de namorada de novo.

Ele esfrega os lábios abertos sobre os meus.

— Eu continuo fodendo tudo, né?

— Sim — suspiro com a lisura de nossas bocas. Nossos lábios estão praticamente escorregando um sobre o outro.

Eu gemi. É um som diferente. Eu já gemi antes? Não me lembro agora. Mas tudo o que eu quero fazer é gemer e gemer e fazer sons que

não me lembro de ter feito.

Os olhos de Abel estão líquidos novamente; suas respirações estão mais quentes do que o normal.

— Então, você quer se casar comigo, Pixie?

Ugh. Não.

Certo? *Certo?*

Por que isso é tão empolgante?

Afastando meus lábios, enfiei o dedo em seu peito.

— Não, e desta vez, estou falando sério. Não vamos falar sobre isso agora. Não deveríamos nem estar *pensando* nisso. — Ele abre a boca para falar alguma coisa, mas eu o impeço. — E nada dessa lógica estranha que você me deu da última vez. Não. Minha resposta é não.

Ele leva meu dedo até seus lábios e o chupa em sua boca quente. É nojento, só que não é. Ele acelera minha respiração e me faz sentir tontura, especialmente quando seu peito vibra profundamente, fazendo sons próprios.

Eles fazem alguma coisa comigo. Algo... intenso e formigando e eu puxo minha mão para trás. Pelo quanto eu a quero na boca dele. É mais sujo do que morder e tudo mais.

Ele sorri.

— Bem, então eu vou continuar nessa até você ceder.

Essas são as palavras de seu pai.

Não acho que ele esteja jogando limpo. Acho que o Abel nem sabe jogar limpo. Ele é louco.

Louco.

No jantar, minha mãe me pergunta o que eu faço na casa da árvore.

— Talvez agora você devesse parar de ir lá. Você não é mais uma criança.

Com o coração palpitando, mantenho os olhos na comida. *Deus, por favor, não.* Esse é o único lugar onde posso vê-lo sem o medo de ser descoberta.

Então, meu pai vem em meu socorro.

— Deixa ela em paz, Beth. Tudo bem. Não está machucando ninguém.

Não sei o que faria sem meu pai. Ele é meu salva-vidas.

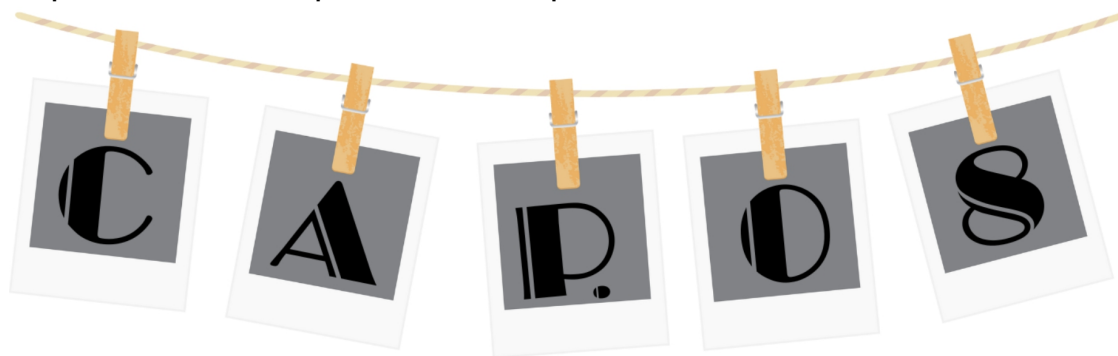
Realmente? Mas será que ele é mesmo?

Por que ele não faz nada sobre os beliscões da mamãe, então? Por que Abel é o único incomodado? Por que, para o meu pai, a paz é mais importante do que eu?

Eles começam sua discussão diária, onde a mãe fala e fala e o pai simplesmente deixa. Eu desligo o som deles e penso em David e Delilah.

Como eles eram felizes. Penso no filho deles, o menino por quem sou apaixonada, cujos beijos me fazem passar pelo dia.

Então, eu peço a Deus que me dê forças, porque por mais louco que seja, eu queria dizer sim quando ele me pediu.



Amar Abel Adams é um trabalho árduo.

Pensei que ser amiga dele seria difícil, mas amá-lo em segredo é ainda mais difícil. Ainda bem que não me importo com o trabalho duro. Eu sou boa nisso, de fato. Eu sou boa em ser protetora do nosso amor. Guardo isso escondido dentro do meu coração, guardo o segredo com a minha vida. Embora eu queira gritar, dizer a todos que estou apaixonada pelo cara mais incrível de todos os tempos.

Eu sou boa em me esgueirar por aí agora. Eu minto. Invento histórias para vê-lo.

Digo à minha mãe que vou na biblioteca para um grupo de estudos. Mas, na realidade, estou com o Abel no Lover's Creek. Ele não cabe mais dentro da minha pequena casa na árvore, então perdemos o melhor esconderijo de todos os tempos. Mas Lover's Creek também é bom, eu acho. É do outro lado da cidade, na orla. Nós vamos com ele dirigindo a caminhonete que ele comprou do tio. Esse lugar é super lindo. Um riacho correndo de um lado e arbustos em abundância.

As pessoas que não querem ser encontradas vão para lá. As pessoas gostam de nós.

Mas eu tenho fé. Tenho toda a fé de que, quando chegar a hora, Deus vai nos ajudar. Não estamos fazendo nada de errado. Estamos apaixonados. Não importa o quanto meus pais e algumas outras pessoas mente-fechada odeiem David e Delilah. Não importa que achem que o Abel é mau. Nada importa porque, no final, estaremos juntos. O amor sempre vence, né?

Abro meu armário e encontro um bilhetinho encravado entre meus cadernos, como o segredo mais querido que uma pessoa pode ter. Mal consigo conter o sorriso. Eu sei de quem é.

Abel.

O menino que eu amo é um romântico total.

Desde que começamos a dividir o mesmo espaço escolar, há um ano — eu sou estudante do segundo ano e o Abel está no último — ele tem deixado Toblerones e cartas de amor no meu armário. Pequenas, de uma linha só, que soam tanto mandonas quanto suplicantes.

Não use esse vestido, Pixie. Você tentando me matar?

Desamarre sua trança, bebê. Devagar.

Eu quero beijar você. Posso te beijar, Pixie? Por favor? Posso colocar minha boca em você?

Então talvez ele não seja um romântico. Como seus beijos, ele é um romântico sujo, mas eu aceito, minha resposta é sempre sim. Para o que quer que ele diga.

A única coisa que supera ler seus bilhetes é ver o Abel pessoalmente, o que acontece todos os dias. Às vezes, várias vezes ao dia.

O vejo andando pelos corredores, carregando uma mochila. Às vezes, ele está com o bloco de rascunhos em uma mão enquanto gira o lápis na outra. Ou às vezes ele está do outro lado do refeitório, mordendo sua maçã, compartilhando o almoço comigo do outro lado da distância.

Às vezes, quando o fluxo de alunos é denso e caótico, Abel não se contenta em apenas olhar. Ele se aproxima. Ele passa por mim no corredor, roçando meus ombros, fazendo meu fôlego apertar. É um gostinho do corpo quente dele e camisetas mais macias que as nuvens e eu sempre acabo querendo mais. Muito mais.

Não demorou muito para a Sky descobrir o que estava acontecendo. Acho que ela descobriu isso na primeira semana em que começamos o ensino médio. Eu neguei, claro. Mas ela me pegou.

— Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Não muito.

— Evie.

— Sei lá. Faz um ano agora, eu acho. Mas ele diz que começou no dia em que nos conhecemos. Não sei se acredito nele.

— Oh meu Deus. Isso é tipo... tão intenso e louco. Você está apaixonada por ele?

— Sim.

— Mano do céu. Você está ferrada. Vocês dois. Acho que sua mãe vai matar ele primeiro, e depois ela vai te trancar em algum lugar e te deixar lá para morrer.

— Não vai ser tão ruim. Temos tempo. Não temos que contar agora.

— Que tal não contar *nunca*. Que tal fugir?

— O quê? Não. Não vamos fugir. Sem essa. Quando chegar a hora, eu vou contar. Vou contar para o meu pai primeiro. Ele é muito mais legal e

aí, eu conto para a minha mãe. Ela vai ficar brava, sim, mas sabe de uma coisa, eu não me importo. Ela vai aceitar em algum momento.

— É? Aceitar que sua preciosa filha está apaixonada por um monstro?

— Ele não é...

— Eu sei. Eu sei. Mas *ela* sabe?

Bem, se minha mãe não sabe, então ela é uma idiota. É isso. Eu disse isso. Sim, Abel tem sido menos do que simpático com ela, mas ainda assim. Não é como se ele estivesse dando problema. Ele se comporta muito bem. Um pouco intenso, mas isso é só comigo.

Mas não vou me preocupar com isso hoje, quando o bilhete dele diz para encontrá-lo na sala 302. É lá, *lá* atrás, onde as pessoas não vão com tanta frequência.

Eu conto para a Sky sobre o local de encontro e ela revira os olhos porque tem que ficar de guarda na porta. — Eu não quero ouvir barulho de beijo, tá? Então, beije baixo.

— Cala a boca — Bati nela com meu caderno, já imaginando todos os beijos e *outras* coisas que vamos fazer.

Deixando Sky do lado de fora, abro a porta da sala. Do outro lado do mar de mesas vazias, encostado na parede do fundo, está ele. Meu Abel.

A luz do sol através da janela corta-o num padrão de claro e escuro. Ele é tão gostoso, sexy e bonito. Sua respiração acelera quando entro. Seu peito de montanha se move para cima e para baixo, se amontoa, se esforça contra sua camiseta branca.

Ele cresceu muito nos últimos anos, explodiu, na verdade. Graças a malhar o tempo todo. Ele é tão grande e musculoso.

Seus olhos castanhos se movem para cima e para baixo do meu corpo, e mesmo que eu esteja usando um vestido de algodão com girassóis, com um decote modesto e comprido, isso me faz sentir... muito menos vestida.

Sim, nos últimos anos os olhares que ele me dá e a maneira como ele me toca também mudaram, amadureceram, explodiram e se transformaram em algo grande demais para nossos corpos.

Beira a dor.

Com arrepios cavalgando minha pele, eu me movo em direção a ele e ele se endireita, preparado para quando eu me jogar nele. É sem vergonha? Sim, talvez. Mas eu não me importo. Eu preciso dele. Além disso, todas as coisas sem vergonha que existem dentro de mim, que só agora estou descobrindo, também existem dentro dele.

Combinamos em todos os sentidos.

Eu pulo para ele, e então o mundo inteiro encolhe para caber apenas nós dois. Eu subo em seus pés, fazendo-o meu chão. Seus ombros se tornam minha montanha e o hálito doce de sua boca se torna meu ar. E seus cabelos macios? Tornam-se a grama em que posso afundar meus dedos.

Foi-se o tempo em que eu não entendia meu próprio corpo. Não entendia os batimentos cardíacos acelerados, o rubor constante, as respirações suspensas.

Assim como o Abel, eu cresci também. É como se em uma noite eu tivesse ido dormir e, no dia seguinte, acordado com essa fome que não tinha nada a ver com comida e tudo a ver com o Abel.

Meu corpo parece novo. Novas sensações. Novos mergulhos e curvas. Nova suavidade e forma. Meus seios cresceram, redondos, grandes e pesados, e toda vez que penso em seus beijos, suas mãos, sinto que eles formigam. Meus mamilos perfuram o tecido de algodão do meu sutiã, doendo e coçando.

Abel me puxa para cima e me senta em uma mesa, posicionando sua grande estrutura entre minhas coxas.

Sim. Oh Deus. Esse é o local perfeito. Tão perfeito.

Já sei o que fazer. Eu já sei que minhas coxas vão se prender em torno de seus quadris magros e musculosos e meus tornozelos vão cruzar e minhas sapatilhas cairão dos meus pés, e meus calcanhares vão cavar na parte de trás de suas coxas.

E ele vai gemer.

Mal posso esperar por esse gemido. É tão gutural e primitivo, e então ele começará a se mover, como se não pudesse se controlar. Seus quadris começarão a se empurrar na junção das minhas coxas. Grandes, desesperados e sedentos.

Deus, sim.

O Abel faz as coisas de uma forma grande, barulhenta e forte. Essa é a única maneira de descrever ele e suas ações. Uma de suas mãos grandes irá até minha cintura, agora sem hematomas por algum tempo, porque Abel me aconselhou a ficar longe de minha mãe, literalmente, e segurar meu vestido como se fosse rasgá-lo com os dedos. A outra vai encontrar seu lar ou no meu cabelo, desfazendo minha trança, ou nos meus seios **carentes**. Muito **carentes**. Não é engraçado. Nada é engraçado nessa situação, na verdade.

Não quando ele fala rouco que dói ficar longe de mim. Dói tanto que ele nem se arrepende de passar as mãos em mim como um louco com tesão. Ele precisa fazer isso antes mesmo de dizer *oi* para mim. Ele nem se arrepende quando goza na calça, diz.

Não, não é engraçado. Francamente é doloroso. Porque me dói também.

A primeira vez que aconteceu – que gozamos – foi dentro do armário da igreja. Um segundo estávamos nos agarrando, e então, oh meu Deus, meu corpo inteiro pegou fogo e minha calcinha ficou inundada.

Fiquei tão envergonhada. Era como se eu estivesse tomada pela eletricidade, mas aí não deveria ter sido tão bom, certo? Logo depois da minha explosão, Abel explodiu também.

Eu quero isso agora. Fiquei tão dolorida e agitada a noite toda.

Abel tira a cabeça do meu ombro com um suspiro e deixa beijos macios, mas molhados na minha clavícula.

— No minuto em que você fizer dezoito anos, vou te pegar, jogar por cima do meu ombro e te levar até o tribunal mais próximo para que você possa dizer *sim* — ele resmunga, tatuando essas palavras na minha pele.

Minhas mãos se enterram em seus cabelos enquanto minhas costas arqueiam em direção a ele, desejando o terreno áspero de seu peito contra meus seios macios e arredondados, disparando faíscas por toda parte.

— Você nem me pediu d-direito, ainda — eu gemo, liberando minha garganta para sua boca exploradora. Ele não pediu. Faz mais de um ano que ele trouxe esse assunto na casa da árvore e eu disse a ele que não. Desde então, ele gosta de brincar sobre isso, mas ainda não me pediu formalmente.

— Não preciso. Já sei a resposta.

— Você é um pouco grosso, não é?

— Ah, sim, definitivamente eu sou — ele ri, chupando a pele do meu pescoço, me fazendo corar e arrepiar. Ops. Duplo sentido.

A maneira como ele está puxando minha carne está se traduzindo em um puxão derretido para baixo. — Abel, não. Vai ficar marcado.

Ele rosna e olha para cima. O castanho de seus olhos desapareceu completamente, uma gota de mel afogada por um lago negro de desejo.

— Um dia eu vou te beijar na frente de todo mundo e se eles não gostarem, foda-se.

Li a frustração em seu tom, a raiva reprimida, e isso dói meu coração. Ninguém devia ser obrigado a esconder seu amor. Ninguém. É puro demais, bonito demais para ficar escondido. Acaricio sua mandíbula pulsante.

— Tá bom. Me beija no nosso casamento, então. Na frente de todo mundo.

Um sorriso lento se espalha por seus lábios e eu quero encher minha boca com ele.

— Então, você dizendo sim?

Balanço a cabeça para ele e dou um sorriso.

— Talvez.

Ele planta um beijo duro na minha boca.

— Vai ter que ser um sequestro, então, beleza.

— Oh meu Deus, você é louco. — Eu dou risada.

Mas ele engole meu riso com a boca. Ele está me *beijando*, me beijando mesmo. Tipo, ele perdeu toda a paciência comigo e não pode mais ser o cara bonzinho. Ele precisa ser ruim. Ele precisa chupar meus dois lábios em sua boca e provar meu sabor direto da fonte. Ele precisa morder minha carne para chegar até ela, cavar seu caminho dentro dos poros e nos fundir.

O puxão na minha barriga fica mais forte. Meus olhos tremulam fechados enquanto me contorço sobre a mesa. A madeira parece escorregadia, mesmo quando gruda na parte de trás das minhas coxas com o suor.

Minha mão desliza de seus cabelos e encontra sua cruz prateada enquanto o deixo me devorar. Os barulhos que ele faz hoje são ainda mais guturais. Ainda mais primitivos. Ninguém faz esse tipo de som até estar no fim da estrada, fim da vida, até.

Talvez nossa luxúria seja contundente, com risco de vida. Talvez nós dois estejamos morrendo de muito amor.

— Eu te quero tanto —, ele sussurra grosso, com as mãos passando por baixo do meu vestido e parando muito perto da barra da minha calcinha. Quero olhar para baixo e vê-las sob meu vestido levantado, mas não consigo desviar o olhar dele, da pura necessidade em seu rosto. — Sabe o que isso significa?

— N-Não.

Ok, isso é mentira. Uma grande e gorda mentira. Claro, eu sei o que ele quer dizer. *Claro que sim*. Ele quer... sexo. Já vi filmes e vi as cenas de amor neles, quando minha mãe não está por perto. Sei que um dia isso vai acontecer entre nós. Na verdade, eu fico acordada à noite pensando em tocar sua pele nua, balançando contra ele quando estamos... não usando nada.

Mas — e é um grande, mas — estou com medo. Eu sou uma medrosa e tenho medo da coisa toda de sexo. Mesmo que às vezes eu sinta que estou morrendo por isso.

— Você mente mal pra caralho, Pixie.

— Não estou mentindo.

Ele apoia a testa na minha e nossas peles deslizam uma contra a outra, suadas e quente.

— Você pensa nisso, né? À noite?

Quando ele está me perguntando dessa forma, mostrando que sabe, eu não consigo negar.

— S-sim.

Mas Abel não para por aí. Ele continua:

— Eu também. A noite toda eu fico me masturbando, esfregando meu pau, pensando em você. Seu sorriso, seu rosto. Seu cabelo. Deus, as coisas que eu quero fazer com o seu cabelo — Ele resmunga como se estivesse imaginando agora.

— Q-Que coisas?

Ele balança a cabeça uma vez, batendo seu hálito doce sobre meus lábios.

— Tem esse vídeo que eu gosto. A menina é uma loira como você e tem cabelos compridos como os seus. — Ele fecha os olhos — O cara puxa o cabelo dela e enrola no pau dele. Porra. Eu gozo toda vez que vejo. Porra, toda vez.

A vibração que percorre meu corpo, agora, não é nada comparado a quando eu gozo. Não. De modo algum. É muito mais potente, mais emocionante. É como se meu corpo já estivesse pegando fogo e eu estivesse amando cada segundo picante disso.

Como suas palavras vulgares e sujas podem ser mais poderosas do que um orgasmo?

— Vídeo significa...

Abel abre os olhos.

— Pornô. Sim. Eu sou tão viciado em você que eu procuro meninas que têm o seu cabelo. Eu assisto e bato uma, mas não alívio nenhum. Porque ninguém é como você. Ninguém. — Ele engole. — Você me odeia? Você acha que eu sou um babaca por assistir pornô pensando em você?

Eu odeio?

As pessoas fazem isso? E se eles fazem, é ruim, certo? É ruim e errado e... Sim. São todas as coisas que eu nunca pensei que gostaria, mas de alguma forma gosto. Eu gosto disso. Gosto do desespero dele, porque estou desesperada também. Só que eu sou medrosa demais para fazer qualquer coisa a respeito.

— Não. Eu nunca conseguiria te odiar.

Nisso, ele me beija e estamos nos esfregando. Suas palavras já me deixaram tão quente que não preciso de muito atrito, e gozo com um suspiro. E aí, ele goza também.

Ele gozou porque eu gozei.

Se isso não é a coisa mais poderosa e maravilhosa do mundo, não sei o que é.

Pensando, eu me preocupo em me limpar e pegar minhas calcinhas novas e secas. Eu carrego roupas íntimas extras na bolsa; é uma necessidade. Mas todos os pensamentos desaparecem quando Abel se recupera e me observa com um sorriso satisfeito. — Você é tão linda assim. Corada. Seus olhos azuis arregalados e vidrados. Eu queria poder tirar uma foto de você assim.

Ah, é. Abel finalmente conseguiu sua câmera. Ele mesmo comprou com o dinheiro que economizou do trabalho. Ele diz que adora me desenhar, tomar seu tempo com a minha cara. Mas às vezes meu rosto é tão bonito que só uma câmera pode fazer jus.

— Você é o pior — eu digo.

— Mas você me ama.

— Por enquanto. — E só para balancear, eu acrescento: — E sem sexo. Nananinã. Não até contarmos aos meus pais sobre nós ou... — Aí me surge uma ideia. — Ou nos casamos, tipo, em um futuro bem, *bem* distante.

Ok, eu admito: eu adoro torturar o cara. Não vou esperar o casamento, mesmo que minha mãe fale para esperar. Mas estou nervosa. É real, ok? Estou surtando com medo de sexo agora. Neste momento, só quero brincar e dar orgasmos deliciosos um ao outro.



Rindo, ele me beija novamente, e abaixa a barra do meu vestido, suave e docemente me cobrindo.

— Muito bem. Sem sexo e eu não vou tirar uma foto de você assim. Não até que eu te leve à igreja e me case com você na frente de Deus e do homem. — Ele me puxa para frente e para fora da mesa, me segurando na cintura. — E aí, quando eu tiver te dado tudo, vai ser minha vez de pegar. O que eu quiser.

Abel está comendo sua maçã, dando mordidas grandes e suculentas, enquanto me

olha do outro lado do corredor.

Hoje é o último dia de aula dele. Ele está se formando, mas eu continuo presa aqui por mais dois anos.

No entanto, ele ainda vai ficar na cidade. Ele vai trabalhar com o Sr. B, que até lhe ofereceu acomodações, logo acima da loja. Então o Abel também não vai ser mais meu vizinho.

Já falamos sobre ele ir para a faculdade, mas ele não quer. Ele não quer mais ficar preso em regras. É estúpido. Todo mundo vai para a faculdade. É assim que você descobre sua vida. Além disso, ele é tão bom com a câmera. Imagine o que ele poderia fazer com um pouco de treinamento formal e um diploma. Mas não. Segundo ele, a fotografia é apenas um hobby, não é uma carreira para ele. Um dia vou fazê-lo perceber que tem muito a oferecer a este mundo. Sua câmera não está lá para fazê-lo se sentir invisível, mas é sua ferramenta para olhar o mundo de uma maneira diferente.

Além disso, a verdadeira razão pela qual ele não vai para a faculdade é porque eu estou aqui. Ele não disse, mas eu sei. Não posso nem ficar brava com ele por isso. Embora eu esteja brava comigo mesmo por estar dois anos atrás dele.

Eu não consigo desviar o olhar dele, embora a maneira como ele está com aquela fruta estúpida na boca me lembre de como são seus lábios nos meus. E a maneira como ele limpa o suco de seus lábios me lembra de como ele chupa seus dedos após me fazer gozar.

Mesmo que eu esteja olhando para ele agora e dizendo para ele parar, tenho que admitir que vou sentir falta disso. Vou sentir falta de vê-lo na escola, sorrindo e me fazendo corar, seus bilhetinhos de amor, seus chocolates. Vou sentir falta de me encontrar com ele em salas de aula vazias.

A escola acabou e assim que arrumo minhas coisas e limpo meu armário, Abel e eu vamos para o riacho antes do verão começar e fica superdifícil vê-lo. Minha mãe fica grudada em mim e não me deixa sair de casa sem ela. Não consigo ver a Sky ou o Abel direito. Pensei que tirar minha carteira de motorista me daria alguma liberdade, mas não. Estou mais presa do que nunca.

— Só transa logo com o cara. Ele está praticamente fodendo a maçã agora. — Sky dá risadinhas do meu lado.

— Cala a boca — murmuro, abaixando a cabeça.

Sim, ainda não fizemos. Eu sei que ele quer. É como ele me toca, seus dedos puxando meu cabelo e meu vestido. É a maneira como ele geme, rosna e me morde quando estamos nos beijando. Meus lábios estão perpetuamente inchados agora. Sei que ele está impaciente.

Eu também estou. Sei que estamos indo por esse caminho. Sei que seremos os primeiros um do outro, mas é muito divertido brincar com ele e deixá-lo desesperado. Eu sou má? Talvez. Mas eu amo muito. Adoro ser seu centro das atenções, algo que o consome como louco.

Ele me tocou... lá embaixo; ele me fez gozar. Sei que o pau dele é duro e aveludado. Droga, é tão quente. É como se ele fosse mais quente lá embaixo. Sem contar que ele é tão grosso. Eu não vi, mas já toquei nele e às vezes me pergunto como cabe no jeans dele, principalmente quando está duro. Quando eu toco nele e passo os dedos pelo comprimento dele e brinco com a cabeça úmida, ele goza com mais força. Seus gemidos são os mais altos de todos.

Mesmo que ele nunca me obrigue, há momentos em que ele fica tão frustrado. E como castigo, ele não deixa eu me tocar. O que é tão injusto. Ele se toca o tempo todo; ele até assiste a todos aqueles vídeos. Mas para me torturar, ele me diz não. Como um idiota, eu o escuto. É como se eu fosse fisicamente incapaz de desobedecê-lo. É como se eu *gostasse* de obedecê-lo. Eu *gosto* de dar o que ele quiser. É estúpido e não faz o menor sentido, mas lá está.

— Eu odeio isso — digo. — Eu te odeio. Você é mau.

Ele ri.

— Não. Você só está frustrada porque me quer muito.

— Não, não quero. Se é assim que você quer sexo, não vai funcionar.

— Ah, eu vou te cansar, Pixie. Você vai ver.

Acho que ele adora quando digo não. Ele gosta desses jogos também. Idiota.

Estou perdida em pensamentos quando Duke se aproxima de nós. Na verdade, ele está se aproximando de mim. Ele nem olhou para a Sky.

Duke Knight tem sido um grande problema para mim no ano passado. Minha mãe o ama, obviamente. *Todos* o amam. Mas tem piorado cada vez mais. Minha mãe começou a insinuar sobre ele e eu sairmos. Sair tipo, em encontros.

É o suficiente para me fazer estremecer. Eu o odeio. Bem, não tanto quanto minha melhor amiga o odeia. Mas eu odeio. Além disso, não tenho interesse em sair com ninguém além do Abel. Quão triste é estarmos apaixonados um pelo outro desde sempre, mas nunca tivemos um encontro? Nunca compartilhamos uma refeição juntos, nem demos as mãos em público ou fomos ao cinema.

— Oi, Evie — Duke me cumprimenta com uma elevada de queixo.

— Oi.

Duke é o único cara que é quase tão alto quanto meu Abel. Mas meu namorado ainda é maior e mais musculoso. Enquanto Abel é bronzeado

com cabelos dourados, solitário e áspero, Duke é pálido. Ele é o centro da multidão, suave e polido, com um sorriso encantador.

Ele se concentra em mim como se não houvesse mais ninguém no corredor, seus olhos azuis fixados em mim.

— Então, eu queria saber se você quer vir para a festa na minha casa no próximo sábado. É uma coisa de fim de escola. Discreto, mas vai ser divertido.

Eu literalmente ouço Sky rosnando atrás de mim. Abro a boca para falar alguma coisa, mas depois fecho. Duke e eu não somos amigos. Na verdade, todo mundo sabe que eu saio com Sky, e Sky e ele não se dão bem. Não sei por que ele de repente se interessou por mim.

Limpando a garganta, tento de novo.

— Bem, é muito legal da sua parte, mas acho que vou passar.

Obrigada mesmo assim.

Rejeição curta e doce. Estou muito feliz que acabou.

Só que não acabou porque ele não vai embora. Ele sorri para mim. Um daqueles sorrisos inocentes e encantadores.

— Tem outros planos? Porque eu adoraria que você fosse.

— Eu, uh, tipo. Quero dizer...

Duke se aproxima de mim. Não tão perto a ponto de chamá-lo de inapropriado, mas mais próximo do que ele jamais esteve antes.

— Vamos, Evie. Significaria muito para mim se você fosse.

— Eu...

De repente, sou empurrada para trás e a Sky está na frente de Duke.

— Para de insistir, seu merda. Ela não quer ir. Então deixe ela em paz.

— Ei — Duke levanta a mão em rendição simulada. — Estou só fazendo uma pergunta. Tenho certeza de que Evie pode falar por si mesma.

— E ela disse que não, né? Você precisa se mancar.

Ele se encosta no armário e cruza os braços sobre o peito.

— Não entendo por que você está sendo tão agressiva, Skylar. Eu nem estava falando com você.,,,

Sky zomba.

— O caralho que você não estava. Você estava tentando chamar minha atenção e sabe de uma coisa, imbecil? — Ela o cutuca no peito. — Você conseguiu.

Duke sorri debochado antes de se endireitar. Juro neste momento, seus cabelos espetados e aquela pele pálida e olhos azuis frios o fazem parecer o diabo.

— Skylar, acho que você indo longe demais.

Ela o empurra, mas ele não cede.

— Não me faça bater em você, Duke. Você sabe que eu faço.

Duke abaixa a voz para que apenas Sky e eu possamos ouvir seu próximo comentário.

— Você está com ciúmes, eu chamei sua amiga e não você? É disso que se trata? Quer dizer, você pode vir para a festa se quiser. Tenho certeza que vamos precisar de uma doméstica. Eu dou gorjetas generosas.

As portas do inferno se abrem depois dessa. Sky grita e coloca todo o seu peso para empurrar seu peito. Duke não estava preparado para isso, eu acho, porque ele tropeça para trás. Seus olhos ficam muito duros e brilhantes como geleiras enquanto ele avança em direção a ela.

Eu tento puxar a Sky de volta, mas é em vão. Ela tem uma força impressionante e não está recuando. Nem mesmo quando Duke entra em sua cara e murmura algo que eu não consigo ouvir sobre os gritos e barulhos. Ela tenta acertar o rosto dele, mas ele segura a mão dela. Então, ela decide usar suas pernas e pisa no pé de Duke, o tempo todo gritando com ele, chamando-o de vários nomes.

Oh Deus. Ela realmente foi longe demais. O que diabos aconteceu para deixá-la assim?

Recebo minha resposta quando, no meio de todos os xingamentos, ela diz:

— E você ainda me beijou? Vou botar fogo no seu pau, seu babaca do caralho.

Que?

Estou momentaneamente atordoada com essa revelação, meus dedos perdendo o aperto sobre a camiseta da Sky, onde estou tentando segurá-la. Duke beijou minha melhor amiga? Quando isso aconteceu? Por que a Sky não disse nada?

Acontece que não dá para me preocupar com a coisa toda de Duke e Sky, porque eu tenho coisas maiores para me preocupar agora.

Como meu namorado. Abel está aqui e está entre Duke e Sky, sua expressão nebulosa está toda focada no príncipe da cidade.

Isso não vai acabar bem.

Eu saio do meu choque e puxo Sky, que está ofegante, ainda atirando palavras em Duke.

— Fica aqui, tá? Você já causou bastante problema — eu digo e ela vira seus olhos assassinos para mim. Balanço a cabeça para ela, dizendo com os olhos que vamos conversar sobre a coisa do beijo mais tarde. Se houver um mais tarde.

Aí eu me viro para o Abel quando ele diz — Sai daqui.

A respiração de Duke é ofegante; há alguns arranhões em sua mandíbula e ao longo de seu pescoço. Nossa, a Sky o pegou de jeito.

— É melhor você ficar fora disso — se dirige a Abel. — Para o seu próprio bem.

— O melhor é você sair daqui. — A voz de Abel é grossa, carregada de violência.

Duke enxuga a boca com a manga da camisa. É a primeira vez que o vejo fazer algo sem classe.

— Você não quer fazer isso.

— Só sai antes que eu faça o que eu realmente quero fazer. — Abel dá um passo à frente, todo ameaçador.

Ok, chega. Eu não posso ficar aqui assistindo. Preciso intervir. Preciso puxar o Abel e dizer para ele parar. Só que, se eu fizer isso, as pessoas saberão o meu segredo. Ou, pelo menos, saberão que eu e o Abel não somos estranhos como todos pensavam que éramos.

Ainda me lembro do que aconteceu da última vez que falei com ele. Eu posso sentir a pele machucada em minhas coxas e cintura. Eu tenho sido boa em evitar chegar perto da minha mãe, então tenho ficado livre de hematomas. Mas isso vai arruinar tudo.

Duke levanta o queixo e se aproxima também.

— Ah, e o que é?

Caralho.

Eu acabei de xingar na minha cabeça? Bem, não tenho tempo para analisar isso. Salvar o Abel é mais importante. Os professores estão correndo em direção ao caos, mas não conseguem ver Abel.

Corro até onde esses dois idiotas estão se enfrentando. Felizmente, consigo me enfiar entre seus corpos rígidos e de frente para Abel, coloco a mão em seu peito onde seu coração está batendo descontroladamente.

— Deixa para lá, Abel.

Seu olhar cai para mim, e minha respiração acelera com o quão escuros são seus olhos. Que agressividade. Ele nunca pareceu tão alto e largo como agora, como uma espécie de urso. Urso furioso com narinas esvoaçantes, coração batendo e veias furiosas dilatadas em seu pescoço.

— Ele te quer — diz ele, com as palavras arrastadas, embaralhadas. Ele ouviu, não ouviu? Ele ouviu Duke me convidando para a festa estúpida.

— Ele não quer. — Balanço a cabeça e o empurro para trás. — Você precisa recuar, ok? Por favor, sai daqui.

Óbvio, ele não se mexe. Ele coloca a mão sobre a minha, me encarando com as sobrancelhas unidas e sussurra:

— Você é minha.

Seu toque me surpreende mais do que a revelação chocante de Sky. Ele me tocou. Em público. Tipo, na frente de toda essa gente. Sua mão áspera e grande está na minha pequena e pálida.

Meu coração vai explodir a qualquer segundo com o quão rápido e forte está batendo. É medo, pavor. E o meu corpo? Meu corpo vai acabar em chamas com o quanto eu quero jogar meus braços ao redor dele e dizer a todos que ele é meu, e eu sou dele.

Deus, eu nunca odiei essa cidade e a minha mãe mais do que nesse momento. Eu os odeio. Eu os odeio muito.

De alguma forma, consigo juntar algumas palavras.

— Precisamos ir, ok? Apenas se mova.

É como se ele não me entendesse, ou talvez me entenda, mas ignora minhas palavras. Ele me olha com tanta necessidade que estou completamente convencida de que todo mundo vai descobrir agora.

— Mas você é minha, não é? — ele sussurra ferozmente, apenas para mim, e aperta minha mão, fazendo meu coração apertar com a mesma força.

Mas antes que eu possa respondê-lo, o apocalipse está sobre nós. Os professores vêm de todos os lados, e ficam loucos, especialmente quando veem Abel. Todo o corredor irrompe no caos. Gritos e mais gritos e corpos batendo uns sobre os outros. Cada um tem a sua história e em todas as histórias o meu Abel é o vilão. Sky também, aparentemente.

Um dos professores separa Abel e eu, e nossas mãos quebram o contato, deixando-me imediatamente com frio. Olho para ele sobre a multidão, esfregando meus braços nus como se o calor tivesse sido sugado dali.

A próxima coisa que eu sei, eles estão tirando Abel e Sky dali. Sky está lutando, mas Abel parece não se importar. Ele vai com facilidade como se soubesse que isso aconteceria, as pessoas apontariam o dedo para ele, não importa o que acontecesse. Ao virar a esquina, Abel olha por cima dos ombros e nossos olhos se encontram pela última vez.



Apocalipse.

Dizimação. Armagedom. Fim do mundo.

Nunca pensei que veria isso na minha vida. Sempre achei que seria em um futuro distante. Se há uma coisa chamada Apocalipse.

Eu, pessoalmente, chamo isso de tempos sombrios. O termo eu roubei de ninguém menos que a Sra. Weatherby. Não sei se é semelhante ao que aconteceu depois que as pessoas descobriram sobre David e Delilah, mas com certeza parece que a escuridão nunca vai acabar.

O sol não está direito desde o incidente na escola, meses atrás. Em alguns dias ele está se escondendo atrás das nuvens, deixando a terra fria e cinza, e em outros, é demais, os raios de sol quase queimando o chão.

Falei para o diretor que a culpa não era dele. Disse e disse várias vezes. Abel não fez nada; ele nem tocou em Duke. Até a Sky é inocente. Ela estava cuidando da própria vida. Foi Duke quem provocou Sky. Que bastardo do caralho. Sim, eu tenho xingado agora. Tudo bem. Não tenho medo de ir para o inferno.

Naquele dia na escola, nada realmente aconteceu entre Duke e Abel. Não tinha punhos envolvidos. A discussão, ou o que quer que tenha sido, foi algo menor, provavelmente passível de detenção. Então ninguém podia fazer nada.

Mas isso importava para minha mãe? Não.

Ela ainda assim me bateu por defender o Abel na frente do diretor. Todo mundo viu como minha mão estava em seu peito, e como ele a cobriu com sua própria mão. Obviamente, ela descobriu e me trancou por semanas, o que teria se transformado em meses se meu pai não tivesse interferido.

— Você quer matá-la de fome? Você tem olhado para ela ultimamente? Ela só estava ajudando a melhor amiga e um colega de escola.

— Eu nem quero pensar naquela selvagem da Skylar Davids. Sua mãe deveria ter a educado melhor e não a deixar sair por aí assim. E esse menino é *não* um colega de escola. Eles deveriam ter me ouvido quando eu disse a eles para rejeitar o pedido. Esse menino nem deveria estar aqui. Ele deveria—

— Pode parar com isso? Ele é só um menino. Ele tem todo o direito de ir à escola, se quiser.

— Você está se ouvindo? Esqueceu de quem eram os pais dele? Irmãos tendo um caso. Entende como isso é doentio? Você tem uma irmã. Você tem primos. Você consegue imaginar uma coisa dessas?

— Chega. Ele é *não* os pais.

Foi a primeira vez que ouvi meu pai levantar a voz. Minha mãe também ficou atordoada. Ao longo dos anos, percebi a razão pela qual meu pai não diz nada para a mamãe. É porque ele a ama. Um pouco demais, eu acho. Ele a deixa controlar sua vida; ele a deixa administrar as coisas porque é isso que deixa minha mãe feliz. Estar no controle das coisas.

Vi como ele olha para a minha mãe, com amor e um pouco de frustração. Fico triste que meu pai faça de tudo para fazê-la feliz, inclusive às vezes me negligenciar, mas minha mãe não percebe isso.

Mas, naquele momento, eu poderia ter abraçado meu pai por defender Abel. Mas eu não podia; eu estava escondida dentro do meu quarto, evitando minha mãe e suas mãos afiadas.

— Bem, lembre das suas palavras porque você vai se arrepender delas. Você e sua filha vão. Ele vai se ficar como os pais: corrupto e imoral. O sangue é mais espesso que a água, não é? E o sangue dele é ruim; você não pode mudar isso.

Achei que as coisas ficariam mais fáceis depois que o castigo acabasse. Mas não.

Minha mãe me leva para a escola como antes. Ela não me deixa sair de sua vista nem por um segundo. Não tenho permissão para ir à minha casa na árvore ou ficar na biblioteca.

Só vejo o Abel de passagem pela cidade, onde ele ainda trabalha para o Sr. B, ou na igreja, onde, pela minha mãe e da Sra. Weatherby, ele se tornou ainda mais infame. Mas ele vai, mantém a cabeça erguida porque sabe que eu estarei lá. Ele mantém sua raiva escondida. Por mim.

Porra, não sei o que fazer. Alguns dias são tão difíceis. Difíceis para caralho. Não quero levantar de manhã. Quero continuar dormindo com chance de sonhar com ele e ver seu sorriso ou tocar sua camiseta macia, músculos quentes e cabelos lindos.

— Quero te abraçar — falo em uma noite com o minúsculo telefone secreto que ele me deu há tanto tempo, que agora escondo sob a tábua solta do meu quarto.

— Feche os olhos.

Ao seu sussurro, meus olhos tremulam fechados.

— Ok.

— Você me vê?

— Eu sempre te vejo.

— Agora me imagine me debruçando e colocando meus braços em volta de sua cintura.

Eu faço. Imagino isso. Eu enrolo minha própria mão em torno de mim, embora meu braço não seja tão pesado ou quente, nem me faça sentir tão seguro. Sinto o cheiro do ar e finjo que cheira a maçãs, quando provavelmente são as bolas de traça e sabão para roupa.

Quero chorar, mas prometo a mim mesma que não vou. Sem lágrimas esta noite. Ninguém quer uma namorada chorona.

— Você está com as mãos no meu vestido?

— Você está usando aquele vestido rosa sexy para caralho?

Aperto minhas coxas.

— Sim. Para você.

Ele geme e eu ouço farfalhar.

— Porra.

— E você está sentindo o cheiro da minha pele? — Mordi meu lábio, esfregando meu ombro em minha bochecha, imaginando seu nariz

macio e lábios de veludo no local.

— E chupando ela.

— Mas você não pode deixar marca.

— Um dia eu vou.

— Abel... — Eu gemo, imaginando marcas vermelhas e roxas por todo o meu corpo. Elas vão doer e palpitar como os hematomas. Mas não vou me importar com elas. Não, vou recebê-las bem porque são feitas de amor. Muito amor. Algo tão apaixonante que se torna doloroso.

— Você está imaginando, não é?

— Sim.

— É. Você quer que eu marque você. E sabe de uma coisa, Pixie?

— O que?

— Eu não pararia no seu pescoço. Eu marcaria você em todos os lugares. Nas costas, na cintura, na barriga. Aposto que é macia. Para caralho. Vou chupar a pele, usar os dentes e soltar com um estalo. Vai ficar vermelho quando eu terminar. Talvez tão vermelho quanto seus mamilos. — Um grunhido. — Fico pensando neles. Fico pensando na sua boceta. Como fica molhada. Como é molhada. Porra, é tão deliciosa. Mais do que qualquer coisa neste maldito mundo. Eu provavelmente deveria ser gentil, sabe. Tipo, muito gentil e devagar, mas acho que não consigo ser.

— Por que não? — Eu me contorço na cama, deslizo os pés para cima e para baixo, excitada para além da minha imaginação.

— Porque esperei muito por isso. Esperei para caralho. — É um sussurro no final. — Você me fez esperar, né? Você me fez enlouquecer por aquela boceta gostosa.

Adoro quando ele fala assim, quando seu desespero se torna tão pesado que fica maior que sua voz. Mas ele tem razão. Eu sou uma grande idiota por fazê-lo esperar e jogar esses jogos. Ele me ama muito e eu o amo também. E agora não conseguimos nos ver direito. Achei que tínhamos tempo até que nos tirassem ele.

— Você gosta, né? Você gosta quando eu imploro. Quando eu enlouqueço de tesão com um sorriso seu e eu gozo na minha calça.

Eu estremeço, meu interior zumbindo com suas palavras.

— Abel...

— Admita. Admita que é por isso que você continua dizendo não.

— Eu... — Olho para o teto escuro, constrangida e com tesão. — Sim. Eu amo que você fica tão louco por mim. É... uma espécie de libertação. Me faz sentir poderosa.

Ele ri.

— Ah, então minha Pixie gosta de provocar. Quem diria?

Eu suspiro, balançando a cabeça.

— Não. Não mesmo. Além disso, você me provoca também. Você não me deixa me tocar como castigo. Você fica me dizendo o que fazer e isso não é legal.

Ok, então eu posso gostar um pouco de provocação. Mas ele também, mandando em mim por aí. É divertido ter um pouco de poder. Porque eu vi o que não ter poder faz com uma pessoa. Prometi a mim mesma que nunca acabarei como meu pai. Embora o Abel não seja nada parecido com a minha mãe, não é?

— E você me obedece, não é?

— Sim. Como uma idiota — resmungo.

— Que tal eu te dizer para se tocar agora, como eu estou fazendo.

Eu esqueço tudo sobre manter o controle porque eu estou me afogando na luxúria agora.

— Você está... se tocando?

— Porra, sim. Estou batendo uma com a sua voz. Isso te deixa com tesão?

Eu engoli, imaginando ele segurando seu pau em suas mãos grandes. Porra. Eu quero tocá-lo. Eu. Quero ver a cara dele quando ele gozar na minha mão.

— Sim.

— Então eu vou ser legal com você, Pixie. Então você vai saber o quanto eu te amo. O quanto dói por você.

— Como? — Respiro, apertando as pernas, os dedos brincando com a bainha do pijama.

— Vou dizer para você tocar no seu clitóris para mim. Você pode fazer isso?

Eu digo que sim e meus dedos se atrapalham no escuro, alcançando minha parte mais dolorida. E quando ele me diz para colocar um dedo dentro, eu faço isso também. Sigo todas as suas direções até gozar antes de ir dormir, pensando que aquela era uma boa noite.

Mas algumas noites são difíceis. Algumas noites as lágrimas fluem livremente, correndo até o meu cabelo, encharcando os fios, encharcando meu travesseiro. Em algumas noites sou uma namorada chorona.

— Não sei por quanto tempo eu consigo fazer isso. Sinto muito a sua falta. Eu odeio essa cidade.

— Não, você só me ama.

— Claro que eu te amo, seu idiota do c-caralho. Por que você não está tão bravo com isso quanto eu?

— Minha Pixie está toda crescida xingando e tudo.

— Abel, pare de fazer piada, tudo bem? Fique bravo comigo— sussurro-assobio.

— Não posso.

— Por que não?

— Porque se eu ficar, não vou saber parar.

Agarro o telefone com mais força às vibrações violentas em seu sussurro. Violento e feroz. Ele está com raiva e fica mais bravo a cada dia, não é? Eu odeio isso por ele, por nós, pelo nosso amor.

— Quero contar para eles, Abel. Acho que meu pai vai ficar nosso lado. — Bem, não sei o que ele faria na frente da minha mãe, mas talvez ele venha em nossa defesa como fez antes, sobre o Abel.

— Não.

— Mas Abel—

Ele me corta, com a voz dura.

— Não, Pixie. Você não vai contar a eles. Não até que eu possa fazer algo a respeito. Não até que eu tenha o poder.

— O que isso significa?

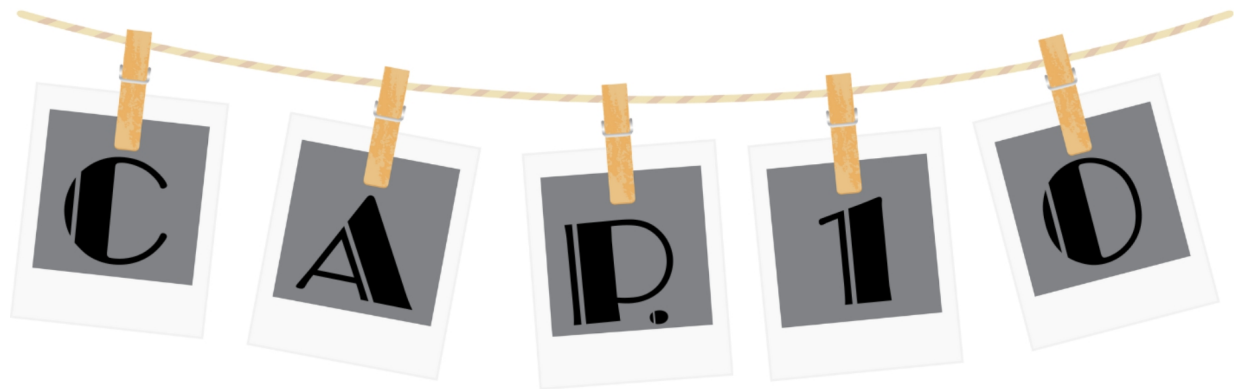
— Isso significa que precisamos ser inteligentes. Precisamos esperar. Eu preciso ter dinheiro guardado e você precisa ser maior de idade. Então, se as coisas derem errado, podemos fazer algo a respeito.

Ele está me assustando.

— Tipo o que?

— O que precisar ser feito. Porque eu não vou deixar você ir, Pixie. Vou manter você comigo. Lembra que eu te falei isso?

— Sim.



— Eu falei sério — declara.

**Vou fazer dezoito anos em cerca de um mês.
Eu nunca esperei tanto por um aniversário como
esperei por esse.**

Daqui a quatro semanas, vou contar aos meus pais sobre mim e o Abel. Eu sei que não vai ser bonito e minha mãe provavelmente vai surtar. Mas ela vai aceitar um dia. Tenho quase certeza que meu pai vai ficar do meu lado; mas ele pode não falar isso abertamente.

Simplesmente não há nada contra Abel. Bem, exceto que ele é um Adams, e minha mãe odeia essa família.

Por mais que eu queira esquecer o que aconteceu há quase dois anos, não posso. As pessoas me olham com desconfiança, como se eu fosse uma estrela morrendo, pronta para desmoronar sobre mim mesma. Na escola, quando passo pelo local onde o Abel segurou minha mão e disse que eu era dele, me lembro daquele dia. Sua expressão rasgada e raivosa. Como se houvesse alguma possibilidade de eu escolher um idiota como Duke em vez de Abel.

Meu Abel é um artista. Ele é ouro. Ele é apaixonado, romântico, intenso e brincalhão. Ele pode ser um pouco possessivo e controlador, mas tudo bem. Eu posso lidar com ele. Eu nunca o deixaria. Nunca.

Mas primeiro eu preciso fazer uma coisa. Preciso sobreviver a esse último insulto ao nosso amor. Ir ao baile com Duke Knight.

Lembra como eu disse que minha mãe tinha começado a me empurrar em direção ao Duke? Piorou. Agora ela não limita suas sugestões à nossa casa. Ela as expressa em público, ou seja, na igreja.

— Acho que vocês, crianças, deveriam sair mais. — Minha mãe riu ao lado do Sr. Knight, pai de Duke. — Minha Evie está sempre ocupada com seus livros. Graças a Deus, ela parou de ir à casa na árvore e de correr pelos campos. Mas ela realmente precisa sair mais.

— Acho que vocês deveriam ir ao baile juntos — sugeriu Sr. Knight.

Duke sorriu forçado e murmurou algo sobre ser capaz de conseguir um encontro sozinho. Que imbecil. Ele se virou para mim e perguntou – com os lábios, enquanto seus olhos diziam que preferia estar em qualquer outro lugar do mundo agora. Graças a Deus, a Sky ainda não tinha chegado. Eu queria ter a mesma sorte com meu namorado, mas não. Ele estava lá e assistiu a tudo isso. Ele ficou do outro lado da igreja, seu foco em mim, seu olhar pingando de raiva, enquanto minha mãe me cutucava com o cotovelo e dizia sim em meu nome.

Pensei que alguém estava me estrangulando. Senti como se fosse desmaiar, minha visão ficando turva com lágrimas não derramadas. Mesmo assim, balancei a cabeça uma vez, tentando transmitir ao garoto que amo que aquilo não importava. Não o suficiente para ele arriscar outro incidente. Embora tenhamos brigado sobre isso no telefone.

Estamos brigando desde então. É mais como uma guerra fria, onde ele soa frustrado e irritado, e eu choro em silêncio, e então ele pede desculpas

por me fazer chorar. Na noite seguinte, fazemos tudo de novo.

Já pensei em passar mal, enfiar um dedo na garganta para vomitar. Então minha mãe pensaria que eu não estou bem para ir. Mas isso é ainda pior do que ficar em casa, onde estou sob uma nuvem constante de suspeitas. Isso daria a ela mais combustível de que sua filha está realmente tendo um caso com o monstro.

Eu também pensei abertamente em dizer a ela. São só quatro semanas. Qual é o pior que ela pode fazer? Mas então, eu lembro do que eles fizeram com minha colega de classe, Jessica Roberts. Todos ficaram surpresos quando ela apareceu grávida no ano passado. Ela estava a caminho da faculdade para se tornar pré-médica, mas cometeu o pecado e, ao invés disso, se tornou uma vagabunda. Palavras da minha mãe, não minhas. E, naturalmente, minha mãe achava que tinha sido Abel. Até que Jéssica admitiu ter se apaixonado por um universitário que estava visitando a cidade. No final, seus pais a mandaram embora. Não sei onde ela está no mundo, mas espero que ela esteja bem.

Então eu não posso arriscar. Não posso correr o risco de ser mandada para só Deus sabe onde, quando estamos tão perto do objetivo.

Quando Duke chega à minha casa, eu mal o olho. Minha mãe tira fotos e tudo o que faço é encará-la com todo o ódio que senti ao longo dos anos. Enquanto a câmera do Abel me faz sentir viva, livre e até imortal, cada clique da câmera da minha mãe mata meu espírito. Ela me diz para sorrir e eu a ignoro. Olhamos um para o outro enquanto meu pai fica ao lado. Eu o odeio muito também. Eu odeio todo mundo agora.

Feitas as fotos, saímos. Não percebo quando o carro sai da garagem e também não me importo. Olho pela janela, mas mal presto atenção na estrada ou na paisagem. Quando o carro para, tiro o cinto de segurança, pronta para sair e me afastar do cara ao meu lado. Mas faço uma pausa, percebendo que não estamos na escola. Estamos na cidade. Mas, principalmente, estamos em frente à loja do Sr. B. Onde mora o Abel, no andar de cima.

— O que... O que estamos fazendo aqui?

As mãos de Duke ficam no volante enquanto ele dá de ombros.

— Vai.

— O quê?

Ele se vira para mim.

— Vai. Ele provavelmente já está planejando meu assassinato lá em cima.

Meu coração começa a palpitar.

— O-O quê? Quem? — É uma pergunta estúpida e eu não sou tão boa atriz quando confrontada diretamente.

— SÉRIO? — Ele suspira e me encara. — Olha, eu sei que você me odeia. Pode acreditar em mim, não foi minha intenção machucar Adams ou você. Eu só estava—

— Você só estava mexendo com a Sky como sempre faz.

Ele aperta os olhos, provavelmente pensando em uma mentira. Mas ele me surpreende.

— É.

Eu o estudo. Ele parece o mesmo: cabelo gelado, camisa engomada, relógio caro. Mas seus gestos, seu comportamento, são diferentes.

— Por que você a beijaria?

Depois que tudo se acalmou, perguntei a Sky sobre o beijo. Ela disse que foi do nada. Em um minuto, eles estavam brigando e, no outro, os lábios dele estavam nos dela. Perguntei como se sentiu e ela disse que ele tinha gosto de merda. Descrição muito gráfica e desnecessária. Mas eu tinha a sensação de que ela estava mentindo, até para ela mesma.

Algo pisca no rosto de Duke, como se ele estivesse revivendo a memória. Como se ele estivesse revivendo isso desde que aconteceu. Eu conheço esse olhar.

— Porque eu queria.

— Você queria beijar Sky, sua archi-inimiga.

Ele ri curto e zombeteiro.

— É. Ela é isso, não é? — Ele bate a cabeça no encosto do banco. — Ela sempre foi tão louca?

Mesmo sem querer, sorrio.

— Você quer dizer sanguinária? Sim.

— Por quê? — Ele soa tão perplexo, como se não tivesse ideia de quando a inimizade deles começou. Como se ele tivesse esquecido os vários anos dele tentando colocá-la em problemas.

— Bem, se você está perguntando por que ela quer te matar, acho que você já sabe a resposta. Mas se você está perguntando no geral, então eu diria... — Penso nisso. — Skylar Davids, também conhecida como Sky, minha melhor amiga, quer mudar o mundo. Ela odeia que a mãe seja empregada doméstica e que pessoas como você a menosprezem por causa disso.

— Mas a Sky é uma empregada doméstica. Ela não pode mudar isso. Você não pode mudar quem você é, quem você deve ser.

— Não, Duke. Sky não é uma empregada doméstica. A mãe dela é. E não há nada de errado nisso, diga-se de passagem. — Eu balanço a cabeça. — Estou começando a pensar que ela *precisa mesmo* mudar o mundo. Porque o mundo está cheio de cuzões como você.

Sua risada ecoa nos confins de couro do carro.

— Uau. Evie Hart falou um palavrão. Acho que é isso que o seu namorado está fazendo.

— Meu namorado vale dez caras como você. Na verdade, o meu Abel é melhor do que esta cidade toda.

Duke sorri.

— Então você não deveria estar perdendo seu tempo conversando comigo. Você devia subir.

— Qual é a pegadinha?

— Sem pegadinha.

— Sério? Você realmente quer que eu acredite nisso?

Ele acena.

— Olha, considere essa a minha boa ação. Eu fodi as coisas para você, então agora estou meio que fazendo as coisas certas. Além disso, sem ofensa, mas eu não quero passar minha noite com uma versão puta de você. Então, estarei de volta para te levar para casa a tempo.

— Ah, Duke Knight disse *dois* palavrões. Eu não sabia que você xingava. A Sky sabia.

— Sky — Ele suspira, longo e meio solitário. — Eu me pergunto o que ela está fazendo agora.

— Ei, não mexe com ela. Ela não precisa de mais das suas porcarias.

Ele ri como o diabo que é e ignora completamente o que acabei de dizer.

— Tic Tac, Cinderela. Vai logo. O tempo está passando.

Não me lembro de ter saído do carro de Duke ou subido as escadas precárias que levam ao apartamento do meu namorado, mas estou em frente à porta dele.

É branca, mas tem manchas de amarelo. A tinta está descascando e a maçaneta de bronze está riscada e raspada. É a primeira vez que a vejo; eu tive tanto cuidado de nunca vir aqui para que ninguém me visse, mas essa noite eu não me importo. De qualquer forma, essa é uma porta para a qual eu não olharia duas vezes. Esta é uma porta que está surrada, caindo aos pedaços como essas paredes brancas e descoloridas.

Mas o meu Abel mora do outro lado.

Isso é tudo o que importa para mim. Coloco a mão na madeira desbotada e mal pintada prestes a bater, mas ela se abre antes, me fazendo tropeçar um pouco.

Abel está na soleira com a testa franzida, o peito socando a camiseta preta a cada respiração que toma. Seu cabelo está todo bagunçado, como se estivesse dormindo há uma década, mas seus olhos estão avermelhados, sugerindo que ele não dormiu nada.

— Pixie? — Sua voz é ruidosa e é tão bom ouvi-la pessoalmente que meu corpo inteiro suspira. Não me lembro da última vez que conversamos cara a cara. Eu tinha esquecido o formato de seus lábios, como eles se moldam em torno do meu nome, *Pixie*. Como se fosse o nome mais importante que ele já disse ou dirá.

— Abel — sussurro, sorrindo enquanto meus olhos se sentem pesados com todas as emoções reprimidas.

Ele está me olhando de cima a baixo, passando o olhar por todo o meu corpo e, pela primeira vez, me sinto uma menina, talvez até uma mulher. Por dias, não pensei na roupa que ia usar ou na trança que minha mãe me mandaria fazer. Eu não *sentia* nada. Nem uma coisa sequer. O momento em que eu realmente me sinto viva é quando seus olhos estão em mim, ou quando ele está sussurrando no meu ouvido, à noite.

Me sinto viva agora. Meu coração está acelerado no peito, batendo contra minha caixa torácica. Cada respiração que tomo me faz perceber que estou usando um vestido com decote baixo, não absurdamente baixo, mas mais baixo do que o que costumo usar, uma pequena sugestão de decote. As mangas e o corpete do meu vestido são de renda pura com flores e ele se encaixa como uma segunda pele até meus quadris. E então, ele explode em ondas brilhantes de tecido e chega até um pouco acima dos meus joelhos.

Será que ele gosta? É sua cor favorita: preto. Embora eu saiba que em mim ele gosta de rosa mais do que qualquer coisa.

Por que ele não está falando nada? Olho para os meus pés e mexo os dedos dentro dos meus saltos baixos pretos. Então olho para cima, me sentindo mais insegura do que nunca. Normalmente, é ele quem me puxa para dentro de armários e salas de aula, me pega nos braços, me toca de um jeito ou de outro. Mas ele não está fazendo nada disso agora.

— Posso entrar? — Minha voz quebra quando faço a pergunta.

Ele pisca, acordando de algum tipo de sono, e então, ele faz o que sempre faz, me puxa para dentro e fecha a porta com um baque, seus gestos altos e seguros.

— O que... Pensei que estava sonhando — Ele engole, com as palmas das mãos apoiadas na madeira, de cada lado de mim, fazendo uma gaiola de músculos bronzeados e ossos. — Eu fiquei enlouquecendo o dia todo, pensando em você com aquele merda. Me culpando por ter sido um babaca com você a semana toda — Ele se inclina, seu peito descontroladamente pesado pressionando em mim. — Eu ia te buscar.

Algo no tom dele me faz arrepiar.

— M-Me buscar?

— Dele. Da sua escola. Eu sabia que você chegaria lá agora, então eu ia te buscar. Dizer ao mundo inteiro que você é minha.

Eu sei que ele não está mentindo. Eu sei que ele faria o que quer que ele estivesse pensando em fazer antes de eu chegar aqui.

Eu não devia me derreter por isso. Não devia me fazer apertar as coxas porque, honestamente para Deus, isso é assustador. O limite de criminoso e louco. E eu sei que se ele tivesse decidido me levar, eu não teria resistido. Eu teria ido com ele, com o coração batendo ferozmente e uma dose saudável de medo e excitação no estômago.

Eu seguro a bainha da camiseta dele.

— Você não precisa me levar. Estou aqui.

— Como caralhos você está aqui?

— Duke me deixou aqui. Ele disse que voltaria para me levar para casa mais tarde. — Sua mandíbula aperta e seus olhos disparam fogo contra o nome de Duke. Seguro sua mandíbula dura e apertada, ficando na ponta dos pés. — Não. Ele não vale a pena.

— A única razão pela qual ele está andando com duas pernas agora é porque você continua salvando-o de mim.

Eu tenho que rir disso porque ele é um idiota. Beijo seu queixo.

— Não estou salvando-o. Estou salvando *você*. É sempre você, Abel. Não quero que minha mãe tenha mais combustível contra você. Chegamos até aqui. Fomos inteligentes, como você disse. Não posso deixar ninguém estragar isso para nós. Nem você, seu animal.

Seus lábios se contorcem e, finalmente, seus olhos sorriem, perdendo o calor.

— Eu sou um animal, é?

Assenti, sorrindo levemente, estudando o tom mais claro de marrom em seu olhar, envolto por cílios mais escuros. — Sim, mas você tem olhos lindos.

— É? — Ele me lança um sorriso torto. — Eu estava pensando a mesma coisa.

— Sêrio?

— Não. Eu estava pensando o quão quente é a sua boca e como eu quero fodê-la com minha língua agora.

Um arrepio patina na minha espinha. Quente e ardente, bati no ombro dele.

— Abel. Isso é...

— O quê? Inapropriado?

— Duh. — Eu coro.

— Que tal se eu disser que quero fazer amor com sua boca com a minha língua? Isso é melhor?

Estou lutando para não sorrir. É uma batalha que perco em cerca de três segundos.

— Então eu diria... — Me inclino para ele e sussurro em seu ouvido, com uma ousadia que mal sinto. — Fale menos e me foda mais.

Ele estremece e me olha com choque, e eu sorrio para ele. Seus olhos brilham e ele tira as mãos da porta e as acomoda onde elas pertencem, na minha cintura.

— Alguém já te disse que você é mandona, Pixie?

Enrolo meus braços em volta de seu pescoço e tiro meus sapatos, liberando meus pés, e me levanto sobre os pés descalços dele.

— Sim, meu namorado.

Rindo, ele abaixa e me beija. Suspiro na boca dele e ele geme na minha. É um beijo que esperei a vida inteira, ao que parece. Eu traço minhas mãos por todo o corpo dele, ombros, peito, estômago. Sinto sua camiseta macia, tentando transformar tudo isso em uma memória para que eu possa reviver esse momento quando eu estiver sozinha na cama esta noite e em todas as noites pelas próximas quatro semanas.

Ele faz o mesmo. Suas mãos grandes se movem por toda a extensão das minhas costas, minha cintura minúscula, amontoando meu vestido. Seus dedos aperta a carne na minha bunda e descem até minhas coxas, me obrigando a levantar minha perna e enrolar minha panturrilha em volta de seu quadril.

Gemendo, ele segura minhas bochechas e manobra meu rosto do jeito que quer para que ele possa aprofundar o beijo. Não sei quanto tempo nossos lábios colidem, mas quando paramos em busca de ar, estamos nos movendo um contra o outro e minhas mãos estão sob sua camisa, minhas unhas cavando em seu estômago.

Deixamos o ar enevoado e infundido com hormônios. De alguma forma, posso sentir seu coração bater contra minha palma, mesmo que eu não esteja nem perto de seu peito. Seu pau está pressionando onde estou molhada, me fazendo perceber há quanto tempo ele não me toca ali, há quanto tempo eu não o toco.

Eu me movo contra ele, meus dedos coçando para sentir seu pau quente e aveludado. Ele estremece, seu aperto em torno de mim ficando mais forte. O prazer lá embaixo é nítido, tão afiado, como um punho pesando na minha região pélvica. Sua calça jeans raspa tão bem contra minhas coxas.

É isso. Esse é o momento. Quero ir até o fim.

Eu fui uma idiota, negando, torturando. Não quero jogar jogos de poder. Eu só quero ele. Eu quero que ele *tome* porque é dele mesmo.

— Abel...

— Você está com fome? — dispara.

— O quê?

Ele sorri, embora seus olhos ainda mantenham a intensidade de momentos atrás. Ele lentamente desembaraça nossos corpos, abaixa meu vestido suavemente e coloca meus cabelos bagunçados atrás das orelhas. Mas a bagunça que nosso beijo fez dentro do meu corpo, o zumbido, a luxúria, os mamilos latejantes... Não sei como vou conseguir organizar tudo isso.

Estou confusa. O que está acontecendo?

— Quer um queijo grelhado? — Ele dá um passo para trás.

— Eu... O quê?

— Me deixa te fazer um queijo grelhado.

Com isso, ele vai para a sua pequena cozinha, e eu fico tremendo, minha cabeça uma bagunça. O que aconteceu? Será que ele... Ele me rejeitou?

Meu coração se enrola no peito, pensando... E se fiquei provocando demais e ele não me quisesse mais?

Minha Pixie gosta de provocar.

Ele está bravo comigo? Bem, eu não estou mais. Deus. Eu quero ele. Eu quero fazer isso. Mas como eu falo isso? Quem sabe eu possa tirar a roupa e ficar nua? Isso deve enviar uma mensagem clara.

Ugh. Não. Eu não consigo fazer isso. Não sou tão corajosa ou louca.

Abatida, olho ao redor do apartamento. É pequeno com uma cozinha de um lado, sofá no meio e sua cama ocupando o outro lado, junto à janela. É simples e funcional. Nada extravagante. Áspero e sem polimento, como o menino que mora aqui. Embora *seja* um pouco desarrumado. Mesmo sem querer, sorrio para os montes de roupas no chão, a cama desfeita com travesseiros espalhados.

O meu Abel é um desleixado.

À medida que entro, pego suas roupas no chão e as despejo no cesto de roupa que fica bem ao lado de sua cômoda. Eu alinho seus tênis sujos e os empurro para debaixo da cama. Isso me deixa feliz, fazer essas pequenas coisas para ele.

Fico no meio do apartamento enquanto Abel trabalha na cozinha, com as costas largas e os braços flexionados enquanto vira o sanduíche na panela, fazendo-o chiar. Neste momento, consigo ver o futuro. Eu e ele juntos. Vou fazer a limpeza, claro, porque não sei cozinhar. Mas vou fazer para ele todas as tortas de maçã que ele quiser. Às vezes a gente vai pedir comida e às vezes ele vai cozinhar para mim. Teremos uma casa em algum lugar, com um grande quintal, uma árvore e um balanço. Ele vai me dar impulso e eu vou tocar o céu. Ele vai me beijar e eu vou sentir o sol.

Em quatro semanas, vou contar aos meus pais e depois a minha vida vai mudar para melhor. Vamos nos casar e morar juntos. Eu tenho uma bolsa de estudos para uma faculdade a algumas horas daqui. Eles têm um ótimo programa de escrita, então eu fiquei animada para ir. Sei que o Abel vai comigo; ele fez todos os planos assim. Mas não tenho tanta certeza de que quero ir. Quero dar ao nosso amor uma chance de crescer; a faculdade pode acontecer mais tarde. Mas tanto faz. Ainda não decidi totalmente. Eu tenho tempo.

Primeiro, eu preciso fazê-lo transar comigo esta noite. Vou implorar também, se isso faz com que ele se sinta melhor.

Eu me concentro na mesa grande e comprida junto à parede, com montanhas de papéis sobre ela, ao lado de sua câmera, é claro. Eu sei o que são. São os desenhos que ele fez e, na parede, estão fotografias de nós juntos, fixadas como as estrelas.

Estudo seus desenhos; eles são de tudo, do mundo inteiro. Os campos de milho, as pequenas lojas ao longo do centro da cidade, as pessoas, a estrada interminável. Os prédios de Nova York que eu só vi nos filmes e nas fotos dele. As pontes enfeitadas com luzes de Natal, corpos d'água, bancos de parque com um pássaro empoleirado no encosto, uma pipa solitária no céu. É tudo o que você vê e é tudo o que você ignora.

Um artista.

Meus dedos se perdem pelos desenhos, pelas fotos, tão rápido que minha cabeça gira e meu coração dispara. Mas então para porque no centro, encontro um meu.

Um desenho meu deitada em uma cama, sua cama, nua.

Nua, pelada, sem roupa. Meu cabelo longo, longo está estendido no travesseiro dele, alguns fios até saindo da cama para tocar o chão. Meus olhos estão fechados e meus lábios estão separados. Um dos meus joelhos está dobrado e uma das minhas mãos está na minha barriga, escondendo meu umbigo. E meus peitos estão se projetando para fora de mim. Mamilos inclinados e duros.

Como diabos ele desenhcou isso? Ele nunca me viu nua. Bem, ele viu meus seios, mas nada mais abaixo deles.

Não tem só um desenho. São centenas. Estou em posições diferentes. Cabeça jogada para trás. Punhos segurando os lençóis. Dentes mordendo meus lábios. Coluna arqueando na cama. Mas em todos estou nua e sim, excitada. Toco meu corpo no papel e o sinto na pele, causando arrepios. Quando ele fez isso? Há quanto tempo ele os faz? E por que de repente me sinto nua, tão nua quanto estou no papel?

Não percebo a proximidade de Abel até que sua mão serpenteie em minha cintura e seu hálito doce sobe em meu ouvido. Ainda bem que ele

está aqui, porque eu estava prestes a desmaiar. Minhas pernas estão tremendo loucamente.

— Porra — ele murmura quando vê o que estou vendo, e baixa a cabeça nos meus ombros.

— Eu... Você nunca me viu nua.

Ele levanta a cabeça e sua mandíbula raspa contra o lado do meu rosto. — Eu sei.

Eu assobio.

— Então, como você...

— Tenho uma imaginação fértil. — Sua palma esfrega círculos ao redor do meu estômago, como se acalmasse as borboletas lá dentro, domando-as com seu toque. — E eu te toquei, senti suas curvas contra meu corpo. Consigo imaginar o que eu não vi.

— Há quanto tempo?

Ouço-o engolir.

— Meses.

Eu o imagino sentado sozinho em sua cama, desenhando imagens minhas, caçando vídeos online para fantasiar sobre mim, enquanto as pessoas da nossa idade estão apaixonadas ou dormindo profundamente, sonhando com isso.

Talvez seja a distância que tivemos que suportar por tantos motivos injustos, ou talvez eu tenha crescido agora, mas não sou mais uma garotinha que queria jogar. Que provavelmente estava segurando sua virgindade com muita força porque ela nunca teve voz em qualquer outra coisa na sua vida. E como uma adulta – uma mulher – eu entendo suas necessidades muito melhor agora. Eu me entendo melhor. Algo dentro de mim – esse desejo de agradá-lo que sempre estive lá cria raízes, floresce. Isso me deixa fraca e forte.

Quero nutri-lo, acalmar sua dor, agarrá-lo ao meu corpo e nunca mais ir embora. Quero dar tudo a ele. Quero obedecê-lo porque me dá prazer. Eu fui feita dessa forma. Para ele.

Eu enfio minha bunda em sua pélvis e arqueio minhas costas. Seus lábios deslizam pela minha bochecha e a extensão da minha garganta.

— Você está duro. — Sinto seu pau através das camadas de roupa: sua calça jeans e meu vestido. Mas o calor dele está queimando tudo lentamente.

— Constantemente — ele sussurra.

Seu tom solitário sobe até meu coração, perfura minha pele e é doloroso. Não sei se é tão doloroso quanto a luxúria dele por mim. Mas espero a Deus que seja. Quero sentir a dor dele porque nunca mais quero que ele sinta algo sozinho.

Coloquei a mão sobre o braço dele que está enfaixado em volta da minha barriga e entrelacei nossos dedos.

— Eu posso... Eu posso te mostrar como eu sou para você não ter mais que imaginar.

Normalmente, sou eu que perco todo o fôlego. Eu sou a que fica quieta quando o coração está batendo como se estivesse em uma corrida louca. Mas, desta vez, é ele. Ele parou de respirar. Quase consigo sentir seu coração batendo na minha coluna, onde seu peito está ruborizado comigo. Eu o atordoei.

Mas não dura muito. Com um empurrão, ele me gira e me empurra contra a mesa. A borda dela bate nas minhas costas e eu agarro seus bíceps para permanecer firme.

— O que você disse?

Os papéis enroscam contra o meu vestido enquanto eu me ajeito de pé.

— Eu disse que posso te mostrar.

Ele está respirando trêmulo, vasculhando meu rosto.

— Você está brincando comigo, né? Porque se você está, Pixie, é uma puta coisa cruel de se fazer.

Olhando para ele agora, entendo por que ele se afastou de mim antes, quando estávamos nos beijando. Ele pensou que eu iria negá-lo novamente. Ele pensou que eu iria dizer não e frustrar seus avanços e ele estava tão cansado disso.

Ah Abel.

Acaricio sua bochecha, olhando em seus lindos olhos castanhos. — Prometo que não estou brincando. Eu... quero que você me tenha, e...

— E o quê?

Eu baixei os olhos e agora meus batimentos cardíacos provavelmente estão como os dele.

— Eu não quero que você me **perca/esqueça** depois que eu for embora... Vou posar para você, vou ser sua musa.

Silêncio. Silêncio total, silêncio épico.

Ok, então talvez eu tenha ido longe demais. Talvez eu devesse ter falado de uma forma mais suave. Mas a questão é que eu não quero suave. Eu não tinha percebido isso até agora. Eu não tinha percebido a fome intensa dentro de mim. Para ele. Para ser dele. Em todos os sentidos.

Eu não tinha percebido que eu quero ele mais do que eu quero qualquer coisa neste mundo. Na verdade, eu nem quero o mundo, eu só quero ele.

— Você está dizendo que eu posso fotos suas? — Eu aceno. — Fotos nuas? — Acenei de novo. — Pixie... Eu...

Ele lambe os lábios, os olhos desconfiados e infundidos de excitação. O marrom de suas pupilas foi engolido inteiro com luxúria negra e suas bochechas são um tom mais escuro com o rubor. Ele quer isso. Ele quer muito isso.

— Eu odiei esse ano, tipo, realmente, *realmente* odiei — digo com a voz firme. — Eu odiava estar longe de você. Eu odiava não poder te tocar ou falar com você. Não sei como aconteceu, mas de alguma forma, você é a única pessoa com quem me sinto segura. Você é o meu tudo, Abel. E eu quero fazer isso. Por você e por mim. Porque eu te amo. — Me levanto na ponta dos pés e dou um beijo em seus lábios imóveis. — Além disso, em quatro semanas você vai me pegar e me jogar por cima do ombro, de qualquer maneira. Você vai me levando a um tribunal para que eu possa dizer que *sim*. Então você pode pegar o que quiser de mim, certo?

Suas narinas se inflamam e ele faz um aceno de cabeça.

— Então por que não fazer isso agora. Esta noite? Estou pronta.

Isso faz com que ele jogue a cabeça para trás e olhe para o teto como se tivesse perdido todas as forças. Ele engole, seu pomo de Adão balançando. Antes de perder a coragem, caminho até a cama e depois viro para enfrentá-lo.

Com seus olhos rastreando caminhos por todo o meu corpo, meu vestido parece muito apertado, especialmente ao redor dos meus seios. Minha calcinha está muito molhada, muito apertada. Quero abaixar os olhos e olhar para os dedos dos pés, mas mantenho o olhar nele. Levanto as mãos e coloco os dedos no zíper. Mas faço uma pausa por alguns segundos quando ele cai contra a mesa, enxugando a boca com o dorso da mão.

Meus dedos tremem violentamente. Algumas vezes o zíper desliza pelos meus dedos suados como se eu estivesse tentando segurar areia ou água. Com uma respiração profunda, eu o seguro e o puxo para baixo. Vai suavemente, afrouxando o corpete do meu vestido, deixando o ar sobre a minha pele suada. Seus olhos brilham. Sua língua escorrega e lambe seus lábios, seu olhar colado onde o vestido se abrirá para revelar meus seios.

Estou quase terminando quando aparece um obstáculo e o zíper fica preso. Franzindo a testa, tento consertar, mas nada acontece.

— O que há de errado? — ele resmunga, em uma voz que não soa como a sua.

— Ficou preso. O zíper.

Ele solta uma respiração reprimida, mas depois ri. É tenso e divertido, e um pouco resignado e zangado.

— Talvez seja um sinal, Pixie. Talvez seu Deus não queira que você fique pelada para mim. O monstro da cidade.

— Cala a boca. Não se chame assim. Apenas me ajude com isso, vai? — Eu murmuro, revirando os olhos, mesmo que eu entenda seu tom amargo. O ano passado foi difícil para nós.

Mas só mais quatro semanas antes de eu poder estar com ele para sempre.

Eu me viro e ouço a respiração dele. Ele se aproxima de mim com os pés altos e coloca as mãos na minha cintura por cima do vestido, segurando o tecido, como se tivesse medo de soltar.

Sabe quando você quer demais algo que você fica com medo de realmente ter? Você fica com medo de segurar isso nas mãos vai mudar você. Talvez seja disso que ele tenha medo também. Como vamos continuar vivendo, existindo na mesma cidade por um mês inteiro, depois de fazermos isso? Depois de finalmente dar o passo e sermos um só.

Porque sim. Vou dormir com ele esta noite. Sem dúvida nenhuma.

— Abel — sussurro seu nome como se tivesse entrado em transe de novo, perdido em seus pensamentos.

Uma baforada de ar sobre a nuca, e então ele está puxando o zíper para baixo, até que não há mais para onde ir. A trilha está feita e meu vestido está solto o suficiente para sair.

Put a merda. Estou realmente fazendo isso.

Eu pego o tecido na frente e o mantenho preso ao meu peito antes de deixá-lo descer e virar uma poça ao redor dos meus pés. Sua expiração estremecida é tão forte que toca cada centímetro do meu corpo. Cada centímetro.

Um segundo depois, são seus dedos tocando minha pele nua, correndo ao longo da borda da alça do meu sutiã. Eles são suaves, mas lentos, até tocarem meu cabelo. Então, eles se tornam insistentes, fortes e prejudiciais. Ele está enrolando os fios em volta da mão e esfregando com suavidade as minhas costas. Juro que ouço um gemido, mas é muito baixo para ser considerado um som. Mordo o lábio, ficando molhada entre as pernas.

— Vire, bebê — ordena em voz baixa.

Cavando as unhas nas minhas coxas nuas, eu faço. Todos os músculos do meu corpo são tensos. Toda veia que corre sob a minha carne está tensa. Nunca estive tão nua na frente de ninguém. Nenhuma outra pessoa nesta terra viu meu corpo dessa maneira. Exceto Abel.

Meus peitos são grandes, maiores do que a maioria das meninas com quem vou à escola, e na maioria dos dias eu os sinto desajeitados e pesados, às vezes doloridos também. Minha cintura é pequena, mas não é do tipo que você vê na TV, onde tudo é seco e musculoso. Não, meu estômago é macio e almofadado. São todos os Toblerones ao longo dos

anos. Minha pele é pálida com veias azuis e minhas coxas e bumbum são carnudos. Quando estou aqui, percebo o quanto sou arredondada e lisa em comparação com ele. Mesmo coberto por roupas, ele parece esculpido e musculoso.

— Rosa — sussurra, com os olhos esbugalhados no tecido do meu sutiã.

— Para você.

É verdade. Eu escolhi minha lingerie para ele, mesmo saindo com Duke. É rendada – mais rendada do que o que costumo usar. Eu não sabia que ele iria ver.

Seu sorriso é apertado e incrédulo. Quando eu acho que ele vai me tocar, ele dá um passo para trás. Eu o observo andar para trás, seus olhos nunca saem do meu corpo, dos meus seios especificamente, e fico me sentindo tímida e corada. Eu o questiono com meus olhos sobre o que ele está fazendo, mas ele está em silêncio agora, não demonstrando nada.

Suas coxas bateram na mesa e ele estendeu a mão para pegar sua câmera. A ação não faz um som, mas de alguma forma ecoa por toda a sala. Ele olha para o objeto preto uma vez antes de levantar os olhos.

— Tire o resto da roupa.

Agora esse som – sua voz – vai ecoar para sempre sob o céu noturno, como se fosse um telhado cravejado de estrelas e o mundo inteiro não passasse de um grande espaço escuro. Um espaço onde Abel Adams é o rei. Um deus de camiseta preta, calça branca, cruz prateada e cabelos dourados, e eu sou sua discípula.

Ele tirou meu livre-arbítrio com seu comando, e eu saio da piscina do meu vestido preto, meu cabelo amarelo deslizando pelas minhas costas. Com mãos trêmulas, faço o que ele pediu. Abri meu sutiã e deixei cair, me inclinei e deslizei minha calcinha. O ar que escova meus mamilos e minha fenda molhada é quente e frio ao mesmo tempo.

Eu fico de pé. Nua. Completamente nua.

Seus olhos arregalam e passam fome. Os dedos que seguram a câmera flexionam e se agitam. Seus lábios se movem, mas nenhum som sai. Embora pareça que ele está xingando e dizendo algo como *porra*.

Ele não sabe para onde olhar primeiro. Eu o observo me observando, olhando meus seios nus, meus mamilos salientes e, em seguida, caindo até o meu centro, os cachos molhados ao redor dele.

Por um segundo, acho que ele vai abandonar toda a sessão de fotografia e me atacar. Ele vai perder toda a paciência, saciar o desejo dele no meu corpo, sem se importar com o meu conforto, sem se importar que assim como para ele, essa é a minha primeira vez também, e tirar tudo de mim. Teria me assustado ontem, mas ontem eu era só uma garota

apaixonada. Hoje, eu o adoro. Não tenho medo – estou nervosa, trêmula e excitada, sim, mas sem medo.

De alguma forma, ele consegue controlar sua respiração selvagem e manter um controle firme de sua câmera. Com a mão livre, porém, ele alcança a protuberância distinta em sua calça jeans, massageando a dureza. Quero gritar que devo ser eu a tocá-lo. *Deixe para mim*. Mas estou muda. Se meu sexo estava molhado antes, está jorrando agora. Está inchando e há uma vibração forte no meu clitóris. Especialmente quando ele abaixa o olhar e se concentra nele – no meu centro.

— Eu amo seus cachos. — Seu olhar está colado a ele, me prendendo no lugar.

Eu me arrepio com as palavras dele, quase sem acreditar que ele está trazendo isso à tona. Ele já tocou neles antes, meus cachos, mas nunca os viu. Mas ainda assim. As pessoas simplesmente não trazem isso à tona. Mas eu deveria saber. Abel Adams não segue regras, não é?

— Eu, uh, eu meio que não quero nada pinicando o meu... você sabe.

— Eu gosto.

— Você gosta?

Ele acena.

— Significa que tenho que trabalhar um pouco mais para pegar o que é meu. E se eu quiser sua boceta raspada, eu mesmo farei isso.

Espere um segundo, o quê? Ele acabou de dizer que vai... me raspar?

Isso é nojento. Então, por que estou apertando minhas coxas, imaginando seus dedos longos segurando uma lâmina?

O ar engrossa e a hora de falar acabou. Ele mexe o queixo.

— Suba na cama.

Minhas pernas cedem e eu sento na borda antes de deslizar para trás. Seus lençóis escuros estão roçando contra minha pele, quase como sua mão, mas não tão quentes ou tão repletos de vida e energia.

— Deite.

Eu me deito. Suspiro quando minha cabeça bate no travesseiro. Não porque é mole, não. Seu travesseiro é granuloso e não consigo imaginá-lo dormindo nele. Mas o fato de ele fazer, de que é aqui que ele descansa a cabeça à noite, inunda meu corpo com todo o amor por esse menino.

Só que ele não é um menino.

Ele é um homem, com músculos bronzeados e olhos escuros.

Observá-lo da minha posição, deitada em sua cama, me faz sentir vulnerável e pequena e... querida. Como se apenas pairando sobre mim como uma sombra, ele pudesse me proteger de todos os desastres do mundo.

O Abel tem que visivelmente se recompor ao me ver. Seus dedos continuam flexionando ao ver meus seios, como se ele estivesse imaginando suas mãos apertando-os. Estou imaginando isso também. Ele continua engolindo, lambendo os lábios quando foca no meu núcleo, como se preferisse estar lambendo aquilo do que a boca. Meus dedos se enrolam.

Mais uma vez, ele se concentra para continuar. Ele estreita os olhos e vira a cabeça, me estudando. Objetivamente. Ele está pensando como ele me quer. Ele está pensando como deve reorganizar meus membros para conseguir a foto que ele quer. Aquela que ele via ficar olhando em noites solitárias pelas próximas quatro semanas.

Mordendo o lábio, ele deixa a câmera no pescoço e se abaixa. Nossos olhos se encontram e eu engoli. Há tanto fogo nas profundezas de seu olhar, aquecido e escaldante. É uma surpresa que ainda não me derreti. Agarro os lençóis, cruzando as coxas, pressionando-as com força.

Em completo contraste com seu olhar intenso, seus dedos passam por cima do meu estômago, casualmente, levemente. Contraio a barriga, prendendo a respiração. Ele circula meu umbigo, fazendo a carne tremer e explodir em arrepios. Os mesmos dedos viajam para a lateral e traçam as cicatrizes de longa data dos hematomas. Ele está com raiva, os dedos tremendo como meu corpo.

— Não dói — garanto num sussurro e dou um pequeno sorriso para lhe dizer que estou bem.

Ele cerra os dentes, mas não diz nada. Seus dedos, porém? Eles não param. Eles viajam para cima, traçando a parte de baixo dos meus seios, o vale entre eles. Ele até aperta um mamilo, como se fosse uma reflexão tardia, e ele responde virando um tom raivoso de vermelho. Eu suspiro o nome dele, arqueando minhas costas. Minhas coxas estão pegajosas; tenho certeza que estou deixando minha umidade na cama dele.

Estendo a mão para tocá-lo, mas ele se afasta, deixando-me segurando o ar frio em vez da pele quente.

— Levante os braços. Coloque-os no travesseiro. — Ele prepara a câmera, traz até o rosto.

Porra. Eu odeio isso. É assim que ele tem se sentido todo esse tempo? Todo esse tesão e inquietude, sem alívio à vista?

Eu que provocava isso. Então eu obedeco agora. Coloquei os braços no travesseiro.

— Arqueie as costas — diz ele.

Eu também faço isso.

Mas Abel não está satisfeito. Ele abaixa a câmera, estudando meu corpo mais uma vez. Então, ele começa a organizar meus membros para sua satisfação. Ele pressiona a palma da mão aberta na minha parte inferior

do estômago e minha coluna sai da cama em um ângulo agudo. Ele enrola as mãos sobre as minhas e as faz segurar o travesseiro com força. Ele chega a arrumar minhas pernas: dobrando uma perna e forçando minhas coxas a se juntarem.

É como se eu estivesse chegando ao orgasmo na cama dele. Só que eu não estou. Estou ficando parado para que ele possa capturar a fantasia.

E então, uma corrente corre ao longo do comprimento da minha coluna quando ouço o clique. Em seguida, *clique, clique, clique*.

— Morda o lábio — diz.

Eu faço.

Clique. Clique. Clique.

— Coloque uma mão na barriga.

Minha mão vai até o estômago.

— Perfeita — ele sussurra, e eu sorrio levemente. — Porra, segura nessa pose.

Eu seguro.

Clique, clique, clique.

Eu gemo e mesmo que você não consiga captar som em uma foto, algo pode ter mudado no meu rosto porque o Abel me elogia de novo, e tira várias outras.

A cada clique, fico mais excitada, mais lasciva, mais livre. Meu centro está todo sensível. Meus mamilos estão latejando. Meu coração está perto de explodir com todo o amor que sinto por ele.

Ele circunda a cama, curva-se de várias forma, apertando os olhos, olhando-me através da lente. E eu poso para ele, obedeço a todas as suas ordens ao máximo.

Chupe o polegar.

Aperte o mamilo.

Aperte seu peito.

Deite de lado. Arqueie sua bunda.

Eu faço tudo. Cada coisa. Eu gemo, torço os quadris, suspiro. Eu cedo às sensações. Embora no fundo da minha mente, percebo que ele nunca me pede para abrir minhas pernas e mostrar minha fenda. Ele nunca pede para ver.

Ele está ficando mais suado, sua voz ficando mais rouca. Finalmente, chega o momento em que ele abaixa a câmera com as mãos tremendo e me olha a olhos nus. Sua respiração barulhenta enche a sala.

— Me diz que você quer — ele murmura.

— Eu quero.

Ele perde tudo, então. Anos de provocação cobraram um preço do meu Abel. Em um piscar de olhos, sua câmera se foi e sua camiseta

também. Meus olhos tentam se agarrar a cada extensão de seu peito nu. Seu peito forte, aqueles mamilos castanhos, as linhas duras e sulcos de seu estômago, seu umbigo quase escondido sob o cabelo que desce até onde sua calça jeans está baixa em seus quadris.

Eu mantenho meus braços abertos para o meu deus e ele vem em minha direção. Minhas pernas se abriram sozinhas e ele está entre elas, sua calça raspando contra a pele macia de minhas coxas internas.

Quando ele está cara a cara comigo, eu sussurro:

— Você nunca me pediu para ver a minha... Você sabe. Você não queria uma foto dela?

Ele dá de ombros, segurando meu cabelo, sua risada soando mais como um latido enferrujado.

— Eu estava tentando ser um cara do bem. Um cara que não pede para a namorada piscar a boceta dela só para ele tirar uma foto e gozar depois.

Coloquei a mão em suas costas suadas; está ondulando com músculos. — Mas você é esse cara.

— Sim.

— Então você precisa saber que eu sou essa garota também. Eu teria feito. Eu teria feito qualquer coisa por você.

Há paz em admitir isso. Tanta paz em ceder que eu sorrio. Ele geme e aperta meu queixo ferozmente.

— Você tem que olhar para o teto e começar a orar a Deus. Porque é isso. Não vou parar. Você entende? Não vou parar porque esperei muito tempo por isso. Você me fez esperar muito tempo, e eu estou muito duro. Estou com muita fome. Da sua boceta rosa. E sabe o que mais?

Balanço a cabeça, segurando os fios do cabelo dele.

— Olhei nos olhos do seu Deus e rezei para Ele. Me. Eu nem acredito nele. Você me reduziu a isso. Você me reduziu a acreditar em algo que nem existe.

Estou jorrando. Minha boceta rosa, como ele chama, meu coração, meus olhos. Tudo é preenchido até a borda com hormônios, luxúria e amor.

Mas seus avisos são inúteis agora. Encaixo minhas pernas em volta de seus quadris e estremeço com o primeiro contato de sua pele nua. Agarro a cruz prateada, pendurada em seu pescoço, me batendo no queixo.

— Pelo que você rezou?

Ele se aproxima ainda mais de mim, os pelos leves em seu peito forte esfregando contra meus mamilos ingurgitados.

— Por você. Para você ficar de joelhos na minha frente. Me olhando com seus olhos inocentes, enquanto eu enrolo seus doces cabelos amarelos ao redor do meu pulso e te encho com a minha porra. Cada gota

dela. E quando tudo acabar, eu rezo para que você me implore com seus lábios molhados para eu te foder. Então eu posso reivindicar essa última parte de você, como você reivindicou cada parte de mim. — Mais uma risada rouca. — Não é loucura? Rezo a um deus que está morto. Ele provavelmente morreu há muito tempo.

Eu pisco para me livrar das lágrimas e aperto meus membros ao redor dele para nos fundir.

— Me fode, Abel. Por favor.

É um sussurro, mas ele ouve, e então todo o seu corpo cai sobre mim. Ele está me beijando com a boca, com os dedos, com as palmas das mãos, com os pés... Seu corpo inteiro me abraça como sua boca abraça a minha enquanto nos beijamos. Cada parte de mim toca cada parte dele. Até nossos corações se tocam, através do nosso peito.

Tum. Tum. Tum.

Eu nunca ouvi esse som antes. Tão alto. Dois corações batendo como um só. Mas aí o som muda, se transforma em outra coisa. Algo ainda mais alto. Mais áspero, irritado e insistente.

Nós nos separamos, nossas respirações batendo uma contra a outra. A porta de seu apartamento vibra. Está quase à beira do colapso. Uma explosão. Abel abre no último segundo para evitar que ela seja despedaçada.

Mas meu mundo explode de qualquer maneira. Porque do outro lado estão meus pais e seus olhos cheios de ira.



Pensei que eu estava vivendo o apocalipse nos últimos dois anos.

Achei que meu mundo já estava destruído, nada poderia ser pior do que não ver o Abel, não poder tocá-lo.

Eu estava errada.

Isso é pior. *Este* é o fim do meu mundo. O terremoto. A destruição. Nada de belo sairá disso. Nenhum novo mundo ou ar fresco nascerá depois disso.

Não há *depois*.

Estou sentada dentro do meu quarto, debaixo da minha janela gradeada, e as coisas que aconteceram horas antes chegam até mim em pedaços.

Os gritos, as acusações, os olhos zangados. A sensação de um tapa que minha mãe me deu quando viu meu corpo nu enrolado em um lençol. O choro. Oh Deus, o choro. O da minha mãe e o meu. Seus soluços, meus soluços. Ela me chamando de puta, dizendo como eu estraguei as coisas para mim e para minha família. Como abri mão da minha preciosa virgindade com um menino sem valor.

— Eu sempre soube disso. Eu sempre soube que ele iria te arruinar. Você acha que eu não consigo ver? Você acha que eu não entendo? Eu sou sua mãe. Ele te forçou? Diga que ele te obrigou. É melhor chamar isso de estupro do que o que quer que *isso* seja.

— Ele não me forçou — solucei. — Ele não fez nada. Não aconteceu nada.

Mas, acima de tudo, me lembro da cara do Abel. Sua raiva. Provavelmente era mais assustador do que qualquer outra coisa dentro daquela sala.

— Deixe ela em paz —, esbravejou. — Não toque nela. Não ouse tocar a porra da sua mão na Pixie. Ela é minha.

Seus gritos foram um choque maior para eles do que meu corpo nu.

Eles não sabem, entendeu. Eles não entendem o meu Abel. Eles não entendem que quando um menino com calor suficiente para queimar o sol se apaixona por uma garota, ele incendeia o mundo inteiro. Eles não entendem sua intensidade, sua paixão.

Ele não parou com as palavras, ele desceu sobre eles, especialmente sobre minha mãe, seus olhos em chamas, seu corpo enorme e pesado. Ele teria matado ela, eu sei. Ele a teria matado se não fosse por aquele som.

O som que até hoje não me deixa dormir: o estilhaçar de sua câmera.

As coisas pararam quando meu pai a encontrou. Nunca o tinha visto tão bravo. Nunca tinha visto os olhos do meu pai vermelhos e cheios de ódio. Ele jogou a câmera na parede, quebrando-a em um milhão de pedaços.

Abel simplesmente ficou ali, vendo sua preciosa posse quebrar como se nossos corações estivessem quebrando. Aí meu pai virou para mim. Ele me olhou como se eu fosse realmente uma prostituta. Uma semente ruim. Uma filha que realmente arruinou tudo.

— Ele... Você deixou ele tirar fotos suas assim? —, perguntou meu pai, com os olhos cheios de raiva, acusando lágrimas.

— Pai, não é assim. Eu-Eu... Nós nos amamos. Não é... ruim ou qualquer coisa. — Eu implorei. — Eu o amo, pai. Por favor. Não fique bravo.

Meu pai demorou alguns segundos para se ajustar à minha confissão. Naqueles poucos segundos, orei a Deus. Pedi a compreensão do meu pai. Orei para que ele olhasse além de sua raiva e *entendesse*. Eu e o Abel não tínhamos feito nada de errado.

Em meio aos gritos e acusações da minha mãe, meu pai se aproximou do amor da minha vida e deu um soco nele. Meu pai, a única pessoa com quem eu contava para me ouvir, ouvir meu lado das coisas, rasgou os sonhos que eu tinha tecido ao longo dos anos. Eu sabia, então, que ele nunca conseguiria. Ele nunca entenderia. Ninguém entenderá, provavelmente. Mas, eu não deveria ter ficado surpresa, certo? Meu pai quase nunca veio em meu socorro.

Abel não se mexeu. Ele aceitou. Com os olhos em mim, ele levou a surra, nunca revidou. Eu podia ver ser os punhos cerrados, veias em altas e em alerta, mas ele não fez nada.

Implorei ao meu pai para parar.

— Eu o amo, pai. Por favor. Deixe-o ir. Ele não fez nada. Nada aconteceu entre nós.

Eu implorei e implorei, mas nada. Alguns minutos depois, eles me arrastaram para fora do apartamento do Abel nua, com apenas um cobertor enrolado no meu corpo. Mamãe murmurou algo sobre eu ser uma vagabunda e que eu merecia desfilhar como uma. *Isso vai te ensinar a não se prostituir em nome do amor.*

Abel respirava forte, uma gota de sangue quase descendo até os cílios. — Pixie! Não a leve embora. Deixe-a em paz. Porra, eu juro por Deus, vou matar todo mundo. Não a machuque.

Seus olhos seguravam uma luz maníaca quando meu olhar o encontrou por um breve momento. Eu era uma bagunça do meu antigo eu, aquele que chegava, ofegante e desesperado para vê-lo. *Sinto muito*, eu falei quando ele desapareceu da minha visão.

Lá fora, as pessoas inundavam a rua, conversando, assistindo, umas me dando olhares de desprezo, outras olhares de compaixão.

A mãe provavelmente não ensinou nada a ela.

Ela é a última pessoa que esperávamos que aparecesse grávida, mas é o que vai acontecer.

Talvez Abel a tenha forçado? Não consigo imaginar a quieta e estudiosa Evie fazendo isso.

Deus, que vagabunda.

As quietas são as piores, né. Toda aquela tensão sexual reprimida.

Ouvi minha mãe dizendo que ele me obrigou, tirou minha foto nua, me enganou.

— Mas o que mais você esperava de um Adams? Eu só não esperava isso da minha filha.

— Ele não me obrigou. Eu o amo. Estamos apaixonados —, gritei, para todos e ninguém em particular.

Eu provavelmente parecia uma garota louca. Cabelos soltos, sem roupas, rosto amassado, olhos e nariz escorrendo, parada no meio da rua, gritando sobre seu amor. Mas eu não me importei. Queria que todos soubessem.

— Eu amo o Abel. Eu o amo. Eu o amo há anos. Ele não me forçou. Nada aconteceu entre nós.

Meus gritos ecoaram na noite, subiram mais alto do que qualquer trovão, mas ninguém ouviu. Ainda culpavam Abel. Ainda falavam em me mandar embora para encontrar Deus e jogar o Abel na cadeia pelos crimes dele. Com a menção da prisão, tentei fugir. Tentei fugir da multidão e ir até ele, avisá-lo ou algo assim. Mas alguém me agarrou por trás, pisando no meu lençol, quase arrancando-o do meu corpo. Ouvi risadas. Seus olhos me olhavam com julgamento e ódio, minha mãe assobiando insultos em meu ouvido

Nenhuma pessoa me ouviu. A única pessoa que pensei que *me* ouviria, meu pai, subiu as escadas com o policial, o Sr. Knight.

— Ei, tudo bem?

Sky me sacodia. Eu me pergunto de onde ela veio. Percebo que ainda estou sentada no chão, bem embaixo da minha janela gradeada, ainda pensando na noite passada, revivendo o horror repetidamente. Pela dormência e rigidez do meu corpo, passei horas aqui embaixo.

— O-O que?

— Deus, você está tremendo. — Sky esfrega minhas costas e tira os cabelos emaranhados do meu rosto.

Eu pisco para ela; minha visão está um pouco embaçada.

— O que você está fazendo aqui?

Ela me levanta e me leva até a cama.

— Eu queria te ver, e ainda bem que eu vim, hein? Você está um desastre. — Fazendo careta, ela se senta ao meu lado. — Desculpe, isso saiu errado. Quer dizer, você está um desastre e eu odeio isso. Enfim, olha, a gente não tem muito tempo, tá? Sua mãe não está em casa. Graças a Deus. E seu pai me deixou subir, mas só por alguns minutos.

Ela está falando rápido demais para mim. Não consigo entendê-la. Ainda estou presa quando meu pai voltou para o apartamento do Abel com um policial.

— Levaram o Abel, né? Levaram ele. — Lágrimas correm pelas minhas bochechas, meu corpo frágil e inútil. Tento me levantar da cama, mas minhas pernas tremem muito. — Eu preciso... Preciso ir lá dizer para eles deixarem ele ir. Nada aconteceu entre nós. Ele não fez nada. Ele adora a câmera, você sabe, e eu disse a ele para tirar fotos minhas. Fui eu. Eu queria. Eu—

Sky aperta meu ombro.

— Eu sei. É por isso que você tem que me ouvir. Soltaram ele, tá? Ele passou a noite na prisão, mas soltaram ele.

— Eles soltaram?

— Sim. Soltaram com uma condição. Querem que ele saia da cidade. Hoje à noite.

— O quê? Ele-Ele não pode...

Sky olha por cima do meu ombro.

— É por isso que estou aqui. Conversei com ele, tá? Foi ele quem me mandou aqui. Ele não achou seguro te ligar com tudo isso acontecendo. — Ela me encara nos olhos. — Ele vai embora, Evie. Eles estão forçando ele a ir e ele queria que você soubesse que ele está bem e que ele te ama e... — Ela suspira. — Ele me disse para falar que não vai fazer você escolher. Entre ele e seus pais. Ele não vai te colocar nessa posição. Ele...

Não consigo ouvir nada. Suas palavras são ridículas para mim agora.

Ele não vai me fazer *escolher*? O que isso quer dizer? Isso é uma piada?

Não *tem* escolha. Nenhuma escolha. É ele. Sempre será ele.

— Eu o escolho. Sempre vou escolhê-lo. — Repito os pensamentos na minha cabeça.

— O quê?

— Sim. Ele é um idiota. Não tem escolha. Sem contestação.

— Tá bom. E isso significa o quê?

— Significa... — Respiro fundo. — Vou com ele.

Não consigo acreditar que estou pensando nisso, pensando em fugir. Como David e Delilah. Mas eu estou.

Porque ele é o meu Abel. Eu o amo mais do que qualquer outra coisa no mundo. Só o pensamento de estar com ele me enche de energia elétrica. Pela primeira vez depois de ontem à noite, consigo sentir meus batimentos cardíacos. Eu consigo sentir meus membros. A dormência está desaparecendo.

— Ah meu Deus, sério? — Os olhos de Sky estão arregalados e animados.

Só isso já deveria me dizer que é uma ideia maluca, mas foda-se. Foda-se tudo. Eu vou aonde ele for. Não posso ficar aqui. Não posso ficar

onde ninguém vai me ouvir. Eu consigo sentir seus olhos julgadores batendo em minha carne. Consigo ouvir seus sussurros, me chamando de vários nomes. Minha mãe dizendo que eu sou uma vagabunda quando nada aconteceu entre nós, quando eu ainda sou virgem. Meu pai quebrando a câmera do Abel quando era algo que a gente fez por amor. Ele rebaixou, fez parecer um crime.

— Sim. — Eu engoli, saliva raspando minha garganta. — Eu não posso viver sem ele.

Talvez tenha sido isso que aconteceu com Delilah também. Talvez ela tenha enfrentado o mesmo desafio, o mesmo dilema. Ela escolheu o amor e eu vou escolher o amor também.

— É loucura —, sussurro. — Mas eu preciso fazer isso.

Choques irrompem sobre minha pele. Os pelos finos do meu corpo ficam arrepiados, desafiando a gravidade. Desafiando as leis, as regras. Cada átomo em meu corpo vibra, ondulando de energia. Sinto calor nos ossos.

— O que é o amor sem um pouco de loucura?

Sky sorri, rapidamente se transforma em um sorriso grande e gigante, e mesmo que eu esteja fraca e apavorada e com uma raiva fodida, eu não posso deixar de sorrir de volta. Eu dou risada também. Tão inadequado em um momento como esse. Mas está certo.

Por uma vez na minha maldita vida, vou ser corajosa. Vou ser imprudente. Foda-se, eu vou *ser* uma apaixonada.

Logo nossos poucos minutos se esgotam e eu a levo até a porta da frente, sob os olhos analisadores de meu pai e a abraço, com força.

— Vou sentir sua falta —, sussurro.

— Eu também.

— Diga a ele para me encontrar na curva da estrada à meia-noite. Diga a ele que vou estar lá.

— Ok.

Passo o dia me sentindo leve, me sentindo viva. Eu engulo a pílula do dia seguinte que minha mãe comprou para mim porque ela não quer que eu engravide, mesmo que eu nunca tenha feito sexo. Sem mencionar que meus pais querem que eu vá para este acampamento bíblico radical durante o verão. Porque o que diabos tem de errado comigo ao ponto de deixar um menino tirar uma foto minha nua?

— De que adianta ter filhos se eles vão te humilhar na frente do mundo inteiro? — diz minha mãe. — Você os cria de uma certa maneira, faz sacrifícios por eles, e é assim que eles te retribuem. É assim que mancham o bom nome dos pais. É assim que meninas inocentes acabam na internet.

Só que eu não me acho mais tão inocente assim. Minha inocência se perdeu quando minha mãe decidiu me desfilar seminua na frente do mundo.

Eles decidem contar para toda a cidade que Abel Adams me estuprou e, se eu negar, eles me enviarão para algum lugar ainda pior do que o acampamento bíblico. Só posso supor que é o hospital psiquiátrico onde eles te dão choques elétricos para alterar sua química cerebral. Acho que minha mãe tem a receita pronta também. O marido da Sra. Weatherby é psiquiatra.

Foi ela quem incendiou o meu mundo. Ela me viu subindo as escadas até o apartamento do Abel e resolveu sair falando para todo mundo que conhece. Ela demorou quarenta minutos para reunir todo mundo e contar para minha mãe.

Quarenta minutos.

Eu só fiquei no apartamento do Abel por quarenta minutos e pareceram quarenta dias. Pareceram quarenta segundos.

À noite, sento ao lado de meus pais, rezo e como a comida deles. Essas são as pessoas que deveriam ter me apoiado. Essas são as pessoas que deveriam ter me ouvido, ou pelo menos me deixado colocar minhas roupas antes de me arrastar para fora do apartamento do meu namorado.

Observo as mãos do meu pai enquanto ele come a sopa. Ele quebrou a câmera de Abel com elas. Ele deu um soco com elas. Seus dedos estão inchados e quebrados. Espero que esteja doendo. Espero que esteja doendo da forma como a sua deserção me doeu.

Terminado o jantar, subo as escadas. Eu conto as horas e na virada da noite, meu pai entra no meu quarto. Na verdade, ele não entra. Ele está na porta, como se não suportasse estar no mesmo ambiente comigo.

— Eu o soltei. Eu quero que você saiba disso. Eu não sou seu inimigo, Evie. Você é meu bebê. Você é a coisa que eu mais amo no mundo. E é por isso que não posso deixá-lo ser sua queda. — Seus olhos estão vermelhos; as lágrimas grudam em seus cílios. — Porque é isso que vai acontecer se você não sair disso. Esse menino será sua queda. Olha o que ele já te fez fazer. O jeito que você estava... — Ele pisca, como eu faço quando preciso me livrar da água salgada. — Não está certo. Mas é o jeito que amamos, você e eu. Eu não posso deixar isso acontecer com você porque aconteceu comigo. Então, amanhã de manhã, você vai para aquele acampamento e se expurgar dessa... loucura.

Eu sou filha dele. Não consigo vê-lo chorar. Está na minha constituição genética sofrer por ele quando ele está triste, mesmo que eu *queira* que doa nele. Então eu me levanto da cama e vou até ele. Ele fica duro quando coloco os braços ao redor dele e o abraço. Ele não me abraça de volta.

— Eu te amo, pai — eu digo a ele porque não vou vê-lo por um tempo. Talvez eu nunca mais o veja, porque se ele não puder aceitar o Abel e o meu amor por ele, então é o nosso fim.

Mas você já terminou com seus pais? Você já terminou com o lugar de onde você vem?

Ele sai, provavelmente pensando que amanhã de manhã eu irei para o acampamento e serei sua antiga Evie de novo.

Mas a antiga Evie se foi. Não *existe* Evie.

Só existe a Pixie de Abel, e ela vai embora antes que o sol apareça e ilumine esta parte do mundo onde os monstros vivem.



O relógio bate meia-noite e eu saio do meu quarto.

Curiosamente, meus pais compraram essa casa quando eu nasci porque precisavam de um lugar maior. Antes de mim, eles moravam na cidade. Mamãe não queria essa casa porque era muito próxima da família Adams. Mas meu pai amava a terra, então eles a compraram. Eu me pergunto se foi uma das últimas discussões que ele ganhou, antes de seu amor afogá-lo.

Pulo as tábuas soltas espalhadas pela casa e fecho a porta atrás de mim. Em comparação com o interior, o exterior é barulhento. Trovões, relâmpagos e chuva. Muita chuva. O chão desapareceu e tudo o que posso ver são grossos fluxos de água. Como se a terra estivesse inundada pelo oceano e eu tenho que nadar para atravessar.

Com um último olhar para a casa que fica silenciosa e escura, eu vou.

Eu corro e corro, carregando uma pequena mochila com alguns poucos pertences da minha antiga vida, água espirrando sobre minhas panturrilhas nuas. A chuva me apunhala como pequenas facas, me entregando pequenas mortes. Não ficarei surpresa se encontrar manchas vermelhas de sangue no meu vestido branco.

Mas eu não me importo. Sei que nada pode me matar esta noite. A Pixie do Abel é imortal e o nosso amor também.

Tudo está coberto pelas nuvens escuras. Sem estrelas ou lua. O vento é meu único amigo. É feroz e me leva adiante, como se eu tivesse crescido asas.

Finalmente, chego à curva da estrada, longe da minha casa, dos campos de milho, dos bosques, de tudo o que já conheci.

Meus pés param quando o vejo. Ele é apenas uma silhueta, uma figura escura, mas é o suficiente para fazer meu coração gaguejar.

No segundo seguinte, o céu se abre, o banho de luz molhada e eu posso vê-lo: o cabelo preso à testa, a cruz prateada em volta do pescoço. Ele está ao lado da caminhonete, com as costas encostadas na porta,

encharcado e sozinho. Quando ele me vê, ele se levanta reto e alerta. Observamos um ao outros por um momento. Não sei o que estou esperando até que ele abre os braços, grandes e largos, para me receber.

Uma gargalhada temperada de lágrimas me escapa e eu voo até ele com as pernas transformadas em asas. Ele me tira do chão assim que eu bato em seu corpo e me abraça com força. Seu cheiro bate no meu nariz e sinto que posso respirar de novo.

— Deus, Pixie. Você ali me assustou por um minuto —, ele diz no meu ouvido. — Por um segundo pensei que você não viria. Achei que tinha acontecido alguma coisa. Eles fizeram algo com você. Pensei... que eu nunca mais te veria. Que eu ficaria sozinho. — Sua voz arrepia, quebra no final.

Meus olhos ficam quentes enquanto o céu chora comigo.

— Você nunca mais precisa ficar sozinho.

— Era para você ir para a faculdade. Eu...

— Foda-se a faculdade. Foda-se tudo. Nada importa para mim além de você.

— É isso. Nunca mais poderemos voltar aqui. Você tem certeza disso? Sobre... — Engolindo, ele diz em voz baixa: — Mim?

Há um mundo de vulnerabilidade em suas palavras. Isso me corta profundamente. Até ontem à noite, ele estava confiante, agressivo. Ele ia me tirar da minha escola porque eu estava indo ao baile com outro cara. Mas agora, ele soa tão frágil. Abraço-o ainda mais forte.

— Sim. Você é a única coisa que eu tenho certeza.

Ele ri.

— Vamos nessa, então.

Me afasto para olhar para ele. De perto, vejo que seu rosto está inchado, cheio de hematomas e cortes.

— O que eles fizeram com você?

— Nada que eu não pudesse aguentar. — Ele me dá seu sorriso torto característico através de seu lábio quebrado. Aperta meu coração vê-lo fazendo piadas.

Por que é tão fácil para as pessoas odiarem, mas entender não? Por que é tão fácil julgar e concluir, mas não tomar um segundo para ouvir? Provavelmente porque eles têm medo de perceber o quanto são semelhantes às coisas que odeiam. Como eles são parecidos com os monstros que eles têm tanto medo.

— Sinto muito. Sinto muito pela minha mãe e pelo meu pai. Sua câmera. Eu realmente pensei que ele nos apoiaria. Eu realmente pensei que ele entenderia. Eu...

— Não importa. Nada disso importa. Estamos deixando tudo isso para trás, Pixie.

— Para onde vamos?

Ele sorri, seus cílios vazando água.

— A melhor cidade do mundo.

— Nova York?

— Sim.

Engulo, bebo da chuva de verão, meu coração batendo no peito.

— Está bem.

Abel traça minhas bochechas molhadas.

— Você tem medo da cidade grande?

— Não.

Ele beija minha testa docemente.

— Você mente mal pra caralho, Pixie. Eu vou cuidar de você, sabe disso, né? Eu sempre vou cuidar de você. Você é minha agora, tá? Minha. Minha razão. Minha vida. Meu propósito.

Propósito.

Sim, essa é a palavra. É isso que eu sinto por ele. Ele é o meu propósito. Meu propósito de viver, amar, estimar. De cuidar.

Eu assinto.

— Você é o meu também.

— Além disso, um noivo tem que cuidar de sua noiva, certo?

— Noivo?

Ele olha para o céu e depois se afasta de mim. Eu o observo, confusa, enquanto ele cai de joelhos, como se não aguentasse mais ficar de pé. Tipo, ele *tem* que ajoelhar.

— Abel? O quê?

Ele está apertando os olhos contra a chuva enquanto olha para mim.

— Eu queria fazer isso no seu aniversário. Mas não quero perder mais tempo. Você sempre me diz que eu não te pedi direito. — Ele estende os braços. — Esse sou eu. Sendo essa merda toda de romance e educação. Você vai *finalmente* dizer sim para casar comigo?

Comecei em um riso que vira soluço. Deus, ele é louco. E eu sou louca por ele. Observo-o de joelhos, sujeira grudada na calça jeans, o rosto todo machucado, os braços escancarados como se ele fosse pegar o céu para me salvar se ele caísse sobre nós.

Esse menino será sua queda.

Dizem que a história se repete com frequência. Há poesia na natureza. Uma simetria. Mas eu digo que não. A história não vai se repetir. Mesmo que estejamos fugindo como seus pais, David e Delilah, não

acabaremos como *meus* pais, Elizabeth e William, quebrados e tóxicos um para o outro.

Caindo de joelhos na frente dele, eu digo:

— Sim. Sempre foi um sim, seu idiota.

Eu o abraço e ele segura meus cabelos, puxa meu pescoço para trás e me encara com ferocidade. Você pensaria que ele iria devorar meus lábios agora, me comer, me beber. Mas não. Seu beijo é doce e terno.

Ainda me observando, ele tira um anel do bolso. É pequeno com uma faixa branca e um pequeno diamante em cima. Não é chamativo ou caro, mas é meu e vou usá-lo até o dia em que morrer.

Abel coloca o anel no meu dedo, beijando-o.

— Você está pronta para uma aventura, Pixie?

— Sim. — Eu beijo o anel também. — Seremos nossos próprios deuses. Você vai ser o meu e eu serei a sua.

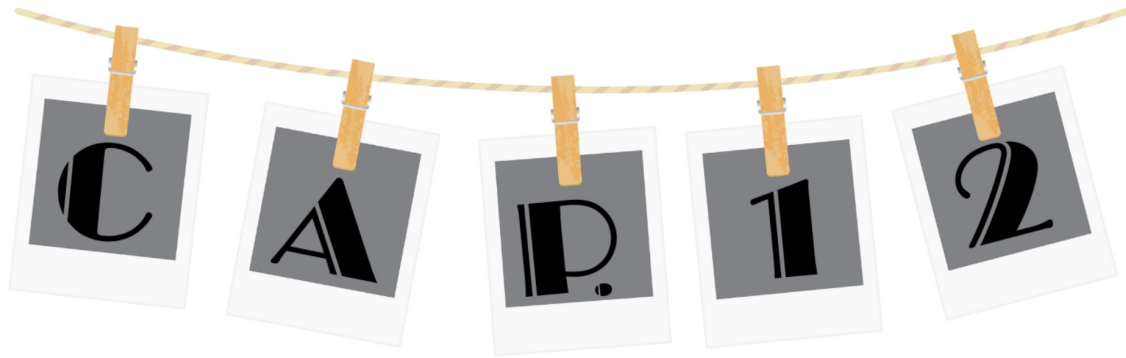
— Porra, sim.

Ao vermos a cidade no retrovisor da caminhonete, ouço novamente as palavras do meu pai. Giro o anel no dedo e prometo a mim mesma que nunca deixarei que suas palavras se tornem verdadeiras.

Abel Adams vai *nunca* vai ser a minha queda.



**PARTE III
A QUEDA**



No dia seguinte, chegamos a Nova York enquanto o sol se põe sobre o Empire State Building.

Depois de deixar Prophetstown, continuamos dirigindo até a I-80. Com exceção de gasolina e um pouco de comida, não paramos em lugar nenhum. Nós dois estávamos paranoicos, mesmo sabendo que o Abel queria parar quando ele me viu adormecendo em um ângulo estranho.

Mas o risco era alto demais. E se nos encontrassem? E se me levassem embora? Então, continuamos correndo, nos afastando das pessoas que quase nos separaram.

Mas agora estamos aqui. Em Nova York.

É exatamente como Abel descreveu. Prédios altos se projetando para o céu, multidões devorando a terra. O vapor está subindo dos bueiros. As buzinas estão tocando. Os carros e ônibus estão uns sobre os outros. E pessoas. Meu Deus, acho que nunca vi tantas pessoas juntas em um só lugar. Nem mesmo na igreja.

Assim que entramos na cidade, sei que já a amo. Não é nada parecida com a cidade que deixei menos de vinte e quatro horas antes. É selvagem e indomável. É um pouco intimidante e pode demorar um pouco para eu me acostumar com a grandeza disso, mas sinto nos meus ossos que é aqui que eu deveria estar. Tenho a sensação de que Nova York tem um lugar para todos: os fugitivos, os incompreendidos, os amantes, os sofredores, os vagabundos, os bem-sucedidos.

Nesta cidade, nosso amor crescerá. Esta é a nossa aventura agora.

Este lugar em particular é cheio de cores e eu gosto dele imediatamente. Os edifícios são vermelhos, laranjas e creme. Os símbolos nos sinais de trânsito estão tanto em inglês quanto no que eu estou supondo é chinês. O próprio ar ressoa com aqueles símbolos exóticos sendo falados em voz alta e o cheiro de amendoim.

É aqui que mora o amigo de infância de Abel, Ethan. Já vi o Ethan em fotos no celular do Abel. Ele concordou em nos deixar ficar em seu apartamento por alguns dias, até que encontremos um lugar para nós.

O caminhão de Abel meio que morre quando ele estaciona, como se estivesse esperando para nos trazer até esta cidade antes de dar seu último suspiro. Acho que Abel pode sentir falta dele, já que ele o dirigiu por tanto tempo. Ele pula para fora em uma rua estreita, mas movimentada. Sem esperar que ele abrisse minha porta, eu saio sozinha. Mas tropeço nos meus próprios pés e já prevejo a queda desagradável que vou ter. Mas eu deveria saber.

Eu deveria saber que o Abel ia me segurar.

Ele agarra meus bíceps, me estabilizando e me trazendo para perto de seu corpo. E então, estou de pé na cidade do Abel.

— Ei, Pixie — ele resmunga, trazendo os braços em volta da minha cintura, o lugar que ele mais ama.

Eu agarro a sua cruz.

— Oi.

— Você está bem?

— Sim. Lembra como você me salvou naquele dia no ônibus?

Quando eu estava prestes a cair em você?

— Sim. — Ele assente, sorrindo. — Você foi vítima do meu charme, eu sei.

— Foi o ônibus. Deu um solavanco e me fez cair.

Ele aperta os olhos como se tentasse olhar para o passado, lembrar daquele dia.

— Não, tenho certeza que fui eu.

Eu dou risada.

— Você é louco.

— Só por você.

Ele diz isso tão seriamente, com tanta gravidade que toda a minha raiva sai em forma de lágrimas. Como não ver o quanto nos amamos? Como puderam pensar em nos separar? Como meu pai poderia fazer isso com ele?

À luz do dia, seus ferimentos parecem piores. Seu rosto é um estudo de manchas roxas, amarelas e azuis, e eu passo os dedos sobre as partes inchadas.

— Dói?

— Nem um pouquinho.

— Você é tão mentiroso.

Ele sorri e depois aperta um beijo duro na minha boca com o lábio rachado. Eu me afasto dele, colocando a mão em sua mandíbula

machucada.

— Abel, não tão forte. Vai doer.

— Não tanto quanto não te beijar, Pixie. Isso me dói mais.

Então, ele me beija grosseiramente, sem se importar com seus ferimentos, e eu me agarro a ele, sem me importar com as pessoas ao redor.

— Abel Adams.

A gente se separa na chamada. Por um segundo, meu coração para de bater. Eu sou jogada de volta para ontem, quando o mundo inteiro estava contra nós, e eu fortifico meu aperto sobre a camiseta dele.

Deus, não.

Não vou deixá-lo ir. Desta vez, se eles vierem, vou me enrolar no corpo dele e nos fundir. Em seus olhos, vejo o mesmo pensamento.

Nós contra o mundo.

Abel se inclina e deixa um beijo seco e casto nos meus lábios.

— Está tudo bem. É só o Ethan.

Em seguida, ele coloca o braço em meus ombros e me puxa para o seu lado, contradizendo completamente suas palavras calmas.

Ethan está caminhando em nossa direção. Ele tem cabelos castanhos ondulados e olhos verdes sorridentes. Seu sorriso é fácil e amigável como ele estivesse sorrido a vida toda, e nunca tivesse tido um motivo para parar.

— Jesus Cristo, nunca pensei que ia te ver de novo. — Em seguida, ele torce o nariz. — Mas, cara. O que você fez no seu rosto?

Abel ri.

— Eu levei um soco como um homem, em vez de desviar como uma garota.

— Uma vez, cara. Uma porra de vez. Esquece isso. Já se passaram seis anos — resmunga Ethan, balançando a cabeça. Então ele passa os olhos para mim. — E quem é essa menina bonita que você não largou desde o segundo que te vi?

Ai merda. Abel deveria pelo menos ter oferecido um aperto de mão ao amigo que não via há tanto tempo, mas ele não parou de me tocar. Eu provavelmente deveria empurrá-lo para frente, mas eu enfiei meu dedo em seu laço de cinto. Acho que nunca mais conseguiremos parar de nos tocar sem um medo intenso de, de alguma forma, sermos separados.

Abel beija minha testa e me apresenta.

— Esta é minha Pixie. Minha noiva.

Meu corpo esquenta com a palavra noiva. Flexiono o dedo que segura o anel que me chamando de sua. Durante toda a viagem até aqui, brinquei com o anel branco, mexi no diamante. Eu queria beijar o anel várias vezes. Eu queria beijar *Abel* várias vezes.

Sorrio para Ethan.

— Oi.

— Caralho. Mentira. — murmura, completamente atônito, me encarando.

— Nenhuma. — Sorrio e decido fazer o papel de uma noiva e paro de ser carente, oferecendo minha mão para apertar.

Ele pega, ainda me observando com curiosidade.

— Esse é um nome interessante. Pixie.

Sorrio para o Abel, que dá de ombros. Mas antes que ele possa se corrigir, eu digo:

— Sim. Pois é.

Me chame de louca, mas não quero corrigir meu noivo. Eu não quero mais ser Evie. Quero ser a Pixie do Abel.

— Solta ela, idiota — rosna Abel. — A menos que você queira que eu me livre do seu braço para você.

Rindo, Ethan retira a mão.

— Ele é assim o tempo todo? — Em seguida, ele abaixa a cabeça e olha para o chão. — Ah, tudo bem. Ainda não.

— Ainda não o quê? — Pergunto, franzindo a testa para o chão também.

— Nada. Só queria verificar se ele não mijou um círculo ao seu redor ainda.

Eu dou risada, enquanto o Abel resmunga por mim.

— É só ficar observando. Um dia desses vai rolar.

— Caraca. Eu gosto dela, cara.

Corando de prazer, olho para meus pés e Abel beija meus cabelos, murmurando:

— Sim, eu também gosto dela. Muito.

Nova York vai ser incrível.



Ethan vive acima de um restaurante chinês. As escadas que levam até lá são precárias, ainda mais precárias e instáveis do que as de onde Abel morava até ontem. Mas não estou com medo como deveria estar. Sei que o Abel não vai me deixar cair.

Assim que chegamos, porém, faço uma pausa, meio que congelo. Há sons emergindo de uma das três portas vermelhas amontoadas. Alguém está gemendo como se estivesse sentindo dor. É agudo e lamurioso, pontuado por grunhidos e guinchos. Meus olhos arregalam quando percebo o que são. São sons de sexo.

Alguém está fazendo sexo. Duas pessoas. São dois tipos de sons, um masculino e outro feminino. Ah, e eles são *barulhentos*.

Uau.

Não deveriam ser tipo... menos alto? Eles sabem que podemos ouvi-los? Oh meu Deus, está vindo do apartamento de Ethan?

A cada pergunta, sinto meu coração acelerado. Sinto meu corpo cansado acordando de muitas maneiras. Eu estou um pouco fascinada, e um pouco ... excitada quando ouço o som dos gemidos ficando mais alto, e um gemido se fundindo em outro, tornando-se um som carente constante.

Ontem eu estava nua com as coxas enroladas no quadril do Abel, pronta para desistir. Eu teria soado assim? Será que a cidade inteira saberia que eu estava fazendo sexo com meu Abel? Bom, eles já acham que eu fiz, né? Já acham que eu desisti. Que eu virei puta porque eu abri minhas pernas para o cara que eu amo.

Bastardos.

Eu engulo enquanto meus mamilos endurecem e uma aceleração começa no meu estômago. Seguro a barra da camiseta do Abel, me sentindo uma garotinha perdida que está nervosa, alerta e com raiva.

Ele para e olha para mim. Ele pode dizer que eu sou uma bagunça confusa porque ele coloca a mão na minha bochecha e sussurra:

— Você confia em mim?

— Só em você.

— Então, vamos lá.

Ele pega minha mão e me puxa para frente.

— Vizinhos barulhentos —, confirma Ethan, destrancando a porta do meio e me deixando mais à vontade de que não é seu apartamento que é barulhento.

A primeira coisa que noto sobre o lugar é que é minúsculo e cheira a frutos do mar; acho que é pelo restaurante abaixo. Mas depois, à medida que entro mais, me condeno por perceber essas coisas. Porque essas não são as coisas que você deve notar quando você entra em um lugar como esse.

Não, a primeira coisa para notar no apartamento de Ethan é que ele é coberto de espelhos. Há espelhos por toda parte, em todas as paredes. Alguns pequenos, alguns grandes e altos. De pé no meio do combo sala de estar/sala de jantar, segurando a mão de Abel, olho em volta.

Estamos refletidos em todos os cantos, Abel e eu. Nós dois parecemos uma bagunça, cabelos em desordem, roupas amassadas e secas e manchadas de sujeira após a chuva da noite passada. Mas eu me concentro em nossas mãos unidas. Isso parece bonito. Parece que é para ser. Eu aperto a mão dele e ele aperta de volta. Sorrimos para os reflexos um do outro.

Então eu me viro para Ethan, que está pegando algumas cervejas da geladeira.

— Então, você tem uma coisa por espelhos, hein?

Ele ri.

— Sim. Esse é um jeito de chamar isso.

Bem, isso é estranho. Mas quem sou eu para julgar?

Colocamos nossa bagagem em um dos dois cômodos localizados nos fundos da casa, descendo um corredor. O quarto tem apenas um colchão - sem cama -, um pequeno armário e, claro, um espelho apoiado no chão. Eu dou risada para Abel, mas ele só me dá um olhar malicioso, como se estivesse pensando em algo sujo.

Depois de nos revezarmos para tomar banho no menor banheiro do mundo, onde você não cabe com os braços abertos, pedimos uma pizza e comemos como nunca comemos antes. Só quando estou lambendo os dedos limpos e vendo o Abel rir com o Ethan é que percebo que não rezei antes de comer. É a primeira vez que esqueci. Isso me faz pensar em casa. Na minha mãe e no meu pai.

A essa altura, eles já devem saber que eu fui embora. Eles devem saber que eu escolhi o Abel ao invés deles. Acima de tudo. Estão me procurando? Sky seria a primeira suspeita deles. Deus, eu nem pensei em como isso iria afetá-la. Talvez eu devesse ligar para ela.

— Qual é a história, então? Vocês estão fugindo da polícia, pais irritados? Os dois? — Ethan brinca, sentado no chão com Abel.

Enrijeço no sofá; a pizza fica como uma pedra no meu estômago. Abel percebe minha angústia e dispara:

— Por que, está com medo de um probleminha?

— Cala a boca, cuzão. Estou falando sério. Se for esse o caso, então vocês precisam ter cuidado, entendeu? Pais irritados têm muito poder, confie em mim. Falo por experiência.

A mandíbula de Abel aperta e estou me arrependendo da minha escolha de lugar. Eu deveria ter me sentado mais perto dele, onde eu poderia tocá-lo. Do jeito que está, minhas palavras terão que ser suficientes.

— Meus pais não podem me levar. Eles não são tão poderosos.

— *Ninguém* é tão poderoso assim — diz Abel, enrolando os punhos.

— Ninguém. Porra, eu mato eles primeiro.

Por alguns segundos, tudo o que posso fazer é observar meu noivo. Tudo o que posso fazer é olhar para seus olhos cheios de raiva, seu rosto surrado. Sua violência me acalma, ao mesmo tempo em que alimenta minha própria raiva. Ele tem razão. Ninguém pode nos separar.

Não posso deixar isso acontecer. *Não vou* deixar isso acontecer. É imprescindível que a gente se case o quanto antes, porque eu não vou

conseguir ficar tranquila até lá. Não vou conseguir ficar tranquila até ser completamente dele.

— Uau — respira Ethan. — Beleza, então. Peguei a parada. Meus novos companheiros de apartamento são uns assassinos. Então, que tal cerveja e um pouco de Netflix? Sabe, para relaxar?

O momento foi quebrado. A intensidade acabou. E, por algum motivo, isso me faz rir. Talvez seja a exaustão e toda a qualidade surreal dessa situação que me fazem rir. Coloco a mão na boca e os lábios do Abel se contorcem.

— Netflix é uma boa —, digo quando minha risada está sob controle.

Eu me arrasto até Abel e me enfio em seu corpo, enquanto assistimos a algo sem sentido na TV. Só estou meio prestando atenção porque Abel e Ethan estão conversando e fazendo piadas juntos.

Isso me faz perceber que nunca vi o Abel tão feliz. Ele ri comigo, sim. Mas ele nunca teve ninguém de verdade na nossa cidade. Ele tinha alguns conhecidos na escola, mas eles não eram realmente seus amigos.

Abel estava preso lá.

Por minha causa. Ele não saía porque aquela cidade era a minha casa. Estou muito feliz por estarmos longe de lá. Tão feliz que terminamos com aquele lugar.

As coisas já estão dando certo. Ethan também é fotógrafo e disse que vai levar Abel para seu estúdio e tentar arranjar um emprego para ele. Não é maravilhoso?

O Abel vai ser fotógrafo e eu vou procurar um emprego próprio e tentar escrever no meu tempo livre. Não era isso que eu queria fazer? Sempre quis ser escritora e agora estou na cidade mais artística do mundo. Imagine todas as histórias que Nova York tem. Imagine todas as pessoas que posso conhecer e escrever sobre.

Giro o anel no dedo e isso chama a atenção do Abel. O Ethan ainda está falando alguma coisa, mas Abel está me observando. Sorrindo, eu mexo a boca em um *eu te amo*, e ele me dá sua resposta característica: um sorriso torto.

Sim, Nova York vai ser a melhor aventura de nossas vidas.



Esse menino será sua queda.

Esse menino será sua queda.

Fiquei acordada com a voz do meu pai em meus ouvidos. Por um segundo, me sinto vazia, enlutada, como se estivesse dormindo com tristeza enrolada em meu corpo em vez de um cobertor.

Mas aí tudo volta. A chuva, a corrida, o pedido de Abel, o caminho, o vento no cabelo, a estrada. Nova York.

Estamos seguros. Estamos em Nova York. E eu estou dormindo ao lado do menino que eu amo.

Seu braço está jogado sobre minha cintura, quase me achatando na cama. Ah, espera, só temos um colchão. Seus dedos bronzeados estão super próximos dos meus seios. Na verdade, seu polegar está tocando meu mamilo que agora está rígido. Minhas costas estão niveladas com seu peito – peito nu – e sua coxa grande está presa entre minhas pernas.

Estou suando com meu aquecedor pessoal nas costas. Bem, o que mais você pode esperar quando se dorme com o sol? A janela logo acima de nós não tem cortinas ou grades como minha antiga janela, então posso ver pedaços do céu. Está rosa e roxo com o amanhecer a poucos minutos de distância.

Mordendo meu lábio, mexo minha bunda e sinto seu pau alerta. Abel resmunga, mas não acorda. Ele deve estar morto de cansaço. Depois de um jantar cedo ontem à noite, nós dois capotamos. Dormi assim que minha cabeça bateu no travesseiro e acho que ele também. Os acontecimentos das últimas quarenta e oito horas sugaram nossas energias.

Lentamente, me viro em seus braços e o encaro. Observo-o com admiração. Então, é assim que Abel é logo pela manhã: seu cabelo bagunçado grudando na pele; aquela corrente de prata, caída para o lado, apoiada no travesseiro; a barba por fazer; seus lábios rosados levemente separados. A única ocorrência incomum são os hematomas coloridos e disformes.

Estávamos apenas brincando um com o outro. O Abel só estava tirando fotos e eu estava disposta. Ele não estava machucando ninguém. Ele foi evasivo, mas acho que foram grosseiros com ele na cadeia. Acho que a única razão pela qual o mantiveram lá foi para assustá-lo. Para mostrar que eles eram mais poderosos do que ele, do que nós.

Toco seus hematomas cautelosamente, com cuidado, tentando não acrescentar mais dor. Sua barba por fazer está arranhado contra minha pele, cócegas, mas com uma borda afiada. Meus dedos descem até sua mandíbula dura, a linha de sua garganta, sobre a elevação de seu pomo de Adão.

— Você é linda.

Meus olhos se agitam ao som de seu sussurro sonolento.

— Me desculpa, eu te acordei? Não tive a intenção.

— Se você não estava tentando me acordar, então você não deveria ter me tocado.

Eu rio baixinho.

— O quê, você é meu príncipe adormecido agora? Eu te toco e você acorda do sono?

Não sei como ele faz isso, mas mesmo logo de manhã, com as teias de aranha do sono ainda pairando sobre nós, ele me joga seu sorriso típico perfeito.

— Acho que você está esquecendo a história, Pixie.

— Sério?

— Uh-huh. — Ele se estica, todo musculoso e sexy, e apoia a cabeça na mão, olhando para mim com um brilho perverso nos olhos. — Você tem que beijar o príncipe para acordá-lo.

Abano a cabeça, sorrindo e me aproximo dele, e beijo seu queixo.

— Aqui. Você está totalmente acordado agora?

— Não era o tipo de beijo que eu tinha em mente. Também não era a área que eu tinha em mente. Tente ir mais baixo. Muito mais baixo.

Ele cutuca meu estômago com seu pau, que parece a coisa mais dura de todas. A maior e mais dura coisa que já senti.

— Você é um...

Abel ri, agarrando minhas mãos e me deixando de costas no colchão. Ele encontra um lar entre minhas coxas, me fazendo lembrar que estou usando apenas minha camisola fina com girassóis, e ele só está usando uma boxer preta.

— Eu sou um quê? — Ele bate no meu nariz com o dele.

— Um cavalheiro. — Reviro os olhos.

— Porra. Preciso melhorar minhas jogadas. Minha Pixie não gosta de cavalheiros.

— Ela gosta, sim.

Isso o faz rir mais.

— Ela acha que gosta. Mas as coisas que eu falo deixam ela excitada.

Quando ele está rindo assim, eu não consigo nem fingir que estou brava com ele. Também não consigo desviar o olhar. Deus. *Deus*. Ele é tão sexy, e tão meu.

— Não consigo acreditar que estou acordando ao seu lado.

Sua mandíbula apertada enquanto seus olhos se enchem de emoções.

— Acredite, bebê. Esta é a nossa vida agora. Você e eu. Juntos.

Passo o dedo nas bordas de um hematoma amarelo em sua mandíbula enquanto o amor por ele surge dentro de mim. Amor e luxúria e uma necessidade inata de agradar. Como uma mulher satisfaz ao seu homem. Uma rainha satisfaz seu rei. Quero de alguma forma agradecê-lo, fazê-lo ver que ele é o homem mais poderoso desta Terra. — Eu quero que você leve — sussurro, coração na garganta, na língua.

Ele franze a testa por um segundo antes que a confusão se dissipe e ele entenda o que quero dizer. Se meus pais não tivessem aparecido naquela noite, eu teria dormido com ele. Eu teria dado a ele o último pedaço da minha alma.

Quero fazer isso agora. Esta é a nossa nova vida e quero começar bem.

Seus olhos ficam escuros, como quando a luxúria o governa. Escuros e deliciosos e sem fundo, e sua pele fica ainda mais quente, como se o sangue estivesse correndo, *queimando* através de suas veias em uma velocidade vertiginosa.

Então, estou surpreso que ele tente se afastar. Mas eu não deixo. Eu o abraço com minhas coxas e cruço meus tornozelos em suas costas, mantendo-o colado em mim.

— Pixie, para.

— Não. — Arqueio meus quadris e praticamente me enfio *molhada e escorregadia* em seu pau duro.

Porra. Eu queria não estar usando calcinha para que ele pudesse sentir o quanto eu estou molhada. Assim, estou esfregando minha boceta coberta para cima e para baixo no contorno de sua ereção, esperando e orando para que ele entenda que é para ele. Toda essa umidade e cremosidade; é dele para ser tomada.

— Eu não vou te foder, tá bom? — Ele se esforça contra o meu braço, mas eu prendo todos os meus membros ao redor dele.

— Por que não?

— Porque não.

— Isso não é uma resposta. — Agarro a cruz prateada e aproximo-o ainda mais. — Me diz por quê.

Abel me encara com luta nos olhos, mas depois cede, a tensão saindo de seu corpo.

— Não vou te foder na nossa primeira manhã juntos em Nova York.

Ok, isso me parece ridículo porque ninguém mais vai nos interromper. A gente pode fazer o que quiser, né? Pergunto novamente:

— Por que não? Estamos aqui. Estou pronta. Por que não?

— Não é óbvio? Já te tirei coisas demais. Eu te tirei da casa dos seus pais e te trouxe aqui. Para esse lugar estranho com paredes finas pra caralho. Você está dormindo no chão. Não posso... Eu não posso tirar sua virgindade também. Não até conseguirmos um lugar decente, uma cama. Eu nem tenho emprego agora. Tenho um dinheiro guardado, mas preciso saber que posso cuidar de você. Que eu posso te sustentar. Você é minha agora, Pixie. — Ele segura meu cabelo. — É como se eu estivesse morrendo de vontade de te chamar de minha e agora que você é, estou apavorado. E se eu não conseguir te manter? E se eu não for um bom marido?

— Ok, primeiro: eu escolhi vir com você. Eu te escolhi. — Cerrei os dentes, abraçando-o com mais força. — Segundo: você vai ter um emprego amanhã. Eles vão te amar lá. Você é tão talentoso, Abel. Suas fotos são incríveis. E quem se importa com onde moramos por um tempo? Sim, tem sons sexuais e um estranho fetiche por espelho, mas confie em mim, ok? Não importa. E terceiro... — Levanto as sobancelhas. — Não sou a única virgem nesse quarto. Você pode estar teoricamente preparado depois de assistir seus vídeos e essas coisas. Mas todos sabem que conhecer na prática é diferente. Talvez você esteja com medo de me decepcionar, mas tudo bem. Eu entendo.

Seus músculos ondulam sob meu toque enquanto ele me encara com pura arrogância.

— Ah, você entende, é?

Deu certo. Ah, homens e seus egos grandes. Tenho que me lembrar disso para referência futura. Mas, por enquanto, estou feliz que a escuridão em seu rosto se foi. Não consigo vê-lo abatido.

— Uh-huh. — Lanço um sorriso doce, brincando. — Então você não tem com o que se preocupar. Você sempre me deixou satisfeita antes. Tenho certeza que você vai fazer um bom trabalho agora também.

Ele ri, com o punho bem apertado no meu cabelo.

— Você conseguiu agora, bebê.

Arqueio meus quadris, me sentindo estranhamente feliz e satisfeita.

— Consegui o que?

— Então, minha Pixie gosta de provocar e ela adora cutucar o urso com vara curta, é isso mesmo?

— Talvez. — Eu dou de ombros. — Mas só porque sei que meu urso está com fome.

Ele pega minha boca num beijo. Um beijo grande e molhado. A cada pincelada de nossas línguas, o beijo se torna mais selvagem. Nossas bocas se amassam uma na outra, nossos dentes se batem. Deve estar machucando seu lábio cortado, mas ele parece não se importar. Sua língua invade minha boca, acariciando e piscando, cavalgando em uma onda, me fazendo gemer.

Meus gemidos são música para seus ouvidos; ele fica inquieto, faminto e rosna. Suas mãos puxam e puxam minha camisola, tentando tirá-la, mas em vez disso, forçam o tecido contra minha carne, como se ele não pudesse imaginar deixar minha boca ir, para livrar meu corpo de roupas. Como se o beijo fosse importante demais e minhas roupas podem ir se foder. Eu teria rido se não pensasse o mesmo.

Minhas unhas pequenas se arrastam pela extensão de suas costas. Agora eu entendo por que as meninas são loucas por manicures e unhas compridas e sexy. Eu poderia ter decorado suas costas com arranhões. Feridas de amor.

Quando a falta de ar se torna um problema, seus lábios deslizam para baixo, molhados e quentes. Ele está chupando meu pescoço, pegando a pele entre os dentes, sugando dentro da boca. Dói e todo o meu sangue corre para o local, fazendo-o latejar. Abro a boca para dizer para ele parar. Minha mãe vai ver.

Mas depois percebo que não estou mais em casa. Estou aqui. Continuo esquecendo que sou livre. Apesar da dor no pescoço, sorrio para o teto manchado de água, abrindo minha garganta para seus dentes. Ele chupa e chupa até minhas coxas tremerem em volta de sua cintura, depois solta antes de lambe a pele com sua língua quente.

— Você está com a minha marca agora, Pixie. Agora o mundo inteiro vai saber que você me pertence —, diz rouco.

— Abel... — Meus quadris saem da cama e moem em sua ereção, fazendo-o estremecer. — Agora.

Ele levanta a cabeça e me olha com os olhos nebulosos e cheios de luxúria.

— Tão mandona.

Agarro seu cabelo, choramingando o seu nome.

Entretido, ele saiu de meu aperto e rastejou pelo meu corpo. Ele chega até meu estômago e minhas coxas têm que se separar ainda mais para caber na largura de seus ombros. É uma maravilha eu não ter

vergonha dessa posição, coxas abertas, roupas bagunçadas, calcinha – calcinha *molhada* – à mostra. Há uma semana eu estaria com vergonha, mas depois daquela noite, depois de testemunhar sua saudade no papel, depois de realizar meus próprios desejos e posar para ele nua, não estou. Eu nunca estarei. Não com o meu Abel.

Suas mãos ásperas sobem ainda mais minha camisola, deslizando-a até eu ficar nua da cintura para baixo, exceto pela calcinha muito molhada e muito branca. Seus olhos estão fixos nela e seus lábios se contorcem. Ele afasta uma das mãos das minhas coxas e caminha pela costura da minha calcinha, parando na pequena flor no meio.

— Você tem uma margarida na boceta.

Eu tenho uma coisa por calcinhas floridas, ele sabe disso. Ele já viu algumas na escola e nunca deixa de me lembrar o quão adorável ele acha isso. Eu gostaria de não estar tão excitada para poder estreitar os olhos para os seus sorridentes, como costumo fazer. Do jeito que está, me contento com um *cala a boca* murmurado, o que o faz sorrir ainda mais. Ele se inclina e aperta um beijo na flor.

Isso... isso ele nunca fez antes e eu pulo um pouco.

Então, ele puxa o elástico da minha calcinha para baixo, para baixo e para baixo, até que ela se foi e meu sexo é desnudado. O ar escova contra meus cachos molhados e até mesmo contra o núcleo mais úmido, fazendo-o apertar, e ele testemunha tudo isso enquanto o sol sobe no céu.

Com fome e tesão, Abel se ajoelha entre minhas coxas e as força a ficarem ainda mais longe, até que estou quase toda aberta, sentindo a pressão nos músculos e segurando os lençóis. Ele olha para o meu núcleo como se nunca mais fosse vê-lo, e eu o encaro.

Na outra noite, as coisas aconteceram muito rápido. Não tive tempo para observá-lo. Mas agora eu faço. Vou usar toda a minha vida para observá-lo, guardar seu corpo na memória para que, quando eu morrer, eu o veja brilhar diante dos meus olhos.

Começo pelo pescoço dele, gracioso e teimoso com veias apertadas e um pomo de Adão. Um dia desses, vou lambê-lo, aprender seu sabor. Seus ombros são feitos de músculos salientes, ondas apertadas de força que descem até seus bíceps e antebraços.

Seu colar de prata chega até o peito, quente e sexy, balançando levemente com suas respirações. Os arcos de seus peitos são apertados e esculpido com pele bronzeada que quero rastrear e mapear com minhas unhas. Assim como as cristas de seu abdômen. O leve conjunto de seus pelos no peito me faz querer acariciar meu nariz ali, antes de enfiá-lo no triângulo de sua garganta.

Engulo quando meus olhos descem para os cachos um pouco mais escuros que rastro e desaparecem por sua cueca boxer. Nossa Senhora, seu pau está teimando contra aquele tecido como feroz. Há toda uma montanha lá embaixo. Eu provavelmente não sou a única garota a pensar isso, mas... Como é que isso vai caber dentro de mim?

— Preciso provar sua boceta antes de te foder —, murmura, abaixando-se, sua cruz prateada oscilando de seus movimentos e batendo em minha fenda.

— Oh, Deus... — Eu gemo, empurrando como se fosse eletrocutado.

Isso foi um sacrilégio. Tão pecaminoso e errado, mas tão certo pra caralho.

Mas não tenho tempo para pensar nisso porque o Abel inspira. Dá um longo cheiro de minha fenda e meu cérebro congela. Ele cantarola o cheiro e eu juro que sinto aquelas vibrações bem no meu estômago.

— Abel, pare. Isso é nojento.

Ele acaricia com o nariz do lado de fora do meu buraco, fazendo minha bunda esfregar contra a cama.

— Você deveria ter pensado nisso antes, Pixie. — Ele cheira minha boceta novamente e olha para mim, esfregando seu queixo mal barbeado em meus lábios inchados. — Eu não vou parar agora, não até você jorrar na minha língua. Vamos ver se consigo fazer bom uso das minhas habilidades teóricas.

Eu engulo seco diante da luxúria clara em seus olhos. Ele está todo sombrio e corado. Mesmo deitado de bruços, com o rosto quase todo enterrado entre minhas pernas, ele parece maior que eu, que essa cama, até que esse quarto.

Sua primeira lambida é quente e quase me manda para o telhado. Ainda bem que não consigo nem me mexer porque Abel está me segurando. Minhas mãos vão para seus ombros e eu seguro seus músculos proeminentes. A extensão de sua língua varre de baixo para cima enquanto ele saboreia meus sucos. Ele é ganancioso em suas lambidas. Elas são grandes e longas e abrangem todo o meu núcleo, e toda vez que meu gosto bate em sua língua ele grunhe.

Deus, esses sons me tornam tão selvagem quanto sua língua me lambendo. Ele está realmente me comendo, como se eu fosse uma iguaria ou uma comida que ele está provando pela primeira vez. Mas ele não tem vergonha disso. Ele não está dando lambidas curtas e inseguras. Ele é voraz. Faminto. Um homem andando no deserto por tanto tempo que cada átomo dentro de seu corpo anseia por água. Você não pode pedir para ele ir devagar. Você não pode torturá-lo dando-lhe um gole de cada vez, mesmo que beber tudo de uma vez o deixe doente. Então eu abro ainda mais as

pernas, os músculos não utilizados nas minhas coxas, meu bumbum, se esticam. E eu pressiono meu núcleo em sua boca.

Abel enlouquece então. Ele lambe, quase dá tapas na minha boceta com a língua, como se estivesse bravo com ela. Seus polegares pressionam os dois lados dos meus lábios, encorpando-os até encaixá-los em sua boca.

— Oh Deus... Eu...

Isso é tão sujo, rude e obsceno. Não tenho mais palavras para isso. Quem faz isso? Enfiando toda a minha boceta dentro da boca dele, chupando desse jeito?

Mesmo pensando isso, minha barriga está apertando, a vibração dentro de mim se transformando em algo grande. Inclino minha cabeça para frente e para trás no travesseiro, puxando seus cabelos ou arranhando seus ombros, o que eu puder colocar minhas mãos.

Acho que não aguento mais. Acho que estarei morta nos próximos cinco segundos. Mas não. O que tenho sentido não é nada comparado com o que sinto agora, neste segundo em que o Abel volta a atenção para aquele botãozinho no topo. Meu clitóris. Ele morde e eu grito. Sua risada curta ecoa na sala.

Abel acalma a mordida com a língua antes de fazer de novo. Desta vez abafo meu grito no travesseiro e quando abro os olhos, estou me olhando.

Ai merda.

Esqueci do espelho. Ele fica ao lado da cama, todo alto e grande e eu posso ver a mim e a cabeça dourada de Abel nele. Consigo ver meus cabelos enrolados e bagunçados, espalhados. Minha camisola está meio aberta, revelando a parte de cima dos meus seios, ruborizados e rígidos. Observo minhas mãos em seus cabelos, empurrando-o, puxando-o para perto. Minhas coxas estão abertas e tremendo, uma arremessada sobre seu ombro nu, a outra indo direto para a extremidade do colchão.

A cabeça de Abel está se movendo, para cima e para baixo, de um lado para o outro. É imundo. É como eu vi animais comendo sua comida, com vivacidade, ou talvez pessoas em tempos antigos. O primeiro homem deve ter comido dessa maneira. Ele deve tê-la encontrado no chão e caído sobre ela. Então ele deve ter lambido, batido e engolido inteira, sem usar as mãos.

Mas ele moeu a pélvis na terra? Será que ele fodeu o chão em êxtase por finalmente provar algo tão bom?

Não. Eu não acho. Acho que ninguém fez o que o Abel está fazendo agora. Ele está tão excitado, tão dentro dela que está se arqueando contra a cama. Consigo ver sua bunda apertada se mexendo, moendo no colchão.

A imagem me deixa louca. Tão louco que estou à beira de um orgasmo. Só que esse vai ser grande, explosivo.

— Abel... — Eu gemo alto, provavelmente soando como o casal ao lado.

Então, sinto um aperto e um xingamento.

— Porra, isso.

O aperto cresce e percebo que o Abel está enfiando o dedo – dois dedos, três – na minha umidade fumegante e pronto. É quando o jogo acaba e eu caio. E que queda gloriosa é essa. Minhas coxas estão tremendo enquanto meu estômago está todo tenso e apertado, e eu estou arqueada em direção ao telhado. Meus seios apontam para o céu, enquanto ele xinga na entrada do meu canal vibrante e eu canto seu nome repetidamente. Se isso não é religião, então eu não sei o que é. Se isso não é a coisa mais pura, então eu não quero viver neste mundo.

Volto à terra e sinto o colchão nas costas suadas quando o Abel aparece. Sua boca está toda molhada, os lábios brilhando com minha excitação. Ele está ofegante. Cada respiração libera um rosnado. Seus olhos estão escuros agora. Preto e livres de todas as emoções, menos luxúria. Mais ou menos como os olhos de um demônio. Um arrepio me atravessa com o estado em que ele está agora.

Ele fica em cima de mim e tira a bermuda. Tudo o que posso fazer é observá-lo e me contorcer na cama quando seu pau vem à vista.

Oh, doce menino Jesus.

É grande. Eu sabia que seria. Eu sabia. Mas ainda assim. É coroado com uma cor raivosa e há uma veia correndo na parte de baixo dele. Toda a imagem de seu pau é escura, raivosa e dolorosa. Abel agarra a base, bombeia para cima e para baixo, depois aperta o topo, gemendo com a cabeça jogada para trás.

Quando abre os olhos, sussurra:

— Eu preciso fazer isso. Ou eu vou morrer, Pixie.

Ele cai de joelhos novamente, e minha mão sai para tocar seu peito. Oh Deus, ele está queimando, seu coração batendo descontroladamente. Eu o acalmo com a mão, passo a palma da mão em círculos e ele estremece. A mão que segura seu pau começa a se mover, balançar para cima e para baixo, rapidamente, até que tudo o que vejo é um borrão.

— Você está bem na minha frente e estou duro pra caralho, não consigo esperar — desabafa.

Por que isso é tão excitante? Sua necessidade de mim, seu desespero.

Levanto e tiro minha camisola inútil antes de me deitar. Tudo o que eu quero é que ele venha e eu quero ajudá-lo, talvez oferecer meu corpo para

que sua porra adentre. Pressiono minhas mãos onde mais sou carente, onde sei que ele vai adorar vê-las, como as imagens que ele desenhou e as fotos que ele tirou: meu sexo ainda pulsante e meus peitos. Com uma mão, eu acaricio minha boceta e com a outra, aperto um de meus seios. Eu gemo com como é bom. Eles estão tão doloridos, inchados, pesados e sensíveis, e meu núcleo ainda está disparando pequenas ondas de orgasmo.

É demais para o meu Abel. O cenário vergonhoso em que estou. Com uma última bombeada, ele goza. Uma sequência de xingamentos escapa de seus lábios enquanto a porra espumosa dispara de seu eixo, espirrando sobre meu corpo nu: meus seios, minha garganta, meu estômago. É quente e pegajosa, e tem um cheiro almiscarado distinto.

Ele goza até cair, o máximo que pode com aquele corpo grande. Ele abre os olhos e olha para mim. Dou um pequeno sorriso e passo os dedos pelo caminho do creme que ele me atirou. Eu quero provar, e eu gosto. Enrolo o dedo nela e coloco na boca. O sabor picante explode na minha língua e eu gemo, fechando os olhos, sentindo-me sonolenta e satisfeita.

Agora estou completa. Agora talvez eu possa descansar um pouco antes de me entregar a ele.

— Foda-se, você é a coisa mais linda que eu já vi—, ele diz admirado e eu tenho que rir. Eu não sou tão bonita assim. É o Abel que me faz assim.

Eu mantenho meus braços abertos e ele se encaixa sobre meu corpo antes de me beijar. Nos beijamos por muito tempo, beijos lânguidos e preguiçosos. Boca aberta e molhada. Sinto que é assim que as pessoas se beijam aos domingos, tomando seu tempo, em uma cama, sem pressa de ir à igreja e confessar seus pecados. Porque os beijos já os absolveram de todos os pecados que cometeram. Beijos molhados já batizaram todos, de alguma forma.



É assim que caio no sono nesse domingo de manhã. Batizada e absolvida de todos os meus pecados.

No dia seguinte, o Abel saiu antes de eu acordar.

Não consigo acreditar que dormi por praticamente um dia. Não, na verdade eu não consigo acreditar que eu desmaiei pouco antes de transarmos.

Depois daquele orgasmo intenso, mal conseguia manter os olhos abertos para os beijos do Abel. Nós dois caímos e antes que eu percebesse, um estômago resmungando estava me acordando. Comemos pizza. Outra vez. Então ele me alimentou com Toblerones e eu prometi a ele que ficaria acordada. Eu estava determinada a perder minha virgindade – nossas virgindades. Infelizmente, eu dormi no peito dele. Lembro de seu corpo tremendo de risos e ele deixando um beijo em meus cabelos, antes de adormecer enrolado em mim.

No travesseiro, encontro um bilhete dele. Isso me faz sorrir, me lembrando dos bilhetes de amor que ele deixava para mim no meu armário, até eu ler o papel.

Fui com o Ethan para o estúdio. Fique tranquila. Volto logo.

PS: Você ronca, Pixie.

— Eu não ronco —, digo ao quarto vazio, franzindo a testa. Idiota.

Pois bem. Não consigo ficar brava quando estou tão animada por ele. Eu sei que ele vai conseguir o emprego. Não há outra opção vendo quão talentoso ele é. Embora eu me sinta um pouco triste porque, quando eu finalmente acordei, ele saiu.

Saio da cama cambaleando, meu corpo dolorido e tenso de tanto dormir. Eu faço minhas coisas no banheiro. Minha barriga resmunga dizendo que preciso comer algo antes de pensar no meu plano para hoje. Entro na cozinha e tomo um susto, gritando. Alguém já está lá, uma menina. Ela está usando um roupão, enquanto come um biscoito e bebe cerveja.

Por uma fração de segundo, penso o pior. Ela é uma ladra que está aqui para nos roubar, ou melhor, roubar o Ethan, já que este apartamento é dele. Droga. Sky se sairia tão bem em uma situação como essa. Eu fico zoando seus estilingues, mas aquela garota tem uma mira excelente. Deus, eu sinto falta dela.

Foco!

Eu tento parecer intimidadora, mas a garota só sorri para mim, dando uma mordida em seu biscoito e engolindo com um gole de cerveja.

— Oi. Eu sou a Blu. Só estou esperando o Ethan. Você é nova?

Ela lida com isso de forma tranquila, minha aparição repentina. Não sei o que pensar.

— Ah. Hum, mais ou menos. — Ela levanta uma sobrancelha curiosa e não ameaçadora e, por algum motivo, sou obrigada a explicar: — Quero dizer, sim, sou nova na cidade.

— Sêrio? Você acabou de se mudar? — Ao meu aceno, ela me olha de cima e abaixo e eu me sinto um pouco desconfortável. — Nossa. Eu amei seu cabelo. Essa é a cor real? Todo amarelo?

Passo os dedos pelos fios do meu cabelo *amarelo*, inquieta.

— Uh, sim. Sim, é.

— Impossível. Nossa, as loiras são tão populares. As pessoas adoram. Tipo, eu nem sei te dizer quanto. Então, onde ele te achou?

— Onde ele me achou?

Ela sorri para mim, toda calma.

— Ethan.

Ou essa menina é super esquisita ou eu não faço ideia de como as pessoas falam na cidade grande.

— Estou aqui com Abel. Amigo de Ethan. Ele está nos deixando ficar no apartamento até encontrarmos um lugar para nós. Hum, eu sou E... Pode me chamar de Pixie.

— Nome fofo. — Ela diz. — Biscoito?

— Sim. — Aceito a oferta dela e devoro em exatamente zero ponto cinco segundos.

— Então você acabou de se mudar para cá? Com seu namorado, você disse?

Colocar algo no estômago já está começando a me fazer sentir melhor.

— Ele é meu noivo e sim. Acabamos de nos mudar.

— Hm. Desculpa. Ethan não disse nada.

— Sim, foi meio do nada. Não estávamos planejando nos mudar. — Ou *fugir*. Quando ela parece curiosa novamente, eu meio que mudo de assunto. — Na verdade, eles estão juntos agora. Eles foram para o estúdio de Ethan. O Abel também é fotógrafo e o Ethan disse que podia tentar arranjar um emprego para ele.

Apesar da minha desconfiança, sorrio. Não consigo parar de sorrir. Provavelmente nunca vou. Quem conseguiria quando está apaixonado por um cara como o Abel? A marca no meu pescoço lateja. Aperto minhas coxas pensando na forma intensa como ele me comeu. Tão intenso que desmaiei. Grande jogada, essa.

— Está brincando. Um fotógrafo?

Bem, lá vai o meu sorriso. Não gosto da expressão dela, surpresa e meio condescendente. Ela acha que o Abel é inferior de alguma forma ou algo assim?

— Sim, ele é — eu me arrepiei. — Na verdade, ele é um dos melhores fotógrafos que eu conheço. — Sinceramente, o Abel é o único fotógrafo que conheço, mas estou falando sério. Ele é o melhor, ou se não for, será.

Depois de me estudar por um momento, ela levanta as mãos em rendição.

— Não quis dizer nada com isso. Tenho certeza que o Abel é ótimo. Eu só... — Ela procura palavras e eu estreito os olhos para ela. — Fiquei um pouco surpresa quando você disse que Ethan iria arranjar um emprego para ele. Só isso.

— Por quê? — Estou desconfiada. — Você acha que ele está mentindo? Ethan?

Ela ri.

— Não, não, Ethan é legal. Eu só... Eu não esperava ver você aqui e Ethan não estar. Era para eu me encontrar com ele.

Faço um som descompromissado. Eu não gosto dela. Sinto que ela está escondendo alguma coisa. Afinal, ela está aqui para roubar Ethan? Por que quem diabos vai encontrar alguém de roupão? Estou prestes a perguntar a ela quando seu telefone toca e seu foco muda. Aproveito para estudar seu rosto maquiado, olhos esfumaçados, batom vermelho e cabelos escuros ondulados. Ela é bonita, eu acho, e alta e atlética, como uma modelo, e diferente de mim. Acho que ela é um pouco mais velha do que eu também. Talvez na casa dos vinte e poucos anos.

Por fim, ela tira os olhos do celular e me dá um sorriso calmo.

— Era o Ethan. Ele esqueceu de me dizer que nosso compromisso foi cancelado. — Ela termina o último biscoito dela. — Bom, tudo certo. Vou embora agora. Foi muito bom te conhecer. Espero que gostem da cidade. É um ótimo lugar para se viver.

Ela se levanta e pega sua bolsa que estava no balcão, dizendo que precisa usar o banheiro por um segundo. Eu não posso exatamente detê-la; não é a minha casa. Enquanto ela se vai, eu procuro café e algumas torradas. Estou tentando mexer na máquina de café, e me perguntando sobre a estranha presença da menina, quando ouço passos e encontro Blu na sala, com um vestido marrom.

É aí que eu entendo. Blu é uma modelo, alguém que Ethan conheceu no trabalho. E ela estava aqui para transar com ele. É isso. Esse é todo o segredo. Isso explica o roupão agora. Ela provavelmente estava nua embaixo, esperando por Ethan, mas em vez disso, ela me encontrou.

Agora me sinto mal por ela. Ele deveria ter dito a ela que não estaria aqui para o *compromisso* deles. Quem diabos chama isso de compromisso, diga-se de passagem?

Algo sobre tudo isso me parece estranho.

— Foi muito bom te conhecer —, ela diz novamente.

— É, digo o mesmo.

— Olha, eu sei que você é nova por aqui e sinto que meio que começamos com o pé errado. Mas se precisar de ajuda ou qualquer coisa, é só me avisar.

— Sim. Ok, obrigada. — Ela sorri e, com um aceno final, se prepara para sair, quando penso em algo. — Na verdade, você pode me dizer onde posso comprar uma câmera?

Uma hora depois, munida de instruções de Blu, me aventuro sozinha do lado de fora, carregando minha mochila. Há uma loja não muito longe daqui onde posso conseguir uma câmera legal e decente. Espero encontrar a que o Abel gosta e que ela caiba no meu orçamento, porque só tenho uma quantidade limitada de dinheiro. Mas o dinheiro não é meu. Tirei da bolsa da minha mãe na noite em que fugi.

Sim, roubei o dinheiro.

Eu estava descendo as escadas, tentando não fazer nenhum barulho, e então um relâmpago iluminou a bolsa que estava na mesa no saguão. Não pensei, simplesmente agi. Abri e peguei o dinheiro que tinha lá dentro.

O Abel perdeu a câmera por minha causa duas vezes. Ele perdeu a câmera da mãe porque precisava me comprar um celular, que eu ainda carrego comigo. Eu não podia deixá-lo ficar sem a segunda que ele comprou com seu próprio dinheiro suado.

É, eu roubei. Me queimem na fogueira, se quiserem. Foi meu último *vão se foder* para meus pais e minha primeira tentativa de cuidar do meu Abel.

Encontro a loja facilmente. Ela fica a apenas um quarteirão de distância de onde estamos. Ao longo dos anos, Abel me falou muito sobre câmeras e seu funcionamento interno e tudo isso, então estou bastante familiarizada com as coisas. Eu escolho a que eu sei que ele ama, mas que tinha uma versão mais antiga: a Canon EOS Rebel T6.

Após a compra, resolvo explorar um pouco o bairro. Sei que não vamos morar aqui por muito tempo, mas ainda assim, este é meu primeiro dia em uma nova cidade. Ponto importante, porém: Não sou boa com direções. Nem um pouco. Eu me perco facilmente e não consigo descobrir o norte e o sul e o que quer que seja. Mas sinto que vou ficar bem porque olha a quantidade de pessoas nesse lugar. Eu posso facilmente perguntar a alguém se eu me perder, certo? Fácil, fácil. Além disso, como vou encontrar histórias e aventuras se estiver dentro do apartamento?

Começo a andar e observar. As ruas e as calçadas que eu ando são todas super movimentadas. As lojas estão praticamente umas em cima das

outras. Multidões de pessoas fluem e é difícil manobrar sem esbarrar em ninguém. Algumas ruas estão repletas de sacos de lixo pretos e a calçada está repleta de lixo.

Mesmo assim, eu amo as cores, a energia, as buzinas altas e sílabas desconhecidas enquanto as pessoas falam. Paro em uma loja que tem lanternas chinesas penduradas vermelhas brilhantes. Poxa, eles são tão bonitos. Eu compro uma para o nosso quarto.

Eu amo o fato de que, aqui, as pessoas não olham para outras pessoas. Eles não têm tempo. Ninguém aponta para as duas meninas que estão juntas na esquina, junto à lotérica. De volta a Prophetstown, essas duas meninas teriam sido enviadas para se confessar com o Padre Knight. Na verdade, eu nem acho que temos lésbicas lá. Talvez sim, mas as pessoas não se assumem. Não as culpo.

Meus pés param quando me deparo com uma placa de **temos vagas** na porta de vidro de um dos restaurantes. Não consigo ler o nome que está escrito no toldo amarelo, mas acho que não vai doer entrar e conferir.

O homem com quem me encontro é um verdadeiro rabugento e ele se chama Milo. Ele é pequeno, com olhos duros e cabelos escuros, e está procurando uma garçonete. Ele me diz que não pode me contratar porque eu não tenho experiência. Mas sou persistente. Sinto que preciso fazer isso, mesmo que garçonete não seja o meu emprego dos sonhos. Não posso deixar tudo nas mãos de Abel. Somos uma equipe agora. E esta é a minha primeira chance de independência – não posso desistir sem lutar.

Acontece que lutar funciona porque eu saio do restaurante com meu primeiro emprego.

Fico debaixo do céu ensolarado e olho para cima, sorrindo. Tudo é perfeito. E por que não seria? Já vimos demais. Sofremos demais. Agora é a nossa hora. Merecemos toda a felicidade do mundo, não é mesmo?

Quando olho para baixo, porém, minha respiração para. Lá, do outro lado da rua, está meu pai. Seu cabelo escuro se destaca entre a multidão, e ele é o único usando uma camisa xadrez. Ele ainda não me viu, mas ao vê-lo, sinto um grande aperto no meu peito. Meu coração incha, batendo, batendo, batendo. Sinto falta dele. Muita. Sinto falta de seu rosto gentil, sua mão tranquilizadora e o fato de que passei a amar livros e histórias porque ele costumava ler para mim quando eu era pequena.

Dou um passo em direção a ele antes de me recompor. Não posso estar sentindo falta dele. Não posso estar pensando nele. Olha o que ele fez comigo, com o Abel. Ele não é mais meu pai. Não posso deixar que ele me veja. Como ele me encontrou?

Nesse momento ele vira na minha direção e eu saio dali. Começo a correr. Não sei para onde vou ou como estou abrindo caminho na multidão

de pessoas. Tudo o que sei é que preciso fugir, ir para o mais longe possível. Não posso voltar. Não posso voltar para aquela cidade. Se me encontrarem, nunca mais me deixarão ver o Abel. Vão me trancar, prender *ele*.

Oh Deus. Não posso... Não posso deixar isso acontecer.

Não me importo com o que vão fazer comigo, mas nunca mais vou deixar que toquem no meu Abel. Já o torturaram o suficiente ao longo dos anos. Ele não merece mais dessa porcaria. Ele não merece se sentir inferior a ninguém, menos do que poderoso. Porque ele não é.

Minha visão está embaçada e estou ofegante, pronta para entrar em colapso, mas de alguma forma minha raiva e medo me mantêm em pé. Até que eu bati em alguém e sou jogada para trás, caindo no chão. O concreto bate na minha bunda e todo o ar que eu tinha dentro de mim escapa em uma tosse.

A pessoa com quem colidi é uma mulher de cabelos grisalhos e um carrinho de lavanderia, cujas coisas foram jogadas fora por causa do impacto. É um choque, essa colisão. É como se eu pudesse respirar novamente após a perda inicial de ar. Não era meu pai, percebo. Não era. O homem que se parecia com ele era muito mais jovem. O cabelo dele era escuro como o do meu pai, mas não era grisalho. O cabelo do meu pai tem fios de prata, sem contar que ele é muito mais alto do que o homem que eu vi na rua.

Deus, eu sou uma fraca mesmo.

Enxugo as lágrimas e me levanto, gemendo, e ajudo a senhora. Ela está resmungando algo no que eu suponho ser mandarim e quando todas as coisas dela estão de volta, ela me lança um olhar de desprezo e vai embora.

Legal. Simplesmente ótimo.

Quando vou perceber que estou livre? Que eu fugi. Eu fiz isso. Estou aqui agora. Estou com o Abel e em breve vamos nos casar. Uma vez que nos casarmos, ninguém pode nos separar. Giro o anel no dedo, sentindo a saudade dele com uma dor.

Eu só quero tocá-lo uma vez, ter certeza de que isso é real e que as coisas vão ficar bem.

Talvez ele já saiba disso. Talvez ele possa sentir o quanto eu sinto falta dele porque meu pequeno telefone flip começa a tocar e é ele.

— Abel? — Eu fico ofegante no telefone. Porra. Preciso me controlar. Não quero soar chorosa.

Há um momento de silêncio.

— Pixie. O-O que houve?

Respiro fundo e passo a mão no peito, tentando acalmar os batimentos cardíacos.

— Nada.

Convincente pra caramba.

Ele rosna. Claro que sim. Ele percebeu.

— Pixie, o que houve? Onde caralhos você está?

— Em casa.

— Pixie — ele adverte.

Eu me arrepio com a minha falta de habilidades de mentir, então olho para cima, tentando ler as placas. Nada parece familiar. Bem, é compreensível; nada nesta cidade me é familiar. Mas eu nem acho mais que estou em Chinatown, ou talvez eu esteja; não sei dizer. Quando pensei em me perder, não levei em consideração o fato de que ficaria tonta e em pânico, e que minha capacidade de ler ficaria comprometida.

— Acho que eu... Estou meio perdida.

— O quê? De que porra você está falando? Como diabos você está perdida?

— Ugh. Fui passear. Eu só queria explorar o bairro e...

— E o quê?

Eu engoli seco; não vou contar a ele sobre meu alarme falso. Não importa agora. Meu pai não está aqui. Não há perigo.

— Acho que acabei de me perdendo ou algo assim. Mas...

— Jesus Cristo. Eu não falei para você ficar em casa, Pixie? Você não sabe nada sobre esta cidade. Você não tem ideia para onde está indo. Você é uma merda com direções. E você não podia...

— Você pode parar de ser um imbecil por um segundo? — Eu o corto.

— Eu consigo achar o caminho para casa, ok? Você não precisa me lembrar o quão incapaz eu sou.

Lágrimas brotam nos meus olhos com seu tom áspero. Admito que fui estúpida, mas não queria ficar trancada dentro de quatro paredes quando eu podia ir para onde eu quisesse. Ninguém me dizendo o que fazer, como deixar meu cabelo, como me vestir ou quando voltar para casa.

Outro rosar.

— Olhe as placas. Me diz em que rua você está. Tem que ter alguma coisa ao seu redor.

Fungando, olho para cima novamente, desta vez com uma respiração mais calma. Os raios do sol perfuram meus olhos e eu tenho que colocar minha mão livre para bloquear o brilho. Vejo uma placa verde neon que diz Baxter Street com, provavelmente, sua tradução chinesa sob ela. Ok, então ainda estou em Chinatown.

— B-Baxter Street. Eu acho, eu, hum... — Há um poste e um banco com pessoas sentadas nele, bem em frente de onde estou apoiada na parede de tijolos. — Acho que tem um ponto de ônibus bem perto de mim.

— Tudo bem. Ótimo. Fique aí. Eu estou indo te buscar.

— Você não precisa vir. Eu disse que consigo—

— Pixie? Fique. Aí.

A linha cai e eu encosto de volta na parede quente, enxugando minhas lágrimas. Eu o odeio por ser tão mandão. Mas também o amo por vir me buscar.

Ah, quem diabos eu estou tentando enganar? Eu simplesmente o amo e, agora, quero seus braços ao meu redor. Quero esquecer o que vi, o que minha mente conjurou.

Não sei quanto tempo passou até eu ver Abel do outro lado da rua. Levanto com as pernas cansadas e nervosas, colocando a mochila no ombro. Meu alívio é enorme quando me aproximo da faixa de pedestres, parada diretamente em sua linha de visão.

Abel parece bravo. Ele é o cara mais alto e largo da multidão e está caminhando em minha direção com determinação, mesmo que não seja a vez dele atravessar a rua.

Percebo um táxi amarelo se aproximando e balanço a cabeça, chamo seu nome, peço para ele voltar. Mas ele não ouve. Ele continua andando, como se fosse o táxi – a caixa de metal andando em alta velocidade – que deveria ter medo de seus músculos e ossos.

O táxi passa por ele, quase roçando sua calça jeans, buzinando feito louco, quando ele chega até mim. Ele está completamente tranquilo como se nada pudesse ter acontecido com ele agora. Como se ele não tivesse quase sido atropelado.

Meu coração está batendo, palpitando, se empurrando contra minha caixa torácica, e eu faço o mesmo. Empurro o peito do Abel com todas as minhas forças, com toda a força dentro de mim.

— Você é maluco? O que tem de errado com você? Você poderia ter morrido — grito. — O que você estava pensando?

Suas narinas estão trabalhando enquanto ele olha para mim, todo irritado e furioso. Ele agarra meus bíceps e me puxa para seu peito, esmagando nossos corpos, colidindo-nos, fazendo doer. — Eu estava pensando que minha Pixie estava em perigo. Eu estava *pensando* que ela estava perdida e com medo quando eu disse especificamente para ela ficar no apartamento.

Eu cerrei os dentes.

— Eu estava bem. Eu estava lidando com isso.

— Você estava? — ele rosna. — Então por que caralhos está com os olhos vermelhos? Por que caralhos você estava chorando?

— Sério que você está bravo comigo porque eu estava chorando?

Ele pressiona sua testa na minha, seus dedos cravados em minha pele. — Não, eu estou bravo com você porque depois de tudo, depois daquela *merda* toda, eu ainda tenho medo de te perder. Estou apavorado de perder você e você simplesmente não se importa.

Balanço a cabeça diante da agonia em sua voz.

— Abel...

— Você não entende, né? Você não entende o que eu passei, sentado naquela cela, achando que nunca mais ia te ver. Os socos não me machucaram tanto quanto o simples pensamento de nunca mais te ver. Doeu, Pixie. Doeu pra caralho.

Sua voz gutural traz minhas lágrimas de novo e eu subo em seus pés e enrolo meus braços em torno de seus ombros, tornando-o meu mundo. O resto é apenas um vazio. Eu não me importo com isso.

— Sinto muito — sussurro em sua mandíbula inchada e machucada.

— Seu pai veio falar comigo depois que me soltaram no meio da noite. Eu tinha acabado de sair e ele estava lá. Ele me disse que o que eu fazia com a câmera, as fotos... Ele disse que se eu realmente te amasse, eu nunca teria pedido que você fizesse isso por mim. Isso não é nobre. Isso não é piedoso. Ele disse que é assim que os monstros amam. Monstros tiram e tiram, mas o que eu sabia. Meus pais tinham feito a mesma coisa. Eles não pensaram em ninguém além de si mesmos. Eles cederam aos seus desejos errados. — Ele engole, seus olhos vermelhos piscando por todo o meu rosto. — Ele me disse para te deixar em paz, sair da cidade. Não me lembro de alguma vez ter ficado com tanta raiva ou com tanto medo. Eu estava com medo pra caralho, Pixie. Quer saber por quê?

— Por quê?

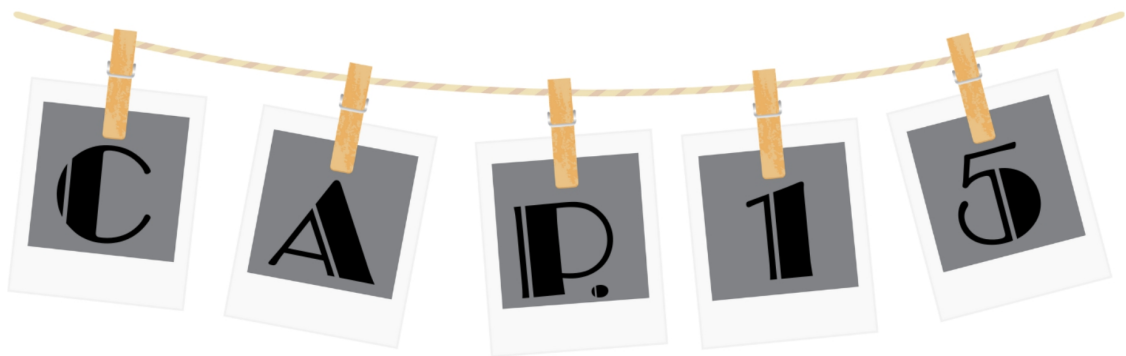
— Porque eu sabia que se eu saísse daquela cidade sozinho, eu nunca conseguiria.

— Abel... — Ofego seu nome, incapaz de formar palavras, incapaz de formar pensamentos.

— Eu sabia que ia morrer. Eu sabia que soltaria o volante, sairia da estrada e bateria em uma árvore. Exatamente como meus pais faziam. Eu sabia que a história se repetiria se eu nunca mais pudesse te ver.

Nesse momento, eu estou um completo desastre, mas de alguma forma eu consigo dizer:

— Apenas me leve para casa, ok? Agora. Por favor.



Abel me carrega para casa, meus membros enrolados em torno de seu corpo grande e musculoso.

As pessoas podem estar nos dando olhares estranhos enquanto andamos pelas ruas, mas eu não me importo. Eu não me importo com nada além dele e de mim. Vou levar muito tempo para me recuperar de sua confissão. Eu o aperto toda vez que penso nisso. Quão estranho é que nossos pensamentos fossem os mesmos? Na noite em que fugi, pensei a mesma coisa: não podia deixar a história se repetir. Eu não queria acabar como meus pais, e ele tinha medo de acabar como os dele.

Fico imaginando quantos filhos e filhas carregam o fardo de seus pais. Pergunto-me se vamos passar os mesmos encargos para os filhos que tivermos.

Meus pensamentos desagradáveis vão embora assim que entramos no estranho apartamento cheio de espelhos. Abel fecha a porta com um chute que faz um estrondo que me sacode. Parece muito com o primeiro som que ele fez quando entrou na minha vida, a batida da porta da caminhonete.

Um big bang.

Faz meu estômago apertar e meu coração bater mais rápido, muito mais rápido. Quando ele me coloca no chão, eu sei o que vai acontecer. Com esse big bang, eu não serei mais minha. Nem mesmo uma única parte de mim pertencerá a mim mesma.

Serei toda dele. Do Abel.

Isso não me assusta. Eu sei que posso lidar com ele. Sei que posso me perder nele sem reservas. Estou pronta. Estou pronta há algum tempo.

Estamos no meio da sala, com Abel me olhando, com a mão no meu cabelo, puxando minha cabeça para trás. Eu sou pressionada contra ele, cada parte dura de seu corpo cutucando as partes macias do meu.

Provo meu coração na língua, batendo descontroladamente, loucamente, com medo, enquanto coloco a mão em sua mandíbula, traçando o mesmo hematoma novamente. Não sei por que esse em particular me incomoda tanto. Pode ser porque é maior e mais inchado e o que parece mais dolorido.

— Você é maluco, sabe disso, né? Não pode para pensar assim. Você não pode pensar em bater seu carro em uma árvore ou algo assim.

Ele sorri, então.

— Você não precisa sentir pena de mim, Pixie. Não com o que eu estou prestes a fazer.

— O que você está prestes a fazer?

Curvando-se, ele lambe o desenho dos meus lábios trêmulos.

— Estou prestes a levar essa última parte de você. Eu gostaria de ser nobre, mas não sou. Não quando se trata de você. Vou fazer de você minha e ser seu no processo.

Beijo-o, levemente.

— Leve. É sua, de qualquer maneira.

Seus lábios desceram sobre mim, seus beijos molhados e urgentes se chocando contra minha pele. Não há finesse neles, apenas desespero. Suas mãos estão por toda parte, na minha cintura, segurando meu vestido, empurrando-o para cima, agarrando minha bunda, amassando a carne. Eu gemo com a força com que ele me aperta, com como ele esfrega meu núcleo sobre sua ereção. Mas Abel precisa de mais. Mais contato, mais atrito. Só mais. Então, ele me puxa pela bunda e eu enrolo minhas coxas em volta da cintura dele.

Ofegante, ele quebra o beijo e apenas me encara. Ele passa os dedos longos direto da minha testa até os meus lábios. Suspiro sob seu toque, entregue a ele, arqueando meu pescoço.

— Como você consegue ser tão bonita? — Há uma admiração em sua voz que bate fundo em minha alma.

— Para você.

Ele dá um beijo duro na minha boca e me leva para o sofá, e eu puxo o cabelo dele.

— Abel, vamos para o nosso quarto.

— Não.

— O quê? Não podemos fazer isso aqui. E se... — Eu paro quando ele se inclina e me deita no sofá. Eu imediatamente tento me levantar, mas ele está sobre mim em um piscar de olhos.

— E se o quê?

— E se Ethan voltar para casa?

— E daí?

Eu o empurro, ou tento; ele não cede.

— Ele vai nos ver.

— Eu escondi meu amor por você por anos, Pixie. O que faz você pensar que eu me importo se ele nos vir ou não? Na verdade, deixe o mundo ver. Deixa toda a porra do universo ver o quanto eu te amo — Ele chupa meu lábio inferior. — E como eu faço você ser minha.

Meus olhos ficam grandes em choque, mesmo quando uma emoção elétrica corre através de mim, umedecendo minha calcinha.

— I-Issso é loucura. — Não sei quantas vezes pensei ou disse isso desde que conheci o Abel, mas Nossa Senhora, isso é super louco.

— Eu sei. — Ele impulsiona contra mim e eu não tenho escolha a não ser alargar minhas pernas para acomodá-lo. — Você me deixa fazer isso? Você me deixa foder você aqui, mesmo sabendo que alguém poderia entrar?

— E-E se trancássemos a porta?

— Não —, ele resmunga, mordiscando a pele sobre minha clavícula, me fazendo gemer. — Qual é a diversão nisso? Qual é a diversão em amar atrás de portas fechadas quando podemos fazer isso de forma livre?

Agarro seus ombros, seguro a camisa, só que não sei se vou aproximá-lo ou afastá-lo. Não que ele vá se mexer.

— Esse sofá é bem desconfortável —, argumento, meio sem ânimo. Não é, na verdade.

Abel abaixa as alças do meu vestido; é um ajuste apertado, cortando meu ombro e braço. Mas ele beija a carne exposta, fazendo-me esquecer a leve ardência disso.

— É? Você me odiaria se eu dissesse que não me importo? — Ele sopra uma baforada de ar quente no meu peito e me crava o olhar. — Eu não me importo, Pixie. Eu não me importo se a porta não está trancada. Eu não me importo que meu amigo de infância possa entrar. Tudo o que me importa é isso. — Ele aperta meu peito e eu me arqueio.

Ele se coloca para o lado, arrasta meu vestido até a cintura e passa o polegar pela borda da minha calcinha. Ele sorri quando vê a flor, um girassol hoje, e eu não consigo ficar brava com ele por fazer graça.

— Então, qual é o veredicto, bebê? — Ele beija o pulso na lateral do meu pescoço. — Posso te foder aqui fora?

Tenho certeza de que ele pode sentir minha resposta antes mesmo de eu dizê-la. Cada parte da minha pele é aquecida, cada átomo excitado. Mesmo que haja um nervosismo, ele é abafado pelo tambor emocionado do meu coração. A emoção de ser descoberta, de ser vista.

— S-Sim.

— Porra.

Sorrindo, ele me puxa para cima, então estamos os dois de pé. Estou um pouco atordoada com a luxúria correndo em minhas veias ao invés de sangue. Mas ele cuida de mim. Ele desce o zíper do meu vestido e o abaixa, enquanto beija os centímetros de carne conforme ela fica exposta. Quando estou nua, ele gentilmente me deita no sofá que parecia mais áspero e duro um minuto antes. Mas agora, parece o lugar onde eu vou me entregar ao menino que eu amo.

Ele faz um trabalho rápido com suas roupas, ficando nu em pouco tempo. À medida que ele se encaixa sobre mim, percebo que seu corpo é um reino; cada detalhe, cada músculo é bem pensado. É um universo, que me cobre de cima a baixo.

Nos encontramos no meio para o nosso beijo. Beijos desleixados, molhados, desconexos. Eles são selvagens, caóticos e bagunçados. Mas, acima de tudo, são ambiciosos.

Eles me fazem ansiar pelas coisas. Me fazem sentir saudades do pau dele. Dentro de mim. Eles me fazem sentir dor, mesmo sabendo que a dor que está por vir é ainda maior. Vai doer. Ele vai me fazer sangrar, mas tudo bem.

Arqueio meus quadris e esfrego contra sua ereção, lambendo-a, nossos membros escorregando com o suor. Cada golpe de seu pau sobre meu sexo me deixa mais interessada, mais molhada, até que estou respondendo seus impulsos com empurrões meus. Abel xinga na minha boca, nossas testas juntas, e eu engulo sua porra.

— Eu te amo — respiro, esperando que, de alguma forma, minhas palavras se dissolvam em sua corrente sanguínea e ele nunca precise pensar que está sozinho, impotente ou com medo.

Sua mandíbula aperta enquanto a escuridão em seus olhos brilha com a emoção. Ele coloca as mãos dos lados do meu corpo, erguendo-se. O suor faz com que cada canto de seu corpo brilhe e se destaque de forma gritante. Abro minhas pernas – o máximo que posso, dado o espaço apertado do sofá – enquanto ele se ajoelha entre elas e alinha seu pau pulsante com minha boceta.

Nós dois observamos onde ele vai se juntar a mim. Ainda não consigo acreditar que ele gosta de mim não depilada e áspera. E eu não consigo acreditar no quanto isso é excitante.

Em um movimento completamente imundo, Abel lambe a palma da mão e lubrifica seu pau, misturando meus sucos com sua saliva. Mas eu não acho que ele vai precisar de qualquer lubrificante vendo como meu núcleo está escorrendo pegajoso. Estou manchando esse sofá com minha umidade.

Os tendões de seu pulso se esticam enquanto ele cutuca minha abertura com a cabeça de seu pau e eu esqueço de respirar, tensa. Seu olhar colide com o meu enquanto ele tenta empurrar novamente. E, de novo, eu tensiono.

O Abel rosna, como se estivesse zangado comigo. Zangado com o quão apertada sou. Como depois de anos de espera, não vou deixá-lo entrar. Irracionalmente, eu penso, e se não nos encaixarmos? E se toda essa saudade e angústia acabar sendo à toa? Somos incompatíveis da maneira mais natural. Quão cruel seria isso? Quão cruel seria Deus se Ele tirasse essa única coisa de nós? Talvez Ele nos amaldiçoasse com luxúria transbordante apenas para nunca tê-la satisfeita.

Mas todos os pensamentos deprimentes desaparecem quando sinto o polegar de Abel brincando com meu clitóris. Ele circula, uma, duas, três vezes, até eu perder a conta e estar torcendo os quadris porque é muito bom. Sinto meu canal ficar todo cremoso e aquecido, e aí vem uma pressão forte, me alertando que o Abel conseguiu rompê-lo.

Eu gemo. Em alívio. Com dor. Na verdade, a dor nunca foi tão boa. A dor nunca me fez sentir tão viva.

Meus ruídos são abafados pelo gemido de Abel. É primitivo e com tesão, parecido com a voz dele.

— Ah, é tão... — Ele fecha os olhos antes de abri-los; eles parecem bêbados. — Bom pra caralho.

A boca da minha abertura parece esticada como um elástico. Eu me mexo um pouco, só um pouco, mas Abel cerra os dentes, como se pudesse sentir aquele pequeno movimento ecoando até sua alma. Seu peito se move com sua respiração forte, quase vibrando. Há um gemido na garganta dele. Deus, ele ama isso. Ele ama muito estar dentro de mim. Isso, por si só, faz valer a pena toda a dor, toda a pressão.

Ele tem que se recompor antes de poder falar novamente.

— Você está bem?

Eu assinto mesmo querendo balançar a cabeça e dizer a ele que dói. Dói muito, muito. Mas eu gosto. A dor é incrível. É gloriosa.

— Você mente mal pra caralho, Pixie. Mas vou deixar sua mentira passar. Porque eu preciso tanto da sua boceta que estou disposto a fazer qualquer coisa por ela — Sua voz falha no final e seus bíceps tremem.

Ele se abaixa em cima de mim, mudando o ângulo e eu estremeço. É como se algo estivesse se expandindo dentro de mim, inchando a cada respiração e eu não sei como fazer isso parar. E eu não quero que pare. É uma guerra estranha. Eu amo a dor, mesmo que machuque.

O Abel se inclina todo para baixo, meio que afundando em mim. Como se ele finalmente estivesse em casa. Finalmente aliviado por estar

dentro de mim, mesmo que ainda não esteja por completo. Então ele começa a se mexer, devagar, suavemente.

Eu pisco com a pressão, mas a pélvis dele está se arrastando sobre o meu clitóris, então é suportável, um pouco indutor de prazer também. Ele pega minha boca num beijo, aumentando aquele pequeno prazer, e eu suspiro. Ele está melhorando tudo com a boca, o que o pau dele está destruindo lá embaixo.

— Eu consigo sentir — sussurra.

— Sentir o quê? — Agarro seu bíceps suado, meus olhos arregalados.

— Sua entrada. Meu pau está batendo nela — diz maravilhado, como se meu hímen fosse a melhor coisa que Deus já fez.

Estou entretida e apavorada. Ok, mais apavorada, então tudo o que posso dizer é um soprado *oh*.

Ele ainda está se mexendo em mim, respirando palavras enevoadas.

— Vai doer.

Minhas unhas cravam em sua carne tensa.

— Eu sei.

Uma careta e um baque de quadris.

— Você é tão apertada. Mais apertada que a minha mão. — Outra careta. — Mas eu tenho que me mexer. Eu tenho que entrar.

Eu assinto.

— Eu sei. Eu quero que você entre.

Parando, ele analisa meu rosto por alguns segundos. Em seguida, ele empurra os braços sob minha parte superior das costas, me levantando do sofá e trazendo nossos peitos ruborizados para perto. Enfiei meu rosto no pescoço dele, respirando-o. Seu cheiro de maçã é muito intenso.

— Você adora segurar minha cruz, não é, Pixie? — ele sussurra no meu ouvido e eu assinto. — Por quê?

— Me faz sentir perto de você. Como se Deus nos conectasse de alguma forma antes mesmo de nos conhecermos.

Ele chupa meu lóbulo da orelha.

— Eu quero que você segure agora, tá? Morda se ficar muito ruim.

Em resposta, enrosco o dedo na corrente e seguro a cruz de prata com força. Ele beija meu cabelo suado, minha garganta, como se acalmasse minha pele. Sua língua pega uma gota do meu suor e eu faço o mesmo. Eu lambo a linha do ombro dele, a lateral do pescoço dele.

Unidos de cima para baixo, nossa pele grudada, olhamos um para o outro. Sem quebrar o contato visual, ele faz isso. Ele puxa um pouco e depois entra, com força, rompendo meu hímen e se enterrando dentro de mim.

Foi aí que eu deixei ir. Deixei seu olhar e fechei os olhos, gemendo alto. Eu cumpri minha promessa e mordo com força a cruz de prata, sentindo as pontas afiadas dela em minha língua.

É como morrer. Isso não pode ser nada além da morte. A morte é assim. É enorme e latejante e não consigo conter as lágrimas. Mas então, minhas lágrimas são derramadas pelo menino que primeiro invadiu meu coração, depois minha alma e, finalmente, meu corpo. Ele pede desculpas a cada lambida, até que eu esteja respirando novamente. Até que meus punhos se desenrolem e meus dentes se desapertem, e a morte não pareça tão ruim.

Abro os olhos e vejo a cara dele. Está tomada. Não só por seus hematomas, mas por sua testa franzida, a linha severa de sua mandíbula, suas narinas abertas. Ele está com dor.

— D- Dói para você também? — Passo o polegar na cruz dele.

— Sim.

Abro os olhos e flexiono meus músculos mais íntimos.

— Sou eu?

Sua testa cai sobre a minha em um gemido.

— Jesus. Porra. Você é tão apertada e tão quente e tão porra... gostosa. Dói não me mexer.

Meus lábios se separam no entendimento. Obviamente. Dói em mim quando ele se mexe e dói nele quando ele não se mexe. Por que tem que ser tão difícil? Por que fazer algo tão puro tem que ser uma tortura dessas?

Bem, não mais. Estou quebrando o ciclo. Vou recebê-lo e ele vai me receber, não importa o que aconteça.

Engolindo, eu me mexo. Levanto meus quadris e mexo contra sua pélvis. Abel geme, assobiando. Não importa o que ele falou sobre me querer, querer se mover, ele não vai. Ele não vai me machucar conscientemente. Então eu vou me machucar. Vou sofrer a dor até ficar boa. Não é novidade, de qualquer forma. É a nossa história de amor.

— Pixie, o que...

Eu balanço, moendo meu clitóris por sua pélvis, soltando a cruz.

— Vai ser bom.

Sua testa amassa a minha, seu pau lateja, como se houvesse uma bomba presa dentro de mim. Só essa bomba tem a capacidade de me fazer sentir bem antes de explodir. Ele desenrola os braços ao meu redor e me deita no sofá, e seu colar bate no meu queixo. Ela balança quando o Abel começa a se mexer e eu a pego na boca mais uma vez.

Seus olhos ardem, me queimam viva enquanto eu chupo a cruz como um pirulito. Não preciso disso para dor agora. Preciso disso para o prazer.

Nossos movimentos são mais suaves, seus golpes mais parecidos com deslizamentos. Mas, ao mesmo tempo, eles se arranham. Meu clitóris bate em sua pélvis; meus pés encontram suas panturrilhas e se esfregam contra os pelos grossos. O sofá arranha minhas costas, minha bunda.

Fricção. Preciso de todos os atritos do mundo. Então eu posso incendiar.

Eu gemo na cruz, enlouquecendo Abel. Ele tira o colar da minha boca e me beija. Chupei seus lábios como se estivesse chupando o metal. Está me deixando louca. Está me fazendo me empurrar contra ele.

E algo acontece. Algo estranho e paranormal, e quebramos nosso beijo e voltamos nossos olhares para o lado ao mesmo tempo. Como eu poderia ter esquecido o espelho? É gigante e alto, como o do nosso quarto.

Oh Deus, mas estamos uma bagunça. Nossas peles estão grudentas de suor, presas, nossos membros deslizando uns ao lado dos outros. Estou enlouquecida, corada, mas de alguma forma pálido também. Abel é escuro e maciço, como uma nuvem, seus músculos amontoados e tensos.

— Você está vendo, Pixie? — Abel sussurra.

— Você e eu.

— Sim.

Seus olhos sorriem por um segundo, mas depois se tornam maus e seus impulsos também. Eles ficam afiados e eu quero fechar os olhos, mas continuo observando, gemendo de dor. Olho para meus olhos azuis e embaçados. Uma mistura de prazer, dor e luxúria.

Abel lambe a lateral do meu pescoço.

— Você sabe o que é isso?

— O-O que?

— Isso é amor.

Ele alivia seus golpes punitivos e eu vejo minha careta desaparecer e meus olhos ficarem úmidos. Mas no segundo seguinte, Abel grunhe com a força de seu impulso e minha careta volta. Meus olhos turvam com o desconforto.

— É assim que o amor é. Um pouco de dor e um pouco de prazer —, esbraveja. — Você quer ver como é o nosso amor, bebê?

Meus olhos lacrimejam e eu assinto.

Seu corpo inteiro vibra enquanto ele empurra seu pau, batendo sua carne contra a minha. Ele está tirando anos de frustração reprimida de mim, fazendo doer. É como nos primeiros segundos depois que ele entrou. Eu grito e agarro o ombro dele. Mas ele não desiste. Não, ele continua me fodendo, fodendo comigo com toda a força do corpo dele, do mundo.

Por que isso é tão excitante? A dor não é para ser boa. Mas com a gente, com ele, sim.

É um ritmo que castiga e toma, e então ele cai no meu corpo novamente e captura minha boca em um beijo. Seu beijo é tão feroz quanto seus golpes, mas acalma a queimação. Lentamente, meu canal derrete e jorra e tudo o que posso sentir é prazer. A sensação de ardência é apenas isso: um efeito colateral do amor brutal e glorioso.

— Abra os olhos — respira Abel. — Olhe para nós. — Quando meus olhos o encontram no espelho, ele me diz: — Esse é o nosso amor. É tão grande, tão grande que não dá para conter. Consome completamente. Dói pra caralho amar assim, mas você quer que essa mágoa se acomode. Porque o amor é tão bom. Você e eu, não temos escolha a não ser doer, Pixie.

Ele tem razão.

Esse é o nosso amor. Dor e prazer e sem livre-arbítrio. É a coisa mais mágica do mundo.

Então ele me machuca com seu pau, repetidamente, e eu me agarro nas montanhas de seus ombros, esfregando meus seios nos vales de seu peito. Abel pega minha boca num beijo carente e feroz e eu devolvo o favor. Eu beijo a vida dele, como ele beija a vida de mim. Beijo-o e beijo-o até sentir a barragem rebentar e mergulhar num orgasmo grande e gigante. Desta vez, uma luz pisca no meu corpo. Eu sinto isso. Sinto uma explosão de luz branca viajando por cada átomo, cada molécula e quase desmaio com o prazer, desmaio de amor.

Nosso tipo de amor. Um amor que é coisa de lenda. Um amor que as pessoas vão escrever histórias anos depois que a gente se for.

Um amor pelo qual deixei tudo.

Quando abro os olhos, vejo Abel arrancando seu pau e transbordando sobre minha barriga trêmula. Tanto seus dedos quanto seu eixo estão molhados e pegajosos com nosso creme e meu sangue. Quando ele termina, ele desaba sobre mim, cansado e exausto.

Aliviado.

Ele está aliviado. Suas respirações estão difíceis, mas de alguma forma mais fáceis também. Seu corpo está relaxado, seus músculos aliviados. Ele está seguro no conhecimento que me tem. Ele tem tudo de mim. Ele espera por esse momento há anos.

Sorrindo, abraço-o com mais força. Eu também o tenho. Nunca conheci uma paz como essa. Nunca conheci tamanha felicidade.

O Abel sempre me fez sentir segura, mas isso é diferente. Isso é algo grande, cósmico. Provavelmente está escrito na minha pele agora, que eu sou amada. Que eu sou uma mulher que pertence completa e totalmente a um homem. E, ao mesmo tempo, é tão pequeno quanto um segredo. Algo que só eu posso sentir.

É estranho, mas eu adoro. Eu o amo.

— Eu te amo — sussurro.

Ele fica tenso em cima de mim, endurece. Como se eu meio que chupasse todo o relaxamento do sistema dele falando. Droga. Talvez eu devesse ter dado a ele mais tempo para se recuperar. Minha mão automaticamente vai para suas costas e esfrega em círculos.

Abel se levanta e passa os olhos por cima de mim, meu rosto, meu pescoço, meu peito, até meu estômago. Seu olhar é frenético, sua testa franzida.

— Eu te... Você está bem?

— Sim. Mais do que bem. — Sorrio para ele, esfregando seus ombros duros.

Seus olhos se enchem de arrependimento e vergonha ao olhar para os meus.

— Eu-Eu não pensei. Eu não quis te machucar assim. É que... Porra, Jesus Cristo, foi tão bom e eu fico tão louco às vezes. Eu perco todo o controle quando estou com você. Esqueço a diferença entre o certo e o errado. Tudo o que sei é que... — Ele engole, suas palavras ficam presas em sua garganta. — Tudo o que sei é que eu preciso de você. Eu preciso de você perto de mim, mais perto do que é fisicamente possível. Eu...

Coloquei um dedo nos lábios dele. — Está tudo bem. Eu sei. Eu sinto o mesmo. Você não me machucou, Abel. Não doeu. Você me amou. Da única maneira que você sabe como e eu amei isso. Eu estava esperando por isso.

Ele beija a almofada do meu dedo, apertando meu rosto.

— Juro que eu tinha planos melhores do que te foder no sofá de um estranho.

Eu dou risada.

— Você tinha?

— Sim. Até três dias atrás, eu estava planejando contar a seus pais sobre nós e, em seguida, casar com você. E então eu ia te levar para um hotel legal em Chicago e reservar um quarto por uma noite. Eu ia pedir para eles colocarem um Toblerone enorme no travesseiro e alguns girassóis — Seus olhos castanhos estão em chamas com seu amor e desejo. — Eu ia tentar me controlar e não ser um animal, uma vez. Eu ia fazer ser especial para você.

Minhas lágrimas estão deixando tudo embaçado. Sinto que mal consigo respirar. Meu amor por ele está me sufocando. Minha raiva está sugando todo o oxigênio. Abel me recolhe em seus braços, murmurando palavras doces.

Não é a primeira vez que penso na pura injustiça disso tudo. A pura injustiça da minha mãe, do meu pai. Como não ver o nosso amor? Como alguém poderia odiar meu Abel?

— Eu não preciso disso — sussurro em seu peito, depois de um tempo. — Não preciso de uma cama chique, de um hotel ou de qualquer coisa assim. Tudo o que preciso é você. Enquanto você estiver comigo, eu não me importo com o resto. Nunca me importei e nunca vou. Você é o único com quem eu me importo. Você é o único em quem eu confio.

Ele pisca no final da minha fala.

Não entendo. Não entendo sua reação estranha às minhas palavras ou quando ele se afasta de mim. Ou quando vejo seus olhos meio alertas e vulneráveis, ao mesmo tempo.

— Abel?

Ele abaixa a cabeça, passa os dedos pelos cabelos bagunçados.

— Vou te limpar. — Ele se levanta, nu, me deixando deitada no sofá.

Não consigo nem ter tempo para admirar sua forma musculosa porque algo me ocorre. Eu nem perguntei a ele sobre o trabalho dele. Ele estava me ligando para contar a notícia antes que eu sequestrasse completamente a conversa?

— Ei, como foi? Gostou? Gostou do trabalho?

Ele não para. Nu, ele vai até o banheiro e, em seguida, ouço a torneira aberta. Sento e reúno minhas roupas, me sentindo enlutada.

O que aconteceu?

Um segundo estávamos conversando e estava tudo bem, mas agora algo parece errado. Colocando meu vestido de volta, vou atrás dele e o encontro saindo do banheiro, segurando um pano molhado.

— Eu ia te limpar —, diz ele, franzindo a testa.

— Eu não quero que você me limpe. O que...

— É meu trabalho cuidar de você — Há uma riqueza de irritação em seu tom quando ele me corta, e isso me faz recuar.

— Não, não é. Eu posso me cuidar, muito obrigada. — Eu marcho até ele e tento arrancar o pano de sua mão, mas ele não me deixa pegá-lo. — Solta.

Ele cerra os dentes.

— Não.

Eu puxo o tecido, mas é inútil. Irritada, olho para o seu rosto duro.

— O que está acontecendo? Por que, do nada, você está sendo um idiota?

— Estou tentando cuidar de você, mas você não deixa —, repete.

— Isso é tão estúpido. Porque estamos... — Analiso sua expressão dura, seus olhos raivosos, e percebo o quanto estou sendo insensível. Bem,

ele está sendo insensível também, mas chegaremos a isso mais tarde.

É importante que ele possa cuidar de mim. Não é por isso que ele quis adiar o sexo comigo na outra noite? Porque ele não tinha certeza se teria um emprego ou se seria capaz de me sustentar. Talvez seja uma daquelas coisas que realmente preocupa os homens.

Soltei o pano e me aproximei ainda mais dele.

— Você está bem? É... É sobre o trabalho? Você sabe, não importa para mim se você não gostou ou se você, você sabe, se não rolou. Talvez ainda não seja o certo para você. Para nós. Eu não...

Sua mandíbula aperta.

— O trabalho é meu, se eu quiser.

Levo um segundo para entender o significado, e então um sorriso está estourando em meus lábios.

— Sério?

Abel faz um aceno.

— Sim.

— Oh meu Deus. Isso é uma ótima notícia. Viu? Eu te disse. Eu falei que você conseguiria um emprego. — Eu o abraço, mas ele não me abraça de volta. — Abel, o que houve? Qual é o problema? Você não gostou?

Há um desafio em seu tom quando ele responde:

— Eu gostei. Acho que é perfeito para mim.

— Tá bom. Então, qual é o problema?

Ele fica calado por um momento e meu mal-estar cresce.

— Bem, o que houve? Qual é o problema? O que está acontecendo?

— Pergunto com voz rouca.

— Você pode não gostar — diz ele, por fim.

Eu fico rígida, meu coração batendo no peito.

— Por quê?

Abel sente minha ansiedade e suspira, perdendo a expressão dura.

— Estou sendo um idiota, não é?

— Sim. — Eu farejo.

— Porra, vem cá. — Ele envolve seus braços quentes ao meu redor, me abraçando com força. — São muitas horas. Muito trabalho. Então, eu posso ficar fora um pouco demais.

Agarro-me à sua cruz, ainda não completamente convencida.

— Tem certeza? Esse é o problema?

Ele beija minha testa.

— Sim. Eu não quero que nada fique entre nós, Pixie. Ainda mais o meu trabalho. Depois de ficar tanto tempo longe de você, não quero passar mais um minuto longe de você, se eu não precisar.

Eu seguro a bochecha dele.

— Nada pode ficar entre nós, Abel. Nada. Além disso, temos que trabalhar, não é mesmo? E eu consegui um emprego também.

— Você conseguiu? — Ele franze a testa para mim e eu sei que uma discussão está chegando. Posso sentir, mas não estou com vontade de brigar.

— Uh-huh. É só um bico de garçõete a alguns quarteirões. Totalmente seguro. Portanto, não tem necessidade de surtar. Pensei em trabalhar durante o dia, ganhar algum dinheiro, poder ajudar para que pudéssemos encontrar um lugar pra morar mais rápido e escrever durante a noite. E aí, viu? As coisas já estão dando certo.

Ele sorri.

— Estão.

Fico na ponta dos pés e beijo seu pulso batendo rápido.

— Vamos ser muito felizes.

— É?

— Sim. Porque nós merecemos. E porque o nosso amor é maior do que qualquer outra coisa no mundo.

Seus braços ficam em volta da minha cintura e ele me puxa para cima. Enterro as mãos em seus cabelos, rindo.

— É? — Pergunta com os olhos cintilantes.

Acenei e deixei um beijinho no nariz dele.

— Nosso amor é coisa de lenda.

Seu rosto fica pesado novamente, mas desta vez está saturado de intensidade. Tanta intensidade, paixão e posse. Meu núcleo treme.

— Agora pare de ser um idiota e me ame — ordeno.

Abel deixa uma palma grande na parte de trás da minha cabeça e planta um beijo forte na minha boca. — Vou te fazer feliz, Pixie. Tão feliz que você vai esquecer como é ficar triste. Você vai esquecer de todo o resto, menos de mim e do meu amor. Essa vai ser a minha bendita missão.

Parece que ele quer dizer algo mais, mas ele se contenta em me beijar, duro, rápido e profundo, e me levar para o nosso quarto. Ele me deita no colchão, pega o pano do corredor onde ele deixou cair antes, e volta. Ele se ajoelha diante de mim e limpa minha boceta, suavemente, reverentemente. O pano quente e grosso é um bálsamo tão calmante. Eu me contorço e gemo sob suas ministrações cuidadosas.

Quando estou toda limpa, ele tira meu vestido e se abaixa e dá beijos no meu rosto e nos meus ombros. Beijos pequenos, minúsculos, suaves como borboletas.

— Sinto muito, Pixie. Eu sinto muito. Caralho, querida. Não me odeie — murmura.

— Eu não odeio... — Eu gemo.

A cada beijo ele me diz que me ama, me fazendo derreter por baixo dele. A cada beijo ele me diz que é um idiota por ter sido tão brutal com minha boceta antes.

— Vai ser bom agora — diz e desce.

Então ele me devora, cada lambida de sua língua quente um pedido de desculpas. Cada puxão suave de seus lábios diz que eu sou o tudo pra ele. Em pouco tempo, eu gozo e enquanto ele me envolve em seus braços fortes, eu pressiono uma mão em seu peito, onde está seu coração. Está palpitando, batendo como um trem-bala.

Mesmo assim, sou negligente, não posso deixar de sentir que o coração dele está tentando me dizer algo. Algo que seus lábios não podem dizer.

— Abel?

— O quê?

— T-Tem certeza de que é isso? Tem certeza de que não tem mais nada?

Ele fica tenso por um momento antes de relaxar.

— Eu nunca conseguiria mentir para você, Pixie.

Eu engoli; minha garganta está ressecada.

— Eu confio em você.

Algo pisca em seu rosto por um microssegundo antes de desaparecer e ele me beija como só ele pode.



Áspero, doloroso e amoroso.

Nos dias seguintes, Abel me mostrou toda a cidade de Nova York.

Tudo e qualquer coisa que você possa pensar, você consegue encontrar aqui. Os edifícios altos e estrondosos que tocam as nuvens; a caótica Times Square, com luzes suficientes para iluminar o mundo inteiro; a

brilhante e cara Quinta Avenida; o animado, eclético Union Square que é feito de sonhadores.

Nova York é tão grande e, no entanto, tão pequena. Você fica em uma extremidade da rua e pode ver a sequência de táxis amarelos e semáforos, até a outra extremidade. O peso das pessoas rachou as calçadas e afundou algumas partes das ruas sujas de folhas. E tem tanta gente.

Aprendo todas as placas, as estradas, as avenidas. Acontece que ninguém realmente se perde em Nova York. Há um pequeno sistema chamado Grid. As avenidas e ruas são logicamente numeradas. Então, basicamente, andar em Nova York tem que ser a coisa mais fácil de todas, mesmo para alguém tão geograficamente perdida como eu. Quem diria?

Nós andamos de balsa e vimos a Estátua da Liberdade de perto. O Abel segura minha mão o tempo todo porque acha que eu vou cair da grade, mesmo comigo sendo cuidadosa.

— Bem, você não pularia atrás de mim e me salvaria? — Sorrio para ele, vento na minha cara e nos olhos de Abel.

— Não. — Ele balança a cabeça, os dedos flexionando contra os meus.

— O quê? Você tem que me salvar. Um noivo tem que cuidar de sua noiva. — Levanto o queixo para parecer irritada.

— Não, um noivo *não* deixa a noiva cair em primeiro lugar.

Beijo-o, então. Porque como eu não beijaria?

Quanto mais vejo essa cidade, mais percebo que o Abel não poderia ter nascido em outro lugar. Ele não poderia ter vindo de outro lugar. Ele estava destinado a nascer aqui, em um lugar maior do que qualquer sonho ou imaginação. Ele é muito mais do que um menino de cabelos dourados que se tornou um homem. Ele é um deus.

Um deus com uma câmera.

Quando digo a ele que comprei uma câmara nova com o dinheiro que roubei dos meus pais, ele fica bravo, furioso, lívido. Ele não quer nada que tenha a ver com meus pais.

— Meu pai quebrou sua câmera, é justo que ele pague por outra.

— Eu não quero essa merda, Pixie. Eu posso pagar por uma maldita câmera.

A gente briga, e aí eu tiro a roupa e *exijo* que ele tire minha foto com a exata câmera que o dinheiro dos meus pais comprou. Isso chama a atenção dele. Sinto nele um baque de excitação. Isso me deixa animado também e sorrindo, eu me submeto a ele. Ele tira clique atrás de clique de mim, até que sua luxúria se torna a coisa mais poderosa da sala e ele tem que abandonar a sessão de fotos improvisada para lascá-la em meu corpo.

Mas ele nunca usa camisinha. Um grande idiota. Diz que não quer nada entre nós.

— Você é louco. Você é literalmente louco. Tirar na hora nem sempre funciona, você sabe disso, certo? Você quer povoar a Terra com pequenos Abels?

— Não, eu quero povoar a terra com pequenas Pixies.

Reviro os olhos para ele. Somos tão jovens. Não podemos ter filhos. Mas caramba, parece tão incrível. Se ele me engravidar, então há outro vínculo entre nós que ninguém pode ousar quebrar. Mas é claro que essa não deve ser a razão para trazer uma criança a este mundo.

Não, uma criança deve ser trazida a este mundo pelas razões *certas*. Sobre isso, nunca vou ceder.

Porém, admito que amo todo o processo de fazer de bebês. Na verdade, é tudo o que eu quero fazer. Tenho vergonha de admitir, mas há momentos em que nem quero que o Abel saia do meu corpo. Eu gostaria de poder dormir assim, com ele enterrado dentro de mim. Não estou sozinha em meus desejos; Abel sente o mesmo. Na verdade, até nossas discussões acabam em sexo. Principalmente, quando eu grito para ele recolher a roupa dele porque ele é um desleixado, ou exijo que ele feche a porta enquanto dá uma mijada, como ele chama.

— Limites, Abel!

Ele ri, termina seu negócio no banheiro e me fode contra a parede do corredor.

— Não entendeu, Pixie? Não há lugar para limites entre nós. Não vou permitir.

Por que ele tem que ser tão louco? Por que tem que me excitar tanto? Por que não me importo de me afogar nele, em sua luxúria sombria e desejos não convencionais?

Porque acredite, eles não são convencionais.

Não há consideração de lugar e tempo para ele. Mesmo que estejamos fora, andando de metrô ou andando pela rua, ele vai me tocar em lugares menos apropriados. Eu corro e fico brava com ele e digo para se controlar, como eu costumava fazer nos corredores da escola, mas ele não ouve, e isso me faz sorrir.

— Vamos lá, Pixie. Qual é a diversão em me esconder quando eu posso simplesmente te pegar, jogar por cima do meu ombro e te foder contra a parede de tijolos agora?

A parede de tijolos em questão é a do beco atrás de um restaurante chinês em que acabamos de jantar.

— Você ia gostar disso, não ia? — Sussurra, puxando minhas roupas, me pressionando na parede. — Eu acho que sim, Pixie. Acho que você iria

adorar.

— N-Não. — Mesmo que eu diga isso, eu sei que estou animada. Sei que estou deliberadamente provocando-o.

— Você mente mal pra caralho, Pixie. — Ele me puxa em direção a ele e minhas pernas não têm escolha a não ser contorná-lo, minha coluna não tem escolha a não ser arquear, colando meu núcleo em seu pau duro.

— Mas as pessoas vão nos ver. Não podemos —, sussurro, beijando-o, contradizendo minhas palavras, deixando-o mais excitado.

— Deixe que vejam. — Ele morde meu lábio inferior, ajustando minhas pernas ao redor dele para uma pegada mais firme, e então coloca as mãos por baixo do meu vestido e brinca com meu clitóris. — Deixe-os verem, Pixie. Que apontem o dedo, que xinguem a gente, que falem de nós. Que pensem que não temos moral. Porque acredite em mim, bebê, eles estão mentindo. Eles vão fingir estar com nojo, mas quando estiverem sozinhos, vão se masturbar. Eles vão pensar *quero amar como eles. Quero ser lendário como eles*.

Estou delirando com a luxúria. Meu desejo está saindo do meu núcleo e enxarcando seus dedos, fazendo sons molhados e sugadores. Tudo o que sei é que o quero dentro de mim. Foda-se as ruas. Foda-se o povo. Não tenho forças nem para fazer um protesto simulado.

— Abel... — Eu choraminguei.

— Mas eles não podem, certo, Pixie? — Ele revira os quadris, as mãos se afastando da minha boceta e amassando minha bunda. — Não podem ser lendas porque só tem existe um Abel e Evie, né? Só um Abel e sua Pixie. E ninguém ama como nós.

Sim. Ninguém. Nenhuma pessoa pode amar do jeito que amamos. Nenhuma pessoa consegue entender nosso desejo de ostentar nosso amor.

Estou tão excitada, dói. Literalmente dói.

— Me fode agora, tá? Só me fode.

Rindo como o diabo, ele faz. Ele liberta seu pau e o coloca em mim num piscar de olhos, e fechando os olhos, eu sorrio. É isso. Este é o nosso amor. Sem vergonha, imprudente, um pouco doloroso e muito glorioso.

É perfeito.

Ou melhor, seria, se não fosse essa pequena dúvida em minha mente.

Não sei o motivo, mas ainda acho que o Abel está escondendo alguma coisa de mim. Não consigo ter certeza, mas tenho essa sensação que simplesmente não vai embora. Toda vez que pergunto sobre seu trabalho, ele fica tenso. Às vezes, ele evita falar sobre isso. Às vezes ele se irrita com minhas perguntas. Ele fica acordado até tarde da noite trabalhando em seu computador, mas se eu chego, ele fecha.

Ou, pelo menos, *acho* que ele fecha. Eu não sei.

Não sei se é da minha cabeça ou o quê. Porque minha cabeça não é um bom lugar para estar. Às vezes vejo meu pai na rua. Não me assusto como da primeira vez, mas ainda assim meu coração treme. Ouço a voz dele nos meus sonhos ou pesadelos. Sua profecia sobre como Abel será minha queda. E acabo abraçando o Abel com mais força. Não consigo fazer com que essa insegurança desapareça.

Meu pai plantou uma semente de dúvida dentro de mim e eu o odeio por isso. Me odeio por manchar a confiança que tenho no meu Abel.

Odeio que um dia a dúvida ficou tão grande que eu abri o computador de Abel escondido, que estava no balcão da cozinha. Quero ver no que ele trabalha. Mas assim que eu abro, um vídeo começa. Um vídeo sexy. Um casal está junto, ambos nus. Oh meu Deus. Minhas bochechas queimam, apesar de eu ter visto essas coisas com o Abel algumas vezes depois que nos mudamos para cá.

A menina tem cabelos escuros, o rosto amontoado em êxtase e com o coração batendo, percebo que a conheço. Eu a vi em algum lugar, o que é ridículo porque onde eu a teria visto? Mas, pela minha vida, não posso negar que ela parece um pouco familiar.

Estou tentando reconhecê-la e torcendo para que ela afaste seu rosto ou que as costas musculosas do cara não bloqueiem tanto ele, quando Ethan entra e meu constrangimento me faz pular.

Aperto pausar e me sento direito. Ele olha para mim e, depois, para o computador.

— O que você está fazendo com isso?

— Uh, nada. — Eu me ajeito no meu lugar.

— Isso é meu — ele me diz antes de pegar o laptop, me fazendo tremer e ficar mais envergonhada do que nunca.

— Ah, sinto muito. Eu só estava... Achei que era do Abel.

— Não é — Ethan pressiona o computador no peito, franzindo a testa, e então pergunta em tom suspeito: — Por que você estava usando se ele não está aqui?

— Eu, uh... Porque... — Eu engoli, meu coração martelando. — P-Por que, não posso? Quer dizer, ele é meu noivo. Tenho certeza de que posso usar o computador dele.

Meu tom é defensivo. Ethan sabe disso. Eu sei disso e nunca senti tanta vergonha de mim mesma. Não sei se ele sabe quais foram minhas intenções ou se sabe que algo está errado, mas não suporto seu escrutínio.

O que o Abel pensaria se soubesse que eu o estava espionando?

Peço licença e me tranco no nosso quarto. Porra. Não consigo acreditar que fiz isso. Não consigo acreditar que deixei meu pai chegar até

mim.

Eu me odeio. Eu odeio meu pai.

Mesmo assim, não posso deixar de me perguntar sobre aquela mulher que vi.

Eu odeio que todas as noites, quando o Abel chega do trabalho excitado e com tesão, meu primeiro pensamento antes de me perder na luxúria é o porquê. Por que ele está tão desesperado para me foder? Por que ele está tão cheio de tesão? Há um novo brilho em seus olhos? Eu me pergunto por que ele não consegue manter as mãos longe de mim.

— O que houve, querido? — Eu odeio perguntar isso em uma noite que ele não me deixa dormir. Ele simplesmente veio até minha bunda e eu estava me afastando quando ele me virou de costas, e deslizou dentro de mim de uma só vez.

Ele para, seus olhos brilham e apertam firmemente.

— Você nunca me chamou assim.

— O quê?

— Querido. Você nunca me chamou assim antes.

— Nunca?

— Não. — Ele começa a se mexer, pegando seu ritmo. — Eu gosto. Minha mãe costumava me chamar assim.

— Então eu vou continuar te chamando assim —, eu gemo, meu coração cheio e minha garganta engasgada.

Seus impulsos são brutais e mesmo que minha boceta esteja dolorida e ardendo, não quero que ele pare. Eu arqueio minhas costas para deixá-lo entrar ainda mais fundo, o mais profundo que ele pode chegar. Quero que ele elimine todas as minhas dúvidas e suspeitas. Quero que ele me purifique com sua luxúria.

Gemendo, enfio as unhas nas costas dele. Ele murmura que eu sou a mulher mais linda que ele já viu e, de repente, o pavor faz um lar dentro do meu peito. Sem controle, começo a suar, tremendo tanto que o Abel tem que parar.

— Pixie?

Oh meu Deus, é óbvio. Porra, é *tão* óbvio.

— Ei, Pixie? O que houve? —, questiona, novamente.

— Tem certeza? — Eu puxo o cabelo dele, incapaz de me segurar.

— Sobre o quê?

— Que eu sou a mulher mais linda que você já viu? — Ele está confuso; eu consigo ver. Mas eu preciso saber. É por isso que seu comportamento mudou?

— Você tem certeza de que não viu uma menina mais bonita do que eu? No seu trabalho.

É aí que ele entende.

Ele fica em silêncio por um segundo. Vejo a incredulidade e a mágoa passarem pelo rosto dele, e meu coração aperta. Eu sou uma idiota. Como posso pensar isso? Nosso amor é maior do que isso. Muito maior. Casos, traições... essas coisas são brincadeiras de criança. Nosso vínculo está além desse tipo de porcaria. Abro a boca para pedir desculpas, mas ele solta uma gargalhada. É dura e afiada. Ele pega o ritmo; na verdade, ele é como uma britadeira dentro de mim. O quarto ecoa com sua batida e tudo o que posso fazer é apertar aquela cruz prateada entre meus dentes para evitar gritar muito alto.

Nós dois gozamos ao mesmo tempo. Ele derrama sua porra na minha barriga e desaba em mim. O peso dele é demais, mas eu não o deixo ir. Abraço-o com força.

— Se você acha isso, Pixie, então toda a minha vida foi um desperdício. A porra da minha vida inteira — ele sussurra e uma lágrima escorre pelo meu olho, e cai na lateral de sua bochecha.



Hoje é o nosso vigésimo sexto dia na cidade, o que significa que hoje é o dia em que vou me casar com Abel Adams.

Ah, e hoje é meu aniversário também. Quem se importa? A única coisa que vale a pena lembrar sobre o dia de hoje é que serei dele, para todo o sempre, diante de Deus e dos homens.

Sky me liga para me desejar um feliz aniversário e eu conto a ela sobre o casamento, e peço desculpas por não ligar para ela antes. Eu tinha medo de colocá-la em mais problemas, caso as pessoas estivessem a observando.

— Eles não sabem que você está em Nova York — diz ela. — Tudo está bem. Eu estou bem. Eles não estão procurando por você. Vai casar, tá? Concentre-se no seu grande dia.

Quero perguntar mais, mas deixo de lado e me despeço.

— Tá bom. Estou com saudades. Falo com você em breve.

Então eles não sabem. Eles nem estão me procurando. Toda essa angústia dos últimos dias foi à toa. Estou aliviada. Bem, eu *deveria* estar aliviada, mas acho que não é o sonho de muitas meninas se casarem sem os pais. Até um mês atrás, eu achava que eles estariam lá quando me casasse com Abel. Eu sabia que eles poderiam não gostar, mas eu não tinha ideia de que eu nem os veria neste dia.

Eles não estão procurando por você.

Mas está tudo bem. Sobrevivi à humilhação de ser desfilada em um lençol pela minha própria mãe, posso me casar sem eles. *Alegremente.*

Eu uso meu vestido rosa e seguro um buquê de girassóis na mão. Abel veste camisa branca, com mangas dobradas para expor as veias dos antebraços, e calça social preta. Ethan e um cara barbudo de seu trabalho são nossas testemunhas.

Estamos diante de um juiz e, em questão de minutos, pronto, e o Abel me beija na frente de todo mundo, como ele disse que faria quando estávamos naquela cidade. Seu beijo é ao mesmo tempo desesperado e aliviado, e quando ele o quebra e olha para mim, pela primeira vez em semanas eu acho que ele está realmente feliz. Não vejo correntes de desespero sob sua pele ou piscando em seus olhos.



E não tenho dúvidas. está tudo *certo*; eu consigo sentir.

— Eu tenho que te contar uma coisa.

Essas são as primeiras palavras que meu marido me diz no dia seguinte ao nosso casamento. São sombrias e pronunciadas em tom abafado. Mas não me chocam. Não. Isso não é assustador? Petrificante, aterrorizante, alarmante.

Estive enlouquecendo nas últimas semanas pensando que algo estava acontecendo e agora tenho minha prova. Eu quase não quero. Quase não quero que ele me diga *alguma coisa*.

Mas eu assinto, segurando os lençóis no meu vestido de noiva rosa. Após a breve cerimônia, caminhamos pela cidade e, em seguida, Ethan comprou algumas cervejas para comemorarmos. Tive meu primeiro gosto de álcool, diretamente do meu marido enquanto ele despejava o líquido de sua boca na minha. Foi decadente e incrível, e eu fiquei bêbada depois de uma única garrafa. Tenho certeza de que caí antes que pudéssemos consumir nosso casamento.

— Você vem comigo para um lugar? Eu tenho que te mostrar — Ele escaneia meu rosto, deslizando o dedo pela lateral dele, me olhando com tanta intensidade, tanta paixão.

— Ok, vou me arrumar.

Ele assente, ainda me encarando antes de se abaixar para beijar minha testa.

— Eu te amo, Pixie. Eu não sou nada sem você.

Com isso ele se levanta do colchão e vai embora, e eu fico com um pressentimento ruim. Vou me arrumar com membros tensos para que ele possa me levar onde quer me levar.

É no Brooklyn. O que ele quer me mostrar. Pegamos o metrô e chegamos lá em cerca de meia hora. Nesses trinta minutos, a gente não conversa. O Abel está inquieto e talvez até com medo, e isso está me deixando com medo. O que pode ser tão ruim que ele nem consegue dizer? Não é capaz de dizer há semanas.

Nosso destino é um armazém de tijolos. Toda essa área é revestida por cercas metálicas e grandes caminhões carregando pacotes. Em todas as vezes que vim a esse bairro, nunca pus os pés aqui.

Quando nos aproximamos da porta de metal, Abel aperta minha mão com força. No ar silencioso e parado, seu gesto é alto.

— Você confia em mim? — Pergunta, com os olhos abertos e vulneráveis.

É a mesma coisa que ele perguntou quando chegamos ao apartamento de Ethan e ouvimos aqueles sons de sexo. Naquele dia, respondi que sim. Percebo que nem precisei pensar sobre isso. Mas eu precisei agora e isso o machuca – me machuca – profundamente.

Respirando pesado, assinto.

— Sim.

Não há outra resposta quando se trata dele. Mas, de alguma forma, sei que minha vida nunca mais será a mesma depois disso. Ele acena para mim antes de abrir a porta de metal e um rangido soa, quebrando a santidade do silêncio.

Entro com os pés trêmulos.

Honestamente, estou convencida de que vou ver cadáveres. Eu já sei que eles devem ficar pendurados no teto. Vai ter sangue por toda parte. Vou ver plásticos grudados nas paredes e pessoas de macacão empunhando armas. Qualquer coisa que justifique o tipo de silêncio que Abel mantém tem que ter a ver com a morte.

Estou enganada.

O silêncio é a última coisa que ouço neste lugar. O que ouço é o que nunca em um milhão de anos esperava ouvir. Gemidos. Altos e excitados e sem vergonha. Combina com os gemidos que ouço através das paredes do nosso apartamento, só que estes são dez vezes mais altos.

E o que vejo é mais selvagem do que qualquer sonho que eu possa ter tido. Há camas com lençóis brancos. Três, na verdade. Elas estão

espalhadas pelo grande espaço semelhante a um loft, separadas uma da outra. Embora sejam divididas com cortinas pretas, de onde estou ao lado da porta consigo ver todas elas.

Tem corpos nas camas. Corpos nus, pele bronzeada contra lençóis brancos, e eles estão se contorcendo e arqueando e escorregando e empurrando.

Eles estão transando.

Como se não bastasse, há pessoas reunidas em torno das camas. Sim, pessoas segurando câmeras. Pessoas segurando luzes. Eles estão ao redor, se inclinando de uma forma e de outra enquanto registram o momento.

Clique. Clique. Clique.

É estranho, mas ouço o estalo da câmera mesmo que meus próprios batimentos cardíacos estejam afogados sob os gemidos eróticos. Então meu coração para completamente porque ouço um gemido muito parecido com o meu. Quase poderia ser eu.

— Oh Deus... — ela diz e eu não tenho escolha a não ser caminhar em direção a ela.

Percorro o espaço. Cheira a maquiagem, sexo e suor. O chão é uma selva de fios onde cada passo ecoa. Ou talvez só me pareça assim porque tudo neste lugar é ampliado.

Aproximo-me da cama no meio das três; ele fica mais à frente e muito no fundo. Um homem e uma mulher estão deitados sobre ela. Bem, não deitados. Eles estão se movendo. Ele está empurrando para dentro dela e ela está segurando os lençóis, com a boca aberta. Ela está de quatro, com os seios balançando. Ela usa uma corrente de ouro no pescoço que balança e voa a cada impulso no pau do homem.

Ele não pegando leve com ela, não. Ele está fodendo ela como um animal ou como um homem que só conhece luxúria e nada mais. Ele está gemendo; cada músculo é tenso e esticado e parece tão frágil. Os olhos dele se estreitam enquanto ele observa as curvas dela voarem, seus dentes à mostra.

Eles não estão dizendo nada um para o outro, mas de alguma forma, eu ainda os ouço. Eu posso ouvir a história deles na minha cabeça.

Você sente isso, bebê? Você sente o quanto eu te amo?

Sim.

Você sente como você me tortura pra caralho?

Mostre-me.

Ele mostra a ela. Ele dá um tapa na bunda dela, fazendo-a quicar, fazendo-a gemer de prazer. Ele aperta o seio dela, grunhindo, beliscando o mamilo, e ela morde o lábio, sibilando. Ele é contundente, está desesperado

porque está morrendo por ela. Ela está recebendo e amando porque sabe o que faz com ele. Ele faz isso com ela também.

Algo acontece então. Algo bizarro. Ela segura o lençol e eu seguro meu vestido. Suas coxas vibram a cada empurrão chocante de seu pau venoso, e sinto minhas próprias coxas tremerem. Ele deu um tapa na bunda dela novamente, deixando-a vermelha e dolorida, e eu sinto a ardência na minha bunda. Quando ele envolve o cabelo escuro dela em volta do pulso, eu sinto o puxão no meu.

De repente, tudo o que posso sentir é o meu corpo. Todos os meus sentidos estão tomados. Sinto meu estômago apertando, minha coluna sendo atingida pelo suor, meus seios ficando pesados, mamilos formigando. Sou toda corpo e nada pensamentos. Sou toda hormônios e luxúria. Estou respirando com dificuldade, provavelmente fraquejando em meus pés. Eu teria caído se não fosse o braço em volta da cintura e aquela montanha dura de um corpo contra a minha coluna. Uma parede quente e com cheiro de maçã está me abraçando.

— Quem são eles? — Eu sussurro, ainda os observando.

— Não sei. São atores.

— Que lugar é esse?

O Abel beija a nuca e eu sinto isso em todos os lugares, por dentro e por fora.

— É um estúdio. O nome é Skins.

— O que eles fazem aqui?

— Eles fazem vídeos.

— Vídeos de sexo?

— Sim.

A essa altura, o homem está prestes a gozar. Eu sei disso porque ele ficou tenso, o pescoço vibrando com o esforço. Assim como o Abel fica quando está prestes a chegar ao orgasmo. Como eu, a menina deixou-se soltar, todo o seu corpo maleável, para que o homem possa agarrá-la com a força que quiser. Dessa forma, o homem pode rasgá-la, se quiser. Com um grunhido alto, ele tira o pau e derrama sua porra pelas costas dela. Seus gemidos são os mais altos que já ouvi. O alívio deles é o maior que já vi.

Mas o momento acabou.

O transe foi quebrado. Finalmente posso ver outra coisa além do casal. As câmeras param de rodar. O *clique, clique, clique* desapareceu. Algumas pessoas chegam ao local com roupões de banho. O homem recebe uma garrafa de água; a mulher pega o outro roupão e garrafa, junto com um elogio da menina que as distribui.

Mas, apesar de todas as distrações, ainda consigo sentir o Abel. Sinto seu corpo atrás de mim, seu pau aninhado nas minhas costas. É duro e ele

está se esfregando em mim, e eu estou me esfregando nele. Ele está excitado com isso.

Estamos excitados.

Eu estremeço como se alguém tivesse me dado um tapa. A umidade da minha calcinha parece errada, nojenta. Meu suor parece veneno.

Afasto-me do abraço do meu marido, mas não olho para ele; tenho medo do que vou encontrar.

— Eu tenho que ir.

Com isso eu começo a correr, e saio correndo dali. Abro a porta e saio para a luz do sol. Depois das luzes berrantes do interior, o sol parece mais opaco. Tenho manchas pretas pulsando na minha visão.

— Pixie — grita Abel.

Corro ainda mais rápido. As estradas estão vazias. Estranhamente, ninguém está por perto a esta hora do dia. Todo este lugar está abandonado, abandonado por Deus.

— Pixie, porra. Pare de correr, droga.

Sua voz me segue, me alertando para o fato de que ele está atrás de mim. Por que ele não pode me deixar em paz? Por que não consigo espaço? Sinto-me claustrofóbica ao ar livre.

O Abel é mais rápido do que eu. Muito mais rápido. Malditas pernas longas. Ele está bem atrás de mim quando viro e chego a um beco sem saída.

Ofegante, olho para a parede de tijolos úmidos e mofados. É forrada com lixeiras pretas e caixas descartadas. É tão estreito que a luz do sol mal consegue entrar, sufocando o lugar na escuridão.

— Pixie — diz Abel, ofegante atrás de mim. — Vire-se, bebê, por favor.

Não. Não quero. Não quero olhar para a cara dele e ver todas as respostas escritas ali. Também não quero fazer perguntas.

Eu balanço a cabeça.

— Por favor, querida. Estou morrendo aqui. Só... É só se virar, tá? Me deixe ver seu rosto — Sua voz está quebrada. Ele nunca fala assim. Cada gesto, cada palavra é tão cheia de vida e energia. E sexo. Sim, é sempre sedutor, tentador.

É isso que me faz mudar de ideia e me faz virar. Sua voz solitária.

Seus olhos estão selvagens e preocupados. Ele tenta se aproximar, mas eu o paro.

— Não.

Ele cerra os punhos ao lado do corpo, a mandíbula travada, esperando.

— Este é o seu trabalho, não é?

Ele faz um aceno de cabeça.

— Sim.

— É pornografia. Estão fazendo pornô lá dentro. É assim que é feito. Outro aceno.

— Então, o que você faz? Faz vídeos?

— Fotos. Eu tiro fotos. Vídeo é um departamento diferente.

— Departamento. Certo. Claro que há departamentos.

— Pixie...

Enxugo minhas lágrimas com raiva. Não quero mais chorar. Não quero ser patética. Eu estive enlouquecendo nos últimos dias achando que havia algo errado. Eu sabia que ele estava escondendo algo de mim. Eu sabia. Mas eu fui tão estúpida, não é? Não mais.

— Eu ficava te perguntando e te perguntando. Você me deixou pensar que não tinha nada acontecendo. Você mentiu para mim. Você tem mentido para mim. Você me enlouqueceu todas essas semanas. Você... —
Aí alguma coisa me ocorre e eu paro.

Ele quer que eu faça isso? Ele quer que eu transe com ele na frente das câmeras?

Abraço meu corpo, me sentindo nua sem deixar cair um centímetro de roupa. Sinto a umidade na calcinha. De repente, parece muito evidente. É tudo o que eu consigo pensar. Tudo o que consigo pensar é nesse casal lá dentro. A forma como se moviam. O jeito que eles fodiam. A forma como ele a amava como o Abel me ama. Duro e desesperado.

Tudo o que consigo pensar é em como o Abel estava excitado, como estava *eu* estava excitada enquanto nós os assistimos.

Oh Deus, eu perdi a cabeça. Não é *normal*. Pessoas educadas e normais não fazem isso. Eles não fazem sexo na frente das câmeras.

O Abel está falando alguma coisa, mas eu o cortei.

— Não vou fazer isso. Eu *nunca* vou fazer isso.

Se eu puder de alguma forma parar de ver aquele casal na minha cabeça.

Sua mandíbula fica muito dura, a veia em sua têmpora estourando.

— O que você me diz?

Eu mantenho a minha posição. Eu me imponho sobre isso. Eu fico firme. Eu nunca mudar isso, nunca vou ceder porque juro por Deus que não vou tirar minha roupa na frente do mundo inteiro.

— Eu disse que não vou fazer isso. Não importa que tenhamos transado no beco uma vez. Não conta. Não importa que estejamos casados agora. Não foi por isso que você me trouxe aqui? Para me mostrar? Não é por isso que você esperou que eu estivesse *presa* a você para me contar? Você pensou que eu não diria não por que somos casados. Não é à toa que

você não me contou. Não é à toa que você escondeu isso de mim. Não é à toa que você tem *mentido* para mim. Porque não importa o que você diga ou o quão excitado você estava, você não pode me obrigar a fazer isso. — Minha voz é um grito quando termino. Meus olhos são um rio correndo enquanto eu olho para ele. O desprezo em minha expressão é evidente.

Nada se move. Nada faz barulho. O mundo não está vazio, mas com certeza parece que está.

— Você quer saber por que eu não te contei, Pixie?

Eu não respondo. Estou muito agitada para dizer qualquer coisa agora, e a forma como ele está me observando, todo magoado e com raiva, como se a culpa fosse minha. Como se eu estivesse fazendo algo errado. Como se eu fosse quem tira fotos de pessoas nuas e minto sobre isso.

Um momento depois, seus ombros caem. Perdem toda a força. Sua mandíbula fica frouxa enquanto ele abaixa a cabeça. Isso me dói e eu me odeio por isso.

Eu não me importo se o sol é mais fraco ou se vai apagar. Eu não me importo que este beco esteja envolto em escuridão porque a luz é muito fraca para entrar. Eu não me importo com nada disso quando o homem que eu amo, meu marido, está olhando para baixo, para os pés dele. Quando ele é o que mais brilha para mim. Quando ele é quem tem o poder de desafiar o céu, o sol, Deus, todos.

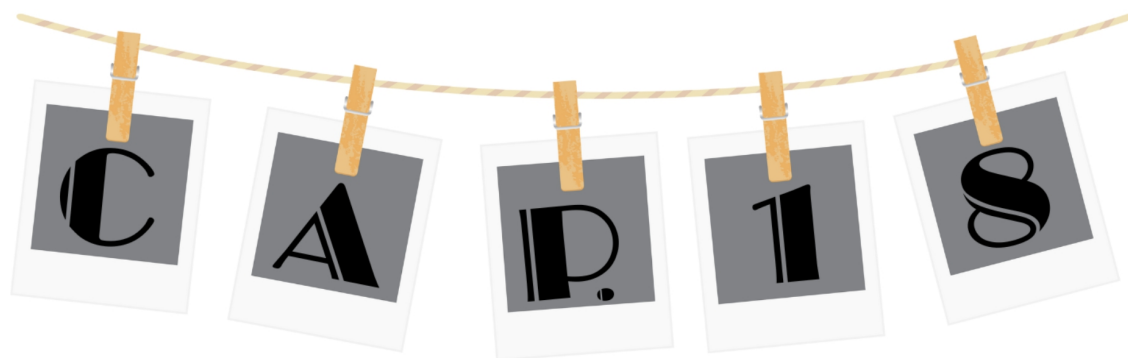
Estou tão confusa.

Eu só quero voltar para esta manhã, quando as coisas estavam bem. Quero voltar à primeira noite em Nova York, quando éramos apenas dois fugitivos. Sem empregos, apenas aspirações. Sem mentiras, apenas promessas.

— Eu não te contei por que sabia que você me olharia do jeito que está me olhando agora —, diz por fim, levantando a cabeça.

— Como estou te olhando agora?

— Como se eu fosse nojento. Como se eu fosse um monstro.



Meu marido é um mentiroso.

Além disso, ele faz pornografia. Bem, não exatamente. Ele não *faz*. Ele só tira fotos. Vídeo é todo um outro departamento.

Gostaria de pensar que sou forte. Gostaria de pensar que a única razão pela qual voltei para o apartamento com o Abel é porque sou madura e casada. E os casais conversam sobre as coisas. E nós também devemos.

Mas assim que chegamos ao apartamento, corri para o nosso quarto e tranquei a porta. O Abel bateu nela, pediu para entrar, mas eu recusei. Eu não queria estar perto dele e não queria estar longe. Isso faz algum sentido? Eu queria saber que ele estava perto, mas não perto o suficiente que ele pudesse me tocar. Eu sabia que ele estava morrendo de vontade. Eu sabia que ele daria qualquer coisa para me tocar e eu queria puni-lo. E eu queria ouvir suas respirações. Respirações selvagens e ferozes.

Agora é noite, escuridão total. Abel está quieto; ele parou de bater na porta. Mas eu sei que ele está perto.

Não consigo dormir, o colchão está muito vazio e minha mente está muito cheia de coisas. Agarro o travesseiro no peito como se fosse Abel e choro nele. Mas é muito macio e não é quente o suficiente. Não tem braços e não apoia a coxa pesada na cintura. Não respira, não fala durante o sono como o meu Abel faz às vezes. O travesseiro estúpido me faz chorar ainda mais.

Deus, eu sinto muita falta dele e ele está do outro lado da porta, esperando para entrar. Não quero passar minha segunda noite como esposa sozinha. Ele deveria estar comigo, ao meu lado, fazendo amor comigo. Ele deveria estar aqui. Ponto final.

Mas não posso deixá-lo entrar.

Na minha cabeça, eu vejo o armazém, aquelas pessoas. Quando eu estava lá, observando-os, pensei que eles estavam apaixonados. Eu realmente pensei isso. Agora eu penso, e se eles *estivessem* apaixonados? Quão mágico teria sido isso? Quão selvagem, químico e explosivo? Eles teriam incendiado a câmera. As pessoas falaria sobre eles por dias. Aí eu penso que é só pornografia. É barato e nojento. Não tem nada a ver com amor.

Penso nos nossos vizinhos que são barulhentos. Eles estão apaixonados, né? Eu acho que sim. Eu só os vi algumas vezes, ambos magros e de cabelos escuros, e eles estão sempre grudados um no outro. Eles devem saber que são barulhentos. Será que eles simplesmente não se importam? Não se importam que os outros possam ouvi-los? Talvez eles estejam tão apaixonados que isso nem passa pela cabeça deles.

Na escuridão da noite, não parece tão ruim, transar diante das câmeras, transar em um beco, onde as pessoas podem nos ver. Minha pele

formiga quando imagino os olhos das pessoas em nós. A pele da parte superior das minhas coxas fica irritada depois da maneira como esfreguei minhas pernas juntas. Estou perdendo a cabeça. Eu sou louca por pensar isso.

Quando chega o amanhecer, estou exausta, mas ainda assim, não consigo dormir. Eu penso em ligar para Sky, mas está muito cedo para ela. Ela deve estar dormindo. Além disso, acabei de falar com ela e não quero dizer que em apenas vinte e quatro horas consegui estragar meu casamento.

Meus pais ficariam felizes, certo? Na verdade, acho que os pais sentem esse tipo de coisa. Não é surpreendente. Compartilhamos genes, hábitos, comportamentos. Faz sentido que eles saibam quando seu filho está em apuros. Minha mãe deve estar no sétimo sono esta noite, sem se importar, sem preocupações. Meu pai deve estar se sentindo mais leve porque já sabia que o Abel seria ruim para mim.

Então, eles ganharam.

Estou puta pra caralho e com raiva e quero quebrar alguma coisa. Quero abraçar o Abel e nunca mais largar.

Mas não consigo. Porque ele mentiu para mim. Ele quer que eu faça coisas indizíveis na frente de uma câmera.

Mas será que ele quer mesmo?

Ele nunca disse isso, nunca disse essas palavras. Eu assumi. Mas então por que ele ficou excitado?

E por que eu fiquei excitada?

Não me lembro de cair no sono, mas quando acordo o quarto está super iluminado. Abro a porta e vejo Abel encolhido na parede oposta. Seu pescoço está inclinado em um ângulo estranho. Ele vai ficar com dor por dormir desse jeito. Ele faz isso. Ele geralmente dorme de um jeito errado e depois resmunga sobre dor no pescoço. Comprei um travesseiro bom para ele há alguns dias porque sei que ele não vai comprar um para si. Isso é outra coisa que ele faz. Ele tem zero desejos materialistas. Todos os seus desejos são emocionais ou carnavais.

Como se eu fosse nojento. Como se eu fosse um monstro.

Lembro de sua expressão solitária e decepcionada no beco. Ouço o falhar de sua voz. Me parte o coração. Isso me faz sentir vergonha de mim mesma. Como posso dizer que eu sou diferente das pessoas que me criaram se eu nunca dei a ele a chance de explicar? Como posso dizer que sou... melhor? Mais uma vez, fico com vontade de abraçá-lo. Quero beijar toda a mágoa dele, mas não quero. Não consigo. Não até conversarmos de verdade sobre isso.

Vou até a cozinha e começo a fazer o café da manhã. Eu sou uma péssima cozinheira, então geralmente é trabalho do Abel cuidar das refeições. Acho que ele gosta. Isso faz com que ele sinta que está cuidando de mim.

Abel entra na cozinha quando estou despejando café em uma caneca branca e lascada. Ele está na ilha, com os olhos vermelhos e privados de sono. Olhamos um para o outro separados por ela. Sei que ele quer se aproximar; quero me aproximar dele também. A cama estava tão fria e solitária sem meu aquecedor humano.

Coloco uma xícara de café para ele e sento na ilha. Ele faz o mesmo, tomando o assento oposto a mim.

— Fiquei tão paranoica nos últimos dias que um dia decidi te espionar. Abri seu computador e odiei cada segundo disso. Pensei que estava quebrando sua confiança. Pensei que estava deixando todo mundo – meu pai – chegar até mim. — Eu debocho. — Era o *seu* computador, não era? Ethan mentiu por você. Ele te disse isso?

Abel acena envergonhado, arrependido pingando de cada centímetro de seu belo rosto. Claro que o computador era dele. Não sei por que acreditei em Ethan.

— E aquela mulher que eu vi. Era a Blu, não era?

Percebi ontem à noite que a mulher em pleno êxtase era a mesma que conheci no apartamento, semanas atrás. Lembro de contar a Ethan e Abel sobre ela e Ethan ficou envergonhado, enquanto Abel deu uma lição de moral sobre deixar estranhos entrarem enquanto sua noiva estava aqui. Eu não achei que fosse um grande problema, mas eu deveria ter percebido. Não é engraçado como o cérebro funciona? Protege. Bloqueia as coisas. Rejeita a possibilidade de que algo esteja errado. Que a pessoa que você mais ama também possa ser a pessoa que está te machucando.

— Era.

Balanço a cabeça, rindo.

— Deus, você deve pensar que eu sou muito idiota, certo?

— Pixie, eu não... — Ele para antes de dizer: — Não, eu não acho isso. Na verdade, acho que eu fui um idiota. Eu fui egoísta pra caralho mentindo para você. Eu odiei. Eu odiava cada segundo. Tinha momentos em que eu não queria chegar em casa e olhar para o seu rosto confiante. Tiveram vezes que eu quase te contei. Eu quase contei porque doía pra caralho olhar nos seus olhos, ver o quanto você estava incomodada e era por minha causa. E então uma noite você me perguntou se tinha... — Ele suspira, puxa o cabelo bagunçado. — Não existe mais ninguém para mim, Pixie. Nunca vai existir. Todo dia eu me afogo em você e não quero voltar para o ar. Como pode ter outra pessoa? Não *quero* outra pessoa.

— Então, por que você não me contou? Como você pode mentir para mim se você me ama tanto?

Ele parece estar organizando seus pensamentos e eu o deixo fazer isso, mesmo que eu queira gritar com ele, bater nele, fazer algo totalmente louco agora. Mas eu mereço uma explicação, uma explicação honesta.

— Eu e meus pais tínhamos uma relação difícil. Quando descobri sobre eles, tive dias em que os odiava por terem me contado. E então eu os odiei por *não* me contarem antes. Levei meses, anos para me adaptar ao fato de que eles eram parentes e que, não importa o que acontecesse, eu os amava. E essa foi a raiz do problema. O fato de que eu os amava. Eles fizeram de tudo para me dar uma vida normal. Eles me amavam. Eles cuidaram de mim. Era difícil odiá-los, mas eu queria.

Abel respira fundo e passa os dedos pelos cabelos, novamente.

— E então, eles morreram e eu fui enviado para uma cidade onde as pessoas *realmente* os odiavam. Chamavam eles de coisas horríveis. *Me* chamavam de coisas horríveis. Eu... — Ele balança a cabeça, os olhos lacrimejando.

Por que eu acho que hoje ele vai perder a batalha e suas lágrimas vão cair? Estou temendo esse momento.

— Mexeu com a minha cabeça. Eu queria revidar. Eu queria... quebrar alguma coisa. Todo dia era uma luta. Todos os dias eu queria sair daquela porra de cidade e ir para algum lugar que as pessoas não soubessem sobre eles, sobre mim. Você foi a única que melhorou as coisas. Você foi a única que me fez sentir melhor comigo mesmo. Você me olhou como se eu fosse uma espécie de milagre. Como eu se eu importasse. Mas até isso era tão difícil. Até te ver era muito difícil. E tudo por causa dos meus pais, de onde eu vim. Quando eles morreram, eu prometi a mim mesmo que não os odiaria. Que eu me esforçaria para perdoá-los, não julgá-los. Eu não mancharia meu amor com ódio, confusão. Mas eu fiz. Eu quebrei minha promessa.

— Eu te via pela cidade, na igreja, na escola. Eu via você rindo. Eu veria como eu te fazia corar. Como você estava morrendo de vontade de se aproximar de mim, mas não podia. Isso me fez odiar meus pais de novo. Isso me fez sentir como aquele garotinho que não conseguia colocar na cabeça o fato de que seus pais nunca deveriam *ser* pais de uma criança. Eles nunca deveriam ser o que foram um para o outro. E agora, por causa deles, eu não podia amar minha garota do jeito que eu queria.

Deus, ele está quebrando meu coração agora. Não consigo conter as lágrimas. A água salgada escorre pelas minhas bochechas enquanto ouço o amor da minha vida derramando seu coração.

— Muitas vezes pensei que deveria recuar. Eu pensei, se tantas pessoas estão dizendo a mesma coisa, talvez estejam certos. Talvez meu sangue realmente seja ruim. Talvez eu não mereça você. Mas sempre que pensava em desistir de você, eu... — Ele esfrega o peito. — Eu não conseguia respirar. Era como se alguém estivesse esmagando meu coração. Como se tivesse esse peso dentro do meu peito e eu estivesse morrendo. Então eu não desisti. Eu não desisti de você. Não me arrependo, Pixie. Não me arrependo de te amar do jeito que eu amo.

— Eu também não — sussurro, sabendo do fundo da minha alma, do fundo do meu ser que estou dizendo a verdade.

O músculo da mandíbula está tremendo, mas ele não diz nada por um tempo. Eu gostaria que ele o fizesse. Eu gostaria de saber sobre suas lutas. Nunca quis que ele se sentisse assim pelos pais. Nunca quis que ele os odiasse. Eles estavam apaixonados, e sim, pode ser errado e antinatural ou o que quer que seja. Mas a culpa não é do Abel. Por que é tão difícil para as pessoas entenderem?

Ele ri amargamente.

— Quando o Ethan me levou no estúdio e eu vi o que era, pensei que ele estava de sacanagem comigo. A mesma coisa que fez seu pai me mandar embora, estava bem na minha frente. Como uma tentação ou algo assim. De um milhão de empregos nesta cidade, eu consegui aquele pelo qual me condenaram. Era como se o universo estivesse me dando um tapa na cara. Me dizendo que eu não sou bom o suficiente. Eu não sou *normal* o suficiente para você. Pensei que era Deus me dizendo que eu deveria desistir de você. Quando essa merda acabaria? Eu pensava por que não me deixam em paz. Tudo o que eu quero é a minha Pixie. Por que tem que ser tão difícil?

Eu pego na mão dele. Os hematomas no rosto desapareceram, mas nunca pensei nas feridas lá dentro. Eu nunca pensei que se você ouvir algo cem vezes, você começa a acreditar que é verdade.

— Abel, querido...

— Eu deveria ter saído de lá. Eu deveria ter dito não. Mas foda-se isso. Foda-se o mundo. Foda-se ser normal. Seus pais e sua cidade inteira não conseguiram me manter longe de você e eu também não vou deixar Deus nos separar. Eles não podem me julgar. Eles podem me odiar se quiserem, mas não podem me dizer o que fazer. Então, eu aceitei. Aceitei o trabalho porque eu posso fazer que caralho eu quiser, desde que...

— Desde que o quê?

— Desde que você não me odeie. — Ele engole. — Eu sei que o que eu fiz foi errado. Eu deveria ter te contado desde o início. Eu deveria ter feito você entender, mas fiquei com medo. Pensei que você me deixaria. Pensei

que você começaria a acreditar no que as pessoas estavam ficando te dizendo o tempo todo. E... Eu não aguentaria. Eu fiquei longe de você por tanto tempo, eu não sei seria capaz de fazer isso de novo. Você me escolheu na noite em que fugimos, você me deu o privilégio de estar com você para sempre e eu não conseguiria te deixar ir. Eu não sou tão forte assim.

Mesmo que meu coração esteja completamente partido, esmagado, preciso dizer a ele o seguinte:

— Você não pode fazer isso, Abel. Você não pode mandar na minha escolha. Você tem que confiar em mim, ok? Confie que eu sempre vou escolher você. Você não pode mentir para mim. Você não pode quebrar a *minha* confiança. Não pode. Eu não suportaria. Acho que eu não conseguiria lidar se isso acontecesse. Me promete. Por favor.

— Eu prometo.

Assenti, enxugando as lágrimas, e encarei meu café gelado.

— Não tenho vergonha — diz em tom desafiador como um garotinho que tenta brigar pelo que é seu. — Do trabalho, quero dizer. É um trabalho. Não é convencional, mas não tenho vergonha.

Isso aperta meu coração.

— Eu sei.

— E eu... Eu nunca faria você fazer algo que você não quisesse fazer. Eu nunca pediria para você foder na frente das câmeras.

Meu fôlego some em suas palavras. A sensação, os arrepios que eu tenho tentado silenciar recomeçam. Pressiono minhas coxas juntas.

— Você já... Já pensou nisso?

Suas narinas se incendeiam quando ele respira fundo e me dá a verdade.

— Eu sou um homem. Já pensei nisso, sim.

Eu não sei por que eu estremeço, mas eu faço. Eu tremo e meus mamilos enrijecem. Uma corrente passa ao longo do comprimento do meu corpo. É mais do que uma corrente. É uma rebelião. Sob minha pele, flutuando em meu sangue. Parece um terremoto que vem se acumulando há anos.

— Você me odeia? Você me odeia por pensar isso? — ele me pergunta em um sussurro áspero.

Eu me libertei, então. Minha dor, minha raiva são muito grandes para as lágrimas silenciosas. Minha dor tem sons. Tem agonia. Então eu soluço. Eu choro pelo homem na minha frente. Choro pelo menino que me amava tanto que começou a odiar os próprios pais. Eu choro pelo que meus pais fizeram com ele. Eu choro porque estou cansada de carregar esse ódio, esse sentimento de injustiça. Eu quero curá-lo. Quero fazer algo para

expurgar isso do meu corpo. Quero machucá-los como eles nos machucaram Quero justiça. Quero mudar o mundo para que nenhuma criança tenha que arcar com as consequências dos atos de seus pais.

Balanço a cabeça quando Abel se levanta e me pega nos braços. Vejo uma lágrima cair pelas linhas duras de sua bochecha e isso me faz chorar ainda mais. O Abel sempre foi muito forte, um pilar que nunca deixa cair as lágrimas, mas hoje ele deixou. Eu choro e choro até não conseguir mais.

E então eu olho para ele.

— Eu os odeio também, sabe. Meus pais. No primeiro dia aqui, quando me perdi, vi meu pai na rua. Achei que ele estava aqui para me levar de volta. Ainda o vejo às vezes. Na rua. Nos meus sonhos.

Seus braços se apertam ao redor da minha cintura. Sua respiração muda. Ele está com raiva.

— Ninguém pode te tirar de mim. Você é minha.

Coloquei os pés em seus pés, reduzindo meu mundo a ele. Respiro em sua boca trêmula e irritada.

— Me mostra. Me ame do jeito que só você consegue. Me ame como se estivéssemos morrendo e nossa luxúria é a única coisa que pode nos salvar. Me ame como sua esposa.

Ele faz. Ele me carrega para o nosso quarto e me joga na cama e entra em mim.

— Tão fundo... — Eu gemo.

— Sim. Eu vou ficar dentro de você, Pixie. Então você nunca mais vai fugir de mim.

— Eu nunca vou fugir de você — prometo enquanto ele empurra para dentro com uma violência que abala todo o meu corpo.

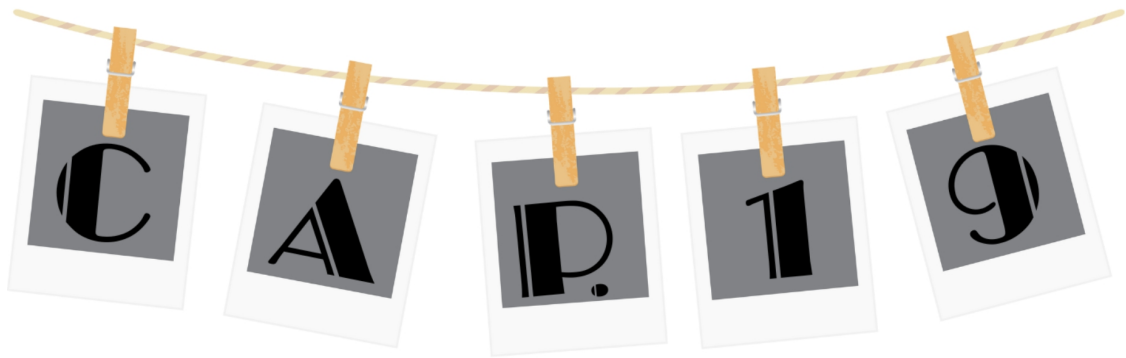
Ele aperta um beijo suave na lateral do meu pescoço antes de lambe toda a extensão com sua língua quente. Como um animal.

— Bom. Porque você teria que estar fora de si para pensar que eu vou te deixar ir embora.

Sorrindo, gozo, jorrando sobre seu comprimento duro. Eu gozo no pau do meu marido. Eu gozo como esposa dele. Meu orgasmo traz o dele e ele tira seu pau para ejacular na minha barriga.

Não há nada mais doce do que estar unida ao homem que você ama, o homem com quem você é casada. É um nível diferente de intimidade. Mas pela primeira vez sinto que quero mais. Quero algo além disso. Abel olha nos meus olhos e eu leio a mesma fome nas profundezas do seu olhar.

Mas o que poderia ser mais íntimo do que isso? O que poderia ser mais íntimo, mais revolucionário do que ser um com a pessoa que você ama?



O Abel tira uns dias de folga para simplesmente ficar comigo e eu fiz o mesmo.

Meu chefe, Milo, não está feliz com isso, mas não é como se eu fosse a funcionária do mês ou qualquer coisa. Não, eu nem sou uma boa garçonete. Na verdade, eu odeio meu trabalho. Eu odeio que eu tenha que ficar de pé o dia todo e que as pessoas me chamem de *licença*, em vez de me chamar pelo meu nome. Meu uniforme é composto por um short preto, a exata coisa que eu odeio. Minhas costas doem quando volto para meu apartamento, com vizinhos barulhentos e maníacos por sexo. Mas, principalmente, odeio o fato de ser uma garçonete fracassada. Eu derramo as coisas com mais frequência do que não derramo. Mesmo que o Abel me diga para sair, eu não vou. Vou ser adulta e aguentar. Mas é bom ter alguns dias de folga.

Passamos todos os momentos acordados juntos, principalmente confinados em nosso quarto, conversando ou fazendo amor.

— Eu não ronco, seu grande idiota —, eu bati em seu peito nu. — Além disso, você fala dormindo.

Estamos no colchão, com ele deitado de costas e eu apoiando a cabeça no ombro dele. Estamos falando de todas as coisas que não sabíamos um do outro antes de vivermos juntos.

— O quê? Isso é insano. — Ele dá um tapa na minha bunda nua em troca.

Cavo meu queixo em seu peito, fazendo-o rir.

— Você também é.

Sorrindo, ele segura meu cabelo porque, bem, isso é o que ele faz.

— Ok, o que eu falo?

Mordo o lábio, sorrindo.

— Você diz o quanto ama minhas tortas de maçã. Como você está arrependido de deixar toda a sua roupa suja no chão e como você deve beijar os pés de sua esposa por limpar por você.

Ele me rola para que eu fique de costas e ele entre minhas coxas.

— Ah, eu definitivamente falo isso. Eu definitivamente falo sobre beijar minha esposa, deixá-la suja e comer a tortinha dela.

Rindo, eu me contorço sob ele.

— Você é tão brega, Abel. O cara mais brega de todos os tempos.

— Mas você ainda me ama.

Eu assinto antes de arquear minhas costas e convidá-lo para dentro do meu corpo.

— Eu amo.

Uma vez que nossa luxúria está saciada por enquanto, eu digo a ele que em algumas partes do mundo é normal se casar com seu primo de primeiro grau. Não há tabu contra isso.

— Você não deve odiá-los, Abel. Especialmente não por minha causa. Especialmente não por causa do nosso amor. Prometa que você não vai odiá-los. Me prometa, Abel. Nosso amor não será motivo de mais ódio.

Ele acena.

— Prometo que vou tentar.

— Obrigada. — Beijo seu queixo.

Enquanto durmo em seu peito nu e suado, me pergunto como alguém pode ter uma vingança contra o amor. Eu me pergunto por que as pessoas travam guerras em nome disso quando tudo que o amor sempre pede é paz.

Logo, nosso descanso acaba. O Abel tem que voltar a trabalhar e peço que ele me leve junto. Embora tenhamos falado sobre seu trabalho e como tudo funciona, não abordamos o assunto sobre estarmos na frente das câmeras. Eu acho que nós dois temos medo de falar sobre isso, reconhecer as coisas que estamos sentindo. Ou talvez seja só eu. Não posso deixar de pensar no quão anormal isso é. Quão não aceito. Quão não convencional. E o quanto estou intrigada com tudo isso.

Estamos nos preparando no banheiro para ir ao armazém. O Abel está tomando banho enquanto eu faço o que quase nunca faço: me maquiar. Mas sinto que preciso disso hoje. Preciso dar o meu melhor. Aplico cuidadosamente delineador e rímel, e pinto meus lábios com um tom mais escuro de rosa antes de enrolar meu cabelo liso.

Abel puxa para trás a cortina do chuveiro, que eu inclusive acho que está crescendo algo no fundo, onde ela encontra a água. Definitivamente, precisamos intensificar nossa busca por um apartamento.

Ele está molhado, seus cabelos loiros escuros para trás, gotas de água agarradas aos músculos, e ele está nu. Deus, meu marido é o homem mais sexy do mundo.

Ele pega uma toalha do gancho da porta e a enrola na cintura.

— O que você faria no meu cabelo? — Abel franze a testa, olhando para o *meu* cabelo.

— Seu cabelo? — Levanto as sobrancelhas para ele.

Ele pega um fio longo e enrolado e prende suavemente entre os dedos, contradizendo totalmente o tom de sua voz e seu olhar sério.

— Uh.

Como é que ele me faz sorrir e querer bater nele, ao mesmo tempo?

— Eu dei uma enrolada nele. Que? Ficou ridículo?

Ele segura meu rosto, passando os olhos por todo ele. Eu me sinto desconfortável. Quer dizer, não sou especialista, mas acho que consigo me maquiar. Toda menina nasce com esse gene, certo? Só preciso de um pouco de prática. Ele se inclina em minha direção, todo molhado e quente.

— Abel, você está pingando no meu vestido — repreendo, olhando para as manchas molhadas no tecido rosa.

Segurando minha mandíbula, ele levanta meu pescoço e me beija com força. Ele come nos meus lábios, mordisca o contorno deles e lambe meu batom. Quando ele levanta a cabeça, estou respirando forte, agarrada ao pescoço dele.

— Nunca mais coloque essa cor estranha na *minha* boca.

Limpando a boca com o dorso da mão, ele vai embora, estragando tudo o que eu me esforcei tanto e me fazendo sorrir.

Quando chegamos ao armazém, Abel abre a porta de metal, mas depois faz uma pausa. Ele olha para trás e estende a mão em minha direção, palma para cima. A pele de suas almofadas é áspera e eu sei como é bom quando raspa contra a minha pele. Não importa se ele está acariciando minha bochecha ou batendo na minha bunda. Suas mãos sempre me deixam segura.

Deslizo a mão na dele.

Juntos, entramos em outro mundo. Luz. Há muita luz aqui. Não é natural. Como se estrelas morressem neste lugar, liberando toda a luz dentro delas que nenhum mero mortal pode suportar. O Abel me sinaliza na porta e me dá um passe de visitante, algo que eu não percebi quando estive aqui da última vez.

O número de camas é o mesmo. Três. Mas as cenas são diferentes. Hoje aproveito para estudar todas.

Na primeira cama, mais perto da porta, uma menina está torcendo nos lençóis. Seu cabelo escuro e o tecido preto parecem um só. Seus lábios são vermelhos; sua pele está toda corada e úmida, seios inclinados para o céu. Sua mão está entre as pernas enquanto ela está se agradando. Espero ver um homem em algum lugar, mas vem outra mulher. Esta é loira, mas

mais magra que a da cama. Ela tem um piercing minúsculo na barriga que nem existe.

Me faz pensar no meu próprio estômago, almofadado e com toda sua maciez. O Abel adora brincar com ele, apertá-lo, mas será que é mesmo tão bom assim? Quero dizer, eu não estou nem perto de ser tão tonificada e faminta quanto essas meninas.

Me faz sentir... decepcionada por não ser tão perfeita ou o tipo para a câmara. Isso me faz sentir que minha primeira tentativa de maquiagem foi um grande fracasso.

Bem, o que importa? Não sou eu que faço todas essas coisas, né?

Certo?

Engolindo, olho para o lado e o Abel me leva adiante. Ele está me deixando tomar meu tempo. Não me fazendo ter pressa enquanto absorvo esse lugar sobrenatural. Não sei por que sinto que é assim quando o sexo é a coisa mais básica do mundo.

Na verdade, provavelmente deve ter sido a primeira coisa no mundo.

Um dia Adão deve ter chegado em casa, comendo todas as maçãs, e deve ter dito a Eva: *Ei, o que vamos fazer quando morrermos? Quem vai ficar com tudo isso? Nossa cabana e todas as roupas de folhas que fizemos.*

Então Eva deve ter dito: *E se pudermos encontrar mais pessoas de duas pernas como nós?*

Então eles devem ter passado horas pensando e ponderando, até que a ideia veio para Adão. *Vamos cultivá-los. Cultivamos tudo que tem aqui. Por que não podemos fazer crescer pessoas?*

Só que eles não sabiam como fazer isso. Mas eles deviam sentir coisas – coisas tipo tesão – então eles seguiram seus instintos e nove meses depois, voilá. Eles tinham uma criatura de duas pernas.

Coloco a mão na boca para parar minha risada histérica. Eu viajei. Eu viajei completamente.

— Você está bem? — Abel me pergunta, olhando para mim com tanta preocupação e amor.

Eu não consigo me segurar, então. Fico na ponta dos pés para poder beijá-lo. O toque dos nossos lábios diminui a atmosfera deste lugar.

Na segunda cama, uma mulher de cabelos loiros está deitada em cima de um homem, com as costas no peito dele. Oh meu Deus, ela está totalmente aberta. Tipo, as pernas dela estão em ambos os lados das coxas dele e eu consigo ver a boceta dela. Está tudo esticado e tão rosa, com a ereção dele dentro dela, e ela está se esfregando nele. Admito que adoro a maneira como seus quadris estão se movendo, de um lado para o outro,

para cima e para baixo, os músculos de suas coxas em evidência. Seus gemidos são altos, e sim, falsos, eu acho. Mas não consigo parar de assistir.

Um segundo depois, outro homem entra em cena. Ele é alto e bonito daquele jeito inventado que você vê na TV. Ele caminha até a cama, todo nu, com o pau – pau grande – na mão, bombeando para cima e para baixo.

Jesus Cristo, isso *não pode* ser real. Seu pau tem que ter pelo menos quinze centímetros. É tão largo, grosso e doloroso. Eu nem acho que consegue ficar em pé direito. Por causa da gravidade.

E então eu não consigo ver nada além do peito do meu marido.

— Pare de ficar encarando, caralho.

— Mas você olhou para o negócio dele? Nunca tinha visto algo assim. — Acenei com a mão. — Quer dizer, eu só vi o seu, mas mesmo assim. O seu não é tão grande.

Um músculo pulsa em sua mandíbula. Antes que eu perceba, estou contra seu corpo, meus seios esmagados contra seu peito, seus braços em volta de minha cintura.

— Repete?

— Abel... — Eu estudo o rosto dele, falando: — Você está com ciúmes?

— Não tenho ciúmes de coisas falsas — resmungo.

Enrolo as pontas do cabelo dele no pescoço, rindo.

— Bom. Porque eu não acho que isso seja real. Além disso, nem consigo imaginar o quão doloroso seria.

— Tudo o que você precisa imaginar é o meu pau dentro da sua boceta.

Mordendo meu lábio, olho para ele através dos cílios.

— E você? Eu não sou como essas meninas aqui. Meu corpo não é todo tonificado e musculoso, sabe.

— Vamos fazer isso de novo, Pixie? — Ele abaixa o rosto até que seu nariz esteja tocando o meu. — Você quer saber o que eu penso quando olho para elas?

Eu assinto.

— Em você. Eu penso em você. Eu sei que esse lugar é decadente pra caralho. Eu sei que é falso e grosseiro e você não fala sobre isso em companhia educada. Inferno, as pessoas não admitem assistir pornografia, muito menos que fazem ela. Tem luxúria e pecado em cada esquina.

Ele beija minha testa.

— Mas, mesmo assim, você consegue ofuscar tudo isso. Ouço um gemido falso e penso nos seus verdadeiros. Eu vejo uma menina mordendo o lábio para parecer tímida, eu penso na *minha* menina e como ela morde o lábio porque ela gosta. Não entendeu? Você faz tudo bom e puro. Você faz

de tudo uma aventura. Quando estou com você, não tenho medo de nada. Não tenho medo de ser pecador. Não tenho medo de ir para o inferno. Porque o meu céu está *comigo*.

Meu nariz está formigando e tenho que piscar os olhos algumas vezes. Estou sem palavras.

Abel ri.

— Você vai chorar em mim aqui?

— Talvez — eu me engasgo.

A sessão de Abel demora cerca de uma hora e, até lá, eu fico de longe. O casal que ele está tirando fotos é um dos mais apaixonados, eu acho. Eles estão olhando muito nos olhos um do outro. Ele está sussurrando coisas em seus ouvidos enquanto a joga na cama.

Estou com tesão e inquieta. Quero que meu marido termine o trabalho dele para que a gente possa transar.

— Ei — uma garota que está ao meu lado me cumprimenta.

É a Blu. Então, acabou que, além de trabalhar aqui, Ethan tem um negócio paralelo. Ele faz vídeos de casa e Blu estava lá naquele dia para performar para ele. Os espelhos do apartamento dão excelentes ângulos, diz ele.

— Uh, oi — eu digo, envergonhada.

— É bom te ver de novo. — Ela me oferece sua mãozinha saindo de um roupão grande e fofo.

— Sim. — Aperto a mão dela. — É bom ver você também.

Seu sorriso é suave, enquanto ela me estuda.

— Sabe, eu não falei nada porque eu achei que não era da minha conta. Além disso, tínhamos acabado de nos começar e eu não queria começar nenhum tipo de problema.

— Está tudo bem. — Eu me esforço para não corar. — Eu não... Eu não te responsabilizo nem nada.

— Vocês se casaram, então?

Sorrindo, olho para meu marido que está apertando os olhos atrás da câmera, focado no casal.

— Sim. Na semana passada.

— Isso é ótimo. Parabéns.

— Obrigada.

— Para constar, ele realmente te ama. — Ela aponta o queixo para Abel. — Já trabalhei um pouco com ele. Ele não fala de nada além de você.

Ah, eu sei que ela já trabalhou com ele. Vi o vídeo dela no computador do Abel.

Ele está se abaixando agora, agachado nos calcanhares.

— Eu o amo também. Ele é o meu tudo.

Aí ela sorri e me cutuca.

— Estou muito feliz em conhecer outro casal casado, por sinal. — Ela mostra seu diamante gigante. — O meu está ali. Nick. — Ela move o queixo em direção a um cara tatuado com uma câmera no pescoço, conversando com outro cara tatuado por uma janela.

Por um momento, estou surpresa. Embora eu não saiba porque. Não há porque eu e o Abel sermos os únicos casados aqui dentro. Mas ela não estava no apartamento de Ethan para se performar? E quem era aquele cara com ela naquele vídeo?

— Tá pensando em que? —, pergunta ela brincando.

— Nada. — Então, — Você está esperando para gravar um vídeo?

— Ah, não, acabei de gravar o meu.

— Sério? Onde? — Há apenas três camas neste espaço e tenho acompanhado todas elas de perto. Até o sexo a três. Minhas bochechas queimam ao pensar.

— Lá atrás. — Ela aponta com o dedo e, de fato, tem um corredor e portas no final desse espaço que parece um loft. — Aqui é mais hardcore, sabe. Lá atrás é mais tranquilo, mais natural. Uma sensação amadora.

Eu balanço a cabeça como se eu entendesse.

— Então você, uh, faz isso com seu marido, então? — Droga, eu não deveria ficar perguntando. Mas não consigo evitar.

Ela se diverte.

— Não. Mas é ele quem tira as fotos.

Tantas perguntas. Mas não vou perguntar. Não é educado. Além disso, não é da minha conta.

— Certo.

Ela ri.

— Isso te incomoda? Eu transando com outra pessoa na frente da câmera.

Abro a boca e depois fecho.

— Não. Claro que não.

— Está tudo bem. Não me importo. — Ela olha ao redor da sala. — Isso é bem temporário para nós. Na verdade, estamos vamos nos mudar em alguns meses. Entrei na UCLA.

— Nossa. Isso é ótimo. Parabéns.

— Obrigada. Sim, estou super orgulhosa. Eles têm um ótimo programa de psicologia.

Eu me viro completamente para ela.

— Você vai fazer psicologia?

— Eu vou, sim.

Ok, estou fazendo isso. Estou fazendo a pergunta.

— Não leve isso para o lado errado, mas... — Eu faço careta. — Por que você faz isso?

Blu simplesmente ri e me dá toda a atenção.

— Dinheiro, basicamente. Nick é fotógrafo. Foi ele quem me trouxe quando entrou. Eu tinha feito alguns trabalhos como modelo e pensei, por que não? É dinheiro fácil e também é meio libertador e emocionante. Além disso, nos casamos muito jovens e não tínhamos dinheiro, então não conseguimos ir para a faculdade imediatamente. Mas agora nós podemos. Nós dois vamos para a UCLA e tudo se tornou possível por causa disso.

— Entendi.

Ela sorri como uma irmã mais velha e eu me sinto tão jovem agora.

— Posso te falar uma coisinha? Sem ofensa, mas sinto que você é tão doce e um pouco perdida.

— Está bem. — Eu mexo em meu cabelo mal enrolado.

— É só um trabalho. Sabe como em cada trabalho você encontra diferentes tipos de pessoas? Você vai encontrá-las aqui, também. Para alguns, é só um show temporário. Como eu e o Nick. Uma maneira fácil de ganhar dinheiro. Para alguns é uma maneira fácil de chamar a atenção, de sentir os holofotes, sabe? Muitas pessoas aqui queriam ser atores, mas o caminho foi outro. Muitas pessoas vêm porque são viciadas em sexo e luxúria, e esta é só uma maneira legítima de ganhar dinheiro e fazer o que amam. Alguns realmente não sabem mais o que fazer. Isso é tudo o que eles conhecem.

Ela suspira.

— Mas um monte de pessoas vem para cá porque é uma espécie de saída para elas. A vida toca a todos nós, né? Todos nós começamos com brilhos em nossos olhos, mas nem sempre é um céu estrelado e um mar de rosas. A merda acontece e às vezes você não sabe para onde ir. Você vem para cá. Não é muito diferente de usar drogas ou olhar para o fundo de uma garrafa. Pelo menos te dá algum poder. Você pode manipular emoções, excitar as pessoas mesmo quando elas não querem ser excitadas. Às vezes, a vida tira seu poder e você faz coisas para retomá-lo. É realmente muito humano.

Tocando meu ombro, ela sorri de novo.

— Na verdade, essa é a própria definição de ser humano. Você está tão machucado, então você machuca o universo de volta de alguma forma. Você toma o poder com suas próprias mãos e quem se importa com o que o mundo pensa.

Suas palavras ecoam em minha cabeça. Elas ecoam e ecoam até que é tudo o que eu posso ouvir. Nem os gemidos, nem os cliques e gritos.

Quero machucá-los como eles nos machucaram.

Meus olhos vão para o Abel. Ele está de pé, com a câmera abaixada. Ele está observando o casal não através da lente grossa que ele usa para tornar tudo imortal, mas com seus próprios olhos. Seus lábios estão separados e, mesmo de fora, posso ver o rubor escuro em suas bochechas. Eu posso ler a tensão em seu corpo.

Ele está excitado; eu também estou. E eu sei que ele está pensando em mim, assim como eu estou pensando nele. Não fico surpresa quando seus olhos me encontram e se agarram a mim. Conheço meu marido do avesso; eu consigo ler aqueles olhos escuros.

Consigo ler o desejo neles, a fome de poder.

Fala com a minha alma. Meu coração está acelerado. Acho que talvez eu tenha encontrado exatamente o que estávamos procurando. Encontrei algo que vai além da intimidade, para o reino do revolucionário. Encontrei uma saída para a nossa raiva.



Encontrei nossa rebelião.

Estou na janela do nosso quarto. Está no meio da noite, mas as ruas ainda estão vivas, as pessoas ainda acordadas e caminhando.

Eu não conseguia dormir e não queria acordar o Abel com minhas mexidas e ajeitadas de posição, então vim para cá.

Mas eu deveria saber. O Abel não consegue dormir sem mim, então ele acorda alguns minutos depois e vem ficar atrás de mim. Seus dedos quentes seguram meus quadris nus enquanto ele esfrega sua bochecha com barba por fazer sobre meus cabelos.

— O que você está olhando, Pixie?

— Eles. Do outro lado da rua.

Um casal está na calçada, enrolado um no outro. Eles são jovens, devem ter a nossa idade, alguns anos mais novos talvez. A menina tem um topete e o cara está usando um boné que esconde o rosto. Eles estão

encostados na parede enquanto o cara a beija. Eles têm mochilas, seus tênis praticamente em cima um do outro enquanto suas mãos puxam e puxam para seus corpos ficarem mais próximos. Mais perto do que fisicamente possível. Eu sei o sentimento.

As pessoas passam por eles sem nem olhar. Podem ser menores de idade pelo que sabem. Eles poderiam ser parentes. Mas ninguém questiona o amor deles, a forma como devoram a boca um do outro. Aposto que ela está gemendo muito, mas está abafado pelos sons da meia-noite da cidade.

— Por que dói tanto? Olhar para eles assim. — Pressiono contra ele, passando minha bunda para cima e para baixo em seu pau, o acordando e endurecendo.

Seus dedos fecham para apertam minha carne. Ele começa a balançar contra mim também, arrastando sua excitação para cima e para baixo na fenda da minha bunda. Sinto ele ficando molhado e grudento enquanto seu pau escorre pré porra.

— Porque eles têm o que nunca tivemos. Liberdade para estarem apaixonados.

Suas palavras nebulosas atingiram meus ouvidos, a nuca e a inclinação de meus ombros, e desceram até meus seios. Eles ficam inchados e pesados, sendo puxados para baixo pela força da terra. Há um formigamento por toda parte, nos meus mamilos, nos meus dedos dos pés, nas almofadas dos meus dedos, no poço profundo do meu estômago. No meu núcleo. Esfrego as coxas juntas.

— Por que você não consegue dormir, bebê?

— Não estão nos procurando, Abel.

Ele fica tenso atrás de mim.

— O quê?

Não contei a ele sobre a conversa que tive com a Sky dias atrás. Eu não sabia o que dizer a ele, como explicar o que eu estava sentindo. Achei que ia passar. Mas não consigo esquecer. Não consigo esquecer aquela noite. Não posso esquecer seus olhos malvados. Como meu pai jogou o menino que eu amo na cadeia. Como ele bateu nele. As acusações da minha mãe.

É assim que meninas inocentes acabam na internet. Você os cria de uma certa maneira e é assim que eles te retribuem.

Agora, eu sei que ele tem sentido isso também. A raiva da injustiça. A raiva de ser chamado do que ele não é. Não podíamos fazer nada sobre isso antes. Mantivemos dentro. Ficamos desamparados.

Mas não estamos agora. Somos livres. Somos nossos próprios deuses. Podemos fazer o que quisermos. Podemos retomar esse poder, fazer as regras, ferir o universo, até nos sentirmos melhor.

Podemos fazer dessa a nossa aventura. Nossa primeira aventura como casal.

— Meus pais. Eles não estão nos procurando. Eles não se importam. Provavelmente dormem à noite, sem sonhar, sem a culpa os corroendo pelo que nos fizeram. Nos crucificaram sem motivo algum e eles... — Bebo minhas lágrimas, engulo enquanto olho para o casal, ainda beijando. — Não estão sendo punidos por isso.

Abel joga a cabeça no meu ombro; posso senti-lo tremendo, vibrando, seu peito se expandindo com respirações furiosas.

— Quero matá-los. Cada um deles. Toda vez que penso no que eles te fizeram, quero incendiar aquela cidade.

Afundo meus dedos em seus cabelos macios, balançando contra ele.

— Eu também. Pensei que tinha acabado com aquele lugar, mas não. Quero puni-los. Ser o pior pesadelo deles —, sussurro, deixando livre a garganta, e ele vai à caça.

Toda a agressão que ele está sentindo, ele usa para marcar a minha pele. Todas as pretensões se foram. Não estamos acidentalmente nos tocando no escuro ou balançando nossos corpos inocentemente. É mais do que isso. É o começo de algo. Ele está empurrando seus quadris em um ritmo constante e longo, usando as mãos para afastar as bochechas da minha bunda, correndo o comprimento de seu pau entre o vinco.

Quando ele vem para o ar, eu giro e fico de joelhos, olhando para ele.

Ele brilha, laranja, vermelho e amarelo, cortesia do poste de luz e placas de neon. Deus, ele é tão grande, alto e forte, seu pau latejando.

— Pixie... — Ele tenta recuar um pouco, mas eu agarro suas coxas peludas fortes. Tão suave, mas grosseiro ao mesmo tempo.

— Deixa eu te chupar. Eu quero fazer isso. Por favor.

É uma surpresa para mim que eu ainda não tenha feito isso. Já provei sua porra, lambi a coroa roxa de seu pau, mas nunca o chupei. Não sei bem o porquê. Às vezes ele está impaciente demais para entrar dentro de mim e às vezes estou morrendo de vontade que ele me encha.

Mas esta noite, eu quero fazer isso.

Abel acaricia meu cabelo com seus dedos longos.

— Como quiser, bebê. Mas você não pode me responsabilizar pelo que acontece quando você envolve seus lindos lábios rosa ao redor do meu pau.

Eu me inclino para frente e dou uma lambida minúscula, fazendo ele assobiar e fechar o punho no meu cabelo.

— É? O que vai acontecer?

De joelhos, ele parece enorme. Uma torre. Um prédio. O Empire State: o prédio mais alto que já vi. Cada protuberância de seus músculos,

cada curva tensa está à mostra e eu quero lambê-lo todo.

— Eu posso acabar fodendo sua boquinha como se eu estivesse fodendo a sua bucetinha minúscula e a melhor parte é que eu não vou ter que puxar. Vou te encher de porra dessa vez — diz.

Abro a boca e chupo a coroa salgada como se fosse um pirulito. Sua mandíbula fica frouxa e sua cabeça cai para trás. Eu vibro em torno de sua carne ingurgitada.

— Sim, eu quero. Eu quero a sua porra, Abel. Vai me fazer sentir melhor.

Ele abaixa a cabeça, os olhos mais negros do que nunca e a pele vermelha e laranja como a de um demônio.

— É? Você quer seu remédio, bebê?

Eu aceno, fisingando a base de seu pau quente e passando por todos os meus lábios molhados.

— E vitaminas. Quero minhas vitaminas ou posso morrer.

— Não podemos deixar isso acontecer, podemos? Se você morrer, eu morro também. — Ele paira sobre mim, uma sombra vermelha e escura, juntando meus cabelos em uma mão, arqueando meu pescoço. — Então chupa meu pau, Pixie. Me faça o homem mais feliz de todos.

Uma corrente invade meu corpo, inunda meu núcleo, e eu faço isso. Chupo o pau dele. Minha boca se abre, se estica como minha boceta fazia há todas aquelas semanas no sofá sujo e áspero e eu o recebo. Ele é quente, almiscarado e salgado.

Meus dentes colidem com sua pele aveludada e ele treme, gemendo. Estou rodopiando minha língua por todo o seu comprimento sexy, saboreando-o, guardando na memória para que eu possa sobreviver aos dias enquanto ele está trabalhando e eu não posso ter seu pau. Ele é a coisa mais gostosa que eu já comi na minha vida. Nem chocolate se compara ao sabor do meu marido.

— Porra, Pixie, você vai me matar.

Eu dou risada no pau dele e ele estremece. Neste momento, ele está me deixando fazer o que eu quiser. Lambê-lo todo, de cima para baixo. Girar minha língua em torno de sua coroa, beber sua pré porra daquela fissura minúscula. Segurando a base de seu eixo e torcendo-o, apertando-o como eu o vi fazer. Mas sei que em breve ele vai usar minha boca como uma minha boceta e fode sua agressividade. Então eu o cutuco com a língua, brinco com suas bolas, passo minhas unhas para cima e para baixo em suas coxas.

E aí começa: seu balanço lento. No início, é apenas superficial; seu pau vai para o fundo da minha boca, isso é só um pouco desconfortável. Mas então, ele empurra para frente, fazendo-me engolir quase todo ele. Eu

cavo minhas unhas na carne dura de suas coxas enquanto meus joelhos cavam no chão de madeira, e minha bunda e costas batem na parede.

Estou engasgado com o comprimento dele e ele sabe disso. Ele me encara com olhos maldosos e escurecidos.

— Estou te curando, Pixie?

Eu gemo, fazendo com que ele sinta as vibrações em seu comprimento, arqueando meu pescoço para que eu possa levá-lo mais.

Ele range os dentes, como se fosse um animal ou um selvagem de antigamente.

— Você é uma maldita deusa, bebê.

Seus grunhidos, xingamentos e elogios estão melhorando isso. É difícil respirar e minha boca está completamente esticada, mas eu não me importo. Sim, ele está me fazendo sentir melhor com seus impulsos brutais e suas mãos brutais em meu cabelo. Ele está me curando, me fazendo esquecer de tudo. Meu homem-remédio.

Eu deixo ele me usar e nisso, eu uso ele também. Eu brinco com meus seios pesados, belisco meus mamilos doloridos e mexo em meu clitóris.

Meu corpo treme e minhas curvas quicam com seus impulsos e então, estou gozando na minha mão e gemendo em volta de seu pau. Ele não consegue segurar muito depois disso. Ele começa a disparar sua porra pela minha garganta. Jato após jato de seu creme doce e salgado. Eu engasgo um pouco, mas engulo grande parte. Encho o estômago com o remédio que ele me dá; só assim consigo respirar.

Abel solta meu cabelo e os fios caem nas minhas costas enquanto ele puxa para fora seu pau todo molhado e brilhante, revestido da sua própria porra e minha saliva. Fios molhados conectam meus lábios doloridos à coroa de seu eixo, como uma espécie de corda erótica da vida. Ele está prestes a se inclinar e me levantar para que ele possa envolver seus braços em torno de mim; eu sei disso. Mas eu pressiono minhas palmas com força em suas coxas e o paro.

De joelhos, erguendo o pescoço, olho para ele, meu marido, meu deus. — Estou com medo.

Eu não conto o quê, mas ele já sabe. Ele passa o polegar nos meus lábios molhados e inchados, olhando para mim.

— Vou cuidar de você. Eu sempre vou cuidar de você.

— É loucura.

— Que assim seja.

— Não me importa se é pecado.

— Não é pecado. Nada do que fazemos juntos é pecado. Não importa o quão não convencional ou errado seja para outras pessoas, é certo para

nós.

— Sim. Pois é. Isso é certo para nós. Para mim e para você. Não quero seguir mais regras. Não quero ser como as outras pessoas. — Engolindo, eu assinto. — Eu quero fazer isso.

As palavras estão fora e isso me faz sentir mais leve. Isso me faz sentir viva.

— Você tem certeza, Pixie?

— Acho que preciso. Acho que *precisamos*. Precisamos do nosso próprio mundo, onde estabelecemos as regras. Este mundo não é suficiente para nós.

Ele se inclina, sua cruz de prata balançando, roçando meus lábios, e me puxa para ficar em seus pés. Mas ele não me deixa ficar em pé sobre eles nem por um segundo. Suas mãos vão até minha bunda nua e me levantam, minhas coxas enrolando em sua cintura.

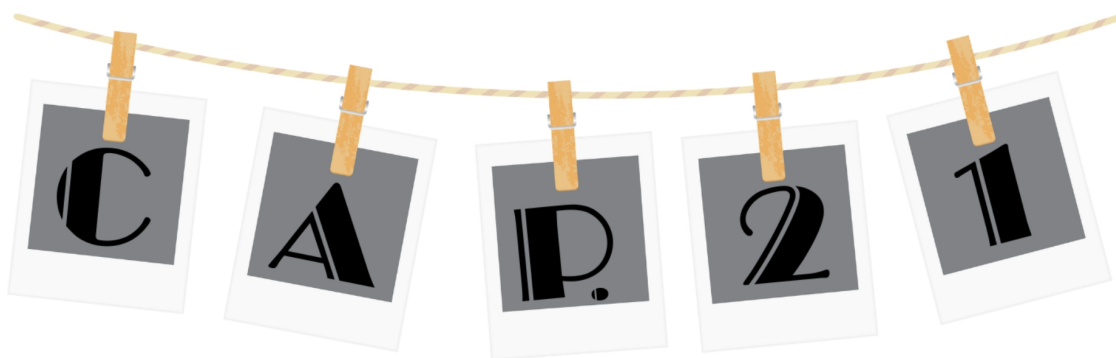
Apoiando a testa sobre a minha, ele sussurra: — Se você quiser um mundo diferente, Pixie, eu vou construí-lo com minhas próprias mãos. Vou construir o chão, o céu, a porra das estrelas. Vou construir um universo inteiro. Mas você tem que me prometer uma coisa.

Coloquei a mão na bochecha dele. — Eu te prometo qualquer coisa.

— Você não vai derramar uma única lágrima pelos seus pais ou por aquela cidade. Nenhuma. Nunca mais.

— Eu prometo.

Ele planta um beijo em mim e depois me leva para a nossa cama. Nosso mundo. Nosso reino.



Nossa primeira gravação está marcada para este domingo.

Sim, vou fazer isso. Nós vamos fazer isso. Mas isso não significa que é fácil para mim aceitar que daqui a sete dias estarei nua em frente a uma câmera. Eu vou fazer sexo enquanto a luz vermelha em um dispositivo preto estará piscando, e então a lente vai me capturar, capturar nosso amor e será colocado na frente do mundo inteiro.

A semana inteira, assisto pornô no computador do Abel. É alto e berrante e parte disso é nojento.

Eu aprendo que existem diferentes tipos de pornografia para diferentes tipos de pessoas. Hardcore com enredos bregas. Pornografia fetichista que eu não consegui assistir. Erótico centrado no sexo feminino, onde as coisas são românticas e de bom gosto, mas ainda um pouco falsas. E há vídeos em que o casal realmente parece estar se divertindo. Sua intimidade transparece através de seus olhares, seus gemidos, seus movimentos. Acho que essas são as que Blu estava falando outro dia: sex tapes amadoras.

Eu amo esses vídeos. Acho que estou viciada neles. Repetidamente, observo sua intimidade à mostra. Eu observo como o cara puxa o cabelo dela e faz ela olhar para a câmera. Vejo como a menina adora e arrepia quando goza. Principalmente, eu amo quando os dois terminam, mas ainda assim, a fome um pelo outro permanece e eles se beijam porque não sabem como parar.

Tem um casal que eu esbarrei na minha pesquisa. Eles são casados; eles usam alianças de casamento. Ele é enorme e tatuado, com cabelos escuros bem cortados, e ela é bronzeada, mas macia com cabelos loiros. O sexo deles é explosivo. É tão bom que quase consigo chegar ao orgasmo só de assisti-los juntos. Essa é a primeira coisa que faço quando volto do trabalho. Eu assisto e, quando o Abel chega em casa, eu estou com tanto tédio, morrendo de vontade da marca dele de remédio.

Eu me pergunto quantas pessoas se gravam enquanto fazem sexo. Eu sei que nem todo mundo coloca isso para o mundo ver, mas quanto mais eu assisto, mais eu me pergunto. Parece tão natural. O próximo passo. Imortalizando seu amor um pelo outro.

Então, na semana antes de irmos para nossa filmagem, aprendo que as sex tapes podem não ser tão de outro mundo quanto eu pensava que eram. Pode ser bem comum, bem... normal.

No dia da filmagem, Abel me acorda com seus beijos carinhosos e amorosos. Ficamos na cama e nos abraçamos. Ele me alimenta com Toblerones e eu dou maçãs para ele. Ele lava o meu cabelo no chuveiro, onde mal cabemos. Nossos cotovelos batem na parede toda vez que nós viramos. Uma vez que estamos vestidos, saímos.

Só que ele me para na porta e beija meu cabelo úmido.

— Você confia em mim?

A resposta é um sonoro sim.

— Mais do que tudo.

Damos as mãos durante todo o nosso passeio. O céu está ensolarado e claro quando descemos do trem e caminhamos até o

armazém. Esta é a terceira vez que entro e, desta vez, serei eu a deitar numa cama, não vou ficar nas sombras.

Ethan preparou para nós. Ele disse que é uma coisa meio como uma audição. Se eles gostarem de nós, eles nos darão mais shows. Nunca pensei que seria tão fácil entrar neste mundo. Além disso, usaremos um dos quartos da parte de trás. Graças a Deus. Acho que não posso fazer isso aqui fora, onde os barulhos são muito altos e falsos. Isso quebra a santidade do que estamos tentando fazer: tentar construir um mundo em um deserto abandonado.

Fomos pelo mesmo caminho, pavimentado pelo cimento e arames. Os sons são os mesmos, gemidos e grunhidos e gritos eróticos. Desta vez, porém, eles não têm a capacidade de me parar e me fazer olhar. Não, estou aqui por um propósito.

Mas isso não significa que estou toda legal e relaxada. Estou surtando. Não importa a quantidade de pesquisa que eu tenha feito, eu não me sinto preparada. Não me sinto destemida. Os cliques das câmeras tirando fotos, as vozes disparando comandos, as pessoas circulando em torno das camas, os roupões, o calor. Tudo está me deixando um pouco enjoada. Muito enjoada, na verdade.

Me aproximo do Abel, apertando-lhe a mão. Ele me deixa melhor e coloca o braço em volta do meu ombro, me prendendo ao seu corpo e beijando meu cabelo.

— Você é a coisa mais pura do meu mundo —, ele sussurra enquanto me inspira, e eu seguro a bainha de sua camiseta preta, acariciando meu nariz na sua garganta. Ele é a coisa mais pura no meu.

A luz no corredor é mais fraca do que a do outro espaço. Isso me faz respirar um pouco mais fácil. As portas que ladeiam ambos os lados estão fechadas, então não sei para que servem. Tenho muita vontade de abrir cada uma delas e olhar dentro. São ser chamativas e decoradas com lençóis de seda e travesseiros fofos? Ou são normais e dispensam toda a fachada, com roupas de cama caseiras e cotidianas – como os lençóis da minha cama, ou melhor, do meu colchão?

Paramos no extremo da passagem e Abel abre uma porta marrom brilhante, me levando para dentro. A primeira coisa que vejo são as pessoas. É óbvio; você não pode não as notar. São três pessoas no total e todas são homens.

O cara mais alto com tatuagens nos braços está usando o tipo de câmera que Abel tem. Ele está apertando os olhos e ajustando a lente como eu vi meu marido fazer inúmeras vezes. O outro cara tem uma barba preta grossa e está mexendo com as luzes. Parece uma lâmpada industrial, com uma haste preta que faz um balanço para cima e segura a maior e mais

brilhante lâmpada que eu já vi. O cara está ajustando a altura da haste para que a lâmpada ilumine a cama gigante no melhor ângulo.

A cama tem lençóis de cor creme. Parecem algodão. Graças a Deus. É algo que eu compraria para mim, para minha própria casa. Isso me alivia um pouco.

O último cara, no entanto, devora toda a minha calma. Ele não é o mais alto, mas o mais largo de todos os homens. Ele tem o cabelo desgrenhado e está usando uma camiseta preta, como o meu Abel. Mas, ao contrário do meu marido, este homem não parece caloroso ou acolhedor. Pode ser porque é ele quem monta a câmera de vídeo em um tripé, diretamente de frente para a cama.

Eu engulo seco e fico congelada no meu lugar enquanto Abel caminha mais para dentro.

Meu marido aperta a mão do homem de cabelos desgrenhados que imediatamente começa a explicar as coisas. Ele está falando rápido demais para eu entender. Não estou gostando nada dele, e a antipatia só cresce quando ele diz que vai ficar aqui com a gente. Ele explica que a câmera tripé é para o visual amador, mas ele tem uma portátil também que ele vai usar para ter diferentes ângulos. O cara tatuado com a câmera em volta do pescoço vai tirar fotos e o cara das luzes estará aqui para lidar com qualquer problema de iluminação que eles possam ter.

— É bem simples, de verdade. Basta seguir seus instintos. — Ele está gesticulando com as mãos, cabelos desgrenhados balançando. — Faça o que vocês fazem no quarto de vocês. Deve ser tudo natural e espontâneo, ok? Ela chupar seu pau ou você comendo ela, sabe? O que quer que seja confortável. O objetivo é que isso pareça um vídeo caseiro, certo? As pessoas estão viciadas nessa porra amadora.

Ele diz outra coisa, mas eu não consigo ouvi-lo pelo barulho em meus ouvidos. Meu corpo está indo por água abaixo. Meu coração está quicando, pulando na garganta, caindo no estômago. Sinto ele deslizando para fora do meu corpo através das minhas extremidades, deixando-me vazia e tonta. Meu cérebro está rejeitando todo esse cenário. Não foi isso que imaginei. Eu não sei o que eu imaginei, na verdade. Mas não é isso. Eu não consigo fazer isso.

Estou tremendo tanto que tenho que me firmar na parede surpreendentemente gelada. Relaxa, digo a mim mesma.

Fica calma, cara. Tudo bem. As coisas estão bem.

Se eu não quiser fazer isso, não faremos. Certo? Ninguém está apontando uma arma para mim ou para o Abel. É uma escolha nossa.

Mas caramba, estou desapontada.

Estou deslizando pela parede, minhas pernas espasmando. Num piscar de olhos, meu marido está ao meu lado. Ele enterra meu rosto em seu peito e eu inalo seu cheiro de almiscarado com cheiro de maçã.

— Você está bem, bebê? Estou aqui —, murmura enquanto me segura, como uma montanha me dando abrigo. Então ele ordena, sem virar atrás ou olhar para nada além de mim: — Saiam.

— O quê? — Até agora, eu conheço a voz do cara da câmera tripé e sei que essa refutação afiada vem dele.

— É só sair, caralho—, ordena Abel, me apertando.

— O quê? De que porra você está falando?

Sinto ele se aproximando da gente e me agarro muito ao Abel. Não tenho orgulho disso, de ser uma menininha nervosa, mas não consigo evitar.

Meus olhos estão fechados, mas eu os abro quando uma voz calma entra na discussão.

— Vamos, cara. Olhe para ela, ela está tremendo.

Então eu dou uma olhada no homem que acabou de dizer isso e percebo que ele é Nick, o marido da Blu. É ele quem tem a câmera no pescoço e tatuagens em todos os braços.

— E isso é problema meu? Se ela não tinha certeza, não deveria ter vindo aqui. Não estamos aqui para perder tempo.

Abel rosna, pronto para disparar de volta contra ele, mas eu agarro sua camisa e o paro.

— Abel, não. Ele está certo.

— Não vou deixar ninguém falar com você assim.

— Está tudo bem.

Sua mandíbula aperta e eu aumento meu controle sobre ele. Não estamos aqui para brigar com ninguém ou sermos presos. O Abel não precisa disso. Além disso, posso lutar minhas próprias batalhas. Respiro fundo e saio do abraço dele. Ele está relutante em me deixar ir, mas eu dou um tapinha no peito dele, na esperança de dizer a ele que está tudo bem. Eu encaro o homem que está me ofendendo.

— Sinto muito. A culpa é minha. Eu, uh, preciso de um pouco de tempo. Tudo bem?

Abel não consegue se conter, obviamente, então ele responde antes que o homem possa.

— Está mais do que bem. Agora sai da merda desse quarto antes que eu te expulse.

O homem não gosta disso e já está indo na direção de Abel, mas Nick o impede e o puxa de volta pela camiseta.

— Tá maluco, cara? Não estamos aqui para começar uma briga. Vamos lá, vai. Você é que está perdendo tempo. Se você ficar aqui parado como um imbecil, ela nunca vai fazer isso, ok? Então vamos caralho.

Um minuto depois, depois de muitos gritos e olhares fulminantes, os homens estão fora, e estamos sozinhos dentro da sala.

Encaro meu marido, que me olha com uma intensidade que faz do olhar dele uma coisa sólida, tangível. Estou prestes a dizer a ele que não posso fazer isso porque sou a maior fracote da história do mundo, mas ele não me deixa. Ele marcha, se abaixa e me iça nos braços, estilo noiva. Tudo o que posso fazer é suspirar seu nome, segurar em seus ombros enquanto ele caminha para a cama e se senta comigo em seu colo.

— Você está bem? — Ele franze a testa, seu polegar traçando o formato dos meus lábios.

— Sim. Desculpa. Eu sou uma idiota. Eu... — Eu bato a cabeça. — Entrei em pânico.

— Está tudo bem. Tudo bem. Eu não me importo. Se você não quiser fazer, nós não vamos fazer.

— Você não vai ficar decepcionado? Porque eu estou. Estou super decepcionada.

Ele ri.

— Uma chance de te foder diante das câmeras? Porra sim, eu adoraria isso. Desde que pisei nesse lugar, eu quis fazer isso. Mas eu tenho uma imaginação bem fértil, Pixie. Não preciso de uma câmera e de uma luz vermelha para imaginar um cenário em que as pessoas estão nos vendo foder e mexendo nas calças.

Eu balanço a cabeça, rindo dele, rindo de mim mesma.

— É uma loucura como você consegue me fazer ficar vermelha. Eu já deveria estar acostumada com sua boca suja.

Seu peito treme de rir.

— Isso faz parte do meu charme.

Afundo-me nele, suspirando. Minhas pernas estão balançando, mexendo os dedos dos pés roçando o chão. Em algum momento no último minuto, quando Abel me pegou e me sentou em seu colo, perdi minhas sapatilhas e meus pés estão descalços agora.

Meu marido está quieto, simplesmente respirando, com a bochecha no meu cabelo. Como uma estranha, estou sentindo o cheiro de seu pomo de Adão. Passam alguns minutos em silêncio antes de eu falar.

— Fico imaginando meus pais. Tipo, o que eles pensariam se me vissem assim? O que eles pensariam se soubessem o quanto eu quero fazer isso com você? Eu não deveria estar procurando a aprovação deles. Na verdade, o ponto principal disso é que eu *não* me importo. Mas não

consigo me livrar disso. O que toda a cidade pensaria? E a Sky? A fodida da Mrs. Weatherby que arruinou tudo. Sr. B. Seu tio.

Abel suspira.

— Meu tio provavelmente está caído em um bar em algum lugar, dormindo até o álcool sair do organismo. Ele não se importa com o que está acontecendo no mundo agora.

— Seu tio bebe? — Eu olho para ele.

Ele abaixa o rosto, seu queixo por fazer raspando minha testa.

— Sim, Pixie. Meu tio é um bêbado. Ele geralmente dirige para beber em outras cidades para que ninguém descubra. Eu mesmo já tive que buscá-lo algumas vezes.

— De jeito nenhum. Eu nunca soube disso.

Ele coloca um fio do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Você nunca soube porque eu nunca te falei.

— Você escondeu isso de mim?

— Não. Não era importante o suficiente para contar. Eu não me importo com Peter Adams e ele não se importa comigo. Morávamos juntos porque não tínhamos escolha. Quer dizer, ele tinha uma escolha. Ele poderia ter me expulsado, mas me deixou ficar e, em troca, eu mantive seu segredo.

— Sinto muito. Deve ter sido horrível. Você deveria ter me dito.

Jogando-me seu sorriso torto, ele balança a cabeça.

— Você tornou tudo suportável.

Engolindo um pedaço de emoção, beijo seus lábios suavemente. Eu amo muito esse homem. Estou constantemente surpresa com o quanto eu o amo, como continuo me apaixonando por ele todos os dias.

Quando nos separamos, ele diz:

— Quanto ao resto da cidade, eles também não se importam com o que está acontecendo. Estão todos na igreja.

— Ah, sim. Domingo. — Eu assinto. — Igreja.

Não vou à igreja desde que chegamos a Nova York. Não quero. Em algum lugar lá no fundo, estou brava com Deus também.

Pensei que Ele nos ajudaria quando chegasse a hora, faria a coisa certa. Mas não o fez. Ele assistiu de fora enquanto batiam no meu Abel, me humilhavam. Um raio não caiu. O céu não se abriu com indignação. Talvez não fosse de qualquer maneira, mas eu teria apreciado alguém entrando e intervindo. Isso teria sido um milagre o suficiente.

— Você sente falta? — Abel pergunta. — De ir à igreja?

— Não. Acho que não. E você?

Debochado, ele murmura:

— A única razão pela qual fui à igreja foi para te ver.

Mordi meu lábio, fazendo seus olhos brilharem.

— Não acredito que você foi só para me ver. Principalmente no começo, quando a gente nem se falava.

— É. Não era tão ruim. Eu me mantinha ocupado.

— Com o quê?

— Com você. Eu costumava olhar para você. Muito. Eu observava você sussurrar algo no ouvido da Sky ou rir de algo baixinho. E então eu fechava os olhos à noite e via seus sorrisos em meus sonhos e sorria. É, eu adorava os domingos. — Ele beija meu nariz, me fazendo rir, como se eu estivesse de volta à igreja. — E então eu costumava te desenhar, sentada lá, enquanto o Padre Knight falava sobre a vida e a morte e toda aquela besteira.

Eu suspiro, faíscas correndo sob minha pele.

— Você desenhava na igreja? É por isso que sempre que eu olhava para você, sua cabeça estava baixa.

— Você ficava me olhando, Pixie? — Ele sorri.

— Não. Quer dizer, às vezes. Cultos são chatos —, murmuro, ficando constrangida.

— Sim. Não acho que seja isso. Acho que você sempre me achou gostoso.

Tento não sorrir.

— Ah, por favor. Você foi quem se apaixonou por mim primeiro. Logo no *primeiro* dia.

Ele lambe os lábios, seu hálito quente bufando sobre minha boca. Eu gostaria de poder devorá-lo, todas as suas respirações, seus suspiros, seus grunhidos. Ele.

— É verdade — admite. — Eu estava com tanta raiva naquele dia, e então eu vi você, cercada pelos campos, pela floresta. Minha Pixie. E tudo foi embora.

Meu coração está acelerado agora. Chegamos tão longe desse dia. Crescemos e sofremos muito. Anos escondidos e nos esgueirando, e depois fugindo. Mesmo com tudo isso, ele ainda me dá as borboletas. Ainda me faz pensar que sou aquela garota ingênua e inocente que se apaixonou pelo menino novo.

— Eu sempre quis poder sentar com você. Na igreja. Ou na escola para que pudéssemos almoçar juntos.

— Talvez você consiga. — Ele sorri, embora seus olhos estejam fumegantes. — Você *está*. Sentada do meu lado no banco. Estamos sentados no fundo, enquanto o Padre Knight fala e todos olham para ele como se suas palavras fossem de ouro.

Algo me acontece com suas palavras. Uma mudança no meu pensamento. Um estalo na minha pele. Há sentido em seus olhos. Significado, poder e magia, e isso me faz perceber o fato que nos últimos quinze minutos, eu estive sentada no colo bem duro do meu marido, minha bunda pressionando o que agora está se tornando uma dureza impressionante.

— Lá atrás?

— Sim.

— Perto daquele... vitral? Onde você me viu pela primeira vez?

Quando você entrou com o Sr. B?

— Porra, sim. A luz está brilhando no seu cabelo, deixando todo belo e bonito. E meus dedos estão doendo para te tocar. Segurar seu cabelo.

Puxar.

— E-Eu acho que você pode, agora.

— Eu posso?

Eu aceno.

— Eu sou sua esposa agora, não é? Você pode fazer o que quiser comigo. E adivinha? Eu também.

Um brilho perigoso entra em seu olhar; isso me faz arrepiar. Meu coração ronrona e bate em meu peito, e eu seguro sua cruz.

— Você não quer me tão solto assim, Pixie. Não com a cidade toda tão perto.

Eu me contorço no colo dele, mas de alguma forma parece que a parte de trás das minhas coxas está deslizando pela madeira brilhante do banco, meus dedos dos pés roçando contra o chão da igreja da minha cidade natal.

— Por que não?

— Porque eu vou fazer coisas muito sujas com você enquanto você ouve seu padre, e eu nem vou deixar você controlar seus gritos. Na verdade... — Seu peito ressoa, as vibrações ecoam em meus seios pesados, que são esmagados contra ele. — Na verdade, eu vou *fazer* com que você grite tanto que as pessoas vão virar a cabeça e para te ver. A princesa da cidade gemendo de prazer, ou talvez de dor. E sabe onde eu vou estar?

— O-onde?

— Vou ficar ajoelhado no chão, com a cabeça por baixo do vestido rosa dela, lambendo a boceta dela. — Sua mão fica por baixo do meu vestido enquanto desliza seus dedos calejados até minha coxa trêmula. — Eles não vão conseguir me ver no começo, Pixie. Eles não vão saber dizer por que Evangeline Elizabeth Hart, uma garotinha tão boa, está arqueando as costas, jogando seus seios para frente, apertando seus mamilos vermelhos através de seu vestido. Eles não vão entender por que você está

gemendo assim. Porque você está olhando para o céu, xingando, dizendo para alguém parar, mas um segundo depois, você está dizendo para continuar.

Os dedos do Abel agora estão na barra da minha calcinha. Ele pode sentir o quão molhada eu estou, como estou encharcada. Como minha boceta está pulsando, abrindo e fechando como um punho, através do tecido fino. Ela está morrendo por ele, por seus dedos, por sua língua, até mesmo por seus dentes.

— Abel... — Eu gemo quando sinto ele enfiando os dedos dentro da minha calcinha e esfregando os lábios pegajosos da minha boceta.

— Porra, bebê. Você acabou de contar para eles. Você acabou de sussurrar meu nome e revelou nosso segredo. Agora todos eles estão começando a se levantar de seus assentos. Eles estão olhando para você. O Padre Knight está se perguntando o que caralhos está acontecendo. Mas não posso parar.

Ele encaixa seu pau duro sob minha bunda enquanto seus dedos pegam velocidade. Ele não está tocando no único lugar que eu quero: meu clitóris. Mas ele está enterrando os dedos na minha boceta, nos meus cachos molhados.

— Eu não consigo parar. Você é muito gostosa. Uma delícia. Como açúcar. Você me deixa com tanto tesão, Pixie.

— Mas eles vão te levar. Mesmo que eu seja sua esposa. Eles vão te prender se você fizer algo assim. N-Na igreja — protesto, aproximando-me dele, balançando em seu colo, tentando guiar seus dedos para onde preciso.

Eu protesto como se estivéssemos realmente na igreja e meu coração está tremulando como um pássaro nervoso. Estamos sussurrando agora. Quando respiro, sinto o cheiro do incenso, do verniz. Posso ouvir o farfalhar dos sapatos de alguém deslizando pelo chão. Ouço os sussurros, os sussurros de alguém se ajustando em seus assentos. O clarear das gargantas. Os suspiros. Eu posso vê-los em pé, um a um, franzindo a testa, tentando descobrir o que está acontecendo. Sinto seus olhares me apunhalando, atirando pedras em mim.

Estou tão excitada. Estou corada e suando como se estivesse pegando fogo. Como se eu tivesse engolido o próprio sol. Consigo ouvir as respirações do Abel ao meu lado, todo animado e mais feral a cada segundo.

E eu nunca – nunca – quero que ele pare.

— Eles não vão. — Ele lambe a lateral da minha boca e eu não tenho escolha a não ser pegar a língua dele, chupar a ponta dela, beber o gosto dele.

— Por que não?

— Porque quando eu levantar seu vestido... — Ele está fazendo isso agora, colocando o tecido para cima, até que minha calcinha molhada apareça. Saí totalmente do personagem e tento fechar minhas coxas, mas ele não deixa. Ele abre a palma da mão na minha pele e separa minhas pernas, me abrindo. Para ele. Para a cidade.

— Sua calcinha vai estar encharcada. Olha. — Ele esfrega seus dedos brilhantes para cima e para baixo no ponto molhado, estimulando meu clitóris através do pano molhado, fazendo-me empurrar e torcer meus quadris.

Nós dois olhamos para baixo onde ele está me esfregando. É tão sujo e obsceno e erótico pra caralho. Minhas coxas pálidas se abrem, raspando contra sua calça jeans. Então ele empurra a parte da virilha da minha calcinha branca para o lado, desnudando minha boceta. Agarro seu pulso e o encaro com medo, tão excitada que estou fora de mim.

— Não, eles vão ver.

Seu olhar é perverso e desesperado. Cada parte dele está morrendo de vontade de fazer isso, está morrendo de vontade de fazer isso há anos, me expor. — Mas eles têm que ver, baby. Eles têm que ver o quão molhada e rosa você está. Eles precisam ver por que só assim vão conseguir. Eles finalmente vão entender por que eu sou uma má influência para você. Para o seu corpo. Eles precisam ver sua boceta e o quão apertada você é, como isso me deixa louco, como eu faria qualquer coisa por você.

Eu me excito ainda mais com suas palavras, meu clitóris vibrando com o som de sua voz rouca. Soltei seu pulso e deixei que ele puxasse o tecido inútil para um lado, expondo meu buraco apertado.

— Porra, sim —, ele sussurra, seus dedos rodopiando em meu calor molhado, arrastando-se em minha excitação pegajosa. Então ele empurra um dedo longo e eu arqueio, pressionando meus quadris em sua mão. — Sim, você é tão boa e apertada, Pixie. Veja, agora eles sabem. Agora eles sabem que sua boceta é mágica. Estão todos acenando com a cabeça agora. Agora eles entendem por que eu estou ajoelhado aos seus pés e lambendo você como um cachorro. E porque estou sem ar. Agora eles entendem por que eu preciso tanto de você.

Sua voz parece vir de longe. Estou em um transe. Estou aqui nesta sala com ele e estou no passado, a centenas de quilômetros de distância, na minha antiga igreja. Estou em todos os lugares. Estou em todas as pessoas. Estou em todos os seres vivos.

Estou no Abel e ele está em mim. Sua Pixie.

Ele está me observando com os olhos escuros, os lábios partidos, respirações fortes saindo de sua boca em rajadas.

— O que eu faço agora, Pixie? Como eu me livro dessa dor, hein?
Em uma explosão de energia, paro sua mão e, de alguma forma, consigo me sentar.

— Você me cura todos os dias, né? Agora eu vou te curar.

Mas quando eu vou me levantar, ele me para. Ele olha nos meus olhos, profundos e significativos e meu coração começa a bater, ainda mais do que antes. De alguma forma, eu já sei o que ele vai dizer.

— Está todo mundo assistindo, Pixie. O mundo inteiro.



A câmera. A luz vermelha piscando.

A câmera. A luz vermelha piscando.

Está ligada. Está gravando.

O cara de cabelos desgrehados deve ter deixado ligada por engano, eu acho. Se eu me levantar, tirar a roupa e sentar no pau do Abel, a câmera vai capturar tudo. Para todo o sempre. Então o vídeo dela será lançado no mundo, na frente de um milhão de pessoas, que podem me ver com meu marido. Já consigo sentir seus olhos marejados na tela, nos observando, nos julgando, nos criticando, se excitando com a gente.

Mas isso já não aconteceu antes? Naquela noite em que minha mãe me arrastou para fora sem me deixar vestir minhas roupas, para que eu pudesse suportar minha vergonha. As pessoas já me viram, me julgaram, me criticaram. Já me queimaram na fogueira.

Agora, isso vai acontecer nos meus termos. Já sou cinzas. Mas agora, vou me levantar como uma porra de uma fênix. Nós vamos nos levantar como uma fênix.

Eu olho para o homem que eu amo. Ele está me esperando, duro e excitado, mas ainda esperando. Eu o amo tanto que posso explodir.

Com um leve sorriso, me levanto. Meu entorno inclina um pouco, mas está tudo bem. Vou sobreviver. As mãos de Abel caem para os lados, os cabelos todos bagunçados enquanto ele me olha. Pego a barra do meu vestido e tiro de uma só vez. Depois vem meu sutiã e minha calcinha. Eu

não paro nem penso até que eu esteja toda nua e corada, de pé na frente dele.

Se há um nome para o que acontece depois que você passa do nível da luxúria, esse é o nome de Abel agora. Suas narinas incendeiam a cada movimento de sua respiração. Seus dentes estão a mostra. Cada veia em seus braços, na lateral de seu pescoço, está estourando através da pele.

Coloquei as duas mãos em seus ombros e monto em seu colo na cama. Minha boceta molhada e macia roça sobre sua protuberância coberta pelo jeans.

— Então deixe eles assistirem — sussurro, trazendo minhas mãos para baixo para sua calça e abrindo o zíper. — Deixe-os observar o que você faz comigo. Se você é um demônio para mim, então eu sou seu monstinho. Eu tenho unhas afiadas como você tem dentes afiados. Se você está doente, então eu fico com febre.

Uma vez que seu pau quente e duro está para fora e em minhas mãos, eu o alinho com minha boceta, sua coroa pré-escorrendo roçando contra meus lábios. Ele suspira e eu gemo. Então, no próximo suspiro, eu deslizo sobre sua ereção, apunhalando meu núcleo com a faca mais deliciosa que Deus já fez. O pau do meu Abel.

Instantaneamente, suas palmas agarram minha bunda e seus quadris se agitam. Estou no céu, minha cabeça jogada para trás, meus longos cabelos provavelmente fazendo cócegas na parte de trás de suas mãos enquanto eu gemo, alto e alto.

Quando eu baixo o rosto, beijo os lábios dele e ele morde os meus.

— Se você me come como um cachorro, então eu vou te foder como se eu fosse sua cadela no cio.

Começo a balançar, a sentar no seu comprimento, devagar, com cuidado. Esta é uma nova posição para mim. O Abel é sempre quem manda. Mas estou determinada a fazer isso bem, fazer com que ele sinta tudo o que ele me faz sentir quando ele está se movendo dentro de mim. Então eu torço meus quadris, vou de um lado para o outro, deixando ele sentir as paredes encharcadas do meu núcleo.

— É isso mesmo, Pixie? —, ele fala, me vendo fodê-lo, me vendo encontrar meu próprio ritmo. — Você vai me foder assim?

Eu aceno, agora levantando-me nos joelhos antes de deslizar de volta para baixo em sua ereção.

— Unh...

Abel me ajuda a deslizar sobre ele, segurando a carne da minha bunda. — Deus, Pixie. Você não é tão boazinha quanto todo mundo pensava que você era.

Olho em seus olhos escuros. Os olhos de um demônio. Um demônio que eu amo e adoro.

— Acho que não.

Ele bate na minha bunda, me fazendo suspirar e me contorcer com seu comprimento. Rindo, ele faz isso de novo. E de novo, à medida que me movo para cima e para baixo e encontro um ritmo.

— Talvez seus pais devessem ter batido mais em você. Ou talvez o Padre Knight devesse ter expurgado o pecado de você.

Deus, por que isso é tão excitante? Isso faz com que minha boceta o aperte ainda mais. Isso é doentio e errado e bonito pra caralho. Porque é meu. É nosso. Abel tinha razão. Nada do que façamos juntos pode estar errado. A relação entre uma esposa e um marido – um homem e sua mulher – é a mais sagrada de todas. Sagrada, única e pura.

— Não teria feito diferença — confesso, ganhando velocidade enquanto meus joelhos se esfregam no colchão e meu corpo pula. — Eu nasci assim. Para você. Pelo meu Abel.

— Porra sim, você nasceu para mim. — Com a mão livre, ele enrola meu cabelo em volta de seu pulso e puxa minha cabeça para trás, arqueando-me.

Ele cheira a base da minha garganta, meu esterno, o vale dos meus peitos, e eu fecho os olhos, suspirando de espanto, prazer e satisfação. Eu não tenho controle sobre essa porra agora. Talvez eu nunca tenha tido. Tudo bem.

Com meu cabelo na mão, ele me fode. Ele mexe os quadris e empurra para dentro do meu canal. Estou suspenso sobre ele de joelhos, mantida firme por sua mão, enquanto agarro seus ombros e o seguro. Ele está me metendo duro, brutal, suas coxas grossas cobertas pelo jeans batendo na minha carne, deixando tudo sensível, vermelho e com tesão.

Ele morde a carne do meu seio, fazendo meus olhos lacrimejarem e minha boca gaguejar. Ele puxa meu cabelo violentamente, enquanto raspa os dentes sobre meu mamilo, sussurrando:

— Você se sente bem, Pixie?

Meu pescoço está arqueado e puxado em um ângulo, mas não é nada além de bom. Então eu gemo meu assentimento.

Ele solta meu cabelo e traz meu rosto para baixo, ainda me fodendo, ainda me cutucando com seu pau, lá no fundo.

— Você quer dizer a eles, bebê? Você quer dizer a eles como é bom?

Meus olhos arregalam, meu coração bate forte em meus lábios, onde ele acabou de sussurrar aquelas palavras. Estou confusa. O que ele quer dizer? Dizer a eles como.

Quando eu foco nele, eu entendo. Ele precisa disso. Ele precisa desse poder. Eu só senti a condenação aberta das pessoas há um mês, mas ele vem enfrentando isso há anos. Não é à toa que ele está tão ferido.

Ele precisa dessa validação para completar a fantasia, esse nosso ritual, e fico feliz em dar a ele.

Levanto-me do colo dele e saio do pau dele. Estou vacilando; meus pés não têm energia, não têm vida. Abel agarra meu corpo e me vira, e eu deslizo sobre seu pau, minhas costas pressionadas em seu peito respirando descontroladamente, suas coxas de cada lado de mim.

Minhas pernas estão fechadas e parece que estou simplesmente sentada, inocentemente, casualmente. Pode ser que eu esteja sentada em um banco da igreja no colo dele. Mas eu estou nua e minha boceta está empinada no pau grande dele. Ele é tão grande atrás de mim, ainda vestido, mas luxurioso. Onipotente.

Suas respirações estão se espalhando ao longo da lateral da minha bochecha enquanto ele segura a carne dos meus quadris, me movendo, me balançando com uma mão, batendo na parede superior da minha boceta.

Com a outra mão, ele me obriga a olhar para a câmera. A luz vermelha piscando, o objeto preto e inanimado me faz jorrar como um rio.

— Imagine todo mundo naquela cidade, Pixie. Cada um deles. Eles assistiram. Mas eles nunca vieram para ajudar. — Seus sussurros também o estão deixando louco. A força de suas mãos sobre o meu quadril aumentou. Estou indo para baixo, me esfregando contra ele, e minha mente está voando para aquela noite no passado.

— Agora diga. Diga como é bom. Diga a eles como eu te fodo bem.

Meu coração está batendo, tentando quebrar os ossos das minhas costelas. Meus quiques em seu pau tornam-se vergonhosamente aleatórios com suas palavras. Mas eu não tenho que ter vergonha, porque ele geme no meu ouvido e belisca meu mamilo. Uma barragem se rompe dentro de mim, então.

Minha boca abre e eu falo. Digo tudo. Digo como é bom. Eu digo a eles como é incrível quando ele está dentro de mim, me fodendo como um louco. Digo que o amo e que não posso viver sem ele. E eu não me importo com o que eles pensam. Eu não me importo que eles o odeiem ou me odeiem. Eu me casei com ele de qualquer maneira. Eu sou dele para a vida e ele é meu também.

Digo isso com orgulho, meu peito jogado para trás, meus olhos abertos e olhando para a câmera. Digo isso com as mãos nos meus peitos, apertando meus mamilos porque eu simplesmente não consigo parar. Não posso lutar contra o que ele faz comigo. Não quero. Estou apaixonada e quero que eles saibam disso.

Ele parece ficar ainda maior, ainda mais forte, ainda mais sedutor quando digo as palavras. Eu me perco nisso. Perco todo o sentido de mim mesmo, minha consciência, e isso me empurra para o limite. Gozo, jorrando, minha boceta esvoaçando sobre seu pau, enquanto Abel ainda entrando em mim, respirando com esforço, todo suado e almiscarado.

Como o fluido jorrando do meu canal, as palavras sussurradas explodiram de mim:

— Eu o amo, papai. Eu o amo muito.

E então, fecho os olhos e estou simplesmente respirando, flutuando nas nuvens.

Minha consciência volta quando Abel grunhe. Ele está prestes a gozar e está no processo de me empurrar para cima para que ele possa sair e derramar sua porra em algum lugar fora do meu corpo. Mas eu chego para trás e puxo o cabelo dele.

— Não vá.

Ele interrompe todos os movimentos, analisando minhas feições. Sua mandíbula apertada e eu posso ver o oceano de emoções em seus olhos escuros. Passo os dedos pelo osso protuberante de sua bochecha e repito meu pedido. — Por favor, g-goza dentro de mim.

Abel respira, visivelmente tremendo, e se levanta. Eu tropeço, minha boceta saindo do pau dele. Estou confusa quanto ao que ele está fazendo. Mas ele não me deixa fazer perguntas. Ele me joga na cama onde eu quico e os lençóis parecem surpreendentemente agradáveis e macios contra minhas curvas superaquecidas.

Em um piscar de olhos, suas roupas foram embora. Ele está nu, músculos bronzeados pingando de poder e luxúria. Ele coloca o joelho na cama, afundando o colchão. Debruçado, seu colar balançando, ele agarra meus dois tornozelos e me puxa em direção a ele. Vou com um guincho.

— Abel, o quê...

Sua mandíbula está apertando como um batimento cardíaco, ritmicamente. Deus, seu rosto é tão intenso. Acho que nunca o vi assim.

Ele pressiona minhas coxas e as eleva até minhas orelhas, dobrando meu corpo ao meio. Engulo com desconforto, mas esqueço tudo quando ele entra na minha boceta inchada com um rosnado alto, me fazendo gritar com sua invasão.

Ele está fundo pra caralho. Eu nem sabia o significado de profundo até este momento. Eu sinto ele no meu estômago, na minha garganta. Ele está me preenchendo em todos os lugares.

Colocando as mãos em cada lado de mim, ele paira sobre meu corpo contorcido e inicia um ritmo. Tão forte que tremo a cada empurrão. Tão rápido que não tenho tempo para me recuperar. Eu gostaria que ele

dissesse alguma coisa, qualquer coisa. Mas ele não precisa. Ele está me mostrando com o corpo dele. Ele está me mostrando o que minhas palavras significaram para ele.

Significava enlouquecer, tornar-se selvagem, voltar ao passado, quando o homem era indomável, quando o homem ainda era um animal regido por instintos.

No fundo da minha mente eu sei que isso é uma loucura. Não tenho nenhum método contraceptivo nem nada, mas não consigo me importar. Estou sendo regida por instintos animais também. Estou sendo regida por essa necessidade intensa de *dar* algo a ele. Algo que só eu posso dar. Algo que só uma mulher apaixonada pode *desejar* dar ao homem de seus sonhos.

E aí, acontece. A cara de Abel relaxa e ele goza. Dentro de mim.

Sinto o primeiro estouro do pau dele. É um pequeno pulsar, um pequeno terremoto. Um big bang — o terceiro da minha vida — que dá origem a novos mundos. Seu pau ejacula cordas de creme que revestem as paredes trêmulas da minha boceta, me levando a um mini-orgasmo. Abro ainda mais as pernas, coloco as mãos na bunda e estico as pernas.

Depois desse primeiro tiro, não consigo distinguir entre suas palpitações. É uma vibração constante. Uma alimentação constante da minha boceta com seu creme. Com sua força vital. Até que ele desaba sobre mim como um guerreiro exausto.

Uma besta exausta de um homem que acabou de cumprir seu propósito.



E, de alguma forma, eu cumpri o meu também.

O Abel me leva para casa.

Ele me leva para fora daquele quarto, e através do armazém aquecido e contorcido. Ainda me segurando nos braços, ele entra em um táxi e não me solta até chegarmos ao nosso apartamento. Não sei de onde

ele tira a força depois do que acabamos de fazer. Mas, de alguma forma, ele consegue.

Em casa, tomamos banho juntos. Ele lava meu cabelo, meu corpo, com delicadeza, reverência, me fazendo sentir acarinhada. Ele ainda lava minha boceta, descendo de joelhos, com o rosto subindo até meus seios encharcados.

Por um segundo, sinto como se suas mãos parassem em minha barriga, circulando, traçando a pele ensaboada. Por um segundo, acho que ele fecha os olhos, provavelmente imaginando o que aconteceu, o que eu pedi para ele fazer.

Mas só por um segundo porque, num piscar de olhos, está de volta. Ele termina comigo, tomando um banho rápido por conta própria, depois seca nós dois. Deitamos juntos na cama e vamos dormir, agarrados um ao outro. Mesmo quando sinto que vou derreter com o calor do corpo dele, não me afasto.

No dia seguinte, vou trabalhar atordoada. Não falo com meu marido há mais de doze horas. Não conversamos nada desde que saímos daquele quarto. Não sei por quê. É o maior tempo que ficamos sem nos falar desde que nos mudamos para cá. As coisas não parecem certas.

Ou talvez elas pareçam exatamente certas e eu não sei o que fazer com isso.

Estou ainda mais distraída do que antes, misturando pedidos, derramando água, tropeçando em nada. Hoje é meu último dia aqui, posso sentir isso. Mesmo sendo uma garçonete abaixo do padrão, Milo ainda não me demitiu. Acho que é por causa do meu marido. Toda vez que ele passa pelo restaurante, Milo e Abel se encaram com olhares raivosos. É meio engraçado e só o pensamento me faz rir, mas hoje, não consigo.

Não importa. O Milo vai me matar e nem o Abel consegue impedi-lo. Talvez eu devesse simplesmente desistir de qualquer maneira. Eu sempre posso encontrar outro emprego. Eu sempre posso...

Não. Não vou pensar nisso.

Não vou pensar naquele armazém ou no fato de que as pessoas realmente fazem sexo diante das câmeras para ganhar a vida. Para nós, foi uma coisa pontual. Encenamos uma fantasia quente e pesada, e as fantasias não devem durar.

Certo?

Mas e se pudessem durar? E se pudermos transformar toda a nossa vida em uma fantasia?

Ok, pare.

Isso aqui é ótimo. Meu trabalho aqui no Milo's é ótimo. Estou aprendendo muito.

Calma. Eu estou?

Sim. Eu estou. E talvez um dia, eu saia quando for a hora certa. Mas essa hora não é agora.

Estou entregando outro pedido com Milo lançando adagas nas minhas costas com o olhar quando a porta da frente se abre com a campainha tocando alto.

Meu corpo inteiro congela quando vejo quem é. É o homem que pode tornar tudo melhor para mim.

Meu marido.

Ele está parado na soleira, com a palma da mão escancarada na porta de vidro. Nossos olhares colidem no espaço – o dele intenso, cheio de necessidade, e o meu deve ser cintilante, brilhando de amor. Ele aponta o queixo para mim e grita meu nome.

— Pixie.

Meus músculos relaxam e a bandeja quase escorrega da minha mão. Mas convenhamos: ela não ia ficar sob meu controle por muito mais tempo. Eu a pego e ela cai na mesa com um estrondo e barulho de chocalho.

Eu sorrio. Por que eu não faria? Parece que consigo respirar pela primeira vez em horas, em dias, até. Eu sei que Milo está resmungando atrás de mim e o casal na mesa está me olhando estranhamente. Não me importo. Deixo tudo e corro para ele. Ele me abraça com força assim que toco seu corpo.

Deus, seu cheiro, sua camiseta macia, seus braços fortes e poderosos. Tudo me faz querer abandonar o mundo e ficar com ele, trancafiada em algum lugar pelo resto da minha vida.

— Você quer sair daqui? — murmura no meu cabelo.

Beijo o centro de seu peito antes de olhar para ele.

— Sim.

Então ele está me dando um impulso e minhas coxas giram em torno de sua cintura e meus tornozelos cruzam no final de suas costas. Estamos saindo enquanto ouvimos os gritos de Milo.

Algo toma conta de mim e eu faço o que nunca fiz antes. Faço um gesto obsceno. Literalmente. Digo a Milo que não preciso desse trabalho ou dele, mostrando o dedo mais importante da mão humana. Digo que tenho algo melhor. Eu tenho o meu Abel, e ele está me levando embora.

Quando estamos fora da visão do Milo, eu recuo um pouco o corpo e olho para o Abel. O sol está brilhando sobre ele, fazendo seus cabelos brilharem como uma auréola.

— Sou uma péssima garçonete. Beijo o nariz dele.

Rindo, ele beija meu nariz de volta.

— Eu sei, bebê.

Bati no ombro dele.

— É um trabalho estúpido, de qualquer forma. Não quero mais.

— É? O que você quer?

Há muito peso em suas palavras, em seu olhar. Talvez ele esteja sentindo a mesma coisa que eu tenho sentido. Talvez ele queira continuar essa fantasia também.

— Você não conversou comigo. Você não falou nada. Pensei... Pensei que você estava bravo comigo ou algo assim.

— Não. Não com você. Talvez comigo mesmo, no entanto. — Ele engole, seu olhar analisando todo o meu rosto. — Por pensar em fazer isso de novo e de novo e de novo. Por pensar em nunca parar.

Um sorriso aliviado floresce em meus lábios.

— Eu também. Não quero parar. Ainda não. Não quando me faz sentir viva. Não quando me faz sentir tão perto de você.

Ele também está aliviado; eu posso ver.

— Então não vamos parar.

— Mas me prometa que sempre vamos conversar sobre isso. Sempre diremos um ao outro o que estamos sentindo.

— Eu prometo.

Beijo sua bochecha.

— Agora, me leve para casa e me foda como um bom marido.

— Ah, mandona. Alguém já te disse isso, Pixie?

— Sim, meu marido — Eu sorrio.

— Homem inteligente.

— Eh, ele é bem ok.

Ele morde meu lábio inferior, me fazendo chiar. Quando ele começa a andar, eu me lembro de alguma coisa.

— Ah, eu tenho algumas regras básicas.

Isso o diverte.

— Está bem.

Eu bato no peito dele.

— Estou falando sério.

— Eu também.

— Nada de gozar dentro de mim.

Ele franze a testa, ainda andando.

— Foda-se, de jeito nenhum.

Eu sabia. Eu *sabia*. Eu sabia que ele amava aquilo. Eu amei isso também. Não sei o que aconteceu comigo lá atrás. Eu estava em transe, demais no momento.

— Abel, o que a gente fez foi burro, tá? Foi além de burro. Eu não tomo pílula, e você é um bebê chorão quando se trata de usar camisinha.

— Pressiono minha testa contra a dele, tentando passar meu ponto. —
Precisamos ser inteligentes. Somos muito jovens. Não estamos prontos
para um bebê. Como vamos criar um filho?

— Se você acha que eu vou gozar em qualquer lugar fora do seu
corpinho apertado, você perdeu a cabeça.

Não acredito que estamos tendo essa discussão. Em uma calçada.
As pessoas passam por nós, algumas esbarram em nossos corpos, mas
Abel é como uma pedra. Seus passos quase não vacilam.

Ele acha que o mundo é feito só para nós dois.

— Muito bem. Então eu vou tomar pílula.

Ele dá de ombros.

— Tudo bem.

— Sério? Desconfio. — Você não se importa.

— Não. Não posso dizer que me importo.

Eu estudo o rosto dele.

— Ah, eu sei. Você está pensando em fazer algo pesado sobre isso,
não é? Se meus comprimidos sumirem ou se eu descobrir que você está
trocando-os por alguma coisa, eu vou te matar.

Ele sorri.

— Não preciso fazer isso.

— Por quê?

Ele pressiona uma mão na parte de trás da minha cabeça, me
aproximando.

— Eu não preciso fazer nada disso porque toda vez que você tomar
um comprimido, eu vou te encher tanto de porra que seu corpo vai se curvar
à minha vontade. — Ele capta meu suspiro com a boca. — Você já não
sabe disso, Pixie? Se eu quiser acabar com você, eu vou acabar com você.

Mordo o lábio inferior dele como castigo, mas idiota gosta disso.

— Isso deve ser a coisa mais arrogante que você já disse. Não, na
verdade, deve ser a coisa mais arrogante que *alguém* já disse.

Ele dá de ombros novamente, como se não se importasse com nada
no mundo. Nada, de forma alguma.

— Chame como quiser.

— Tá bom, *marido*. Eu te amo, mas vamos ver quem ganha: a ciência
ou o homem que acha que é Deus.

— Eu não acho. Eu *sou* o seu deus.

Reviro os olhos para ele, irritada. Mesmo assim, nada pode atrapalhar
minha felicidade. Nada pode destruir o que tenho: o Abel e as nossas
fantasias.



Há alguns dias, saí do meu trabalho. Foi irresponsável, infantil e é exatamente o que precisávamos fazer. Temos novos desejos agora. Novas necessidades. Novas vontades.

Novas fantasias.

Estamos vivendo em um novo mundo. Um mundo que o Abel prometeu que iria construir para mim. Fiz uma promessa a ele também. Eu disse a ele que não derramaria uma única lágrima por aquela cidade, pelo que aconteceu, e eu não derramei.

Na verdade, neste mundo, eu rio muito.

Nós dois rimos. Acordamos de manhã e fazemos amor lento e preguiçoso. Depois tomamos banho juntos e fazemos um café da manhã ruim, que geralmente acaba queimando porque meu marido está em uma missão agora. De acabar comigo.

Fiquei menstruada confirmando que não estava grávida depois daquele acidente. Fiquei estranhamente desapontada. Mas é bom que eu não esteja. Não podemos ter um bebê agora. Quando estamos começando a explorar novos territórios um com o outro.

Fui em uma clínica gratuita e o médico me deu a pílula. Me faz pensar por que eu não comecei antes. Me faz pensar se eu secretamente quero um bebê, algo do Abel dentro de mim. Mas não importa. Não vai acontecer tão cedo.

Eu costumo fazer um grande show tomando e engolindo bem na frente dele, e ele encara isso como um desafio. E aí ele me fode como só ele pode, tanto com ternura quanto com brutalidade. Sem contar que todas as noites, ele dorme com a mão grande cobrindo minha barriga lisa, como se estivesse deixando nossas peles falarem, trabalhando sua magia.

Depois que pedi demissão, o Abel me disse que, se ficarmos no apartamento do Ethan um pouco mais, podemos fazer funcionar em termos de dinheiro. Eu já sabia que ele tinha um dinheiro guardado quando nos mudamos para cá, e agora ele diz que pode pegar mais trabalhos. Além disso, podemos receber uma porcentagem em dinheiro quando performarmos em frente à câmera. Isso é uma coisa que eu não levei em consideração quando fui lá para a primeira filmagem. Obviamente, eu sabia que as pessoas eram pagas por esse tipo de coisa, mas dinheiro não estava em minha mente, apenas esse estranho e forte desejo de fazer algo drástico.

Também não pensei que eles colocariam nosso vídeo online. Não depois do jeito que eu surtei. Mas eles colocaram e podemos voltar se quisermos.

Não estamos sob contrato nem nada, o que eu aprendi que é assim que funciona nesse negócio. Somos agentes livres, que escolheram eles,

que escolhem entrar no quarto e fazer sexo diante das câmeras. É nossa escolha mostrar nosso amor ao mundo em nossos termos. É nossa escolha celebrar o que temos, o que deveríamos ter comemorado o tempo todo, mas nunca tivemos a chance.

Depois da primeira filmagem, Abel traz para casa uma câmera de vídeo portátil. No colchão, ele se ajoelha entre minhas pernas nuas, meus quadris em suas coxas saradas, meu sexo aberto e pulsante. Quando ele pega a câmera e aquela luz vermelha piscando se acende, eu quero esconder meu rosto. Meu coração sobe e mergulha no estômago.

Me sinto ao mesmo tempo excitada e um pouco desconfortável.

O que estamos fazendo, trazendo nossa fantasia para o nosso dia a dia?

— Desde o meu primeiro dia lá, eu queria trazer uma dessas. Só para nós, sabe —, diz, ofegante, mexendo nos botões. — Você vai ficar tão bonita, Pixie.

O prazer e a admiração em sua voz, banem minhas dúvidas — é o Abel; ele não vai nos deixar cair — me faz sentir ousada, e eu dou a ele meu melhor show assim que começarmos a foder.

— Porra, Pixie. Você adora, não é? Você ama a câmera. Caralho, você foi feita para isso — diz Abel, enquanto observa meus movimentos na tela. Ele colocou apontada para onde estamos unidos, registrando o trecho do meu núcleo sobre seu pau.

Fico cheia de prazer, meus movimentos se tornam ainda mais sedutores. Embora em algum lugar no fundo eu queira que ele olhe para *mim*, em vez daquele objeto em suas mãos. Mas não importa porque o orgasmo que chega é fora deste mundo. É como o descarrilhar de um trem, que desencadeia o clímax explosivo do meu marido.

Observo as pessoas no armazém e, mesmo sabendo que é tudo falso, seus gemidos, sua luxúria, seus corpos arqueados, não consigo julgá-las. Ainda há um pouco de honestidade neles. Eles estão fazendo o que eu e o Abel estamos fazendo.

O mundo real não é suficiente para eles. Então eles estão construindo seu próprio mundo, fazendo sua própria fantasia. Eles têm suas razões como nós temos as nossas.

Assim que entro naquele quarto, me sinto em casa. Talvez porque as paredes sejam exatamente da mesma cor da minha casa na árvore: amarelo ensolarado. É poético e reconfortante. A casa na árvore foi onde nos apaixonamos em segredo e nesse quarto, tudo o que fazemos juntos está exposto.

Nesse quarto, retomamos o que perdemos. Nosso poder. O tempo que passamos separados.

O Abel me recebe. E vou sem reservas, com todo o amor que sinto por ele.

Em nossa primeira filmagem, Abel me pediu para olhar para a câmera e imaginar todos de nossa cidade, e dizer a eles como era bom ser fodida por ele em nossa igreja imaginária. Em nosso próprio lugar de adoração.

Ele me pede para fazer isso todas as vezes. É um ritual para nós. Um ritual de limpeza. Ele agarra meu cabelo, puxando meu pescoço para cima para que eu possa olhar para a luz, o tempo todo impulsionando para dentro de mim atrás. No meu ouvido, ele sussurra coisas más, coisas ilícitas. Coisas possessivas. Coisas que me excitam e me fazem amá-lo ainda mais.

Diga a todos que você é minha, Pixie.

Diga que você me ama. Diga como eu te fodo bem.

Diga a eles que você nunca vai me deixar. Você nunca mais voltará para eles.

Suas palavras me fazem querer absorvê-lo em meu corpo, escondê-lo de todos que podem lhe fazer mal. Mas tudo o que faço é gritar meu amor por ele. Olho para a câmera e declaro meu amor ao mundo, a quem quiser ouvir. Com prazer. Com raiva. Com um sorriso nos lábios.

Fiquei confortável em ter pessoas dentro do esperançoso quarto amarelo. Não muitas, mas duas. Normalmente, o marido de Blu, Nick, está lá com a gente. Ele é tão silencioso que eu nunca sinto ou ouço sua presença. Além disso, com o Abel dentro de mim, não sinto mais nada. O outro cara é aquele que estava trabalhando com as luzes naquela primeira vez. Desde então, descobri que o nome dele é Gavin. Ele é tímido e simpático, e está economizando para estudar eletrônica e comunicações.

Esses dois são os únicos que podem entrar comigo e com o Abel. Meu marido não deixa ninguém — ou seja, o cara de cabelos desgrehados que ficou bravo na primeira vez — entrar. Meu grande e feroz protetor. Nick e Gavin são amigáveis, e às vezes eu percebo uma luz de apreço em seus olhos. Eles até nos elogiam às vezes. Isso me faz rir. Não sei por que, mas acontece.

Acima de tudo, me faz sentir validada. Na verdade, é a validação final do nosso amor, afetando as pessoas da maneira que fazemos, obtendo uma reação positiva delas. O selo final de aprovação de que nosso amor não é errado. Que o jeito que amamos, loucamente, insanamente, sem limitações, está tudo bem. Amar o Abel assim não é pecado.

Amar Abel Adams pode ser a coisa mais pura e verdadeira que farei.

Depois de cada filmagem, ele me carrega para fora, como fez da primeira vez. Ele me leva para casa, lava meu cabelo, deixa um beijo na minha barriga e depois nos abraçamos. Não há sexo ou luxúria, apenas companheirismo. Seus movimentos são tão suaves, seus dedos são

bálsamo para minha alma dolorida, e corpo completamente vandalizado e satisfeito.

Ele tem tantas camadas, meu Abel.

Ele é um produto dessa sociedade. Ele é um produto de todo o ódio e maldade da minha cidade natal. Me faz pensar que os monstros não nascem, são feitos. Não que meu Abel seja um monstro, mas ainda assim. Nós os fazemos, através de nossas ações, através de nossa imprudência. Os fazemos com as próprias mãos e, depois, apontamos o dedo.

Isso me faz chorar. Isso me faz ver o quanto meu marido é capaz de se machucar, de ficar com raiva do passado dele. Isso me faz perceber o quanto estou com raiva e como minha fúria foi crescendo ao longo dos anos.

Tudo sai agora, na frente das câmeras.

Então esta é basicamente a nossa própria versão descaralhada de terapia.

Mas quando vejo outros casais na rua, rindo, se beijando como se não tivessem nenhuma preocupação no mundo, como se não tivessem nenhum fardo, eu me pergunto. Me pergunto se algum dia chegaremos no lugar deles, felizes e despreocupados.

Eu me pergunto se algum dia chegaremos a um lugar onde não estejamos mais com raiva. Será que um dia vamos seguir em frente?



Onde termina essa fantasia?

Estou casada com o Abel há sete semanas e não falei com os meus pais nenhuma vez.

Bem, obviamente.

Eles não se importam comigo. Eles nem sabem que a única filha é casada. Eles provavelmente oram a Deus para que eu esteja morta, enquanto eu estou mostrando o dedo a eles completamente nua.

Eu não deveria estar pensando neles, mas estou. Hoje é aniversário do meu pai e isso me faz perceber que estou na cidade há cerca de três

meses, mas parece que é desde sempre. Parece que vivi *aqui* mais tempo do que vivi em Prophetstown.

Estou melancólica e o Abel não está em casa para me distrair. Ele está saindo com seus amigos. E mesmo que eu esteja triste, me faz sorrir que o Abel está socializando.

Meu marido é um solitário clássico. Ele não faz muitos amigos, mas fez alguns desde que começou a trabalhar no estúdio. Tanto ele quanto Ethan estão fora, então eu tenho o apartamento só para mim.

Eu ligo para a Sky. Normalmente, não pergunto sobre meus pais quando falo com ela. Mas, desta vez, solto a pergunta:

— Como está meu pai?

— Muito bem. Ele está bem — diz, rapidamente. — Então, como está a vida conjugal?

Não me engano com a falsa animação na voz dela.

— Sky, como meu pai está? Minha mãe? — *Alguma vez perguntaram sobre mim?* Não posso dizer isso, mas estou silenciosamente fazendo a pergunta.

— Eu disse que ele está bem. Eles estão bem.

Eu me debruço sobre o banquinho do bar na cozinha.

— Sky, me diga. — Eu suspiro. — Eu sei, tá? Eu sei que eles me odeiam. Estou preparada para o pior. Então, só fale tudo de uma vez.

Ela fica em silêncio por um tempo.

— Não acho que você esteja preparada para o pior.

Sento, com o coração acelerando no peito.

— O quê? E-Eles estão bem? Meu pai está bem?

Ela ri.

— Ah, sim. Ele está bem. Eu o vi outro dia. Ele estava na igreja com sua mãe e eles estavam conversando com o Sr. Knight e aquele idiota que eu vou matar: Duke.

Uma gargalhada quebrada sai da minha garganta. Deus, sinto falta da minha melhor amiga e de seu jeito sanguíneo. Ela está se preparando para ir para a faculdade. Ela vai se mudar daqui a algumas semanas. Eu não penso na escola há muito tempo; quase parece que estou crescida demais para isso, ou talvez não crescida o suficiente.

— Você ainda o odeia, hein?

— Pois é. Faz só alguns meses que você fugiu. Não é muito tempo. Além disso, eu sempre vou odiar esse idiota. Ele é meu inimigo número um.

— Jura? — Sustento o queixo na palma da mão, lembrando da conversa que tive com Duke na noite de formatura. — Porque eu acho que ele pode gostar de você.

Ela resmunga e eu não consigo deixar de rir.

— Ele não gosta de mim. Eca. Isso é a coisa mais nojenta de todos os tempos.

— É? Porque eu acho que você o odeia um pouco demais.

— Ei, quer saber? E eu *acho* que você perdeu a cabeça — diz ela, imitando meu tom. — Além disso, não existe odiar um pouco demais. Quanto mais, melhor.

Eu rio de novo, mas depois paro porque fico triste. Eu gostaria de poder vê-la. Não sei se um dia o farei. Quem me dera... voltar e ver minha cidade.

Não. Evie má.

Não quero voltar. Mas às vezes eu penso e se...

E se eu contar que sou casada e feliz? Quer dizer, eu sei que eles estão com raiva, mas e se eles viessem? Eles são meus pais, são biologicamente programados para me amar.

Vou dizer a eles como o Abel é bom e como ele é o marido mais maravilhoso de todos os tempos. Sim, ele me deixa louca e é controlador, mas me ama. Eu sou o mundo dele e ele é meu.

Por que não conseguem fazer aceitar isso? Talvez se meu pai o visse comigo, ele pudesse pedir desculpas ao Abel por tê-lo espancado e jogado na cadeia. Talvez eles não viem melhores amigos, mas podem tolerar um ao outro.

Retomo a coragem e digo:

— Agora você vai me falar dos meus pais? Como eles estão?

Um grande e longo suspiro, e lá vai meu coração novamente. Está batendo, com pavor, com expectativa.

— Evie, você não quer ouvir isso.

— Oh meu Deus, apenas me diga, ok?

— Tudo bem. Aí vai: eles não estão procurando por você e nunca vão te procurar porque estão fingindo que você morreu, ok? Sua mãe fez um velório para você. Eles disseram a todos que você está morta para eles e que eles não te apoiam.

Por um segundo, não sinto mais meu coração. Parou de bater. Eu não me sinto. Eu acho que nem existo.

— Evie? — Sky parece preocupada. — Ei, você está aí? Sinto muito. Sinto muito, bebê.

Eu balanço a cabeça. A culpa não é dela. É minha por perguntar. Por ter esperanças. E, no entanto, não consigo evitar.

— Foi meu... — Eu limpo minha garganta. — Foi o meu pai que disse isso?

— Eu não fui lá. Eu, uh, ouvi isso da minha mãe.

— Bem, aposto que não foi meu pai. Eu sei que ele está bravo comigo, mas ele nunca diria isso. Aposto que foi a minha mãe. — Acenei com a cabeça, apertando os olhos para o balcão da cozinha.

Não pode ter sido meu pai. Eu sei que ele nem sempre veio em meu socorro quando minha estava sendo uma puta, mas ele me amava. Ele me disse isso na noite em que eu fugi. Ele disse que estava fazendo isso para o meu bem. Não importa que o que ele fez tenha sido errado e eu o odiei.

— Evie, seu pai queimou a casa da árvore.

— O quê?

— Ele achou mais fotos suas e do Abel e... — Ela suspira de novo. — Todo mundo na cidade sabe disso. Ele queimou sua casa na árvore no dia em que você fugiu. — Ouço um pouco de estática, então sua voz parece muito mais próxima. — Evie, seu pai também não é seu fã. Acho que nunca vão esquecer o que aconteceu. Só seja feliz, ok? Fique feliz por estar com o Abel. Basta pensar nisso. Pense em sua nova vida e como ela é perfeita e...

— E-Eu tenho que ir.



Desde que conversei com a Sky, há algumas horas, consegui me embriagar com cerveja. Eu não sou uma grande bebedora de álcool; só bebi uma vez, na noite de núpcias. A ressaca foi uma filha da puta.

Não me importo com uma ressaca agora. Eu não me importo com nada.

Estou com meu diário e folheando suas páginas como um maníaco. Quero chorar, mas a única coisa que me impede é a promessa ao Abel. Prometi a ele que não choraria por aquela cidade e não irei.

Mas é difícil. *Tão difícil.*

Quando vim para Nova York, tinha planos de colecionar histórias e despejá-las nas páginas, mas ao longo do caminho esqueci tudo sobre isso. Esqueci de como queria ser escritora e escrever histórias épicas e lendárias.

Em vez disso, me tornei uma estrela pornô.

Não é ótimo?

E adivinha? Eu nem sou isso. As pessoas não sabem meu nome. Eles não se reúnem ao meu redor, implorando por autógrafos. Não. Eu nem sou uma estrela pornô. Eu sou apenas a porra de uma esquisita que está com raiva. Tanta raiva que não sei como parar. Não sei mais me controlar. Não sei como tirar da cabeça a imagem da minha casa na árvore em chamas.

Continuo vendo as chamas amarelo-alaranjadas devorando meu lugar favorito na Terra. Devem ser cinzas agora. Sumiu. Está morta.

Misturada na lama, a sujeira que passei minha infância correndo.

Minha casa na árvore se foi.

Meu pai fez ela para mim. Ele pintou de amarelo para mim porque é a minha cor favorita. Passei dias e dias naquele lugar, sonhando em ser escritora. Dentro de suas quatro paredes, tive meu primeiro beijo, o primeiro abraço. É o lugar onde minha história de amor começou, o lugar onde ouvi o big bang. É o lugar onde me apaixonei pelo meu menino de cabelos dourados, que se tornou um deus de homem.

Abel.

Oh Deus, eu o amo tanto.

Quero ele aqui comigo, dentro de mim, me fazendo esquecer, me curando. Deito na cama segurando o travesseiro que comprei para ele. Eu quero meu marido aqui.

E então, de repente, ele está. Ele está aqui comigo. Seu braço aperta em volta da minha cintura enquanto ele me deixa com as costas na cama, e eu solto o falso Abel, o travesseiro, quando me deparo com um real, vivo.

— Abel — Eu pisco os olhos abertos; não me lembro de ter adormecido.

Eu gemo quando as luzes perfuram meus olhos embaçados e sonolentos. Mas ele está aqui. Ele está de volta. Vai ficar tudo bem agora.

Ele aperta um beijo suave na minha testa e cheira meu cabelo.

— Por que você está com cheiro de cerveja?

— Você está com cheiro de cerveja também. — Aconchego meu nariz na camiseta dele.

— Sim. Eu bebi algumas com os caras.

— Os caras. Own. Eu amo isso, querido. Estou tão feliz que você está fazendo amigos. Uhu.

Seu peito treme de rir, e então ele está enchendo minha visão, sua cruz de prata se acumulando no centro da minha garganta.

— Você está bêbada, bebê? Quantas você bebeu?

Aperto os olhos e olho para o teto. Aí eu levanto os dedos: dois. Depois, três, quatro. Então, eu abro as duas mãos.

— Não me lembro.

— Não posso te deixar sozinha, posso?

— Não. Eu preciso de você o tempo todo. — Arqueio meus quadris e empurro contra seu pau. — Senti muito a sua falta.

Seus dedos enterram em meu cabelo enquanto ele passa o nariz ao longo da minha bochecha.

— Eu também. Odiei ir sem você. Eu queria poder te transformar em uma droga e te colocar direto no meu coração para que eu nunca tenha que estar longe de você. Nem por um segundo.

Gemendo, aproximo meu rosto para chegar até sua garganta e lamber seu pomo de Adão.

— Eu também.

E aí eu dou risada porque é engraçado. As drogas fazem mal. Você não pode ser uma droga para alguém, você só vai acabar envenenando a pessoa um dia. Você só vai derrubá-la.

Queda.

Abel não pode ser minha queda, lembra? Prometi isso a mim mesma. Eu também não posso ser a queda dele.

Então, eu estou dizendo não às drogas.

Meu riso faz minha cabeça parecer pesada e as correntes ondulam sob minha pele. Talvez eu seja um pouco mais alta do que eu pensava. Talvez eu esteja totalmente, completamente bêbada. Ou talvez eu esteja algo no meio disso.

Mas quem se importa? O Abel está aqui, vai me foder e me deixar melhor. Ele vai me fazer esquecer de tudo, menos dele. Não vou pensar na minha casa na árvore, nas fotos queimadas, nos diários queimados. Meu pai. Aquela cidade abandonada e seus campos.

Sorridente, Abel beija meus lábios.

— Pensou em algo engraçado, Pixie?

Eu aceno, batendo nossos narizes juntos.

— Você. Eu. Todo mundo. — Ele ri e eu agarro seu rosto, plantando um grande beijo em sua boca. — Você é tão bonita quando ri.

Suas sobranceiras arqueiam:

— Acho que você quer dizer que sou *bonito* quando dou risada. Ou sexy.

— Eu não vou saber o quão sexy você é até que você me dê sexo.

— Estalo o xo de ‘sexo’ e lambo os lábios dele.

— Ah, então minha Pixie está querendo pau, é?

Oh meu Deus, sim. Estive esperando e esperando seu pau mágico a noite toda. Além disso, me sinto ultrassensível agora.

— Sim. Por favor, Abel. Eu preciso disso. — Começo a segurar a camiseta dele, puxá-la para cima, mas meus movimentos são atrapalhados e lentos, e o Abel assume. Ele se levanta e tira a camisa, mostrando seus músculos esculpidos para mim.

Ele tem razão. Ele é tão sexy que não consigo parar de passar as mãos por todo o peito nu dele.

Então ele me faz levantar os braços para poder puxar minha camisa de girassol do meu corpo antes de me tirar a calcinha. Quando estou toda nua e pronta, ele termina de tirar as próprias roupas e, em um piscar de olhos, está me cobrindo.

Este é o lugar mais seguro desta terra, sob ele. Ele é tão forte assim. Como se ele pudesse me proteger de todos os monstros do mundo.

— Eu te amo tanto, Abel — sussurro, colocando um beijo suave em seus lábios – ou talvez seja sua mandíbula – e segurando em seus ombros.

— Não consigo acreditar que você é minha. Eu não posso acreditar que *eu te fiz* minha. Algo tão puro, bonito pra caralho.

— Eu sou. Eu sou sua, Abel. Serei sempre sua. Somos eu e você contra o mundo. Sempre. Sei disso agora. Ninguém pode me tirar de você. Ninguém tem o poder.

Definitivamente não meus pais. O que meu pai achou? Será que ele achava que queimando o lugar onde eu me apaixonei pelo Abel, ele queimaria o nosso amor também? Será que ele achava que aquelas chamadas nos tocariam aqui, em nossa nova vida? Se ele pensava isso, estava enganado. Errado pra caralho.

Vou queimar o mundo antes de deixar alguém tocar o nosso amor. Nada nos destruirá. Eu não vou deixar e nem esse homem nos meus braços. Ele nunca vai deixar nada vir entre nós.

Abel joga a cabeça para trás e solta um gemido alto, quando entra no meu corpo. Ele encontra um ritmo duro, batendo em mim, nossa carne colidindo junta.

Eu sorrio. Isso é perfeito.

Deus, eu nunca quero desviar o olhar de seus magníficos olhos.

Já sinto o início de um orgasmo nos dedos dos pés e nas almofadas dos dedos. Mas, um momento depois, para. Tudo para e fico ofegante. E aí o mundo vira de cabeça para baixo porque eu não estou mais de costas. Estou de quatro; o Abel acabou de me virar.

— Abel, o quê... — Viro o rosto e olho para ele atrás de mim. Ele está um pouco embaçado.

Obrigada, álcool. Nunca mais vou beber. Nunca mais.

— Fica assim, Pixie. Eu amo esse ângulo. Eu amo como sua bunda treme quando eu te fodo assim.

Estou atordoada por um segundo. Como se alguém me jogasse no chão depois de me fazer voar. Meus frascos corporais e meus ossos tremem ao vê-lo alcançar a câmera que está sob um monte de roupas sujas que eu não me importei o suficiente para recolher.

Quando ele abre a aba e liga, percebo que não quero a câmera. Não quero que o Abel grave. Quero que ele olhe para mim, fique *comigo* no momento.

No segundo seguinte, ele empurra para dentro de mim mais uma vez e minhas costas arqueiam, fazendo meus protestos se dissolverem em minha

língua. A invasão é tão profunda, mais profunda do que era antes, e minhas palmas escorregam e tropeçam no colchão. Mas o Abel me impede de cair.

É apenas um pequeno alívio porque ele começa seu ritmo novamente, enquanto olha para a tela, em vez de me olhar em carne e osso.

Olhe para mim.

— Abel, pare. Sem a câmera — protesto, minhas palavras tropeçando como a bêbada que sou.

Eu não quero isso. Quero que a gente vire para que o Abel esteja sobre mim como antes, olhando nos meus olhos, me dizendo o quanto ele me ama com o olhar dele.

Quero meu marido, não uma fantasia.

— O quê? — ele ri, o som enferrujado e com tesão. — Bebê, você não tem ideia de como está agora. Você está deslumbrante, Pixie. Fora deste mundo. Você ama a câmera. Olhe para a maneira como você está se movendo. Você está amando.

Não.

Eu não estou.

E percebo alguma coisa. Algo importante. Eu nunca gozei antes de olhar para ele. Não consigo. Sou incapaz. Preciso virar a cabeça ou ter um vislumbre dele para gozar. É uma coisa minha.

Abel enfia o polegar na boca, molhando-o. Esse movimento me pega sempre. Tipo, quão sexy é isso? Eu gemo, mordendo meu lábio e depois mastigo porque ele desliza o polegar molhado dentro da minha bunda. Eu tremo com a penetração, tremo e arrepio como uma folha quando o prazer ativa bobinas dentro de mim. Ele brincar com a minha bunda sempre me deixa com tesão.

— Porra, Pixie. A câmera te deixa tão gostosa — grita.

Ele me elogia. Ele diz que eu pareço incrível assim, fui feita para isso, feita para a câmera. E então ele geme, mordendo o lábio, fascinado pela eu na tela. Sua mordida nos lábios me faz voar e eu estilhaço. Meu orgasmo me reivindica e eu fecho os olhos quando gozo, espasmódica. Meu clímax dispara o dele, que goza dentro de mim com um rugido.

Assim que termina, ele desaba e me abraça por trás, suspirando contente. Mas meus olhos estão bem abertos. Meu sono e confusão induzidos pela cerveja se foram.

Para mim, a questão nunca foi a câmera.

Sim, é sexy e me excita, mas só porque é ele segurando ou ele ficando excitado quando a luz vermelha acende.

É você, Abel. Sempre foi você.

Abraço seu braço e coloco um beijo suave na superfície com pelos enquanto uma lágrima serpenteia e cai sobre ele. Ele estremece, mas não

acorda. Não estou quebrando minha promessa por chorar porque minhas lágrimas não são pela minha casa na árvore queimada ou por meus pais. Estou chorando por ele, por causa dele, por causa de uma coisa que eu nem sabia que estava perdendo.

Meu Abel.

Em algum lugar ao longo do caminho, a câmera se tornou uma terceira pessoa em nosso casamento. Talvez tenha acontecido quando ele a trouxe para casa, não sei. Mas, para mim, sempre foi apenas uma fantasia, uma forma de terapia.



Até essa noite, eu não tinha percebido que, de alguma forma, para meu marido isso se tornou uma realidade.

Estou tentando me lembrar da última vez que o Abel olhou para mim enquanto fazíamos sexo.

Acho que foi um dia antes de nossa filmagem ser marcada e estávamos descansando no colchão, nus, é claro. Eu estava coberta pelo corpo dele, enquanto eu dizia:

— Você ainda está duro.

— Eu te disse. É uma doença. Sou um homem doente.

Sorrindo, beijei-o docemente.

— Você tem certeza de que está doente para mim? Talvez sejam as maçãs. — Durante aquele dia todo tivemos sexo, Toblerones e maçãs. — Eu juro que você é tipo Adão.

Ele segurou meu cabelo emaranhado.

— Quem é Adão?

— Adão. De Adão e Eva. Eles foram expulsos do jardim porque ele foi burro o suficiente para comer a maçã.

Soltando meu cabelo, ele colocou os dois braços atrás da cabeça e riu, parecendo um rei.

— É, não. Acho que foi a Eva. Ela o tentou.

— Ah, por favor, foi o Adão. Ele comeu a maçã porque era sua fruta favorita, e Eva tentou impedi-lo, mas ele não ouviu.

— Um casal monstros famintos. — Ele balançou a cabeça.

— Ou um casal de amantes famintos. Luxúria é trabalho faminto, sabe. Já estou com vontade de uma maçã.

— E você nem gosta de fruta.

— Não.

Então ele me rolou de costas e fez amor comigo, enquanto olhava nos meus olhos.

Agora, eu o vejo jogar a cabeça para trás e rir. Ele está conversando com Nick, marido de Blu, tomando cerveja no balcão do bar. Estamos em sua festa de despedida, em seu apartamento estilo loft na vila. Eles partem para Los Angeles amanhã e esta é a última vez que os veremos por muito tempo.

Vou sentir falta deles. Blu se tornou uma grande amiga, uma guia, de verdade. Nas últimas semanas, passamos muito tempo juntas. Fizemos compras, fomos ao cinema e jantares. Às vezes saímos nós quatro, quando consigo convencer o Abel a ser social. Embora ele goste de Nick, então não é uma algo tão difícil. Além disso, se eu for, ele vai também. Isso me faz sentir muito madura, sair com outro casal.

— Deus, vocês dois são tão fofos. — Blu ri ao meu lado.

— O quê? — Desvio o olhar de Abel, cuja gargalhada se resumiu a uma risada lenta. Eu gostaria que ele estivesse mais perto para que eu pudesse ouvi-la. Eu gostaria que ele estivesse mais perto para que eu pudesse olhar em seus olhos castanhos. Olhos que me lembram xarope doce de bordo.

— Você não consegue tirar os olhos dele e ele não consegue tirar os olhos de você. — Ela bebe sua bebida rosa. — É fofo.

Faz meu coração mergulhar no estômago, pesado e quebrado.

Sinto que posso chorar e chorar, e ainda não me sentiria melhor. Eu menti para o Abel e disse que era a minha menstruação, e ele sabe que não deve me incomodar quando estou assim. Ele sabe que deve ir à uma loja, me comprar o máximo de chocolate possível e se sentar tranquilamente ao meu lado para que eu possa usá-lo como travesseiro. Então, ele faz exatamente isso. Embora eu tenha recusado os serviços de travesseiro e dito a ele que eu estava me sentindo mal-humorada e ele precisava sair do quarto. Ele ficou no corredor, aquele idiota.

Deus, eu o amo. Ele é o meu tudo. Ele é o meu mundo. Mas não sou mais suficiente para ele?

Normalmente, eu aceno com comentários como esse e sorrio, mas hoje não consigo. Eu fico patética e pergunto:

— Você acha?

— Sim. Aquele cara é louco por você, você sabe disso, certo?
Tomando um gole de água, eu aceno.

— Com certeza. Sei, sim.

Nunca mais vou beber depois da ressaca que acordei, sentindo a morte. Ainda sinto a morte. É só por outro motivo.

As pessoas estão se misturando, entrando e saindo da minha visão, mas tudo o que me importa é o homem de cabelos dourados do outro lado da sala. Quero que ele se vire e olhe para mim, mas ele não olhou. Ainda não. Ah, ele sabe onde eu estou, mas está ocupado conversando com Nick.

Ao meu lado, Blu abaixa a bebida sem tomar um gole e me analisa.

— O que está acontecendo?

— Nada.

Virando-se para me encarar completamente, Blu me dá um de seus olhares famosos; Nick chama isso de olhar de terapeuta e eu concordo.

— Fala. Eu não estarei aqui por muito mais tempo, então esta é a sua chance de obter toda a sabedoria.

Suspirando, engulo mais água.

— Só que eu amo tanto ele, sabe? Não consigo imaginar minha vida sem ele. Mas eu... — Suspiro, piscando os olhos para conter as lágrimas. — Acho que ele não sente o mesmo.

— Perdão, o quê?

— Esquece.

Parece impossível, até para os meus próprios ouvidos. É impossível. Ele é louco por mim e eu sou louca por ele. Mas ainda assim...

— Não. Não. — Ela coloca uma mão reconfortante no meu ombro. — Fale o que está acontecendo. O que... O que te fez pensar isso?

Agarro o copo com força e olho para a água. Levo alguns minutos para reunir minha coragem, mas eu faço.

— Não consigo mais fazer isso — sussurro.

— Fazer o quê?

— Os vídeos. Eu não consigo mais fazer os vídeos.

É isso. Eu disse isso.

Não consigo ir a esse estúdio. Porque está manchado de raiva, ódio e rebeldia inútil. Não nos deixa seguir em frente. Não vai deixar a gente ser feliz, viver o momento.

— Então, não faça.

Meus olhos lacrimejam novamente e nem piscar consegue fazer o truque.

— Nós... Não sei, tomamos essa decisão juntos e sinto que estaria traindo-o de alguma forma se eu desistisse. Acho que ele precisa disso

demais. Eu...

— Não, amor. Ele não precisa disso. Ele precisa de você — diz ela como se fosse tão óbvio. — Esse homem aí é louco pra caralho por você.

— Mas já ele se machucou muito. Tipo, de um jeito que eu nem consigo imaginar, e não posso tirar a única coisa que dá alívio para ele.

Blu sabe o que aconteceu conosco e por que fugimos. Isso, ao mesmo tempo, me surpreende e me faz sentir melhor ao ouvir sua solução.

— Me ouça, tá? Isto é um casamento. Tem uma coisa chamada acordos. Comunicação. Se há um problema, você fala sobre ele. Você encontra uma solução. Você não sufoca e é infeliz. Essa é uma maneira infalível de acabar com seu casamento. — Ela olha para o marido. — Quando Nick e eu começamos a sair, ele era muito doidinho. Ele me ligava várias vezes ao dia. Eu ficava tipo, cara, só relaxa. Sou a favor do amor e do que for, mas também gosto do meu espaço. Então, nós chegamos a um acordo. Tudo bem sentir isso, confie em mim.

Aperto o nariz, quase rindo.

— Nick ligava para você várias vezes ao dia? — Eu coloco os olhos no grandão, todo tatuado e feroz. Ele não parece alguém propenso a mostrar emoções ou mesmo dizer muito *eu te amo*.

Mas, ele é um cara legal. Ele testemunhou Abel e eu em nosso momento mais vulnerável, então nossa relação deveria ser estranha. Mas não é. Ele é fácil de conversar, conviver, exatamente como Blu. Sem contar que ele é fotógrafo, então ele e o Abel têm muito o que conversar.

Embora Abel não tenha desenhado ou usado a câmera para nada além de tirar fotos em filmagens há semanas. Assim como eu não escrevo há muito tempo.

Ele costuma ser tão particular em relação às poses. Ele quer controle. Ele me pedia para fazer uma pose, mas geralmente não gostava. Então, ele me estudava criticamente, passava os olhos por todo o meu corpo e reorganizava meus membros para sua satisfação. Sinto falta disso. Sinto falta de ser a musa dele. Sinto falta de vê-lo em seu espaço criativo.

A risada de Blu me traz de volta ao momento e a vejo observando o marido com carinho.

— Ele é um moleque muito grande. Ele tem alguns problemas de abandono. Do passado dele. Ele pensava que o mundo explodiria se não me visse todos os dias. O que é ótimo de se ter, de verdade. Mas isso meio que também atrapalha o crescimento da confiança, entende o que eu quero dizer? Então, demos passos de bebê. Ainda estamos dando. — Então ela se vira para mim. — Fale com o seu marido. Diga o que você quer. Diga a ele que você não quer fazer isso. E se ele ama demais isso, então encontrem um acordo.

Seu sorriso é gentil enquanto ela continua:

— Lembre que eu disse a você que algumas pessoas entram neste negócio porque estão tentando recuperar o que perderam. Elas estão com raiva demais. Bem, então não fique mais com raiva. Perdoe essas pessoas, deixe a raiva ir.

Não fique com raiva.

Perdoar e esquecer.

Sim, eu quero isso. Quero seguir em frente. Quero que *e/le* siga em frente.

Blu tem razão. Precisamos conversar. Não prometemos que nos falaríamos?

O Abel é meu melhor amigo. Mas ele não lê mentes. Então eu preciso dizer a ele, fazê-lo entender que nós temos uma escolha. Não precisamos mais sentir raiva. Podemos ser felizes.

Eu só quero ele e eu. Como antes.

Quero escrever nos meus diários, ter trabalhos péssimos e quero que ele me faça sua musa novamente. Sim, eu quero isso. Quero ser sua inspiração, a coisa que ele fica tão fascinado que não consegue evitar de pegar o lápis ou tirar fotos.

Quero *aqueles* Abel e Evie. O artista e a musa. Um menino e uma menina apaixonados. Com sonhos nos olhos e todo o universo no coração.

Quero dizer a ele que nossa casa na árvore se foi, mas está tudo bem. Ainda temos um ao outro. Sempre teremos um ao outro. Não quero me importar com as pessoas que não se importam conosco. Não mais. É exaustivo e desgastante. Derrota todo o propósito do nosso amor. A raiva suja sua pureza.

Ninguém importa além de nós.

Eu consigo fazer isso. Eu consigo muito fazer isso.

Mas primeiro preciso de um pouco de ar fresco. Não sei por que estou tão nervosa com isso, mas estou. Eu me desculpo com Blu e corto um caminho direto para a pequena varanda nos fundos. Graças a Deus, está vazia. Não quero companhia. Vou respirar um pouco, acalmar meu coração agitado e depois voltar e pedir para o Abel ir embora comigo. Depois vou beijá-lo e contar meu plano.

Vai ficar tudo bem.

Nesse momento, a porta se abre e o próprio homem em que eu estava pensando fica na soleira.

— Pixie.

Deus, sua voz. Ouvi isso há pouco tempo, quando viemos para a festa, mas parece que foi há muito tempo.

— Ei. — Sorrio para ele.

Não posso *deixar de* sorrir para ele. Pela primeira vez em semanas, as coisas estão claras. Minha mente não está nebulosa. Não estou sobrecarregada.

Eu sou verdadeiramente livre.

Ele se aproxima de mim.

— Você está se sentindo melhor?

Coloquei meus braços em volta de seus ombros.

— Sim.

— Foram os chocolates, né? Eles te acalmaram.

— Talvez. — Olho para ele, passo os dedos sobre seu belo rosto. A inclinação de sua mandíbula, suas maçãs do rosto altas, seu nariz forte. — Lembra quando você me disse que se eu não tivesse vindo para Nova York com você, você nunca conseguiria continuar?

— Sim.

— Eu nunca tive a chance de te dizer isso... — Respiro fundo. — Que eu também não teria conseguido. Eles estavam planejando me mandar para um acampamento no dia seguinte e... Eu já sabia que se acontecesse alguma coisa, se eu não pudesse ir com você, eu me mataria.

Fúria alinha sua expressão e antes que ele possa dizer qualquer coisa, eu subo e o beijo. Beijo-o com todo o amor e a dor no coração. Eu só falei isso para ele saber o quanto ele é importante para mim. Como ele é vital para a minha própria sobrevivência. Ele é importante demais para mim para vê-lo magoado e com raiva.

Não precisamos da câmera ou de qualquer outra coisa para nos sentirmos melhor. Tudo o que precisamos é um do outro.

Eu não quero perder nem um segundo antes de contar para ele, fazê-lo entender, então eu quebro o beijo e busco o ar. O Abel está agarrado na minha cintura como costuma fazer, e isso faz-me sorrir enquanto recupero o fôlego.

Em seguida, ele lambe a lateral do meu pescoço, me fazendo gemer. O desejo mexe dentro de mim, tanto desejo. Mas eu quero dizer a ele primeiro. Quero apagar essa fronteira entre ele e eu, e então teremos todo o tempo do mundo para isso.

— Abel...

Ele geme, chupando meu pescoço e levantando meu vestido. Meu núcleo pulsa e estou tão perto de ceder, mas preciso ser forte. Preciso que essa união seja sem nenhum mal-estar em meu coração.

— Abel, pare. Espera um segundo...

— Vamos lá, Pixie. Eu não me importo que você esteja sangrando. Eu só preciso estar dentro de você.

Ok, isso é nojento. Não digo a ele que não estou, de fato, sangrando, mas discutiremos isso mais tarde. Ele colocou meu vestido até a cintura agora, desnudando minha metade inferior, e eu agarrei seu pulso.

— Abel, pare. Agora não.

— Confie em mim, baby, eu posso sentir isso esta noite. — Ele murmura, balançando em mim, colocando beijos suaves na linha do meu ombro descendo até meu esterno exposto.

— Sentir o quê?

— Que essa noite é a noite. Eu vou te dar uma criança hoje à noite — Seu pau fica super duro, então. Ele pressiona meu estômago, como se pressionasse meu útero através das camadas de roupas, músculos e ossos. — Imagina o que vão falar disso, hein? Sua mãe vai perder a porra da cabeça dela.

De repente, há um rugido dentro dos meus ouvidos. Meu sangue está correndo em minhas veias muito rápido.

Imagina o que vão falar disso, hein? Sua mãe vai perder a porra da cabeça.

Esqueci.

Esqueci meus comprimidos. Não tomo há dias.

Como eu esqueci? Como isso aconteceu? Há quanto tempo estamos escorregando? Desmoronando. Sem ninguém para nos salvar.

Só caindo.

Oh Deus, eu vou vomitar. Vou vomitar porque sinto nos meus ossos: estou grávida. Eu consigo sentir isso. Eu *sei* como se eu soubesse meu próprio nome, que é Evie.

Não é Pixie, porra.

Abel está respirando alto, ofegante no meu pescoço, puxando o zíper de sua calça jeans para baixo com uma mão e com a outra, ele está segurando meu vestido em volta da minha cintura.

— Esta é a nossa vingança final, Pixie. É o nosso último *foda-se*.

De alguma forma, eu tenho energia mesmo quando minha cabeça está girando e eu o empurro. Eu não posso fazer isso.

— Pixie?

— Eu tenho que ir.

Eu ajeito meu vestido e tento me afastar dele, mas ele não deixa. Claro, ele não deixa. Claro, ele não me dá espaço. Ele nunca me dá espaço. Ele é tão grande e avassalador que não sobra espaço.

— Que porra, Pixie? O que está acontecendo?

— Eu quero que você me solte — eu digo, com os dentes juntos. Não quero brigar na frente do mundo inteiro.

Uma ruga se forma em sua testa. Há luxúria em seus olhos ainda. Mas está desaparecendo a cada momento, a cor marrom emergindo. A cor marrom linda que me faz esquecer de tudo, menos dele. Ele aperta a mandíbula e planta os pés largos. Uma demonstração de desafio e autoridade.

— Me fala o que está acontecendo.

Isso me deixa tão louca, estou tremendo. Minhas respirações são irregulares. Foda-se não brigar na frente do mundo inteiro. Empurrei o peito dele com a mão livre. Empurrei ele com força, quase gritando.

— Abel. Me deixa ir.

— Não até que você me diga que caralho está acontecendo.

— O que está acontecendo é que você acha que um bebê é uma piada. Você acha que me tomar é uma vingança. O que está acontecendo é que mesmo depois de eu te dizer *não*, mil vezes, você não para. Você perdeu o controle.

— Perdi o controle, hein, Pixie? — Ele zomba, seu aperto flexionando ao redor do meu pulso.

— Meu nome não é Pixie. É Evie.

Minha voz é alta. Super alto, e quando seu rosto se amassa e perde a dureza, sinto que alguém está apertando meu coração e eu não consigo respirar. Dando um passo para trás, ele solta minha mão.

Não, não, não. Não quero que ele recue. Eu não gosto dele assim.

Ele abre os braços, como se estivesse abraçando toda a cidade e ninguém, ao mesmo tempo.

— Bem, você está certa, *Pixie* — enfatiza meu nome e volto a ficar com raiva de novo. — Bem-vinda a porra do meu mundo. Um mundo sem controle. Desisti quando te vi naquele campo. Você tirou isso de mim. Roubou. Eu nem sabia o significado disso. Não entendi por que a porra meu coração estava batendo como se alguém o tivesse acelerado. Porque eu não conseguia tirar meus olhos de você. Eu não entendia nada além dessa necessidade compulsiva de te encontrar. De estar perto de você.

Seus braços caem para os lados e seus dedos formam um punho.

— Eu não me importava que sua mãe achasse que eu era uma merda. Eu não me importava que as pessoas não me olhassem nos olhos, que quase ninguém falasse comigo. Porque a única coisa que importava para mim era você. Não tive escolha a não ser aceitar o ódio. Eu não tive *escolha* a não ser morrer um pouco toda vez que te tiraram de mim, te prenderam, te trancaram para que eu não pudesse te ver. Eu não tinha controle sobre meus sentimentos. Nenhuma escolha a não ser queimar no seu amor.

— Então, se você quer falar sobre controle, Pixie? Vamos falar sobre como você assumiu meu controle, quando eu nem sabia seu nome. — Ele solta uma gargalhada e bate no peito com o punho. — Se você acha que eu não entendo o significado de *não*, então vamos falar sobre como todos os meus *nãos* desapareceram do meu vocabulário no segundo em que eu te vi. Como para você, eu aceitei tudo. Sofri tudo. Tudo o que sou foi pelo ralo. Vamos falar sobre isso.

Sua voz ecoa na noite, mais alta do que qualquer som da cidade lá embaixo, mais clara do que qualquer som que eu já tenha ouvido. Despedaça meu coração em um milhão de pedaços, transforma-o em pó e cinzas. Sei que vou lembrar do olhar no rosto dele, o tom de voz, até o dia em que eu morrer. Torturado, selvagem e zangado. Cheio de ódio.

Você consegue amar tanto alguém que acaba odiando-o? Um pensamento tão paradoxal, não é? Não faz sentido. Nada faz sentido agora.

Estou soluçando. Meus olhos fluem correntes e correntes de lágrimas pelas minhas bochechas e minhas pernas estão prontas para desistir. Estou tão tonta. Não consigo enxergar direito.

Durante semanas, eu o vi ficar bravo na frente da câmera. Pensei que toda a raiva dele estava direcionada aos meus pais, à cidade. Nunca pensei que pudesse ser direcionada a mim também.

Abel está distorcido entre minhas lágrimas. Ele parece um deus com um milhão de monstros presos dentro dele. Ou talvez ele sempre tenha sido um monstro que parece um deus. Porque só os monstros amam assim: louca e insanamente. Como se não houvesse amanhã. Como se o mundo estivesse acabando. Como se seu coração explodisse com todo o amor doloroso que sente dentro daquele minúsculo órgão.

Nós dois somos monstros, então.

Eu não sei o que dizer a ele, e acontece que eu não preciso, porque há pessoas ao meu redor. Toneladas de pessoas. Mas o Abel não desvia o olhar de mim. Nem por um segundo.

Braços macios me dão apoio para ficar em pé; é Blu. E Abel dispara:

— Solta ela. Não toque nela. Vou cuidar dela.

Eu balanço a cabeça.

— Preciso sair daqui. Preciso de espaço.

Isso o deixa louco. Isso faz com que o peito dele pese.

— Não, você não precisa de espaço. Você não vai embora. Não vou deixar você ir.

Ele dá um passo em minha direção, mas alguém o impede. É o Nick. Ele diz para o Abel me deixar ir. Mas Abel é teimoso.

— Ela não pode ir. Ela é minha esposa, ok? Vou levá-la para casa.

Sei que devo dizer alguma coisa. Devia dizer ao Abel para parar de lutar e me ouvir. Mas deixei Blu me puxar. Isso é mais fácil. Fugir é mais fácil do que ficar e enfrentá-lo. Ela já me levou para a porta da varanda e agora o Abel está se esforçando contra o Nick.

— Pixie, pare com isso. Volte. — Para Blu, ele diz: — Não a tire de mim. Não toque nela. Ela é minha.

Estou chorando calada, me odiando por ser fraca, odiando o Abel por parecer tão poderoso e tão vulnerável ao mesmo tempo. Isso é muito parecido com a noite do baile. Estamos até usando roupas parecidas: ele uma camiseta preta e calça branca, e eu um vestido preto. Acho que isso é outra coisa que eu não notei. Naquela noite em que minha mãe estava me arrastando para longe dele e ele estava gritando, eu não queria ir e agora, não posso ficar.

Blu está em silêncio ao meu lado enquanto me conduz pela multidão de espectadores. Não tenho força para olhar para eles e ver o que eles estão pensando. Meu coração está quebrando demais. Abel ainda está na varanda, mas posso ouvir suas palavras indignadas.

— Volta aqui, Pixie. Você é minha, você está me ouvindo? Você é minha, caralho, e se você pensar por um único segundo que você pode se afastar de mim, você está fora de si. Eu não vou deixar.

Coloquei uma mão trêmula na barriga e Blu percebeu. Seus olhos brilham em compreensão, mas eu balanço a cabeça.

— Não diga nada. Não conte para ele. Por favor.

Ela acena enquanto aperta meu ombro e continua andando.

— Não se preocupe. Seu segredo está seguro comigo.

Não sei dizer ao Abel. Não posso dizer a ele que seu desejo já se tornou realidade. Ele já teve sua vingança. Eu não posso fazer isso com meu bebê, um bebê que eu nem tenho certeza se estou carregando. Mas se eu estou, meu filho nunca suportará os pecados de seu pai. Não vou deixar isso acontecer.

Não vou deixar a raiva do Abel tocar nele.

Quando Blu está prestes a virar o corredor, eu paro. Fico olhando para o meu marido. Ele está sendo contido por dois homens, mas ele está basicamente saindo do controle deles, sua determinação de vir atrás de mim é muito forte. Ele está ofegante, rosnando, seus olhos são selvagens, seu cabelo está bagunçado. Ele é um homem e um animal agora. Um verdadeiro deus. Ele faz seu próprio caminho, suas próprias regras. Ele me ama com cada centímetro de seu coração selvagem. Eu também.

Eu digo *desculpa* sem som, como fiz na noite de baile há três meses.

Duramos pouco tempo em Nova York. De volta à nossa cidade, você não poderia ter nos separado, mesmo que sua vida dependesse disso.

Quando deixamos de ser duas crianças loucas apaixonadas para isso? Seja o que for.

Balançando a cabeça, me viro e me afasto.

No meu rastro, meu marido grita meu nome repetidamente. É barulhento, torturado. É um uivo. É o big bang.

E não posso deixar de pensar que talvez seja assim que os corações morrem e todas as histórias de amor terminam.



PARTE III A LENDA



Minha Pixie se foi.

Ela se afastou de mim, chorando, seu lindo rosto manchado e vermelho, os fios soltos de seu cabelo grudando em suas bochechas molhadas.

Já tive pesadelos com isso. Sobre acordar um dia e encontrá-la sumida porque eu não valho a pena. Não valho todos os problemas, os anos se escondendo, fugindo do único lugar que ela conheceu, sendo afastada de seus pais. Não valho tudo isso.

Tive pesadelos com ela finalmente percebendo que tudo o que seus pais têm dito o tempo todo, o que sua cidade tem dito, é verdade. Abel Adams é um monstro e não merece o amor da princesa da cidade. Uma deusa.

Mas foda-se isso. Ela é minha. Eu consegui ela e ela vai ficar comigo. Não vou deixá-la fugir.

Não importa o que Nick diga. Ela não precisa de espaço. Não de mim, do marido dela.

— Você precisa se acalmar, tá, cara? Foi uma briga grande. Vocês dois precisam de um tempo. Blu vai cuidar dela, então vamos te levar para casa para que você possa relaxar e esfriar a cabeça. — Ele bate nas minhas costas. — Tire a noite de folga e quando ela voltar de manhã, vocês podem conversar.

Eles ficam comigo a noite toda, Nick e Ethan. Eles pegaram meu telefone para que eu não possa ligar para ela, não me deixaram sozinho por um único segundo. Esses cuzões. Eu os nocautearia, mas não adiantaria. Ethan se esquivaria e fugiria, e isso não afetaria Nick. Nada afeta esse cara.

Eu ando de um lado para o outro e rosno como na noite em que me trancaram naquela cidade. Naquela época pelo menos a dor me distraía de me afogar em pensamentos sobre a Pixie. Esta noite, não tenho esse luxo. Fico vendo o rosto dela quando ela disse que eu tinha perdido todo o controle. Bem, sim, caralho, eu perdi o controle. Eu não tenho controle sobre minhas ações, sobre mim mesmo desde que a vi.

Não entendo como tudo aconteceu. Em um segundo ela estava me beijando e no outro, ela queria que eu fosse embora. Não é uma escolha dela. Ela é minha esposa. Ela se casou comigo e está presa comigo por toda a vida. Mesmo que ela não fosse casada comigo, eu ainda assim não a deixaria fugir de mim.

Em algum momento da noite, eu cometi o erro de me ausentar. Acordo ofegante porque vejo Pixie me deixando para voltar para seus pais. Não tenho esse tipo de reação há anos. Como se alguém estivesse estrangulando minha garganta, pressionando minha traqueia, me impedindo de respirar.

Abel significa fôlego, minha mãe costumava me dizer quando eu era criança.

Quando eles morreram, eu não consegui respirar direito por dias. Não até que eu vi Pixie e todos os meus pensamentos se tornaram dela. Meus pesadelos foram embora e sonhei com seu vestido rosa e seus cabelos voadores e dedos do pé sujos. Eu me perguntava se havia uma maneira de tocá-la. Se eu poderia descobrir se ela era real ou algo que eu inventei na minha cabeça por tristeza e solidão.

Ela era real, porém. Tão real e bonita, sentada no banco da igreja, debaixo da janela, conversando com a amiga. Sua voz era doce. Como açúcar ou algo assim. Eu queria mergulhar meu dedo e colocá-lo na boca para provar.

Meio dormindo, procuro por Pixie no apartamento — não que seja um lugar enorme —, mas está vazio. Cadê ela? Nick já foi para o aeroporto porque Blu e ele estão indo para LA. Pixie já deveria estar de volta. Obviamente, ela não pode ficar na casa deles.

Ethan acordou com meus passos altos e eu lanço um olhar raivoso. Em troca, ele me joga meu telefone. Bom menino. Enquanto ando pela sala, disco o número de Pixie, mas ele vai direto para a caixa postal, me fazendo rosnar.

— Pixie, atenda o telefone. Onde caralhos você está? Você tem ideia de como estou preocupado? Você está me deixando louco pra porra agora — Eu belisco a ponte do meu nariz. — É só pegar o telefone, tudo bem? Você não pode me afastar. Você não pode me deixar assim. Eu...

Faço uma pausa em frente ao espelho. O alto junto à porta. Pixie cora toda vez que passamos por ela. Toda vez que eu a beijo na frente dela ou a faço olhar para nossos reflexos juntos, ela abaixa a cabeça e cotovela meu peito. *Abel, você é um sem-vergonha.* Não importa que ela ame tanto quanto eu, que isso a deixe excitada em dois segundos, ela finge estar indignada.

Um aperto se intensifica em torno do meu coração, da minha garganta e minha respiração fica irregular. Tenho que fechar os olhos e cerrar um punho no peito para respirar direito.

O telefone ainda está pressionado no meu ouvido e eu continuo:

— Sinto muito, ok? Sinto muito por tudo o que fiz, por tudo o que disse, mas você precisa falar comigo. Você precisa pegar seu telefone. Eu te dei o seu espaço. Você teve uma noite inteira. Agora você tem que falar comigo. Tipo, porra, agora, tudo bem? Estou indo te buscar. Você não pode ficar na Blu para sempre. Estou chegando, e Pixie? — Eu respiro. — Fique aí. Eu não posso te perder de novo.

Não quero encerrar a chamada, mas faço. Quero me manter conectado a ela como puder, mas preciso correr agora. Preciso ir buscá-la na casa de Nick e Blu. Chega dessa merda de espaço.

Mas antes que eu possa sair, meus olhos ficam presos no espelho, no meu reflexo, novamente. Meus olhos estão vermelhos, cansado por falta de descanso. Pixie diz que meus olhos a lembram de xarope de bordo e que toda vez que a olho ela fica com fome de panquecas de chocolate. Não sei se é um elogio ou o que eu faço com ela com fome de comida, mas vou aceitar.

Ela adora brincar com meu cabelo, diz que é a coisa mais macia que já tocou. Os fios estão espetados agora, como se ela tivesse acabado de passar os dedos por eles. Minha camisa também está amassada. Ela odeia preto, mas eu uso porque sei que isso a deixa excitada.

Abel, você precisa de cor na sua vida.

Eu tenho você para isso. Toda bonita e rosa.

O centro da minha garganta aparece através do pescoço da camisa; ela adora enfiar o nariz lá. As veias dos meus braços se destacam grossas e tensas; ela adora traçar caminhos ao longo deles. Ela adora comparar nossas palmas, suas pequenas com as minhas longas.

A cruz prateada que ela continua chupando fica no meio do meu peito pesado. Houve um tempo em que esse colar me lembrava minha mãe, seu riso suave e sua voz doce, mas agora tudo o que consigo pensar são os lábios perfeitos de Pixie acariciando as bordas dele, seus dentes mordendo enquanto eu entrava nela.

Ela adora me usar como travesseiro enquanto dorme, embora fale que eu a aqueço demais e tente se afastar. Mas não a deixo ir muito longe. Eu a arrasto de volta. No inverno, quando costumávamos passar um tempo em sua casa na árvore, ela se abraçava a mim por causa do calor do meu corpo. Ainda não é inverno em Nova York, mas ela vai precisar de mim para aquecê-la.

Tudo o que eu sou, cada parte do meu corpo, é deliberadamente, cuidadosamente projetado para ela. Talvez, antes de morrer, aquela porra de deus dela tenha feito uma coisa certa. Ele me criou para ela e a moldou para mim.

Onde caralhos deu tudo errado?

Você perdeu o controle.



Ela não está no apartamento deles.

Ontem à noite, ela foi a um café com Blu e ficou lá por algumas horas, antes de voltar para o apartamento com ela e passar a noite lá. Mas, de manhã, ela foi embora. Não para o nosso apartamento, mas para outro lugar.

— Ela foi embora? Você a deixou ir, caralho — grito para Blu, que parece calma, como se estivesse tudo bem. Como se aos poucos, de minuto em minuto, eu não estivesse perdendo o controle da realidade.

— Eu não sou a guardiã dela. Ela queria ir embora, então eu a deixei ir. Ela não é criança, Abel. Ela está autorizada a ir a lugares.

Eu rosno:

— Você está fora de si? Ela se perde. Ela não tem nenhum senso de direção. Ela nem tem dinheiro.

— Eu dei um pouco a ela. — Ela suspira. — Olha, antes de ela sair ela me pediu para falar que vai te ligar. Que você não deve procurá-la. Ela virá até você quando estiver pronta. Ah, e ela também disse que consegue se cuidar. Você tem que confiar nela.

Eu empurro meus dedos através do meu cabelo.

— Eu tenho que confiar nela?

— Sim.

— Isso é ótimo. É fantástico. Eu tenho que confiar nela. — Eu aceno, o tempo todo querendo socar alguma coisa. — Ela me deixou. Ela não atende minhas ligações e eu estou conversando com estranhos para saber onde ela está. E eu tenho que confiar nela.

Colocando as mãos nos quadris, olho para o teto do apartamento dela — o apartamento que verifiquei todos os cantos e recantos sob o olhar de Nick — enquanto solto uma risada. Isso tensiona os tendões da minha garganta, me fazendo sentir que não consigo respirar. Outra vez.

Blu me observa com olhos gentis.

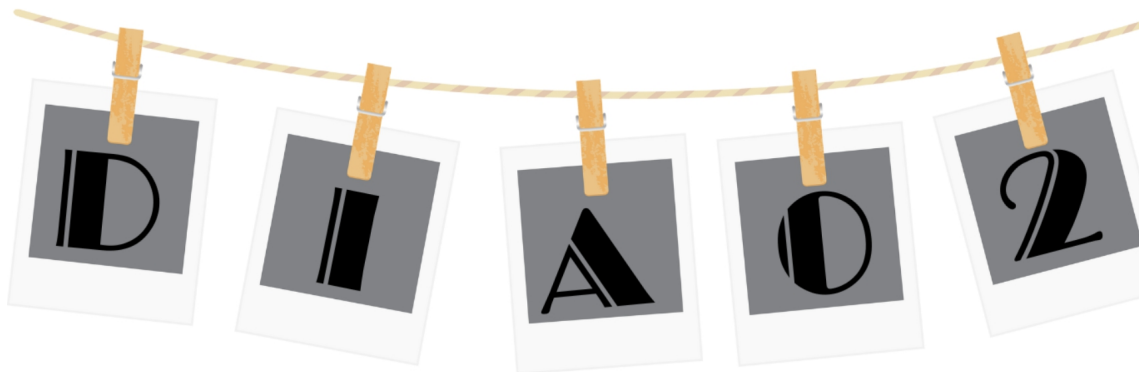
— Não cabe a mim dizer nada, mas ela te ama. Ela te ama muito. Mais do que você pode imaginar, talvez. Ela deixou tudo para você e ela nem liga porque você é tudo para ela. E tudo o que ela está pedindo em troca é que você dê um tempo para ela, ok? Tudo o que ela quer de você é um pouco de confiança, e talvez um pouco de paciência também.

— O que ela disse para você?

— Acabei de te dizer.

Quero quebrar alguma coisa. Acho que talvez eu quebre a porta de correr que leva àquela porra de varanda. A varanda onde tudo deu errado, onde ela me deixou como se eu não importasse para ela. Como se toda a merda que passamos não importasse. Ela ignorou meus gritos, meus gritos enquanto eu estava sendo segurado como um animal raivoso.

— Ela me ama, hein? — Blu assente. — Então por que ela não está aqui falando comigo? Por que ela me deixou?



— Talvez você devesse perguntar isso a si mesmo.

Não a vejo há quarenta e oito horas.

Não a vi. Não falei com ela. Não sei onde ela está. Não sei se ela está bem. Não sei se ela está perdida, em apuros, se precisa de mim. Já liguei para ela umas cem vezes, mas ela não atendeu nenhuma vez.

Isso me lembra a noite em que meus pais morreram. Eu estava no Ethan e só voltei de madrugada. Quando entrei pela porta, soube que algo estava errado. O silêncio era muito grosso. Meu pai era dormia barulhento. Ele se mexia e virava e sim, às vezes roncava. Minha mãe odiava aquilo. Ela sempre dizia que ele precisava ir ao médico por causa do problema do ronco ou ela não dormiria mais ao lado dele. Ele nunca foi e ela nunca dormiu longe dele.

Meu telefone morreu, então tive que caçar meu carregador antes de poder fazer qualquer ligação. Não foi uma tarefa fácil, isso. Pixie me chama de desleixado por um motivo. Por fim, encontrei enterrado sob minha roupa suja que estava embaixo da minha cama. Assim que liguei meu telefone, ele

explodiu com mensagens e mensagens de voz. Tive medo de abrir qualquer uma delas. De alguma forma, eu sabia que seriam más notícia. As piores de todas.

Eu procurei em todos os lugares por Pixie, todos os lugares em que eu pude pensar. O restaurante em que ela trabalhava. A cafeteria ao lado do apartamento que ela diz ter os melhores biscoitos de chocolate. Jury's ainda é melhor. As estações de metrô próximas, como se ela estivesse parada naqueles lugares fedorentos, apenas esperando que eu a encontrasse.

Como um maníaco, mostro sua foto para pessoas aleatórias, perguntando se alguém a viu. A maioria deles me olha como se eu fosse louco e siga em frente. Alguns dão uma boa olhada em seu rosto sorridente, ponderam um pouco, dizem não e depois seguem em frente. Outros nem me dão um olhar.

Eu entro em uma briga com uma dessas pessoas. Eu empurro ele e ele me empurra de volta. A gente xinga um ao outro. Ele é um bêbado e eu pareço ser o mesmo. Uma multidão se reúne ao nosso redor, como se minha vida fosse um show para ser desfrutado.

Idiotas.

Eu me afasto da briga. Encontrar Pixie é mais importante. Mas depois de andar por horas, minhas pernas desistem e eu tropeço na calçada, do lado de fora de uma lavanderia. Eu tento ficar em pé, mas é como se todo o meu corpo tivesse desistido.

Seu corpo é como um reino ou algo assim.

Isso é porque faço escolhas inteligentes sobre o que coloco dentro dele.

Ela riu. *Talvez eu precise fazer escolhas inteligentes também. Você sabe, sobre o que eu coloco dentro do meu corpo.*

Sento-me encostado a parede de tijolos, a foto dela nas mãos e o ar cheirando a detergente, fazendo-me perceber o quão sujo e suado eu estou. Perco a última batalha com meu corpo e uma grossa lágrima serpenteia pela minha bochecha pulsante.

Meus dedos se enrolam e eu esmago a foto dela. Eu a odeio por fazer isso comigo. Eu a odeio por me deixar como meus pais me deixaram. Eu jogo a fotografia esmagada e ela bate na lixeira antes de cair no chão.

Um minuto depois, rastejo até ela, pego e aliso o papel enrugado, pressionando-o no peito.



— Oh meu Deus, você perdeu minha melhor amiga —, grita Sky em meu ouvido. — Seu imbecil do caralho. O que você fez?

Quando meu telefone tocou há um minuto, eu pulei para atender, pensando que era Pixie. Não era. Era a melhor amiga, uma verdadeira

ameaça.

— Você falou com ela? — Sento no colchão do nosso quarto.

Mas não me lembro de ter desmaiado sobre ele. Só me lembro de Ethan vir me buscar na frente da lavanderia e me levar para casa. Percebo que não agradeço ao cara com frequência. Ele me deu uma casa, um emprego. Ele mentiu por mim e eu não mostrei a ele meu apreço.

— Sim. Ela me ligou e ficou chorando. O que você fez com ela?

Um sopro sai de mim. É enorme. É uma rajada de vento. Jesus Cristo, ela está bem. Ela não... se foi. Mesmo agora, não consigo pensar na palavra feia: morte.

— Onde ela está? Ela está bem?

— Bem, se você chamar soluçar como um bebê de bem, então sim, ela está fabulosa. E não faço ideia de onde ela está. Ela não me disse. Ela também me disse para não ligar para você, mas eu estou fazendo isso mesmo assim porque estou muito brava com você — dispara. — Então, que porra você fez? Você disse algo a ela sobre a casa na árvore? Porque se você fez, eu vou até aí e chutar sua bunda.

Quero distanciar o telefone alguns centímetros e fazer careta com sua voz alta, mas agarro-o com mais força depois de suas palavras.

— O que sobre a casa da árvore?

Ela fica em silêncio por alguns segundos antes de continuar:

— Você não sabe?

Estou completamente acordado agora. Meu corpo está pra caralho, mas vou sobreviver.

— Eu não sei o que?

Suspirando, ela me diz:

— O pai dela. Ele queimou a casa da árvore. Ele encontrou mais fotos de você e dela e no dia em que vocês fugiram, ele incendiou tudo. Eles fizeram um velório para ela, Abel, dizendo a todos que ela estava morta para eles. Eu não queria dizer a ela, mas puta que pariu, Jesus Cristo, ela é teimosa e eu pensei que vocês estavam felizes e que vocês, sei lá, iam foder com raiva ou algo assim. Mas agora ela se foi. Meu Deus. Eu nunca deveria ter contado a ela. Eu sou uma idiota. Eu sou uma...

— Quando você disse isso a ela?

— Uh, não sei, há alguns dias. Olha, eu...

Eu desligo.

A Sky não é a pessoa com quem quero falar agora. Preciso encontrar a Pixie. Eu tenho que encontrar. Tenho que falar com ela, ouvir sua voz doce. Preciso discar o número dela, mas estou quase esmagando o telefone em minhas mãos. A qualquer segundo agora, ele vai quebrar, quebrar em

um milhão de pedaços. Vou transformá-lo em pó com minhas próprias mãos.

Eu deveria parar. O telefone é minha única esperança agora. Minha única esperança é que ela atenda minha ligação e fale comigo. Minha única esperança é que ela me deixe confortá-la.

Por que ela não me contou?

Talvez ela o fizesse. Na noite em que eu estava fora, ficando entediado sem Pixie, ela estava bebendo. Ela quase nunca bebe. Ela gosta de pensar que ama, que ama o sabor amargo, mas eu percebo suas caretas minúsculas. Me faz sorrir toda vez que ela age como se fosse durona.

Somos eu e você contra o mundo. Sei disso agora.

Jesus. Puta que pariu. Ela tentou me contar e eu estava ocupado fodendo com ela. Eu estava perdido em luxúria, na necessidade dela.

Eu realmente deveria parar agora. Não é realmente o telefone que eu quero destruir, são eles: a porra dos pais dela. Eles não têm ideia do que é a morte. Eles não têm *ideia* de como é quando alguém que você ama morre. Você não pode alcançá-los. Você não pode tocá-los. Você sabe em seu coração, em seus próprios ossos que eles não são mais. Eles não existem. Onde você viu seus rostos, seus sorrisos, há apenas um vazio. Você vê o caixão. Você vê seus olhos fechados. Você vê que o peito deles não está se movendo. Seu corpo está deitado inútil.

A morte é isso. É escura. Um vácuo, sem corpo, sem substância. Sem respiração.

Eu deveria discar o número dela e orar para Deus que ela atenda essa merda. Mas nunca aprendi a rezar. Minha mãe queria que eu aprendesse, mas eu sou como meu pai. Ele também nunca acreditou em Deus.

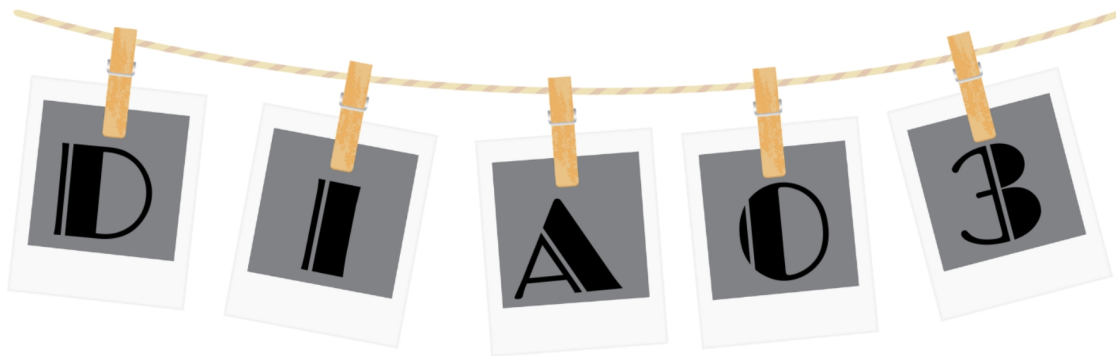
Talvez haja um Deus, Abel, mas eu não acredito nele. Só acredito em mim.

De alguma forma, eu desenrolo meus dedos e ligo para Pixie. Claro, ela não atende. Dói. Dói *pra caralho*, mas agora, eu preciso que ela saiba que eu estou aqui para ela. Então, deixo uma mensagem de voz.

— Pixie, bebê, sinto muito. Eu sinto muito. Sobre a casa na árvore. Sobre tudo. Eu não sou... Eu não sou bom com palavras como você. Prefiro te abraçar, beijar suas lágrimas. Eu prefiro te cobrir com meu corpo para que nada possa chegar até você. Mas acho que não posso fazer isso agora, hein — sussurro, com os olhos ardendo. — Eu odeio isso. Eu odeio o que eles fizeram. Odeio que isso esteja te machucando e eu não estou aí para te confortar como você merece. Mas, querida, você precisa falar comigo. Me dê uma chance de acertar. Eu vou fazer certo para você. Vou *queimá-los*,

porra. Vou queimar aquele lugar todo, se você quiser. Apenas volte, Pixie. Por favor, volte.

Pela primeira vez em quarenta e oito horas, me pergunto se estou falando com um vazio.



O toque do meu telefone me acorda.

Mais uma vez, não faço ideia de quando adormeci. Só sei que estou no nosso quarto, apoiado na parede, com o celular na mão.

E a tela diz que é Pixie.

Sentado em linha reta, bato um punho no peito, tentando fazer meus pulmões funcionarem, meu coração disparar e acertar o ritmo ao mesmo tempo.

— Pixie?

É um silêncio, mas posso ouvir a respiração. Isso facilita a minha respiração. Como se ela estivesse me dando vida.

— Diga alguma coisa — sussurro. Agora que estamos conectados, estou sem saber o que dizer a ela. Corro por todas as emoções que posso nos segundos que passam. Alívio, raiva, medo, amor.

— Sinto muito — diz ela. — Eu sei que te fiz se preocupar e não deveria ter ido embora sem falar com você primeiro.

— Sim. Mas não importa agora.

— Dormiu um pouco nos últimos dois dias?

Meus lábios se contraem em um pequeno sorriso.

— Não.

— Você tem me procurado por toda parte?

— O que você acha?

Ouço-a engolir.

— Eu quero que você pare.

— O quê?

— Não quero ser encontrada. Por você.

— O que isso quer dizer?

— Isso significa que você deve parar de me procurar.

Eu rio; não consigo evitar. Isso é engraçado. Porque se não é engraçado, então tem que ser a coisa mais cruel que eu já ouvi.

— Eles te encontraram, né? São seus pais. Eles finalmente te convenceram de que eu não sou bom o suficiente. Eles finalmente fizeram você me odiar.

— Não são... — Sua voz falha. — Não são meus pais, Abel. Não é ninguém. Ninguém me encontrou.

— Então por que caralhos você está tentando me machucar? — Eu grito e depois me arrependo. Eu não quis gritar com ela, não quando ela está falando comigo.

Não quero que o que aconteceu na casa de Nick e Blu se repita. Não quero brigar. Eu só quero abraçá-la. Quero esse privilégio de volta. Ela não pode tirar isso de mim agora, quando eu preciso disso para viver.

— Não estou tentando te machucar, Abel. Estou tentando te libertar. — Ela engole de novo.

Eu sei que ela está tentando piscar os olhos, tentando se livrar de suas lágrimas, e eu agarro o telefone com mais força. Jesus, eu não quero que ela chore. Toda vez que ela chora, é como se alguém estivesse cortando minha pele. Suas lágrimas são meu veneno. E ela estava soluçando naquela noite quando me deixou.

— Não chore. Por favor — imploro num sussurro.

Ela funga.

— Tá bom. Não estou. — Limpando a garganta, ela diz: — Você está com raiva, Abel. Você está tão bravo com eles.

— Queimaram sua casa na árvore. Óbvio que estou bravo com eles. Estou bravo com eles há muito tempo. Fiquei bravo com sua mãe por abusar de você. Fiquei bravo com seu pai por nunca ter impedido. Fiquei bravo porque dificultaram tudo para nós. Eles tornaram cada porra tão difícil para nós.

— Mas estamos aqui. A gente fugiu, lembra? Eu te escolhi. Você não precisa ficar bravo com ninguém. Nós não precisamos ficar bravos. Nem com meus pais, nem com a cidade. Nem mesmo com seus pais. Você não precisa fazer nada certo para mim. Eu não preciso disso de você.

Ah, então ela está recebendo todas as minhas mensagens de voz. Quero ter raiva dela, mas acho que perdi todas as forças. Talvez outro dia. Agora não.

— Você tem que parar de ficar com raiva. Tudo o que você faz é porque você está com muita raiva. Você aceitou esse trabalho no estúdio porque eles nos condenaram por isso. Criamos todas essas fantasias, fazemos vídeos porque estamos tentando provar algo. Eles não se importam, Abel. Ninguém se importa. E está tudo bem porque não importa.

Não precisamos provar nosso amor a ninguém. Não temos que nos rebelar. Ninguém mais nos mantém separados. Só estamos nos machucando. Essa raiva está nos comendo vivos.

Há desafio em cada átomo do meu ser. Como ela pode esquecer? Como ela pode esquecer o que eles fizeram? O que eles nos fizeram passaram.

— Você tem que parar de fugir, querido — ela sussurra depois de alguns segundos. — Ninguém está mais nos perseguindo. Nós dois temos que parar de fugir.

Querido.

Meu coração pula uma batida com isso. Minha mãe foi a única que me chamou de querido. Quando ela morreu, nunca pensei que voltaria a ouvir isso. A dor no meu peito cresce, ele grita alto pra caralho para Pixie estar aqui. Ela precisa estar aqui. Ela pertence a mim.

— Eu vou parar, se você voltar — eu digo. Vou falar qualquer coisa para ela voltar.

Ela ri. Falta-lhe, porém, o calor habitual.

— Não por mim, Abel. Faça isso por si mesmo. Faça isso porque é o que você quer. Não porque é o que eu quero.

— Eu vou. Eu...

— Estou devolvendo seu controle.

Lembro de cada palavra que falei naquela noite. Era tudo verdade, o que quer que eu dissesse. Já analisei essa merda umas cem vezes. Eu disse algo que a afastou? Fui muito duro? Foi por que eu não conseguia parar de gritar? É só porque às vezes meu amor por ela fica grande demais para ficar aqui dentro. Estoura, estronda e troveja forte pra caralho.

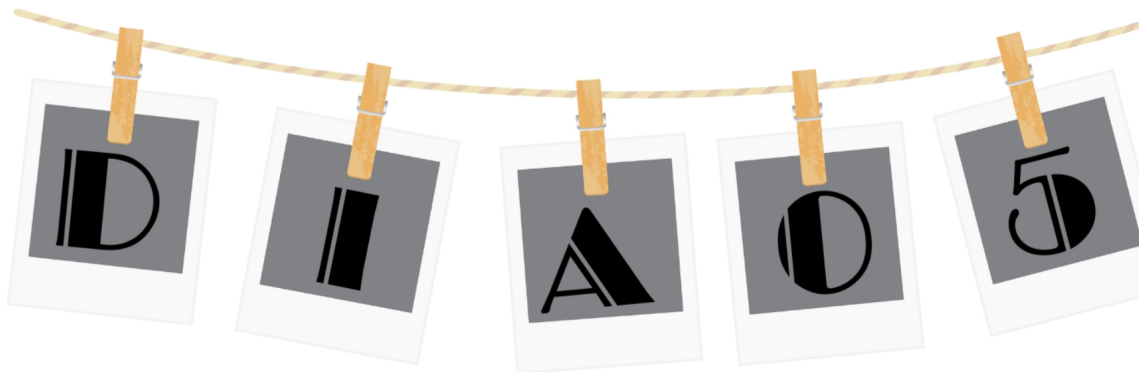
— Eu não quero, você me ouve? Não quero meu controle. Eu não quero meu coração. Eu só quero você. Eu... — Minha garganta está se fechando novamente, bloqueando todo o ar, e eu engoli. Um gole grande e duro. — Eu não sou nada sem você, Pixie.

— Veja, essa é a coisa. Talvez você devesse descobrir quem você é sem mim. E talvez eu precise fazer o mesmo, sabe. Precisamos descobrir quem somos sem o outro. Porque se não sabemos disso, então como podemos amar um ao outro?

Há uma sensação ruim no meu peito. Ruim pra caralho. O tipo que eu tive quando entrei na minha casa vazia há pouco mais de seis anos.

— Pixie, não. Não faça isso. Não me machuque assim.

Está ficando cada vez mais difícil respirar.



— Não estou. Não dá para escrever uma história com personagens que estão morrendo. Terminará antes do tempo. Quero que a nossa história viva. Estou salvando-a porque quero que viva para sempre — sussurra. — Adeus, Abel. Eu te amo. Não me procure. Não fuja. Ninguém está te perseguindo.

Tenho acordar, mas não consigo.

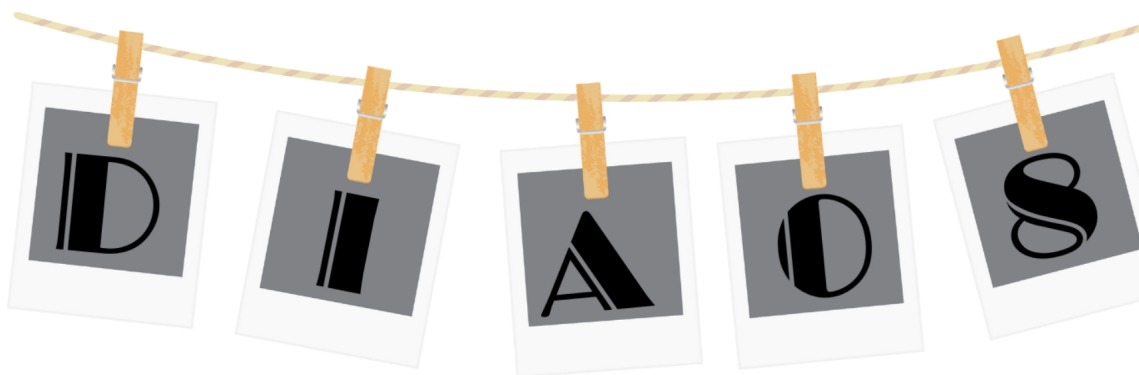
O sol está muito brilhante. Minha mente está muito confusa. Acho que bebi ontem à noite; não consigo ter certeza. Eu estou fedendo e quero vomitar, mas não tenho energia para isso. Cada músculo do meu corpo dói, então eu engulo a bile.

Ethan entra em nosso quarto, abrindo a porta com um grande baque. Gemendo, abro os olhos e vejo dois dele. Duas bocas, dois narizes, quatro olhos verdes. Ele diz que quer que eu coma alguma coisa. Ele diz que assim eu vou me matar.

— Ótimo — eu murmuro, depois o expulso. Não preciso de comida. Não preciso de ninguém.

Embora eu me lembre que eu preciso apreciar mais os esforços dele, então eu sussurro:

— Obrigado.



Acho que ele bufa.

Não durmo há dois dias.

Já liguei para a Pixie cerca de um milhão de vezes. Ela provavelmente está cansada de mim, mas eu não me importo. Também não me importo que ela tenha me dito para parar de procurá-la. Ela não está pensando direito. Não tem como eu parar de procurar.

De jeito nenhum.

Vou continuar procurando por ela até encontrá-la, e depois jogá-la por cima do meu ombro e prendê-la. Vou amarrá-la na cama e fodê-la e fodê-la até que ela esqueça tudo menos eu. Ou até eu colocar um bebê nela e ela não conseguir fugir de mim de novo.

Encontrei o diário dela.

Não acredito que nunca li. Eu a vejo escrever em seus diários há anos. Ela fica com uma ruga adorável no nariz quando está se concentrando e, às vezes, até diz as palavras em voz alta. Nada que eu possa entender, mas eu sempre ouvia como um zumbido.

Costumava me fazer agarrá-la e beijar todas as palavras de sua bela boca.

Faz muito tempo que não a toco, que não fico dentro dela. Vejo suas roupas, bem dobradas, quase não ocupando espaço no quarto, e tenho que parar e sentir o cheiro do tecido. Meu pau fica duro toda vez, achando que ela está perto. Que seu calor úmido está ao alcance. Mas não. Não vou nem bater uma. Não quero. Não quero nunca mais. Meu pau pertence à boceta dela e eu não vou parar até chegar lá.

Ela me chamaria de esquisito, mas eu não me importo. Não tenho medo de mostrar como me sinto. Como ela me faz sentir. Louco, fora de controle, obcecado.

Talvez esse seja o problema. Talvez eu a ame um pouco demais. Talvez eu a sufoque com meu amor, com minha obsessão.

Precisamos descobrir quem somos sem o outro. Porque se não sabemos disso, então como podemos amar um ao outro?

Quer dizer que ela não me ama? Ou pelo menos não me ama tanto quanto eu a amo? Porque se ela ama, como ela aguenta isso? Como ela pode aguentar ficar longe de mim? Isso não a tortura? Toda respiração que ela toma não arranha contra a garganta? Mesmo que não haja outra escolha a não ser respirar.

Sentado aqui no colchão sujo, no colchão onde eu a amei, fodi ela, a adorei um milhão de vezes, me pergunto se ela pensa em mim. Se ela se perguntar o que eu estou fazendo. Como estou vivendo sem ela. Onde durmo? *Eu* durmo?

Acho que ela sabe a resposta para isso, não é?

Estou tentando procurar pistas em seu diário, tentando ver se consigo encontrar algo que me leve até ela. Até agora, todos os verbetes são sobre

mim. Isso me deixa estranhamente feliz e satisfeito.

É do último ano dela, o ano em que mal podíamos nos ver por causa do que aconteceu comigo e com Duke há dois anos.

Na igreja de hoje, Abel parecia bravo. Ele não olhou para mim por muito tempo porque minha mãe impôs que eu fosse com Duke para o baile. Gah. Eu odeio tanto Duke Knight e amo tanto Abel Adams.

Eu o vi na cidade hoje. Sorrimos do outro lado da rua, mas então vi minha mãe saindo da lanchonete e tive que me afastar. Mas eu o vi cerrando os dentes. Poxa, eu quero abraçá-lo e dizer que vai ficar tudo bem.

Às vezes eu sinto que ele pode terminar comigo, sabe. É tão difícil estar nessa relação. Minha mãe é um falcão, cara. Ela não me deixa fazer nada.

Tenho notado que brigamos muito nos dias de hoje. Eu sei que ele está com raiva, mas por favor, Deus, deixe ele aguentar mais um pouco.

Ouçó a voz de Pixie na minha cabeça: Você está com tanta raiva, Abel. Você está tão bravo com eles.

Não é óbvio? Claro que estou bravo. Olha o que eles fizeram a gente passar. Mesmo agora, só de ler esses pedaços meu sangue ferve.

Depois do telefonema de Pixie, sonhei com meus pais, uma conversa que ouvi e que mudou minha vida. Não fui aos túmulos deles ou ao meu bairro desde que chegamos aqui. Acho que não consigo.

— Lia, você tem que parar, tá?

— Mas e se for verdade, hein? E se desta vez acontecer verdade?

— Não vai acontecer. Olhe o Abel. Ele está bem. Ele é o melhor garoto que conhecemos.

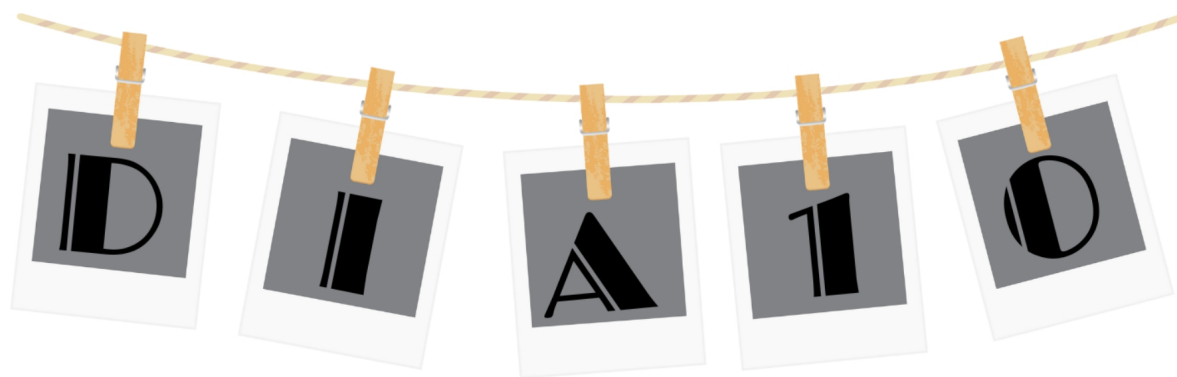
— Eu sei. Ele é perfeito, então precisamos parar enquanto estamos bem. O padre Knight disse que crianças assim, filhas de pais relacionados geneticamente, nascem erradas. E-Eu não posso condenar meu bebê a isso. Não posso... É muito difícil. Precisamos nos livrar disso. Não podemos desafiar o destino.

— Lia, querida. Me escuta, estamos aqui. Nesta cidade, tudo bem? Estamos fora de lá. Esqueça o que eles disseram. Esqueça tudo. Não precisamos mais ter medo. Não temos que fugir.

Estavam falando de um bebê, não é? Minha mãe devia estar grávida. Eu não tenho um irmão, então presumo que eles se livraram dele. Na época, eu só estava preocupado com quem era o Padre Knight e o que diabos pais relacionados geneticamente significava.

Naquela noite, descobri o motivo pelo qual meus pais não eram casados. Descobri quais eram seus verdadeiros nomes: David e Delilah. Eu os conhecia como Lia e Daniel. Mudaram de nome quando se mudaram para cá porque tinham medo.

Eles estavam fugindo.



Estou fazendo a mesma coisa? Estou fugindo? E se eu estou, como caralhos eu paro?

— Abel, acorda, idiota.

Esse é o Ethan. Ele está sendo um pé no saco.

— Que porra você quer? — Eu resmungo e me viro para deitar de costas. Porra, o sol está muito forte.

— Quero que você levante e vá trabalhar. — Ele olha em volta, fazendo caretas. E limpe esse lugar. Fede pra caralho. Você vomitou aqui dentro?

Minha cabeça dói, lateja enquanto me sento. As fotos de Pixie e seu diário, suas roupas, tudo está espalhado pelo quarto. Ela vai ficar brava quando vir.

Ela não está aqui, lembra? Então, eu consigo deixar tudo largado e ser um desleixado.

Eu rio da minha própria piada. Jesus, eu vou limpar tudo todos os dias da minha vida se ela decidir voltar.

— Incrível. Agora você é oficialmente um maluco do caralho. Rindo de nada. Mostro o dedo e ele ri, batendo palmas. — Temos uma filmagem. Vamos lá.

— Não vou.

— O quê?

— Eu me demito. Não quero ir para lá.

— Por que não? Você ama aquela merda.

— Não é divertido sem a Pixie. — Esfrego a mão no rosto e sento. Este lugar cheira a vômito. — Além disso, é chato.

— Pornô é *chato* — Ethan se espanta.

Me surpreende também. Eu não ia falar, mas saiu. Mas é verdade. É chato. Não há desafio. Tudo o que faço é tirar fotos aleatórias repetidamente, sem qualquer controle.

Passei muito do meu tempo colado ao computador naquela cidade, quando não podia estar onde queria: com Pixie. Imaginei muita coisa também, vendo casais na tela. Não tenho orgulho disso e nem tenho vergonha. Foi algo que fiz, como um milhão de outras pessoas.

Mas o armazém foi a minha primeira experiência vendo isso ao vivo e eu fiquei... fascinado. Fascinado pelo fato de que essas pessoas estavam em seu momento mais vulnerável, mas ainda de alguma forma no controle. Eles estavam se expondo, mas ainda eram poderosos. Se eles iam para o inferno, então eles iam com um estrondo. Eles iam em seus próprios termos. Ninguém lhes dizia como viver. Eles viviam à margem da sociedade, e isso não importava para eles. Eles tinham todo o poder.

No meu primeiro dia eu sabia que queria foder Pixie na frente da câmera. Era uma necessidade intensa, uma necessidade estranha. Como se eu estivesse incompleto sem isso. Nosso amor seria incompleto sem ela. Eu queria que todos vissem o quão loucamente, profundamente, irrevogavelmente eu sou apaixonado por essa garota. Como ela é minha e ninguém pode tirá-la de mim.

Eu queria me sentir poderoso, como um rei. Um homem que pegou uma deusa. Um homem com o mundo inteiro nas mãos.

Mas agora não posso voltar lá. Não há nada para mim lá sem Pixie. Até a minha raiva não tem sentido.

— Sim, é a mesma coisa repetidamente. Não posso mais fazer isso.
— Eu me levanto e o mundo se inclina. Porra. Eu bebi ontem à noite também? Não me lembro. Eu não estou com os sintomas habituais de ressaca.

— Para onde você vai?

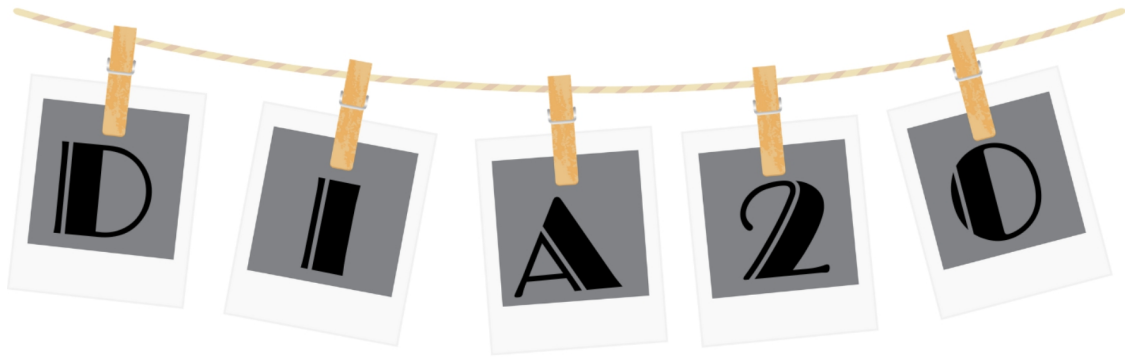
— Eu tenho que procurar a Pixie. Acho que vou procurar em alguns hotéis pela região. Cama e café da manhã, esse tipo de coisa. Blu deu dinheiro para que ela alugasse algum lugar.

Não faço ideia de porque não pensei nisso antes. Acho que eu estive muito bêbado, muito quebrado e sim, muito bravo. Mas não estou agora. Estou pensando claramente. Se eu disser a ela que pedi demissão, ela vai ver que eu não estou mais bravo. Ela vai voltar.

— E se você a encontrar, vai fazer o que?

— Então eu vou trazê-la de volta pra cá. O que mais, cara de pica?

— Pra cá. — Ele cruza os braços sobre o peito. — Nesse quarto. Ela vai ficar muito feliz de ver isso, né? Ela vai ficar tão feliz em saber que o marido é um merda perdedor que acabou de abandonar o emprego. Ah, e me corrija se eu estiver errado, mas você não prometeu a sua Pixie que você iria encontrar um novo lugar para morar? Sim, tenho certeza de que ela vai ficar emocionada com toda essa situação.



Agora tenho um novo emprego agora. Construção. Coloco telhados nas casas das pessoas o dia todo.

Não é um trabalho interessante, apenas algo para ganhar dinheiro e encontrar um novo lar para Pixie.

Ethan está certo. Preciso me organizar para quando ela voltar. Pedi outro favor a ele e disse especificamente que não nada relacionado a pornografia ou drogas. Ou armas. Ele me deu um soco – ele soca como uma garota – e me indicou para o meu trabalho atual, embora eu tenha pouca experiência com isso. Mas estou disposto a aprender.

Eu tenho uma rotina agora. Vou trabalhar de manhã, volto e procuro a Pixie. Ando pelas ruas, ando de metrô, pego ônibus. Eu procuro em hotéis, em qualquer lugar que Pixie poderia estar hospedada. Também vou a restaurantes, livrarias, qualquer lugar que ela possa ter conseguido um emprego. Ela está ficando aqui sozinha; o dinheiro de Blu só pode durar um certo tempo. Ela deve ter um emprego. Obviamente, esta cidade é enorme, então ela pode estar em qualquer lugar e eu posso estar procurando por ela no lugar errado.

Depois da minha busca diária, volto para casa e ligo para ela. Ela não atende, é claro, mas eu dou a ela uma atualização bem detalhada do meu dia como se eu tivesse a vida mais interessante de todas.

Liguei para ela e deixei uma mensagem dizendo que tinha conseguido um novo emprego. Que eu tinha terminado com o armazém. Achei que ela ia entender que eu não estava mais com raiva. Que eu estava fazendo um esforço, e ela retornaria minhas ligações. Mas não.

Apesar de tudo, tenho orgulho dela por se virar sozinha. Eu sempre soube que ela conseguiria. Sempre soube que ela conseguiria fazer o que quisesse. Talvez seja por isso que eu quis mantê-la perto, amarrada a mim para que ela não voasse para longe.

Ela voou de qualquer maneira.

Já pensei em contratar alguém, ir à polícia, qualquer coisa que pudesse me dar uma pista, mas não tenho dinheiro para isso e ela foi embora por vontade própria. Não há muito que alguém possa fazer. Eu perturbo muito a Sky também. Nunca pensei que diria isso porque aquela menina é a porra de uma psicopata. Pixie também não está atendendo as ligações dela.

— Muito obrigada, imbecil. Não falo com a minha amiga há muito tempo. Eu nunca deveria ter contado sobre a casa da árvore.

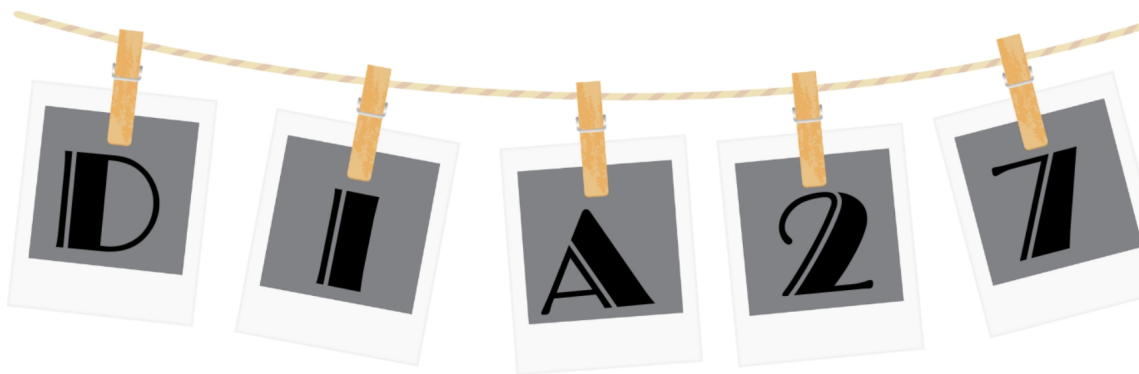
Quando estou cansado de toda a correria, vou aos lugares favoritos dela. Ela adora qualquer coisa com cores e multidões: Times Square, Union Square, Quinta Avenida. Ela também ama o Central Park. Ela adora tirar os sapatos e mergulhar os dedos dos pés na grama. Ou simplesmente deitar e olhar para o céu. Ela adora assistir as pessoas, diz que está colecionando histórias.

Estranhamente, não me lembro de ela ter escrito nada depois que nos mudamos para cá.

Ela até parou de ler quando era quase impossível afastá-la de um livro. Isso me deixa desconfortável. Me faz pensar que a culpa é minha. Por minha causa ela não escreve mais.

Foi por isso que ela fugiu? Porque a minha — nossa — raiva de alguma forma destruiu seu desejo de escrever?

Hoje à noite, eu ligo para ela e digo que ela é livre para fazer o que quiser.



— Pixie, você pode escrever quantas histórias quiser. Você nem precisa trabalhar. Vou pegar plantões extras. Eu vou... Vou trabalhar o dia todo, a noite toda para que você possa ser a melhor escritora que você puder. Volte. Por favor, volte. Vou fazer o que você quiser que eu faça.

Hoje é o sexto dia que venho ao parque — Central Park, o lugar favorito de Pixie na cidade.

Além disso, hoje, oficialmente trabalho com essa equipe de construção há uma semana. Eles me convidaram para beber, mas eu

recusei.

Eu preciso fazer algo para Pixie.

Eu disse a ela que faria qualquer coisa para ela voltar, qualquer coisa para ela ser a melhor escritora que ela puder, e estou cumprindo minha promessa.

Ou, pelo menos, tentando.

Depois de falar com a caixa postal dela, tive uma ideia. Um momento de lâmpada em cima da cabeça. E se eu colecionar histórias para ela? Da única forma que eu sei como.

Câmera.

Ela me disse uma vez que eu paro o tempo então vou parar o tempo para ela. Vou tirar fotos para ela. Das pessoas, dos prédios, das ruas, da grama, do céu, dos pássaros. Isso deve mostrar a ela que estou comprometido com isso. Que estou comprometido e que apoio ela.

Só que eu não consigo.

Não consegui tirar uma porra de foto e estou tentando há seis dias. Toda vez que pego minha câmera – aquela que ela comprou para mim com o dinheiro dos pais — eu congelo. Meus dedos não se movem. Me sinto enjoado, com falta de ar.

Me sinto sufocado.

O que caralhos isso quer dizer?

Sempre consegui trabalhar com a câmera. Na verdade, isso me salvou muitas e muitas vezes. Quando descobri sobre meus pais, eu queria desaparecer. Fiquei pensando em como tirávamos sarro de Jackson Campbell e sua paixão por sua prima bonitinha na escola. Como todos nós achávamos nojento. Que brega, mas com meus pais não foi diferente. Até seus nomes eram mentira.

Eu me afastei dos meus amigos depois disso. Só tinha minha câmera como companhia. Isso me fez sentir invisível. Como se eu não existisse. Ninguém percebe o cara atrás da lente e eu estava bem com isso.

Então, anos depois, quando me apaixonei por Pixie, mas não podia vê-la, minha câmera me salvou novamente. Eu tirava fotos dela. Lá fora, nos campos, ao redor da cidade, no quarto. Eu gemo toda vez que penso nisso. Meu pau não desce por horas. Porra. Ela é a visão mais bonita que meus olhos — qualquer olho — já viram. Bela, pura, irresistível. Sexy.

Comecei a desenhar ela, aqueles que ela viu na noite do baile quando nada mais funcionava para mim. Internet, revistas... nada me dava alívio. As coisas eram sem graça, então eu levei para a minha imaginação. Nunca pensei que ela me deixaria fotografá-la nua naquela noite. Não importa o que tenha acontecido depois, nunca vou me arrepender de ter tocado em sua beleza fugaz.

O que eu não daria para capturá-la novamente? Ela é a porra de um universo completo: cabelos amarelos como o sol; olhos azuis como o céu; pele brilhante e lisa como seda; formas e curvas acentuadas como vales.

Mas, por enquanto, só quero conseguir usar a câmera de novo sem vomitar. Quero colecionar histórias para ela.

Mas não acontece. Não funciona. Então, eu jogo no chão. De que adianta se eu não puder ajudar a Pixie? Mas jogá-la não é suficiente, então eu pisei nela, chutei repetidamente.

Porra de merda inútil.

Eu chuto, piso, estilhaço com os pés. Quero quebrá-la em um milhão de pedaços; talvez o pai dela estivesse certo quando ele fez o mesmo meses atrás. As pessoas ao meu redor me dão olhares estranhos, mas não é novidade.

Uma vez que a lente está rachada bem no meio, eu respiro.



De alguma forma, vem fácil, minha respiração.

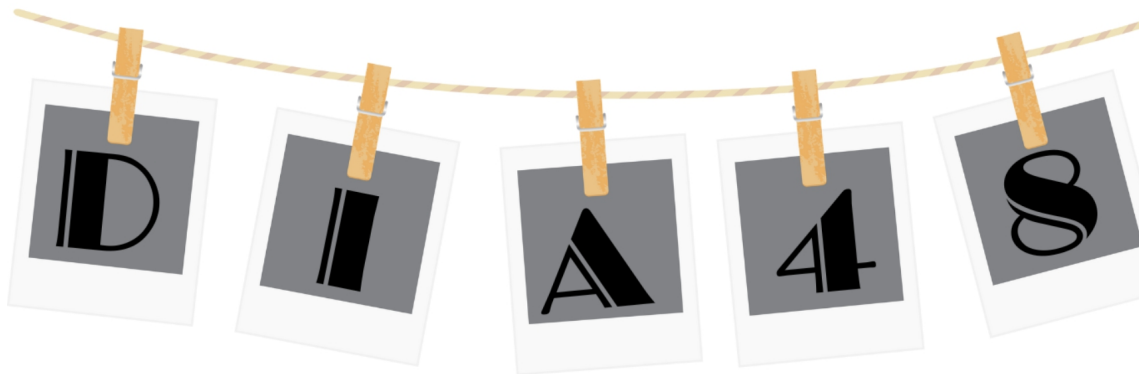
Hoje de manhã acordei com vontade de desenhar o rosto da Pixie.

Hoje de manhã acordei com vontade de desenhar o rosto da Pixie.

Faz muito tempo que não pego um lápis. Meus desenhos são desajeitados e cheios de erros. Sou muito melhor com uma câmera ou pelo menos acho que sim, mas ela se foi. Já foi faz dias.

Além disso, Pixie não está por perto, então eu preciso criá-la eu mesmo.

Gosto do peso do lápis nas mãos. Gosto da facilidade com que volto a desenhar.



Agora, eu preciso de algo fácil, então vou aproveitar.

— Ei, você não vai acreditar no que aconteceu comigo hoje. —
Eu dou risada no telefone, na ligação sempre silenciosa. — Um cara no trabalho, ele me viu desenhando e me disse que conhece alguém em uma galeria no centro da cidade. Eles fazem retratos e ele acha que pode me indicar. Talvez ele até comprem algumas das minhas coisas.

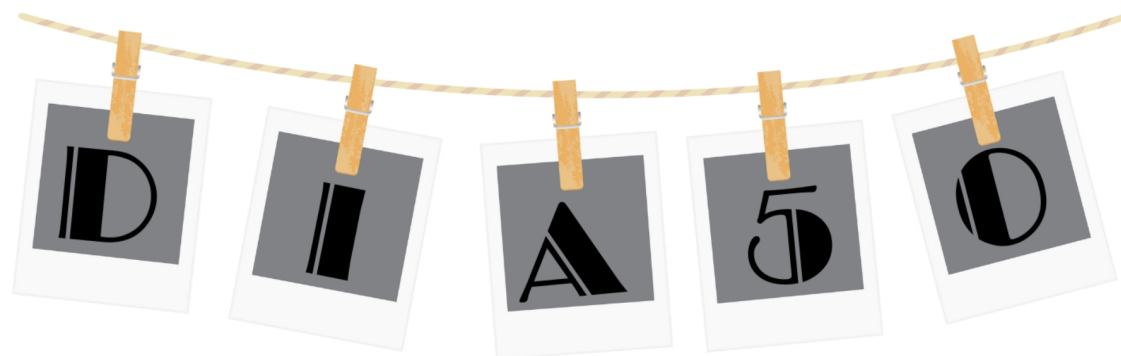
Eu rio de novo. É autoconsciente.

— Quer dizer, é uma loucura, né? Não sou profissional. Nunca quis ser, mas... — Eu suspiro. — E se eu puder ser? Eu sei que você diz que eu posso, mas... parece bom demais para ser verdade. E aí, o que acha, Pixie? Devo tentar?

Obviamente, não tenho nenhuma resposta.

Mas e se eu fizesse? E se ela atendesse na minha próxima tentativa? E se eles realmente expuserem minhas obras? Minhas. Algo que fiz com as minhas próprias mãos.

E se...



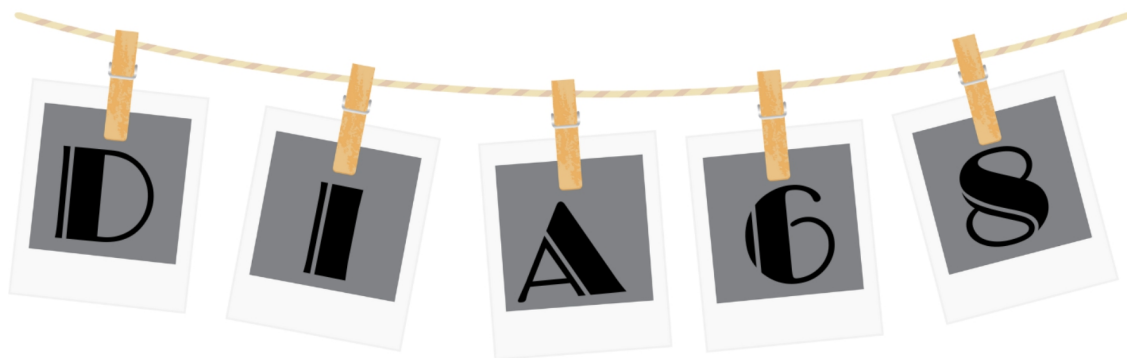
Volto para casa depois de procurá-la.

Às nove da noite, me tranco no nosso quarto e ligo para o número dela. Meu coração bate forte no peito como costuma fazer nos primeiros

segundos, mas depois, minha esperança desaparece quando um clique soa, me alertando para o fato de que ela não vai atender. Outra vez.

Estou prestes a deixar uma mensagem quando cada parte do meu corpo para, congela. Ouço sua voz do outro lado; a gravação da sua caixa de mensagens mudou.

— Oi, aqui é a Pixie. Me deixe uma mensagem.



Encontrei um apartamento novo para nós.

Não é muito, apenas um estúdio em Chinatown, mas é nosso e estou orgulhoso disso. É a primeira coisa que comprei para mim, para nós.

Não sei quando uma mulher sente que se tornou esposa, mas acho que um homem se torna marido quando sabe que proveu algo para sua mulher. Eu gostaria de ter construído uma casa para ela com minhas próprias mãos, e talvez um dia eu o faça. Mas, por enquanto, estou satisfeito em saber que fiz tudo o que pude para dar a ela algo para chamar de seu.

Ainda não contei nada a Pixie. Eu queria me mudar primeiro e chamá-la para nosso novo apartamento para contar a boa notícia. Sei que ela ficaria em êxtase. Sei disso como conheço as linhas na palma da mão. Tenho três grandes e algumas menores, quebradas e falhadas.

Pixie ama minhas mãos. Quando ela estava comigo, adorava dedilhar aquelas linhas que supostamente decidem o destino, o futuro. Ela dizia que aquilo a fazia dormir, traçar repetidamente, traçar meu futuro, pensando em nossas histórias.

Eu sei que ela ainda pensa. Ela ainda pensa nas nossas histórias e um dia vai voltar para mim.

Não, ela ainda não atendeu minhas ligações. Mas aquela mensagem gravada era a luz que eu procurava no fim do túnel. Foi um sinal. Eu sei. Eu sinto isso.

Ela disse *Pixie*.

Oi, aqui é a Pixie.

Ela voltou a usar o nome que eu dei a ela depois que ela o rejeitou por raiva, na varanda de Nick e Blu. Isso vale alguma coisa. Isso vale para tudo.

Eu não acreditei em Pixie quando ela me disse para parar de procurá-la. Mapeei a cidade inteira com minhas pernas. Eu a procurei em todos os lugares. Às vezes eu corria mais rápido do que Nova York e às vezes Nova York corria mais rápido do que eu. Não importa o que acontecesse, eu estava sempre fora de sincronia. Meu ritmo estava errado.

Ainda está. Acho que não vou recuperar meu ritmo ou minha respiração até que Pixie esteja comigo. Mas estou bem agora.

Eu tenho fé.

Talvez seja por isso que as pessoas seguem a Deus. Eles seguem algo mais alto, maior do que eles mesmos porque é pacífico. É um alívio. Dá tempo para viver a sua vida no momento e não no passado ou no futuro. É um ato de coragem colocar sua fé em algo assim. Talvez seja isso que a religião é.

Posso nunca chegar a um estágio em que me sinta confortável com um poder maior, mas acredito na Pixie. Ela me pediu para confiar nela e eu estou confiando nela. Não a procuro há dias.

Tudo o que faço é ir trabalhar de manhã, chegar em casa e desenhar à noite, porque fui contratado para fazer algumas obras para a galeria. Sim, eles gostaram de mim. Eles gostaram das minhas coisas. Disseram que era um pouco bruto, mas gostaram do caráter que isso acrescentava à minha arte.

Minha arte.

Não consigo acreditar nessa merda. Não posso acreditar que Pixie estava certa. Eu *posso* ser um artista se eu quiser. Bem, eu não deveria ter ficado surpreso. Minha Pixie é a mais inteligente de todas.

Estou tirando roupas da mochila — não tenho muitas — e guardando-as no armário novo, quando minha mão se fecha ao redor da filmadora.

Depois que quebrei minha outra câmera, não tive coragem de olhar para as imagens da nossa filmadora. Claro, eu pensei nisso. Eu capturei Pixie nela. É a maneira mais fácil de olhar para o rosto dela quando ela não está aqui. Em vez disso, escolhi desenhá-la, aperfeiçoar as linhas de suas bochechas e curvar seus lábios.

Algo sobre a câmera, ou melhor, *esta* câmera me deixa desconfortável. Talvez seja a lente, a separação do mundo real ou a frieza do objeto. Não consigo colocar o dedo nela, mas sinto no meu intestino.

Quero olhar para isso hoje, no entanto. Quero ser corajoso e olhar para o nosso passado, a forma como o capturei. Bem, principalmente sexo, mas ainda assim. Engolindo, eu pego o cartão de memória da câmera e

coloco no meu computador. Sento no banquinho do bar recém-comprado, respiro fundo e abro o primeiro clipe.

A tela se enche de seu sorriso tímido. Ela está corando. Seu cabelo está estendido no travesseiro e ela está tentando esconder seu rosto. Ela está usando sua camisola de girassol e sua pele brilha, assim como seus olhos.

Jesus Cristo, ela é linda.

Não, não é linda. Ela é deslumbrante. Etéreo. Um anjo. Uma deusa. Uma deusa que costumava ser minha antes de eu explodir.

— Abel, pare. Você é um idiota — diz ela, com o olhar me tocando pela câmera, e eu perco todo o controle construído com cuidado das minhas emoções.

Com os dedos trêmulos e aquecidos, estendo a mão e toco seu sorriso na tela. É cruel o quão decepcionante é. Tocar na tela fria quando eu quero tocar ela. Seu calor, sua carne, seus cabelos sedosos. Quero sentir sua respiração na minha pele, fazendo cócegas na minha garganta enquanto ela dorme ao meu lado. Quero sentir o cheiro dela logo pela manhã, quando ela está toda quentinha e sonolenta.

Eu quero a Pixie real.

Minha esposa. A menina que adora chocolates, que me deu uma bronca quando eu disse a ela que amava maçãs. A menina que me disse que eu paro o tempo, que eu nunca posso ser invisível porque eu era muito talentoso. A menina que deixou tudo para mim.

A menina que chamava nosso amor de lenda.

— Pixie — sussurro ou tento. Mas nenhum som sai. O ar está mais silencioso do que nunca ao meu redor. Na tela, ela esconde o rosto com as mãos e a câmera treme enquanto eu faço cócegas em suas costelas.

— Vamos lá, Pixie. Você não pode se esconder de mim — digo a ela enquanto a faço rir, impiedosamente.

— Abel, pare. Ah meu Deus — suspira ela, com as bochechas vermelhas e água agarrada aos cílios.

Lutamos inocentemente por alguns minutos antes que as coisas se tornem sexuais. Eles sempre se tornam. Éramos insaciáveis. Sempre com fome. Sempre com tesão.

Então, eu estou fodendo ela. O eu da tela nem esperou para tirar toda a roupa dela; ele estava tão desesperado. Eu odeio isso. Eu odeio que eu nem tenha tido tempo para adorar seu corpo quando ela estava ali comigo. Odeio não ter beijado cada centímetro de sua pele rosa e quente.

Eu era um idiota.

Mesmo assim, quando seus gemidos enchem o quarto, meu pau acorda. Ela começa a vaziar da ponta à medida que as coisas progridem,

enquanto eu me ouço dizer o quão bonita ela é, como sua boceta é bonita, como ela está se esticando obscenamente no meu pau. Isso a faz gozar e ela se arrepia, ondula na cama, com o rosto esgarçado em um franzir erótico.

Jesus, eu vou gozar na calça, mas de alguma forma, eu me controlo.

Não paro depois disso. Não consigo. Eu assisto vídeo após vídeo. Até que seus sorrisos felizes se transformam em vulneráveis. Até que seus olhos carentes se transformam em tristes.

Em um vídeo, ela estende os braços, me encarando com tanto amor que, neste momento, estou atravessado por esse sentimento.

— Abel, me abraça? — pergunta.

Sua voz doce mexe com meu coração, fode com a minha respiração. Dói com a necessidade de passar pela tela e abraçá-la, realizar seu desejo. Realizar todos os seus desejos.

Mas o imbecil na minha frente diz algo completamente diferente, completamente merda.

— Jesus, Pixie. Você é sexy pra caralho assim. Eu não posso estragar esse ângulo, bebê.

Digo outra coisa, mas não consigo ouvir. Perdi a capacidade. Tudo o que sei é que não a abracei quando ela quis. Eu não dei o que ela queria. Eu estava muito perdido dentro da minha cabeça.

Como eu poderia estar lá com ela e não *estar* lá de verdade?

É como se eu estivesse me vendo cometer o maior erro da minha vida. Estou me vendo pular do penhasco, mas não posso fazer nada a respeito. Estou fadado a cair. Estou fadado a passar do limite, não importa quantas vezes eu pause o vídeo, rebobine e assista de novo.

O pavor está se infiltrando em minha alma, mas eu tenho que fazer isso. Tenho que assistir à minha completa e total destruição. Não consigo desviar o olhar. Não quero desviar o olhar. Eu mereço assistir a isso.

Abro o navegador de internet e procuro o site da Skins. Eu procuro nossos vídeos e assisto um a um. Como um louco, eu os observo repetidamente. Eu assisto Pixie, e depois, volto ao início e me assisto.

Observo meu rosto, meu corpo, minhas expressões. Observo como meus músculos estão tensos. Com raiva. Como minha expressão parece maldosa. Mais uma vez, com raiva. Como meus olhos estão escuros. Parece que estou com febre; minha carne está tão corada e suada. Ouço as minhas palavras. Palavras obscenas, grosseiras, maldosas, pedindo para Pixie olhar para a câmera, pedindo para ela me dizer o quanto ela me ama, pedindo para ela dizer aos pais o quanto ela ama foder comigo. Não falo com intenção erótica, não. Não estou tentando criar uma fantasia como fiz

na primeira vez que fomos naquele quarto. Não estou tentando deixá-la excitada. Estou tentando liberar.

Estou liberando minha raiva.

Isso não é mais uma fantasia. É a realidade. É a minha realidade.

Minha raiva. Minha perda de controle.

E ela está levando tudo, minha Pixie.

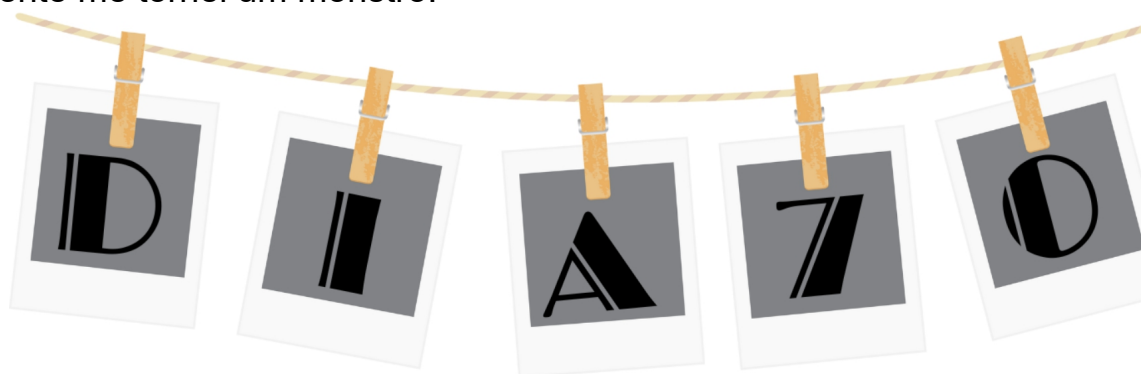
Você perdeu o controle.

Você está com tanta raiva, Abel.

Pare de fugir. Ninguém está te perseguindo.

Tudo faz sentido agora. Tudo está claro. Eu sei por que comecei a odiar a câmera. Eu sei por que eu nunca tive coragem de ver esses vídeos, mesmo quando ela estava comigo.

É por minha causa. É porque eles contam a história de como eu realmente me tornei um monstro.



Quando Pixie chega ao clímax na tela, eu vomito.

Não falo com Pixie, ou melhor, com sua caixa postal há dois dias.

Tudo o que fiz nas últimas quarenta e oito horas foi vomitar no meu novo banheiro. Pensei que ia morrer. Mas não.

Estou vivo. Porque eu quero sofrer. Cada segundo pelo resto da minha vida, eu quero queimar, mas eu não quero morrer. Quero voltar à vida todos os dias, para poder queimar de novo.

Sabe, quando duas pessoas se apaixonam, as outras sete bilhões não importam. Não é o mundo que os despedaça, são elas. Só elas têm o poder.

Nunca poderia ter sido os pais dela, meus pais ou a cidade, porque nada disso importava.

Fui eu. Eu quebrei a gente.

E o mais cruel é que posso ver isso acontecer com meus próprios olhos. Eu capturei tudo, o fim do meu controle, o fim do nosso relacionamento.

De pé na janela do nosso novo apartamento e observando a rua lentamente acordando, eu disco o número dela de novo. Pela última vez.

Ela não vai atender; ela não deveria. Na verdade, ela deveria mudar de número para que eu nunca mais pudesse incomodá-la. Ela deveria...

Um clique soa, fazendo-me franzir a testa, e então o som mais doce que Deus já criou ecoa em meu ouvido.

— Abel?

Estou atordoado por um segundo. Estou alucinando? Talvez eu tenha ficado mais desidratado do que eu pensava. Devo dizer alguma coisa? Mas se isso é uma alucinação, não importa.

Jesus, porra. Perdi a cabeça.

— Alô? Abel? — Sua voz sobe de tom. — Você está aí? Você está bem?

— Pixie — eu expiro, que caralhos importa se é uma alucinação ou não. Ela está falando comigo.

— Ah, graças a Deus. Pensei... — Ouço-a engolir. — Eu pensei que algo tinha acontecido com você quando você não ligou. Eu não sabia o que fazer. Eu...

— Você atendeu. Você... Eu... — Pressiono um punho no vidro da janela, tentando me estabilizar. — Você é real? Não sei dizer.

Há o som de uma corrente de ar e, quando ela fala, posso ouvir um leve sorriso em sua voz. — Tenho certeza de que sou real.

— Tudo bem se você não for. Não tenho medo de perder a cabeça.

Sua ingestão de fôlego me diz que minha Pixie é real, e eu não deveria ter dito isso. Não mereço dizer essas coisas agora.

Mas ela é *real*.

Ela atendeu minha ligação.

Tenho medo de me mexer, medo de assustá-la. Medo de fazer qualquer coisa além de ouvi-la respirar.

— Fiquei preocupada quando você não ligou — diz ela. — Você sempre liga.

— Sim. Eu nunca te deixo em paz, não é?

— Você não deixa.

Meu corpo se sente fraco e minha cabeça pende. A única razão pela qual estou de pé, em vez de cair no chão, é porque preciso dizer a ela. Eu preciso confessar meus pecados, e até que eu faça, eu não mereço alívio.

— Você estava certa — sussurro.

— Sobre o quê?

— Tudo. Eu estava fugindo e perdi todo o controle. Eu... — Suspiro, fechando os olhos. — Fiquei com raiva. Eu estava com raiva do mundo, de tudo. Fiquei com raiva por não conseguirmos escolher nossos pais. Não

podemos escolher onde nascemos, de quem nascemos. Eu estava com raiva por ter sido responsabilizado pelos pecados dele. Eu estava apenas... bravo.

— E de mim? Você ficou com raiva de mim? Bravo pelo fato de você ter se apaixonado por mim e não ter controle sobre isso?

— Não. — Minha voz é feroz, tão feroz que me abala profundamente. Me rouba o fôlego. — Nunca. Eu nunca fiquei bravo com você, Pixie. Eu posso... Sei que falei algumas coisas no calor do momento. Continuo revivendo tudo. Continuo revivendo nosso tempo aqui. Eu fico vendo aqueles vídeos, como eu te empurrei e te empurrei. Como eu te puni quando tudo o que você fez foi me amar. Durante toda a minha vida, questioneei a minha existência. Questionei o que meus pais tinham. O que isso fazia de mim. E então, eu me perguntei se o que todo mundo dizia sobre mim era verdade ou não. Se eu merecia ou não algum amor. Quando eu deveria ter tido fé. Eu deveria ter fé no fato de que minha Pixie me amava. O que mais posso precisar no mundo além disso? O que mais pode importar? Você escolheu me amar, não importa o que aconteça e eu fodi tudo. Eu fodi tudo porque eu simplesmente não conseguia me afastar do passado. O passado dos meus pais. Meu passado.

Há silêncio; que se encaixa. O que você pode dizer depois de admitir seus piores crimes? Nunca fui a um confessionário antes. Mas eu entendi agora. Eu entendo por que as pessoas escolhem confessar seus crimes e por que precisam de um compartimento, por que precisam do silêncio, da escuridão.

Não é Deus quem os está julgando. Não é nem o padre. São eles. Eles se julgam. Aos seus olhos, cometeram um crime e o que pode ser pior do que isso?

Não é com o julgamento dos outros que devemos nos preocupar. É o julgamento que fazemos de nós mesmos. É o fato de que é você sentado no escuro, dentro de uma caixinha, sozinho. É você que tem que suportar a vergonha de seus pecados enquanto o mundo está seguindo em frente.

— Eu deveria ter olhado nos seus olhos — sussurro, apoiando minha testa no vidro frio.

— O quê?

— Seus olhos dizem tudo, você sabe. Foi como eu soube que você realmente não queria fugir de mim quando nos conhecemos. Quer dizer, eu esperava que eu estivesse lendo você direito, mas... foram seus olhos que me disseram que você queria ser minha amiga mesmo quando não podia ser. — Eu balanço a cabeça. — Eu deveria estar olhando para eles, em vez de olhar para o passado, para a câmera.

Suas respirações aumentam.

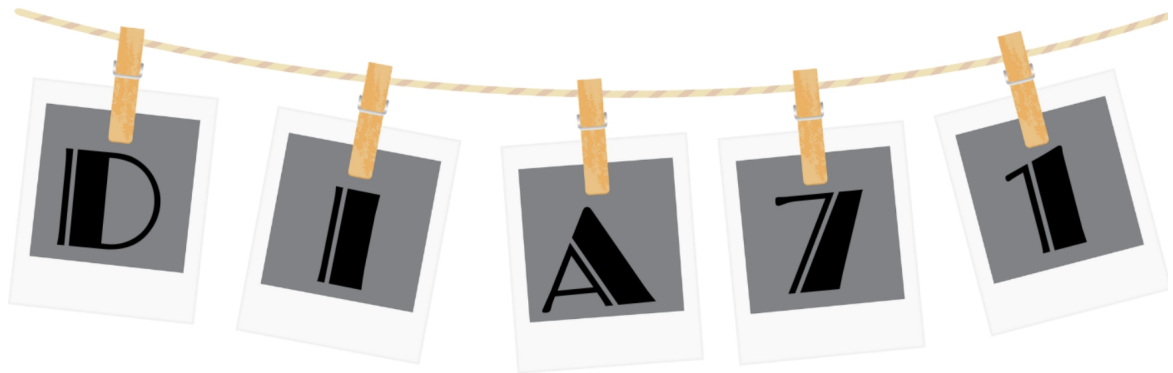
— Abel, eu...

— Eu sei disso agora. Você fez a coisa certa. Você foi inteligente, Pixie. Você sempre foi inteligente pra caralho. Você estava certa em fugir de mim. Você estava certa em me deixar. Eu teria te destruído. E-Eu teria destruído tudo. Você estava certa. Não vou...

— Você não vai o quê?

— Não vou te ligar depois disso. Eu não vou te incomodar. Estou liberando. Porque você merece isso. Você merece alguém que não seja cego. Alguém que possa ver. Que possa entender as coisas, avaliar as coisas. Que não está propenso a erros. Você merece alguém perfeito — Pisquei os olhos pungentes e sacudi a cabeça. — Nunca pensei que diria isso, mas estou deixando você ir. Eu te amo, Pixie. Eu te amo o suficiente para te libertar.

Vai me matar, mas se ela quiser o divórcio, eu vou dar a ela. É o mínimo que posso fazer.



— Abel, eu... — Suas respirações são altas, fortes pra caralho — Estou grávida.

Pixie abre a porta do café e, imediatamente, congela.

Ela olha ao redor do espaço, franze a testa, tem uma ânsia antes de cobrir a boca com a mão e sair correndo.

Pulo do meu assento, batendo na mesa e quase deixando a cadeira cair no chão. Meu coração está na garganta enquanto corro atrás dela, e a encontro curvada em uma lata de lixo, vomitando suas entranhas.

— Pixie? Tudo bem? Que porra... — Eu saio correndo quando ela fica de pé, mas tropeça em seus pés.

Eu a pego pelos ombros e a levo até o meu peito. Ela agarra minha cruz, parando meu coração completamente.

— Obrigada — ela sussurra na minha camisa – camisa amarela – sem levantar o rosto. Só consigo ver o topo da cabeça dela.

Ainda estou me recuperando da proximidade dela, do fato de ela ter vomitado e quase caído no chão. Estou atordoado. Acho que nunca vou

deixar de ficar atordoado.

A velha senhora com um avental quadriculado do café aproxima-se de nós; ela está trabalhando no balcão. Com a testa franzida, ela pergunta:

— Você está bem, querida?

Pixie suspira e se afasta de mim. Cada fibra do meu ser me diz para não deixá-la ir, mas eu desafio cada uma delas. Meus dedos se soltam das linhas delicadas de seu ombro, e ela escorrega do meu abraço.

— Estou bem — diz ela com uma voz que me tira o sono à noite. É uma voz que provavelmente ouvirei mesmo depois de morrer. — É só o café, eu acho. Não aguento o cheiro. Mas achei que estava melhor hoje.

A senhora sorri.

— Ah, você está grávida — Ao aceno de Pixie, ela olha para mim, radiante. — Parabéns, vocês dois. Um momento tão emocionante. Eu era assim também. Não aguentava o cheiro de café. Mas vai passar. De quanto tempo você está?

— Quase três meses.

— O primeiro trimestre é o pior. Pelo menos, para mim foi. — Ela esfrega o ombro de Pixie. — Deixa eu te pegar um pouco de água e um pano molhado, tá? Você não precisa entrar.

Ela se vira para ir ao café, deixando-me sozinho com Pixie na calçada movimentada.

Três meses.

Minha Pixie está grávida há três meses.

Eu estou grávida.

Com essas duas palavras, ela me fez perceber que eu não sabia o significado de choque até então. Eu não sabia o significado de saudade e arrependimento. Eu não sabia o significado de *nada*.

Ela me perguntou se eu gostaria de vê-la. Eu ri, ou queria rir. Uma porra de uma piada. Como se isso se quer fosse uma questão até. Mas acho que tudo o que eu podia fazer era soltar um suspiro e dizer que sim. Ela escolheu esse café e aqui estamos.

Estou exausto, sem dormir, mas não posso negar que, quando ela se vira para mim, é a coisa mais bonita que já vi. Na verdade, ela é mais bonita do que eu lembrava. Mais bonita que meus desenhos dela. Mais bonita que aqueles vídeos de merda.

Seus cabelos estão soltos, os longos fios escovando seus ombros, esvoaçando na leve brisa. Acho que ela perdeu um pouco de peso. Ela não tem se alimentado bem? Eu sei que ela odeia cozinhar, mas ela precisa, certo? As mulheres grávidas devem comer mais. Por que mais haveria olheiras sob seus olhos? Por que mais a curva de suas bochechas estaria tão em evidência?

A culpa é minha. Eu fiz isso com ela. Se não fosse eu, ela nem estaria no café. Ela não estaria morando sozinha, em uma cidade estranha.

— Eu não... Eu não sabia. Sobre o café.

Ela coloca o cabelo atrás da orelha.

— Está tudo bem. Achei que não ia me afetar. Foi por isso que escolhi esse lugar.

Olho em volta, passando os dedos pelos cabelos.

— Eu, uh, podemos ir para outro lugar. Eu... Eu posso procurar um lugar. Eu não sei o que vai te deixar mal, mas eu posso...

Nesse momento, a senhora sai e entrega a água a Pixie, que ela toma agradecida. Tudo o que faço é ficar aqui, impotente, enquanto a senhora cuida da mulher que eu amo.

Porra, sou eu ou sou o marido mais inútil do mundo?

Eu deveria saber sobre o café. Eu deveria saber sobre outros gatilhos também. Jesus Cristo, como as pessoas sabem essas coisas?

Livros.

Devem ter livros que esclareçam tudo. Preciso comprar alguns livros. Não gosto de ler e seguir regras de um livro didático, mas posso tentar. Vou tentar pra caralho.

Mesmo que seja difícil me afastar dela quando ela está realmente aqui, quente e cheirando a açúcar, dou alguns passos para trás.

Ela percebe, imediatamente.

— Abel? — Seus olhos estão arregalados, com medo. — V-Você está indo embora?

Pressiono um punho no peito; minhas respirações se agitaram.

— Sim. Preciso comprar alguns livros.

— Que livros?

Acenei com a mão.

— Para essas... coisas. Não sei de nada. Eu deveria, uh... — Eu belisco a ponte do meu nariz. — Eu deveria procurar uma lista. Sabe, de coisas. Os gatilhos, das coisas você tem que ficar longe. Tem que ter um livro em algum lugar. Acho que eu deveria começar pela livraria na esquina. Eu...

A senhora ri.

— Oh Deus, você não é a coisa mais doce? Amor, você pode encontrar um milhão de livros por aí, mas ainda assim, você não estará preparado para tudo. A gravidez é a vadia mais inconstante. É ainda mais imprevisível do que se apaixonar. Na verdade, se apaixonar é fácil. Trazer uma nova vida para este mundo é um pouco mais complicado do que isso. — Rindo, ela recolhe tudo de Pixie. — Enfim, vou deixar vocês. Se você vai ficar aqui fora e precisar de alguma coisa, é só bater.

Quando ela vai, Pixie diz:

— Você nem gosta de livros.

Seus lábios carnudos estão tremendo e eu quero mordê-lo. Em vez disso, mordo o interior da minha bochecha.

— Não sei nada — admito.

Eu provavelmente não deveria mostrar o quão apavorado eu estou, mas, Deus, sendo honesto, estou apavorado. Ela vai ter um bebê. Meu bebê. Meu filho está lá dentro e eu não tenho ideia de como lidar com isso.

Como você lida com alguém que vai ser completa e totalmente dependente de você? Especialmente quando você está propenso a cometer tantos erros. Quando você é o ser mais imperfeito desse planeta.

Pela primeira vez desde que ela chegou aqui, eu solto o olhar e olho para a barriga dela. Ela está usando um vestido branco com flores vermelhas. Sempre flores para a minha Pixie. Não vejo nada de diferente; sua barriga parece lisa. Mas ainda assim, quero tocá-la. Quero tocar a extensão do corpo dela onde meu filho está dormindo.

Quero sentir isso. Quero sentir a temperatura do estômago dela, a textura, a curva, tudo. É diferente de antes? Sua pele está mais quente agora?

— Eu também não.

Eu olho para cima para a confissão dela. No olhar dela, vejo medos semelhantes e quero dizer a ela que tudo vai ficar bem. Vou *fazer* tudo ficar bem. Mas eu não digo. Estou aqui como um idiota, sem me mexer, sem lhe dar nenhuma palavra de conforto.

— Você quer sentar em algum lugar? — Pergunta ela.

— É, uh, eu preciso... — Estou vasculhando a área em busca de um lugar para sentar. Eu sei que o lugar do café está fora de cogitação. Talvez possamos ir a um restaurante, mas vai ser fedorento também. Meu corpo se enche de pavor com toda a coisa de não saber. Não sei para onde ir, para onde levá-la...

— Abel? — Eu me concentro nela. — Podemos sentar lá. No banco. Está bom aqui fora, não acha?

— É outono. Outono é ótimo em Nova York — informo como se fosse a coisa mais importante do mundo.

Ela ri, baixinho e caminha até o banco que apontou. É uma coisa de madeira, localizada do lado de fora de uma delicatessen. Ela se senta e olha para mim, gesticulando para que eu faça o mesmo. Engolindo, sento ao lado dela.

Uma brisa paira entre nós e meus pulmões se enchem de seu cheiro doce. Se eu não tomar cuidado, vou me envergonhar e começar a sentir o cheiro da linha do pescoço dela, onde o cheiro dela é mais forte. Limpo a

garganta e dou uma fungada no ar. O cheiro dela não é tão forte quanto eu gostaria, mas serve.

— Para onde você foi? — Pergunto, limpando a garganta.

Ela me dá um olhar significativo ao dizer:

— Queens. Hm, Flushing.

Meus olhos brilham diante da resposta dela. Abro a boca para responder, mas não sei nenhuma palavra. Caralho, eu não sei falar.

— Não sabia mais para onde ir.

Eu aceno. Como um idiota.

Depois, eu me mexo no banco. Quando isso não serve de nada para me acalmar, eu entrelaço os dedos e coloco os cotovelos nas coxas. Como se eu fosse muito fraco para sentar direito. Fraco demais para manter a cabeça erguida.

— Nunca pensei em te procurar lá. Continuei procurando por você na cidade. Nunca pensei que você fosse para lá.

— Não é óbvio? Fui para lá porque aquele lugar é especial para você. Eu queria ver onde você cresceu. Lembrei do endereço dos pais de quando você me contou. Vejo a casa deles todos os dias a caminho do trabalho. — Eu franzi a testa para ela, questionando. — Eu trabalho numa livraria lá. É ótima. Eles gostam de mim lá.

Fui para lá porque aquele lugar é especial para você.

Mexe com o meu coração, a declaração dela. Mas não vou prestar atenção nisso. Não vou prestar atenção nos meus batimentos cardíacos. O amor dela por mim nunca foi a questão, não é? Foi o que eu fiz com ele. Foi assim que eu esmaguei, estrangulei, joguei fora.

— Bem, porra, claro que eles gostam de você. Por que não gostariam?

Sua risada é aguada.

— Eu deveria ter trabalhado em uma livraria desde o início. Não sei por que isso não me ocorreu. Trabalhar para o Milo foi um fracasso.

Aperto os dedos, quase esmagando os ossos.

— Muitas coisas foram um fracasso.

Sem volição, meus olhos vão para sua barriga chapada. Estou quase desapontado por estar plana. Quero ver a elevação, alguma indicação de que algo que fiz, algo que fizemos está lá.

Meu bebê.

Ela torce as mãos no colo, me olhando com olhos francos.

— Fiquei com medo. — Eu levanto meu olhar para o dela. — Na noite em que fui embora, eu sabia que estava grávida. Bem, eu não sabia ao certo, mas percebi que tinha esquecido de tomar os comprimidos e senti isso. Tipo, algo se movia dentro da minha barriga. — Ela pressiona uma

mão em seu estômago e meus dedos, meu próprio sangue ruga para cobri-la. — Mas você estava tão perdido em tudo. Eu não sabia se você queria mesmo o bebê. Eu não sabia se você me queria. Pensei... Achei que não era o suficiente para você. Achei que era o seu troféu, uma posse e nada mais. Eu disse a Blu para não dizer nada. Eu só queria fugir. Achei que estava piorando tudo para você. Eu ficava pensando que se eu mesma não estivesse com tanta raiva, se eu não estivesse tão envolvida em machucar meus pais, talvez eu pudesse ter parado. Eu poderia ter parado tudo. Eu não sabia o que fazer. Fiquei tão apavorada.

A primeira coisa que minha Pixie me disse naquele ônibus há muito tempo foi que ela não tinha medo de mim. Acho que foi aí que eu soube que ia me apaixonar por essa menina de olhos azuis e cabelos amarelos. Eu sabia que ela ia ser dona do meu coração e me fazer um bobo.

Ela fez.

Mas depois estraguei tudo.

— Eu nunca quis que você tivesse medo de mim. Era a última coisa que eu queria.

— Eu sei. — Ela acena enquanto uma lágrima escorre por sua bochecha. — Eu sei que você me ama, Abel. Mas então eu percebi que queria que você me escolhesse. Aqueles vídeos, aquele quarto, o que quer que fizéssemos. Percebi depois que estava te dando meu amor e queria que você pegasse e esquecesse todo o resto.

Ela está brilhando agora, enquanto abre o coração. Ela está brilhando como se houvesse luz dentro dela. Pequenos bulbos sob a superfície de sua pele e tudo o que posso fazer é sentir essa porra dessa dor gigante no meu peito. Um abismo de dor, arrependimento e saudade.

Olho para seus olhos azuis e lindos e faço uma promessa.

— Quero que saiba que nada disso vai tocar o nosso bebê. Sei que já quebrei promessas antes. Eu sei que eu quebrei o seu coração, mas eu não vou quebrar esse. Esse coraçãozinho dentro de você. O que quer que eu tenha feito, quaisquer erros que eu tenha cometido, quaisquer erros que eu *vou* cometer... nada vai tocar o nosso filho. Não vou deixar. Você tem a minha palavra.

Ela acena, fungando.

— Você quer esse bebê, Abel?

Solto uma baforada de ar e, com ela, escapa uma gargalhada quebrada. Olho para o céu, para as manchas alaranjadas do pôr-do-sol. Lembro das coisas que disse a ela antes. Lembro de como eu queria engravidar dela, plantar meu bebê nela. Mas nunca pensei no bebê em si. Nunca pensei nas mãos minúsculas, nos pés minúsculos, um ser humano real que nem sabe se alimentar.

Eu a imagino agora, fiquei imaginando ela a noite toda. Tenho a sensação de que é uma menina. Quero que ela tenha os olhos azuis de Pixie e seus cabelos claros. Quero que ela tenha o sorriso da mãe, junto com seu gosto pela leitura. Talvez ela possa aprender a gostar de desenhar, também, como seu pai. Acima de tudo, quero que ela saiba que seu pai fará qualquer coisa por ela.

Vou até mover montanhas para ela, mas sei no meu coração que, o que ela mais precisa de mim é distância.

Olhando para Pixie, eu digo a ela:

— Não vou ferrar com ela.

— O quê?

— Não posso. Eu já amo demais ela pra foder com tudo.

— O que isso significa?

— Significa que não posso tê-la. Não posso ficar muito perto dela.

Não sei se estou melhor. Do que antes. Não sei se algum dia serei melhor do que antes.

As palavras são cacos de vidro, cortando minha língua, arranhando minha garganta, brutalizando meu peito. Mesmo que estejamos sentados do lado de fora e o ar seja abundante, não me lembro de respirar.

— Então, você não vai vê-la crescer?

— De longe, talvez. Não estou te abandonando, Pixie. Eu... — Passo as mãos pelos cabelos. — Estarei aqui. Estarei por perto. Se você precisar de mim para qualquer coisa, eu vou...

— Uau, isso é ótimo.

— Pixie...

— Você não vai saber nada sobre ela, e você está bem com isso.

Você está bem em nunca saber qual é o cereal favorito dela ou qual é a rotina na hora de dormir, ou se ela gosta de maçãs ou chocolates ou se ela odeia os dois. Isso funciona para você.

Seu rosto está brilhando de raiva e eu quero beijar seus lábios furiosos. Pixie zangada costumava me divertir, costumava me deixar duro, e ela ainda tem esse poder. Eu gostaria de ter o privilégio de fazer algo a respeito.

Antes que eu possa respondê-la, ela me faz a pergunta que rouba toda a minha determinação em um segundo:

— Você está bem em nunca tocar nela? Ou abraçá-la ou beijar sua testa?

Olho para o estômago dela novamente enquanto as correntes passam pelo meu sistema. É como se meu corpo estivesse lutando contra mim mesmo. Minhas mãos estão tremendo, quase se estendendo e tocando o estômago de Pixie, mas de alguma forma, estou me parando.

— Você quer, não quer? — Ela coloca uma palma na barriga. — Você quer senti-la.

Eu aceno, enquanto meus lábios dizem outra coisa.

— Não posso.

— Pode, Abel.

— Não posso. Não sei se sou forte o suficiente ou capaz o suficiente para escolhê-la. Pensei que sim. Eu achava que meu amor por você era tão grande e tão enorme que eu nunca poderia te machucar. Mas acabei te machucando. Acabei machucando a única pessoa que eu deveria prezar e proteger. Qual é a garantia de que não farei o mesmo com a nossa menininha?

Pixie estende a mão e cobre minhas mãos unidas com sua pequena. Sinto um pulso distinto onde nossas peles se encontram. Um trovão.

Parecem batimentos cardíacos, só que mais altos, mais potentes. Mais feroz e significativo do que a coisa dentro do meu peito. Não consigo parar de olhar para isso. Não consigo parar de olhar para onde ela está me tocando. Depois de semanas, meses. Eu tenho que memorizar. Memorizar sua pele macia e pálida, como ela é como seda contra a minha. Como mesmo que o mundo estivesse explodindo ao meu redor, eu não seria capaz de desviar o olhar de onde ela está me tocando.

Semanas atrás, eu teria agarrado na mão dela. Eu teria enfiado os dedos e segurado firmemente. Mais apertado do que o necessário porque eu não teria sido capaz de me controlar. Agora, eu só sento aqui sem fazer um movimento. Uma coisa que eu sei com certeza é que, mesmo que eu a arraste de volta comigo, ela não será realmente minha. Proximidade não tem nada a ver com pertencimento.

Em seguida, ela desliza a palma da mão entre minhas mãos unidas, desenrolando meus dedos um do outro. É constrangedor o quanto eles estão suados. Uma vez que meus dedos estão livres, ela aproxima minha mão de seu corpo.

E antes que eu possa protestar, ela coloca minha mão em seu estômago.

Eu visivelmente tremo. Estou tocando a barriga dela. Não é tão plana quanto eu pensava que era. Há uma leve elevação. Um sinal de vida. Um sinal do meu bebê. Seu calor corporal dobrou. O pulso criado pelo toque de nossas mãos não era nada comparado ao que sinto agora.

Isso é enorme. Maior do que qualquer outra coisa que eu já experimentei. Pixie diz que, quando me viu, houve um grande estrondo. Talvez em algum lugar acima, estrelas estavam colidindo e novos planetas estavam nascendo.

É isso, eu acho. É assim que um big bang, ouvir um, *sentir* um.

— Eu... Você... É... — Eu paro, ainda observando minha grande palma, cobrindo a extensão de seu estômago.

— Bem, você não vai sentir nada, agora. Quer dizer, ainda não tem muita coisa. Não vai aparecer até que eu esteja no quinto mês, eu acho.

Movo a mão, traçando o tecido de seu vestido, mas de alguma forma, também sentindo a carne por baixo.

— Sinto tudo.

Ela acena, sorrindo.

— Eu também. Gosto de tocar minha barriga e só sentir. Eu até coloco suas mensagens para o nosso bebê ouvir.

Olho para o rosto sorridente dela.

— Você coloca?

— Sim, quero que ela conheça a voz do pai e o que ele está fazendo todos os dias. Lembra como você costumava me deixar bilhetes no armário da escola? Suas mensagens parecem eles. Quero que ela saiba como todos os dias o pai vai trabalhar de manhã e depois, desenha à noite. Como o pai dela é o maior artista que eu conheço. Como, aos poucos, ele vai se apaixonando por si mesmo.

Eu rio desacreditado.

— É, não acho que seja verdade. Esse barco desandou quando me vi na tela.

— Nada é permanente, Abel. Você já não sabe disso?

— Parece permanente — murmuro.

Pixie cobre minha mão com a dela novamente, e a pressiona em sua barriga, e eu estou tão atordoado, tão humilde que quase caio de joelhos.

— Eu disse a ela que mamãe e papai estão só dando um tempo. Mas eles ainda se amam e a amam. Mais do que tudo. E eu disse que, para ela, vamos dar passos de bebê porque eu sei.

— Sabe o que?

— Que o que aconteceu não foi permanente. Levei um tempo para descobrir, mas sei que, de alguma forma, vamos encontrar nosso caminho de volta para nós mesmos e um para o outro. Eu tenho fé.

Então, eu não posso me parar e não quero. Deslizo até os joelhos, o cimento batendo nos ossos, a palma da mão ainda ligada onde está minha filha, dentro da minha esposa. Há algo mais piedoso do que isso? Existe algo mais pacífico, mais aterrorizante, mais humilde do que se ajoelhar na frente da mãe do seu filho?

Se ela não era uma deusa antes, ela é agora. Ela tem *vida* dentro dela.

— Eu não sei de nada. Sobre ser pai ou qualquer coisa assim — confesso, mais uma vez.

— Eu também não — Ela ri — Mas ouvi dizer que eles têm livros.
— Por ela, vou ler todos os benditos livros que existem.
— Eu sei. — Ela aperta minha mão. — Mas só para você saber, estamos falando como se fosse realmente uma menina, mas ainda não sabemos disso.

Eu olho nos olhos da única mulher que eu realmente amei, a única mulher que eu vou amar, e digo:

— É uma menina, e ela vai ser como você. Mandona, inocente, solidária e corajosa. Corajosa pra caralho, ela vai enlouquecer todo mundo. Acima de tudo, ela vai me fazer ser um bobão e eu vou amar cada segundo disso.

— Sério?

Eu aceno.

— Eu tenho fé.

Abel e Evie

Não tenho medo de monstros.

Nunca fui um e nunca serei. Eu sempre achei que todo monstro tem uma história, e acontece que eu estava certa.

Outro dia eu estava lendo um dos livros que o Abel trouxe para casa e achei algo interessante. Um filósofo francês disse certa vez que todo homem nasce uma tábuia rasa. Ninguém é bom ou ruim, não até que entre em contato com outras pessoas. Só assim, um homem toma forma e se torna algo, um monstro ou um deus. Muitas vezes, os dois.

Essa é a beleza de ser humano. Você pode ser o que quiser ser. Você pode ser tocado por coisas: raiva, ódio, inveja, amor, luxúria. Você pode perdoar, esquecer, segurar, soltar. Você pode fazer qualquer coisa; as possibilidades são infinitas.

E eu descobri uma coisa: Abel Adams não é um deus. Ele também não é um monstro. Ele é humano. Ele é o que os outros fizeram dele.

Tudo o que deu errado conosco não começou quando ele aceitou aquele trabalho no armazém ou quando ficamos fascinados com a ideia de uma rebelião. Nem começou quando ele trouxe a câmera para casa, borrando as linhas entre nossa fantasia e realidade.

Não.

Tudo começou quando um garoto de quatorze anos segurou a porta aberta para a fogueira de nossa cidade, Mrs. Weatherby, mas ela se recusou a aceitar. Tudo começou quando ele estava tentando fazer uma amiga porque se sentia sozinho. Mas minha mãe o rejeitou. Tudo começou quando as pessoas eram cruéis com ele, e quase ninguém interveio.

Tudo começou quando ele foi concebido e o chamaram de bebê monstro.

Toda ação tem uma reação igual e oposta, não é mesmo? Então reagimos. Para muitas pessoas, podemos ser um casal de crianças punks que estavam com raiva do mundo e reagiram. Que não sabiam o que era a vida real.

As pessoas morrem todos os dias. Há guerras acontecendo em todos os lugares. O que importa se nosso amor foi rejeitado? Não é nada demais. O que importa se estivéssemos quase dilacerados? Nós fugimos, não é mesmo? Devíamos ter sido felizes. Devíamos ter agradecido às nossas estrelas da sorte.

Sim, talvez devêssemos ter. Talvez devêssemos ter esquecido tudo e seguido em frente. Mas não conseguimos. Optamos por segurar a mágoa, a raiva. Escolhemos nos apegar ao nosso amor ferido.

E se as pessoas morrem todos os dias e travam guerra umas contra as outras, fico feliz por termos mantido a única coisa pura neste mundo. Fico feliz por termos segurado nosso amor, cedido às nossas emoções, nos rebelado.

Fico feliz porque estamos mais fortes para isso. Perdemos todo o controle e agora sabemos como é. Entendemos o que significa estar com raiva. Entendemos que, no futuro, se tivermos que fazer uma escolha, saberemos escolher o perdão.

Sabemos escolher um ao outro e a nós mesmos, e este bebê.

Coloquei a mão na minha barriga inchada. Depois de sete meses, eu sou uma baleia hoje em dia. Nada me cabe. Nada. Eu geralmente estou usando este roupão rosa e fofo que encontrei online e um vestido de girassol de maternidade por baixo. Tão malditamente confortável.

Vim morar com o Abel há alguns meses, quando comecei a ficar muito fraca. O médico disse que eu precisava de descanso e o Abel estava perdendo a cabeça, me vendo vomitar depois da maioria dos nossos encontros, e não podendo passar a noite comigo.

Meses atrás, falamos sobre dar passos de bebê. Eu tive essa ideia por causa de Blu. E era exatamente isso que estávamos fazendo.

Estávamos dando passos de bebê. A gente se via dia sim, dia não. Ele me levava para sair quando eu estava me sentindo bem. Mas quando eu não estava, ele cozinhava para mim. Ele abastecia minha geladeira e armários da cozinha com salgados e biscoitos. Ele também os nomeava porque eu morava em um apartamento compartilhado.

Meu Abel. Ele foi minucioso.

Eu também sabia que toda vez que ele tinha que me deixar e voltar para a cidade, ele ficava arrasado. Eu também ficava. Na verdade, isso era tudo o que eu sentia nos últimos meses. Devastada, quebrada e com o

coração partido. Nunca pensei em deixar o Abel. Nunca pensei que fosse capaz disso.

Mas eu acho que uma mãe é capaz de tudo. Uma mãe é uma deusa que pode fazer qualquer coisa para proteger seu filho, incluindo se machucar.

Acho que nunca chorei tanto quanto naqueles meses em que estava longe do meu marido. Não foi fácil esperar por ele. Não foi fácil ouvir suas mensagens de voz, ouvir sobre seu dia e suas conquistas, e não dizer a ele o quanto eu estava orgulhosa.

Mas, novamente, passos de bebê. Tudo em nossa história de amor sempre foi rápido e furioso, cheio de muita paixão e intensidade. Nós dois precisávamos de uma pausa. Nós dois precisávamos de momentos sem dor.

Quando o médico disse que eu precisava ir devagar por alguns dias, eu sabia que era a hora certa. Já faz um tempo que está certo.

Então eu falei disso, fora da clínica, na calçada.

— Então, uh, você acha que eu poderia, talvez, morar com você por um tempo?

— Sim — ele disse antes mesmo de eu terminar minha pergunta.

Então, ele corou, meu Abel corou – e limpou sua garganta. — Quer dizer, claro. Pelo tempo que quiser.

Mordi os lábios para parar o sorriso.

— Tá bom. Obrigada.

— Você não precisa agradecer.

Nisso, não consegui me controlar e joguei meus braços em volta de seu pescoço e plantei um beijo duro em sua boca. Ah, foi como voltar para casa ou, finalmente, recuperar o fôlego depois de correr por tanto tempo. Foi quando tivemos a primeira nevasca da temporada. Eu sabia que era um bom presságio.

Desde então, Abel tem feito tudo o que pode para tornar nosso estúdio aconchegante e colorido. Paredes amarelas, travesseiros alaranjados, cortinas azul-celeste. E livros. Tantos livros.

Em um cantinho, Abel tem seu cavalete montado. Ele ainda trabalha na construção civil, mas a cada dia melhora em seus desenhos. Em breve, ele será o maior artista de todos os tempos que não precisará de um emprego diário. No início, ele só desenhava meus retratos e eu não consigo acreditar que meu rosto está em algumas das grandes galerias da cidade. Mas agora, ele também faz retratos de outras pessoas. Alguns deles são seus amigos de seu trabalho, e alguns são estranhos que vemos no parque, e são simpáticos o suficiente para sentar para ele.

Sempre soube que o Abel nunca poderia ser invisível. Sua arte não deixa. Sua arte também não o julgará, assim como as pessoas que amam seus desenhos. Para elas, ele é simplesmente Abel Adams, o artista favorito delas.

Depois que me mudei, o Abel estava lá para mim quando liguei para meus pais. Achei que era hora de resolver as coisas e fazer as pazes com o que aconteceu.

Meu pai foi quem atendeu o telefone. Essa voz. Tão familiar. Uma voz que ouvi nos últimos dezoito anos da minha vida. Deve ter sido uma das primeiras vozes que ouvi quando nasci. O que você diz a essa voz? As palavras morreram na minha garganta. Eu não conseguia falar. Abel me pegou em seus braços, me balançando enquanto eu reunia minha coragem para dizer alguma coisa, *qualquer coisa*.

Mas meu pai sabia quem era porque disse meu nome, baixinho. Parecia tão angustiado, e tudo o que eu sabia era que nunca mais queria ouvir isso.

— Pai?

Ele suspirou.

— Você está bem?

Um soluço escapou de mim e eu acenei com a cabeça antes de perceber que ele não poderia me ver. Então eu limpei minha garganta e disse:

— Sim. Eu... Estou bem. Como está minha mãe? E você?

Ele não falou nada por muito tempo e eu achei que ele tinha desligado. Enfiei o rosto no peito do Abel, encharcando a camiseta dele com minhas lágrimas, quando meu pai falou:

— Você nos fez passar por muita coisa, Evie. Sua mãe ficou doente. Ela só está começando a melhorar agora, e eu não quero que você a chateie.

Sua voz mudou completamente, tornou-se mais dura e talvez eu devesse estar com raiva disso, com raiva porque ele ainda se importava mais com minha mãe do que se importava comigo, mas eu não estava. Só fiquei triste.

— Só te liguei para contar uma coisa. Vou ter um bebê, pai. — Eu engoli. — Vou ser mãe, e-e o Abel vai ser pai.

Olhei para o meu marido, que tinha sido como uma rocha quente até agora. Seu rosto estava como esculpido em pedra, sua mandíbula cerrada. Era a minha vez de consolá-lo agora, então eu segurei sua cruz e lhe dei um sorriso suave.

— Você, uh, precisa de alguma coisa? Dinheiro ou algo assim? Bebês podem ser caros e estou disposto a te mandar, se você precisar.

Nisso, Abel falou:

— Não precisamos do seu dinheiro, Sr. Hart. Sinto muito, eu deveria ter dito que também estava aqui. — Ele balançou a cabeça, debruçando-se sobre o celular, deixando sua voz ser ouvida claramente. — Só ligamos porque queríamos contar que você vai ser avô em breve. Não precisamos de dinheiro. Estou cuidando disso. Estou cuidando da minha esposa. E eu queria que você soubesse que eu... — Um suspiro. — O que aconteceu naquela noite, o que você me disse? Fiquei com raiva disso por muito tempo. Muitas vezes, eu queria te machucar de volta, me vingar. Mas não sinto mais isso. Acho que o que você fez foi por causa da sua filha. Acho que você tinha medo de eu foder com ela ou algo assim. Acredite, eu sei disso agora. Eu sei que se houvesse um pouquinho de possibilidade de alguém machucar meu bebê, eu provavelmente faria o mesmo. Mas...

Ele virou-se para mim, olhando nos meus olhos, como se estivesse falando comigo tanto quanto falando com meu pai.

— Quero que saiba que vou me esforçar para ser um bom pai. Não sei muito sobre isso, mas vou aprender, todos os dias da minha vida. Eu vou proteger a minha filha e vou proteger a sua também. Se ela deixar.

Ainda não tínhamos conversado sobre nosso relacionamento e o que faríamos depois que esse bebê nascesse, mas eu queria contar a ele então. Eu queria dizer a ele que eu estava pronta para ser sua esposa de todas as maneiras que importassem.

Alguns segundos depois, desligamos porque meu pai pediu para nunca mais ligarmos. Sim, foi o que ele disse quando meu marido estava sendo a pessoa superior. Fiquei muito orgulhosa do Abel. Eu queria ter raiva do meu pai, mas não gastei minha energia odiando alguém. Quando alguém bem na minha frente, queria meu amor mais do que qualquer coisa neste mundo.

Não consigo acreditar que houve um tempo em que eu estava tão embrulhada no passado. Na história. Não consigo acreditar no medo que eu tinha de a história se repetir, de eu acabar como meus pais.

Talvez a história se repita, *sim*. Mas eu tenho uma teoria. Só se repete porque damos a ela muito poder. Ou temos muito medo dela, ou temos muita admiração por ela. Sempre olhamos para trás e tentamos seguir ou fugir de exemplos. Em vez disso, devemos tentar fazer um. Escrever nossa própria história, nossa própria lenda em vez de viver a de outra pessoa.

Eu não contei ao Abel sobre meus sentimentos naquela noite porque ainda tínhamos coisas para resolver. Ainda precisávamos visitar seus demônios: seus pais. E nós fizemos isso. Visitamos o cemitério, o bairro

onde ele morava. O Abel me mostrou sua infância através de prédios, placas de rua, semáforos.

Foi lindo.

Fomos até à igreja para uma missa dominical. Sentamos no banco, de mãos dadas, e ouvindo o padre falar sobre um tema que nos é caro: o perdão. Eu também estava com raiva de Deus. Mas percebi que você fica bravo com o poder superior quando não acredita em si mesmo e nas pessoas ao seu redor. Eu tinha reencontrado a fé e, naquele dia, escolhi deixar minha raiva de Deus ir.

Além disso, Ele me deu forças para escolher meu caminho. Esse é o maior milagre a se pedir: força. Então eu posso ser meu *próprio* milagre.

Agora, é hora de dizer ao homem que amo, ao homem em quem confio de coração e alma, que quero ser dele para sempre. Nesta vida e na próxima, e na seguinte. Em todas as minhas vidas, quero ser a Pixie do Abel.

Quero que sejamos Abel e Evie de novo.

Caminho até a cômoda em um canto e abro a primeira gaveta. Comprei algo para o Abel. Meses atrás, escrevi este artigo sobre a sociedade e como ela nos influencia. Minha chefe na livraria onde eu trabalhava antes que as coisas ficassem realmente complicadas na gravidez, Betty, leu e me disse que tinha uma amiga que trabalhava para uma revista. Ela insistiu para que eu deixasse a amiga ler e, depois de algumas revisões, eles colocaram meu artigo na edição deste mês.

Não é ótimo? Eu sou uma escritora agora. O dinheiro que ganhei com isso não é muito, mas foi o suficiente para comprar isso: uma câmera.

E hoje, vou dar essa câmera para o Abel.

O bebê chuta em aprovação. Ainda não sabemos se é uma menina — escolhemos ser surpreendidos —, mas tenho fé de que é uma menina.

Ouçó o barulho das chaves e sei que Abel chegou. Ele tira a neve do casaco preto e olha para mim. Um sorriso toma conta de seu rosto.

— Oi.

— Oi.

Ele fecha a porta, tira as botas porque sabe que eu odeio quando ele traz sapatos molhados e nevados para dentro do apartamento.

— Como foi o seu dia? Você comeu?

— Um pouco.

— Vomitou?

— Um pouco.

— Droga. Acho que vou tentar outra coisa esta noite. — Ele tira as luvas e o casaco de couro preto e os joga no balcão da cozinha. Ele enfia a cabeça na geladeira, mas ainda está falando: — Então eu falei com Frankie,

sabe, o cara do trabalho? Acredite ou não, a esposa dele está grávida de novo. Pela quinta vez. Enfim, ele me falou sobre essa sopa que ele faz para ela. Ela adora e consegue não vomitar. Que é basicamente o que queremos agora. Então, vou tentar isso.

Frankie é um cara legal, que adora cozinhar e o Abel vem aprendendo com ele. Quem diria que meu marido aprenderia a gostar de cozinhar? Não é tão surpreendente, no entanto. Ele adora fazer as coisas com as mãos.

Colocando a câmera de volta na gaveta, caminho em direção a ele.

— Abel?

De dentro da geladeira, ele pergunta:

— Oi?

Chego ao balcão da cozinha e admiro sua bunda. Meu marido ficou ainda mais musculoso nos últimos meses. É todo o trabalho na construção, eu acho. Ele está maior, mais largo, bronzeado, até. Não sei como consegui ficar tanto tempo longe dele. Como fiquei sem beijá-lo, tocá-lo. Bem, principalmente porque eu estive mal por causa da gravidez, e estávamos levando as coisas devagar, mas ainda assim.

— O que você sentiria se eu te dissesse que quero morar aqui com você, para sempre? — Eu digo rápido, como se eu quisesse vomitar as palavras, mas eu também não quero que ele realmente as ouça.

Estou me sentindo vulnerável, de repente. Quer dizer, somos casados e sei que as coisas estiveram indecisas entre nós. Mas meu repouso obrigatório acabou há um tempo, e eu ainda não me mudei e ele também não me pediu para ir.

Lentamente, ele sai da geladeira e me encara. Seu cabelo dourado está levemente molhado da neve, grudado em sua testa e sua camisa preta está desbotada e cheia de buracos. Sua cruz de prata está se movendo com seu peito. Da maneira como seu corpo está estremecendo, ele ou está respirando todo o ar ao seu redor ou não está recebendo o oxigênio que precisa.

— Abel?

Ele engole.

— Você não está brincando.

— Não. — Eu balanço a cabeça. — Eu quero. Já faz um tempo que estou querendo.

Ele engole novamente e seus olhos se arregalam. Deus, como é possível que qualquer homem seja tão forte e tão vulnerável, ao mesmo tempo.

— Eu... — Ele balança a cabeça, colocando as palmas das mãos em cima do balcão, como se precisasse de apoio para se manter em pé. —

Quer dizer... que eu posso te falar, agora?

— Falar o quê?

— O quanto eu te amo.

Mordendo o lábio, aceno.

— Sim.

Não sei como ele faz isso. Não sei como ele me faz querer pular seus ossos e segurá-lo ao meu peito, *ao mesmo tempo*. Borboletas estão explodindo dentro do meu estômago inchado, mesmo quando meus olhos estão se enchendo de água.

Sua expiração é alta e barulhenta. Quando ele me olha, sinto seu olhar tremulando sobre minha pele. Toda emoção que percorre as belas profundezas marrons de seu olhar também me toca.

— Te amo, Pixie — dispara. — Eu te amo há anos, mas não é nada comparado a quantos anos eu *vou* te amar. Como todos os dias eu sinto essa... coisa crescendo no meu peito. É como se ver você carregar meu bebê – nosso bebê – me fez perceber o quão sortudo pra caralho eu sou. É como se tudo de errado no meu mundo tivesse valido a pena. Toda dor foi por isso, e eu não mereço. Eu não mereço essa coisa linda, porque que porra eu estou fazendo com você. Estou te deixando doente. Você vomita o tempo todo. Você não consegue ir trabalhar. Você não consegue mais nem comer seu chocolate.

Eu dou risada; é uma combinação de gargalhadas e risadas.

— Não me importo com o chocolate.

— E essa é a coisa, né? Quando vai parar? Quando vou parar de te dar dor? Por que diabos não pode ser fácil? Por que tem que ser tão difícil?

— Porque estamos construindo uma vida, Abel. Dar à luz uma vida é sempre difícil. É sempre doloroso. As coisas batem, colidem e explodem. É por isso que é chamado de big bang.

Ficamos olhando um para o outro por um tempo. Estou deixando todas as minhas emoções à mostra e ele também. Ele está me mostrando o quanto me ama, o quanto tem medo, o quanto está em êxtase. E estou fazendo o mesmo. As palavras são ótimas, mas depois de anos, não precisamos delas. A gente se conhece do avesso.

— Eu senti, sabe — sussurra, como uma criança feliz. — Quando toquei seu estômago naquele dia. No banco. Eu sinto isso toda vez que eu toco. O big bang.

Eu sorrio.

— É.

— Você realmente vai ficar aqui. Comigo?

— Sim. Eu sempre vou voltar para você, Abel — Eu cubro suas mãos trêmulas com as minhas. Ele se acalma, então. Seus arrepios param ao

meu toque. — Eu sempre fui sua.

Seus olhos ficam líquidos e avermelhados.

— Achei que tinha te perdido. Eu não queria pedir para você ficar. Estive contando dias para que ela viesse ao mundo, mas também queria parar o tempo. De alguma forma, eu queria te manter aqui.

— Você pode me manter, sabe. Eu sou sua.

Abel se inclina e deixa um beijinho nos meus lábios. Esse é o primeiro beijo depois que eu espontaneamente, o beije do lado de fora do consultório. Este é macio e plumoso, com o início de uma explosão de necessidade.

Me faz lembrar do nosso primeiro beijo. Lá em cima na casa da árvore.

Abel apoia nossas testas juntas, suas palmas agora cobrindo minhas bochechas, simplesmente me inspirando, me saboreando. Saboreando-nos.

— Pode parar o tempo de novo, Abel — sussurro.

— O quê?

— Comprei uma coisa para você.

Ele fica imóvel quando o significado da minha fala fica claro. Ele tenta se afastar, mas eu não deixo. Mantenho as mãos dele coladas no meu rosto.

— Pixie, eu não posso...

— Não tenho medo de você.

Talvez seja o meu tom, o tom que usei quando conversamos pela primeira vez naquele ônibus, mas somos jogados de volta para aquele dia, nós dois. Fiquei tão fascinada por ele, tão tomada. Eu não conseguia parar de pensar nele, nem por um único segundo. Mesmo assim, eu sabia que eu era dele e ele era meu. Eu não entendia, mas eu sabia. Eu senti isso.

Ainda sinto isso.

O Abel de quatorze anos tentou me assustar. Agora, eu sei que era vulnerabilidade. Ele me queria demais, mas tinha medo da rejeição.

O Abel mais velho engole e faz o mesmo.

— E se eu te dissesse que eu mordo?

— Aí eu te diria que ainda não tenho medo. Além disso, eu mordo também, sabe.

Seu aperto flexiona no meu rosto, como se tudo dentro dele fosse demais para lidar.

— Quase destruí tudo com isso.

— Não, *destruímos* tudo com o que estava dentro *de nós*. A câmera era só uma ferramenta. A câmera é o que você faz dela. Você usou para se esconder antes e depois nós a usamos para vingança. Mas agora, vamos usá-la para nos aproximar. Para capturar momentos. Para divertir. Não vai

governar a nossa vida, Abel. Nada vai. — Coloquei as mãos em suas bochechas e pressionei nossas testas juntas. — Você está me ouvindo? Estamos mais fortes agora. Nós sabemos melhor e eu te perdoo. Eu te perdoo. Este é o nosso último fardo. Quero que você se perdoe.

— Como você consegue ser tão incrível?

Eu ri, beijando seu nariz.

— Porque Deus me fez para você e ele sabia que você provavelmente seria um idiota às vezes.

— É. — Sua risada de resposta é tão doce. Tão, *tão* doce e sexy. — Eu te amo muito.

— Eu te amo.

— E eu a amo.

Ela chuta na minha barriga.

— Eu também.

Respiramos um ao outro por alguns segundos antes de Abel se afastar, sorrindo. É tão despreocupado e brincalhão – um sorriso verdadeiro – que não posso deixar de sorrir de volta. Ele anda ao redor do balcão e antes que eu possa questioná-lo, ele me pega em seus braços e me carrega para nossa cama. A cama que só eu tenho dormido nas últimas semanas; ele sempre ficava no sofá.

— Abel! Oh meu Deus, me coloque no chão. Eu sou uma baleia.

— Você é a mãe do meu filho.

— Eu estou pesada.

— Não. Você está perfeita.

Ele me deita no lençol cor de creme, pairando sobre mim, sua cruz prateada balançando para frente e para trás, enquanto ele deixa um beijo suave em minha testa.

— O que você está fazendo? E a câmera? As fotos?

Ele sobe na cama e me arrasta para o seu lado, colocando a mão na minha barriga inchada.

— É, a gente tem tempo para isso depois. Agora, quero ficar com minha esposa e minha filha.

Sorrio, a felicidade florescendo no meu peito. Felicidade e satisfação. O tipo que só pode vir de afundar no peito de Abel e seu cheiro de maçã.

— Ainda não sabemos se é uma menina.

— É. Eu sei. — Ele esfrega meu estômago, como se embalasse nossa filha para dormir.

Os movimentos de sua mão são calmantes e suaves, e algo me ocorre.

— Ei, sabe, o dia que você entrou na cidade e eu te vi? Nos campos? Eu tinha acabado de menstruar. Acordei e vi todo aquele sangue. Pensei

que ia morrer.

— Você não vai morrer, Pixie.

— O quê?

— É. E eu também não.

— Tá bom. — Reviro os olhos.

— Porque as lendas não morrem. Nossa história vai viver para sempre. Abel e sua Pixie.

— Você é louco. — Mal consigo conter o sorriso.

Ele chora e fecha os olhos.

— Só por você.

Suspirando, fico maravilhada com os mistérios da vida. Eu o conheci quando estava à beira da feminilidade. Tudo estava mudando, e eu nem sabia. E agora estou aqui, com ele, nessa cama. As coisas estão mudando mais uma vez. Estou à beira de algo novo. Maternidade.

Há poesia na natureza.

Eu fecho os olhos também e imagino uma garotinha que se parece com o Abel. Eu nunca quis mudar o mundo, exceto por um tempo, quando eu estava com raiva e sofrendo. Não sei se uma menina como eu é capaz de fazer a diferença, mas posso fazer a minha parte.

Posso ensinar minha filha a perdoar e ser bondosa. Posso ensiná-la a nunca dormir sem fazer pelo menos uma boa ação para outra pessoa. Posso ensiná-la a ter fé em si mesma. Posso ensiná-la a ser forte, a sentir, a amar, a magoar e a amar novamente.

E posso contar a ela uma história sobre um menino de cabelos dourados. As pessoas o chamavam de monstro, mas uma garota de olhos azuis achava que ele era seu deus. Ele não era nenhum dos dois. Era apenas um menino, que desenhava, que queria amigos e cuja fruta favorita era maçã.

Mas, acima de tudo, era um menino que sentia as coisas profundamente. Era um menino que amava com tudo o que era.

FIM

UMA NOTA AOS LEITORES

Obrigada por ler a história de Abel e Evie. Gosto de vê-la como um amadurecimento não convencional. Este livro veio para mim em partes. Eu tinha tantas coisas a dizer com essa história que, por muito tempo, tudo ficou confuso. Mesmo depois que escrevi *O Fim*, eu sabia que algo estava faltando. Graças aos melhores leitores do mundo, consegui descobrir o tema deste livro.

E o tema deste livro são as pessoas.

Como nos vemos. Como os outros nos veem. O que fazer se formos mal interpretados? Temos que reagir? O que é Deus? Quem é Ele? O que é fé?

Acima estão algumas das coisas com as quais sempre lutei. Eu gostaria de ter sido corajosa o suficiente para ter fé no poder superior. Eu gostaria de ter sido corajosa o suficiente para abraçar a religião plenamente. Mas não sou. Admiro as pessoas que acreditam, no entanto. Como o Abel, eu só acredito em mim, e até isso é difícil às vezes.

Com este livro, espero que alguém que está lá fora lutando com coisas semelhantes possa encontrar alguma esperança. Tudo bem ter dúvidas. Tudo bem errar. Tudo bem estar perdido, magoado e reagir.

Mas o mais importante, não há problema em perdoar. Tudo bem aprender e seguir em frente. Não há problema em perdoar os outros e definitivamente não há problema em perdoar a si mesmo. Porque se você não fizer isso, quem vai?

AGRADECIMENTOS

Meu marido: Ele é todo meu sistema de apoio. Não sei o que faria sem ele. Obrigada por ser meu conselheiro nesse trabalho. Eu te amo, querido.

Minha família: Obrigada por estar lá por mim e por apoiar minha paixão. Espero deixá-los orgulhosos.

Minha pessoa #1 (Isabel Love): Obrigada por ler essa história várias vezes e me garantir que não é uma porcaria. Você salva minha sanidade todos os dias.

Minha pessoa #2 (Renate Thompson): Obrigada por ler minha história DUAS VEZES, mesmo que você estivesse viajando pelo mundo e super ocupada com sua vida. Eu sou uma puta pra caralho por fazer isso com você. Você é meu ROCKSTAR.

Minhas betas: Mara White, Suzanne West, Julia Heudorf, Melissa Panio-Peterson, Sarah Green, Meire Dias e Serena McDonald. Desculpe por fazer vocês lerem este livro LONGO em uma semana, e obrigada por ter conseguido. Espero que vocês saibam que vocês são minhas pessoas. Vocês são meu povo, e o apoio e incentivo de vocês significam o mundo para mim.

Meus primeiros leitores: Kate Stewart, Autumn Grey, Heather M. Orgeron e Dylan Allen. Vocês me dão vida com seus comentários e entusiasmo. Nunca pensei que encontraria o meu tipo de gente, mas é exatamente isso que vocês são. MEU tipo de gente. Eu amo vocês!

Serena McDonald: Eu já disse isso antes, mas vou dizer de novo: você é um exército de uma só mulher. Seu entusiasmo e paixão pelos livros são incomparáveis. Obrigada por tudo que você faz por mim e pelas minhas histórias. E obrigada por escolher um TRIZILHÃO de citações para este.

Minha agente, Meire Dias: Estou muito feliz por tê-la na minha equipe. Seus conselhos significam muito para mim. Obrigada por ser sempre tão solidária e honesta.

A. M Johnson: Muito obrigada por ser minha inspiração musical nisso. Não tenho nem vergonha de dizer que stalkeei seu

Spotify!

Autores que conheci ao longo do caminho: Obrigada por serem gentis comigo, por compartilharem sabedoria comigo, por me incluírem em seu círculo. Acima de tudo, obrigada por serem genuínos até o fim. O mundo dos livros é um lugar melhor com vocês nele.

Purple Hearts: Meus leitores são os MELHORES leitores do mundo. O apoio e entusiasmo de vocês me fazem passar por alguns dos meus dias mais difíceis. OBRIGADA por não só se arriscarem nas minhas histórias, mas também abraçá-las de coração aberto.

SOBRE A AUTORA

Saffron A. Kent é autora best-seller do USA Today de romances contemporâneos e new adult.

Ela tem mestrado em Redação Criativa e mora na cidade de Nova York com seu marido nerd e solidário.

Site: <https://www.thesaffronkent.com>

Instagram: <https://www.instagram.com/thesaffronkent>

Facebook: <https://www.facebook.com/TheSaffronKent>

TikTok: <https://www.tiktok.com/@authorsaffronkent>

Pinterest: <https://br.pinterest.com/saffronkent>

SOBRE A EDITORA

Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

TIKTOK: <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/AllBookEditora>

INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/allbookeditora>

TWITTER: <https://twitter.com/AllBookEditora>

APÓS A LEITURA, NÃO DEIXE DE AVALIÁ-LA.

E NÃO ESQUEÇA DE SE CADSTRAR NA NOSSA [NEWSLETTER](#)
PARA NÃO PERDER NENHUMA NOVIDADE.

ALLBOOK
EDITORA